

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS
Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH)

LEMBRAR OU REPETIR:
PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IMPRENSA E A
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO

BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO

Rio de Janeiro
Dezembro de 2009

BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO

**LEMBRAR OU REPETIR:
PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IMPRENSA E A
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título em Mestre em Memória Social.

Orientadora: Profa. Dra. Evelyn Goyannes Dill Orrico

Rio de Janeiro
Dezembro de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Carvalho, Bruno Leal Pastor de
C331

Lembrar ou repetir: práticas discursivas da imprensa e a construção da memória do holocausto / Bruno Leal Pastor de Carvalho. – Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009.

218 f.; il.

Orientadora Evelyn Goyannes Dill Orrico.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em Memória Social, 2009.

Inclui anexo e bibliografia.

1. Holocausto. 2. Imprensa. 3. Análise do Discurso. 4. Internet.
I. Carvalho, Bruno Leal Pastor de. II. Universidade -- Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós -Graduação em Memória Social. III. Título.

LEMBRAR OU REPETIR

PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IMPRENSA E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO

Bruno Leal Pastor de Carvalho

Aprovado por:

Profa. Dra. Evelyn Goyannes Dill Orrico (Orientadora) – UNIRIO

Profa. Dra. Lúcia Maria Alves Ferreira – UNIRIO

Profa. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro – UFRJ - ECO

Prof. Dr. Manoel Luiz Salgado Guimarães – UFRJ - IFCS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título em Mestre em Memória Social em 17 de dezembro de 2009.

AGRADECIMENTOS

Nos últimos dois anos, diversas pessoas foram responsáveis por me ajudarem na elaboração desta dissertação. Com a ajuda de familiares, professores, amigos ou companheiros de pós-graduação tive a oportunidade de trocar idéias, compartilhar experiências e dividir minhas angústias em relação aos temas da memória, do holocausto e da análise do discurso. E mesmo nos momentos em que precisei ficar sozinho para escrever, nunca me senti só: podia sentir o sem número de pessoas que estava na torcida pelo meu sucesso. Isso tornou tudo mais fácil.

Começo agradecendo o apoio incondicional de meu pai, Serafim, de minha mãe, Regina e do meu irmão, Fabinho. Já se foram duas monografias e, agora, uma dissertação. Em todas essas etapas de minha vida acadêmica (que se confunde com minha vida pessoal) vocês contribuíram com afeto, paciência e muita compreensão.

Agradeço enormemente a minha orientadora e amiga Evelyn Orrico. Em minha trajetória conheci muitas pessoas, mas poucas foram tão dedicadas, preocupadas, inteligentes e abertas ao interdisciplinar como a professora Evelyn. No último ano, aprendi muito através de nossas conversas, aulas e orientações. É uma satisfação e uma segurança contar com essa valiosa parceria. Gratidão semelhante devo às professoras Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ) e Lúcia Maria Alves Ferreira (UNIRIO), bem como ao professor Manoel Luiz Salgado Guimarães (UERJ/UFRJ). Todos são conhecedores de meu trabalho e participam, desde a época de graduação ou da entrada no mestrado, de meu crescimento pessoal e acadêmico. Contar com a participação desses três mestres em minha banca de mestrado é um prazer e uma honra, não apenas pela indiscutível qualidade profissional de cada um deles, mas também pelo carinho e atenção que sempre dedicaram a mim enquanto estudante.

Desejo um obrigado especial a minha companheira Ana Paula, por fazer da minha vida uma coisa assim excepcional, cheia de amor, entrega e alegria. Obrigado aos meus grandes amigos Fábio Silveira, Franciane Lovatti, Igor Gak e Isa Lopes por todas as contribuições. Agradeço a meus antigos amigos de Pio XII, da “confraria dos piratas” e também pelo carinho de Mariana Pinho e Eduardo Monteiro que, ao trazer o Gabriel para o mundo, me deram a oportunidade de ganhar uma nova família.

Por fim, sou grato aos meus colegas da Pós-Graduação em Memória Social, à coordenadora do PPGMS, Diana Pinto, e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade da Bolsa Reuni no último ano do mestrado.

RESUMO

No ano de 2005, as autoridades públicas, os meios de comunicação, o mercado editorial e diversos organismos internacionais celebraram os sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, dos genocídios perpetrados pelas forças nazistas na Europa. No Brasil, o jornal Folha Online destacou-se a publicar 139 textos, divididos entre notícias, reportagens, artigos e entrevistas, nos quais utilizava o termo “holocausto” pelo menos uma vez para descrever aquela memória. Assim, o objetivo principal deste trabalho foi compreender como essa memória foi acionada pelo discurso jornalístico da Folha, tendo em vista os pressupostos e conceitos da tradição francesa da análise de discurso, bem como o arcabouço teórico que hoje constitui o campo de estudos da memória social. E como resultado, o trabalho de análise permitiu verificar que o discurso jornalístico da Folha, a exemplo do que ocorre em boa parte da imprensa ocidental, tem grande interesse na abordagem de temas do passado, o que se revela fundamental na produção de memórias e de sentidos sobre essas memórias. No caso específico desta investigação, a pesquisa mostrou que as notícias sobre o holocausto em 2005 atenderam a uma formação discursiva que afirma ser preciso “lembrar para não repetir os erros do passado”. Dentro do contexto de um webjornal, os efeitos de sentidos desta formação discursiva adquirem uma força bastante considerável, uma vez que os *hiperlinks* da Folha funcionam como verdadeiros hipertextos, responsáveis pela geração de interdiscursos e memórias discursivas sobre os eventos discursivizados.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto, Memória, Análise do Discurso, Imprensa.

ABSTRACT

In 2005, public authorities, the media, publishing organizations and other various international organizations celebrated the sixtieth anniversary of the end of the Second World War and specially of the genocide perpetrated by Nazi forces in Europe. In Brazil, one of the most visited online newspaper, Folha Online, published 139 texts, divided into news, reports, articles and interviews, using the word "holocaust" at least once to describe events related to that memory. The objective goal of this study was to understand how this memory was accessed by the Folha Online's Discourse, considering the assumptions and concepts of the French tradition of discourse analysis and the theoretical framework of the study of social memory nowadays. And as a result, the analytical work has shown that journalistic discourse of the Folha Online - as in much of the western media - has a strong interest in issues of the past what is vital to the production of memories and of meanings of these those memories. In the specific case of this study the research appointed that the news about the holocaust in 2005 are part of the discursive formation that claims to be necessary to "remember to not repeat past mistakes." Within the context of a online newspaper, the effects of this discursive formation get a very considerable force, since the hyperlinks function as real hypertexts, responsible for generating interdiscourses and discursive memories about the events discussed by the press.

KEYWORDS: Holocaust, Memory, Discourse Analysis, Press.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa do DVD - Série Holocausto.....	32
Imagem 2 - Capa da revista Der Spiegel.....	32
Imagem 3 - Imagem aérea do Memorial do Holocausto em Berlim.....	37
Imagem 4 - Mapa da área do Memorial do Holocausto em Berlim.....	38
Imagem 5 - Imagem de holocausto by LEGO.....	40
Imagem 6 - Imagem de holocausto by LEGO.....	40
Imagem 7 - Imagem de holocausto by LEGO.....	40
Imagem 8 - Imagem de holocausto by LEGO.....	40
Imagem 9 - Vitrola retrô FNAC.....	48
Imagem 10 - Printscreen "É muito História" (Fantástico)	55
Imagem 11 - Recorte do jornal OGLOBO.....	63
Imagem 12 - Recorte do jornal OGLOBO.....	63
Imagem 13 - Recorte do jornal OGLOBO.....	63
Imagem 15 - Recorte do jornal OGLOBO.....	64
Imagem 16 - Recorte do jornal OGLOBO.....	64
Imagem 17 - Recorte do jornal OGLOBO.....	64
Imagem 18 - Printscreen de Notícia Online.....	64
Imagem 19 - Printscreen de Notícia Online.....	64
Imagem 20 - Printscreen de Notícia Online.....	64
Imagem 21 - Printscreen de Notícia Online.....	64
Imagem 22 - Printscreen Folha Online.....	78
Imagem 23 - Capa Folha de S.Paulo.....	78
Imagem 24 - Tabela de Comemorações na Folha Online.....	79
Imagem 25 - Gráfico de notícias sobre o holocausto em 2005.....	81

Imagem 26 - Tabela de casos especiais Folha Online.....	101
Imagem 27 - Tabela negacionismo do holocausto.....	118
Imagem 28 - Referências ao holocausto (2000-2009)	127

SUMÁRIO

Apresentação.....	13
Capítulo 1 – A Memória do Holocausto no Pós-Guerra.....	19
1.1. Os Anos de Silêncio.....	20
1.2. Os Anos de Lembrança.....	27
1.3. Aceleração nos Discursos de Memória.....	31
1.4. A Memória do Holocausto Hoje.....	35
1.5. A Memória do Holocausto no Brasil.....	41
1.6. O Holocausto na Folha Online.....	43
Capítulo 2 - O Lugar do Passado no Jornalismo.....	45
2.1. Passado para Dar e Vender.....	46
2.2. O Passado é Manchete.....	50
2.3. A História de uma Aproximação.....	52
2.4. Regimes de Historicidade.....	57
2.5. Historicização e Presentificação.....	63
2.5.1. Presentificação, Holocausto e Folha Online.....	70
Capítulo 3 – O Holocausto na Folha Online.....	72
3.1. O Grupo Folha: da Folha da Noite à Folha Online.....	73
3.1.1. Nasce o Grupo Folha.....	73
3.1.2. A Folha Online.....	76
3.2. O Discurso da Folha Online sobre o Holocausto: Aspectos Gerais.....	78
3.2.1. O Discurso Jornalístico.....	82
3.2.2. O Discurso Jornalístico <i>Sobre</i>	84
3.2.3. Contexto Histórico de Produção do Discurso.....	90
3.2.4. Interdiscurso, Hipertexto e Memória Discursiva.....	96
3.3. O Discurso da Folha Online sobre o Holocausto: Casos especiais.....	100
3.3.1. Outros Holocaustos.....	101
3.3.2. Lugares de Memória.....	105
3.3.2.1. Lembrar para Não Repetir ou a Memória Preventiva.....	109
3.3.3. Negacionismo.....	116
3.5. Repensando as bases de conhecimento do passado.....	122
Considerações Finais.....	125
Referências Bibliográficas.....	133
Anexo de notícias.....	139

PIRATAS DO TIETÊ -



TALVEZ SEJA ISSO A MEMÓRIA: ESSE MATO FECHADO, ESSE CIPÓAL...



...OU TALVEZ ESSE FACÃO.



2007
12/10/07
12/10/07
12/10/07
12/10/07
12/10/07
12/10/07
12/10/07

HAGAR - Dik Browne

Apresentação

Contar histórias é uma prática social tão antiga, própria de tantas culturas, que é impossível dizer com certeza quando se deu seu surgimento. E nós contamos muitas histórias: alegres, tristes, engraçadas, sem sentido, moralizantes e trágicas. Histórias de nosso tempo ou de outrora. Histórias dos outros e histórias que vivemos.

A história a qual vou me referir nesta dissertação - a do holocausto – ainda é particularmente emblemática e dolorosa, mesmo já tendo acontecido há mais de sessenta anos. Trata-se da execução sistemática de milhões de pessoas, planejada e implementada pela Alemanha nazista e colaboradores durante o Terceiro Reich (1933-1945). E, por isso, principalmente, não é uma história fácil de ser narrada. A violência do holocausto produziu atos de agressão covardes e cruéis, atos que se mostravam tão inimagináveis e irracionais que a filósofa e cientista política alemã, Hannah Arendt, chegou a afirmar, certa vez, que "não há história mais difícil de contar em toda a história da humanidade" ¹.

E Hannah Arendt, ao que tudo indica, estava certa em seu diagnóstico. De tão difícil narrativa, a história do holocausto chegou até mesmo a gerar ceticismo. Já nos primeiros meses de 1942, embora as notícias sobre assassinatos em massa na Europa já corressem o mundo através de telegramas, editoriais e transmissões de rádio, boa parte da opinião pública continuava relutante em acreditar no que se dizia. Segundo o historiador francês Michael Marrus, até mesmo a “comunidade judaica internacional” manteve uma posição de incredulidade: continuava a acreditar que a fome era a principal causa da morte dos judeus que caíam nas mãos dos alemães.² Antes de morrer baleado no gueto de Riga, em dezembro de 1941, o historiador judaico Simon Dubnow, já com seus 81 anos, aconselhou seus colegas judeus: "escrevam e lembrem!" (em iídiche, *shreibt und farshreibt*). No entanto, as pessoas, de uma forma geral, só pareciam aceitar aquilo que estavam preparadas para acreditar³.

Somente algumas semanas depois da libertação dos campos de concentração pelo exército soviético e americano, em 1945, é que o mundo teve condições de melhor conhecer a dimensão da tragédia e começar a assimilá-la. Para os sobreviventes,

¹ ARENDT, Hannah apud LECOMTE, Jean-Michel. *Ensinar o Holocausto no século XXI*. Lisboa: Ed. Occidentalis, 2007. p.12

² MARRUS, Michael R. *A Assustadora História do Holocausto*. Rio de Janeiro: Prestígio editorial, 2003. p.165

³ *Idem*, p.17.

entretanto, contar a experiência dos campos continuou sendo um desafio. Para o romancista e poeta Elie Wiesel, sobrevivente do campo de Auschwitz, existem obstáculos para se compreender o que ocorreu. "Eu falo sobre a impossibilidade com a qual qualquer um se depara ao tentar contar a história".

Os obstáculos citados por Wiesel e por tantos outros, porém, não impediram que a história dos campos de concentração fosse contada e recontada nas últimas seis décadas. Além de gerar um consistente debate historiográfico, o holocausto foi fartamente representado nos últimos sessenta anos: na literatura, no cinema, em exposições, em memoriais, nos museus, nas peças de teatro e também arquivos. Todos esses lugares de memória nos ajudam a compreender não só o conteúdo factual do episódio, mas também as tensões, funções e disputas que envolvem seus sentidos. Muitas dessas tensões, inclusive, fazem parte de nosso presente, pois, de certa forma, a Segunda Guerra Mundial continua se fazendo presente até hoje. Basta lembrar que em 2008, o tablóide britânico *The Sun* provocou polêmica ao flagrar o ex-nazista procurado pela Interpol, Asner Miliojov, de 95 anos, em um café da cidade austríaca de Klagenfurt, palco da partida entre Polônia e Croácia pela Eurocopa 2008. Meses antes, outro acontecimento inusitado: uma bomba da Segunda Guerra Mundial havia sido encontrada no futuro Parque Olímpico de 2012 e seu relógio disparado.

Diante dessas permanências, como avaliar e compreender este passado? De que maneiras ele vem sendo construído e reconstruído por diferentes discursos no presente? Como os meios de produção de memória social significam a memória do holocausto? Partindo dessas perguntas, meu objetivo principal neste trabalho será compreender como o discurso de um dos mais significativos produtores de sentido sobre o passado da contemporaneidade – a imprensa – vem reelaborando a memória do holocausto, ao produzir enunciados cujos efeitos atuam diretamente na maneira de se conceber o acontecimento discursivizado. Pois, como afirma Lúcia Maria Alves Ferreira,

(...) a mídia faz muito mais do que apenas refletir o imaginário, os acontecimentos do cotidiano e as tendências da mudança social. Muito além disso, ela constitui-se em instância semantizadora que

poderá propiciar a inscrição dos acontecimentos no espaço da memória social⁴.

Para tal empreendimento, minha proposta nesta pesquisa consistiu na análise dos textos (notícias, reportagens, artigos ou entrevistas) do jornal Folha Online que se referiram ao termo “h/Holocausto” pelo menos uma vez entre os meses de janeiro e dezembro de 2005, período no qual se comemorou em todo o mundo os sessenta anos o fim da Segunda Guerra Mundial e também dos campos de contração e extermínio. Tendo como principal aporte teórico-conceitual a vertente francesa da análise do discurso, foram analisados diversos enunciados representativos de um universo de 139 textos jornalísticos, procurando evidenciar os principais efeitos de sentido e interdiscursos estabelecidos dentro deste corpus de análise.

A expressão "holocausto" é apenas uma das formas de a Folha Online se referir sobre o assassinato de judeus e outros grupos sociais durante o Terceiro Reich alemão. É possível encontrar termos como "genocídio", "assassinato em massa" ou mesmo "campos de concentração", "campos de extermínio" ou "Auschwitz" para se referir ao mesmo evento. Nesse trabalho, foi considerada apenas a expressão "holocausto", uma escolha que se justifica pelos sentidos que a palavra conquistou nas últimas décadas, conforme será discutido no capítulo 1. Por isso, a idéia é compreender como a memória do holocausto, com base na própria expressão, foi acionada no discurso da Folha em 2005 e com quais sentidos.

Dentre outros aspectos, acredito que a originalidade deste trabalho consiste tanto na fonte utilizada (jornal online) como na abordagem dada ao tema, pois de acordo com o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), das 40 teses de doutorado ou dissertações de mestrado registradas sobre o holocausto, nenhuma aborda o tema a partir da análise de discurso. Esse ineditismo, por outro lado, é um dos motivos que faz dessa investigação um enorme desafio.

Contexto de produção

Esta dissertação, porém, não nasce de um vácuo político ou historiográfico. Primeiramente, ela se insere em um contexto de hiperinflação de memórias. Segundo o

⁴ FERREIRA, Lúcia Maria Alves. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa. In: RIBEIRO, Ana Paula e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. (Org.) *Mídia e Memória – A Produção de Sentidos nos Meios de Comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp.57-70.

intelectual Andreas Huyssen, desde o final da década de 1970 estamos vivendo um verdadeiro *boom de memória*. A restauração de velhos centros urbanos, a inauguração de museus e arquivos, a moda retrô, os tombamentos patrimoniais, os celulares com câmera fotográfica, a explosão do gênero biográfico e uma vasta gama de filmes e documentários veiculados na TV e no cinema.⁵ Huyssen sublinha que tais obsessões com a memória são comuns em tempos de *fin de siècle*⁶, mas defende que desta vez algo parece diferente, algo tão profundo que poderíamos chamar este movimento de uma “cultura da memória”. Neste sentido, a memória do holocausto é representativa, talvez o nosso maior e mais rico exemplo para se pensar este momento histórico. Nesse sentido, este trabalho é também uma contribuição ao campo que hoje se convencionou chamar estudos interdisciplinares do holocausto, pois em última instância, a análise de discurso praticada nos próximos capítulos pode nos ajudar a compreender como o homem contemporâneo constrói e significa a memória do holocausto e como nossas ações no/do presente são capazes de transformar o conhecimento a respeito deste importante acontecimento do século passado.

Por fim, desenvolver o meu trabalho em um Programa de Pós-Graduação em Memória Social também é um dado que merece ser considerado. Reflete não apenas minha fascinação pelo campo de estudos de memória, mas também minha dupla formação acadêmica. Ter cursado as faculdades de Comunicação Social (2003-2006) e História (2003-2008) concomitantemente foi uma experiência reveladora das abordagens inter e transdisciplinares. Por um lado, o passado é minha matéria-prima, o objeto sobre o qual, por excelência, me debruço. Mas por outro, como jornalista, estou inserido em um mar de atualidade, preocupado mais com o minuto que se desenha do que com aquele anterior, já alcançado pelo espírito da obsolescência. O encontro dessas duas perspectivas, suas tensões, propostas e conhecimentos em nenhum momento produziu crises de identidade ou falta de foco, mas uma forte sensação de riqueza conceitual, sem a qual certamente minha pesquisa teria outra natureza, um pouco mais pobre, arrisco dizer. Assim, sinto-me à vontade neste terreno em que dialogam as mais diferentes disciplinas.

⁵ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória - Arquitetura, Monumento, Mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004. p.14.

⁶ *Idem*, p.15.

Itinerário do Trabalho

No **primeiro capítulo** deste trabalho, veremos que nos primeiros anos do pós-guerra o holocausto foi um tema pouco discutido e pouco lembrado. Basta dizer que o próprio termo “Holocausto” não era comumente designado para se referir ao genocídio de judeus pelos nazistas. As pessoas geralmente se referiam a este acontecimento através de expressões genéricas, como “massacre”, “barbárie” ou “assassinato” e, mesmo assim, quase sempre, dentro de um contexto maior de crimes de guerra, envolvendo não só judeus, mas militares e civis mortos durante as batalhas. Nesse sentido, o objetivo desse capítulo será discutir os principais acontecimentos políticos, sociais e culturais que fizeram com que nas últimas décadas esta memória transformasse completamente, a ponto de ser tornar hoje uma das memórias mais acionadas nos meios de produção de memória social, como é o caso da imprensa. É neste contexto de transformação da memória que podemos inserir o discurso da Folha Online sobre o holocausto.

No entanto, antes de iniciarmos a análise dos enunciados discursivos da Folha é preciso discutir criticamente, do ponto de vista institucional, o sujeito enunciador por trás destes discursos: a imprensa. Por isso, no **segundo capítulo**, nossa tarefa é problematizar o discurso jornalístico como produtor de sentidos sobre o passado, compreender o porquê de o jornalismo estar, hoje, tão interessado no noticiário histórico. Desde o século XIX, pelo menos, é possível testemunhar o interesse da imprensa por episódios de comemoração ou celebração da memória, especialmente no tocante à memória nacional. Nos últimos anos, no entanto, a imprensa – e os meios de comunicação em geral – parecem ter renovado esse interesse. É cada vez maior o número de celebrações históricas feitas pelos jornais e de novas modalidades de se fazer referências ao passado. Neste capítulo, vamos abordar duas dessas modalidades. A primeira vamos chamar de *historicização*, que consiste em uma estratégia discursiva de “transportar” (semanticamente) os fatos ocorridos hoje para o passado. Já a segunda, chamamos de *presentificação*, ou seja, a recuperação e a inserção de fatos ocorridos no passado no hall de discussões do presente. É nesta segunda categoria que podemos localizar o discurso da Folha sobre o holocausto.

Por fim, o **terceiro capítulo**: o momento da análise efetiva do discurso jornalístico. Neste capítulo, nosso primeiro passo será discutir os principais aspectos da formação do Grupo Folha, um dos grupos de comunicação mais importantes do Brasil,

no qual em 1996 nasceu a Folha Online. Em seguida, nossa investigação irá se dividir em dois momentos. Em um primeiro momento, discutiremos aspectos gerais do corpus de análise, dos quais fazem parte os 139 textos que empregam o termo “H/holocausto” pelo menos uma vez. Isso nos levará a discussão da modalidade do “discurso sobre”, o contexto sócio-histórico desse discurso, os interdiscursos, a questão da comemoração e, especialmente, as principais formas de enunciação do holocausto. Já no segundo momento, vamos analisar casos especiais, ou seja, grupos de notícias temáticas que nos ajudam a identificar e compreender determinados efeitos de sentidos e formações discursivas sobre o holocausto presentes na Folha Online.

Desta maneira, espero compreender como o jornalismo, por intermédio da linguagem, também constrói a sua memória do holocausto, inaugurando, cristalizando ou reforçando determinadas perspectivas e abordagens pré-existentes. E mais: com a análise, busco identificar que forças políticas estão envolvidas nesta prática discursiva. Pois, como bem sabemos, a linguagem não é uma mera representação da realidade, seu registro opaco ou neutro. Pelo contrário, o discurso é uma maneira sempre ideologizada e política de organizar o mundo a nossa volta. E, ao fazer isso, conferimos um significado ao invés de outro. Operamos escolhas extremamente significativas, que mantêm ou mudam radicalmente nossa forma de viver as relações e experimentar o os acontecimentos. Todo discurso é uma prática social e circunstancial.⁷

⁷ GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.259.

Capítulo 1

A Memória do Holocausto no Pós-Guerra

How Happy is the blameless vestel's lot!
The world forgetting, by the world forgot.
Eternal sunshine of the spotless mind!
Each pray'r accepted, and each wish resign'd⁸.

Alexander Pope, "Eloisa to Abelard"

Durante um discurso público em 2004, o então presidente da Polônia, Aleksander Kwasniewski, rompeu um longo silêncio e reconheceu, oficialmente, o sofrimento dos judeus poloneses durante a Segunda Guerra Mundial, inclusive o extermínio de judeus pelas mãos dos próprios poloneses. Em outro momento, na ocasião das comemorações alemães dos sessenta anos do fim da guerra, a cidade de Berlim ganhou o maior memorial a céu aberto do mundo. São mais de 2.711 blocos de cimento cinza que imitam túmulos e homenageiam os judeus assassinados na Europa. Enquanto isso, no Brasil, localizado a milhares de quilômetros do epicentro de onde aconteceu o holocausto⁹, a memória do assassinato em massa de judeus e dos demais grupos sociais durante o Terceiro Reich (1933-1945) é exaustivamente explorada por jornais e revistas, especialmente em datas simbólicas, como nas comemorações de início e fim da Segunda Guerra Mundial. É tema presente no teatro e no cinema. Faz parte dos catálogos das principais editoras brasileiras e do circuito artístico do país. Em janeiro de 2008, por exemplo, o holocausto foi tema de uma exposição fotográfica promovida pelo Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, chamada “Holocausto Nunca Mais”, contando, inclusive, com a presença do presidente da República em sua inauguração. No mesmo ano, o tema do holocausto ainda iria gerar uma enorme polêmica no país ao servir de inspiração para um carro alegórico de Paulo Barros, carnavalesco da escola de samba Viradouro. “O assunto adquiriu uma repercussão tão grande entre leitores, internautas e em toda a sociedade que acabou se impondo como nossa reportagem de capa desta semana”, explicou, na ocasião, Helio Gurovitz, Diretor

⁸ Como é feliz a inocente vestal! / Esquecendo o mundo e sendo por ele esquecida. / Brilho eterno de uma mente sem lembranças! / Toda prece é ouvida, toda graça se alcança. (tradução nossa)

⁹ Existe um debate historiográfico que discute se a palavra holocausto deve ser escrita com letra maiúscula (como uma estratégia de diferenciação deste genocídio em relação a outros) ou em minúscula. Neste trabalho, opto por escrever a palavra com “h” minúsculo, já que na posição de pesquisador prefiro não endossar esta estratégia de diferenciação. (Mesmo acreditando que se trata de um evento historicamente particular na história da humanidade.)

de Redação da revista *Época*¹⁰. No entanto, apesar de tamanha exposição nos principais meios de produção de memória social, no Brasil e no estrangeiro, a memória do holocausto, nos primeiros anos do pós-guerra, foi pouco discutida, pouco estudada e, sobretudo pouco lembrada.

Neste primeiro capítulo, meu objetivo é esclarecer o que fez com que este acontecimento deixasse de ser um dado secundário e relativo apenas à guerra, e se transformasse, atualmente, em uma das memórias mais acionadas da contemporaneidade. É neste contexto que as referências ao holocausto no discurso jornalístico da Folha Online se inscrevem e no qual devem ser entendidas. Essa mudança de abordagem nos meios de produção de memória social¹¹ dos países ocidentais, veremos, está associada a mudanças no campo da historiografia e da memória social, além de questões políticas e culturais mais amplas ocorridas nas últimas décadas.

1.1. Os Anos de Silêncio

Em uma famosa conferência realizada na *Sorbonne* em 11 de março de 1882, o historiador inglês Ernest Renan discursou sobre a criação das nações modernas, destacando os elementos fundamentais para o êxito deste tipo de organização social. Em dado momento, defendeu que a essência de uma nação é que todos os indivíduos possuem muito em comum, incluindo o fato de terem se esquecido de muitas coisas. “Nenhum cidadão francês sabe se ele é burgondo, alano, taifalo, visigodo; todo cidadão francês deve ter esquecido a noite de São Bartolomeu, os massacres dos países meridionais no século XIII”¹². Pouco mais de seis décadas após o discurso de Renan, o fim de uma guerra com dimensões catastróficas fez com que as principais nações européias recriassem a si próprias. Na época, o sucesso dessa empreitada parecia depender mais uma vez da superação de vários acontecimentos dramáticos do passado. O holocausto pode ser identificado como o principal destes acontecimentos.

¹⁰ ÉPOCA (Revista). *Samba e Holocausto – O desfile da Viradouro gerou uma polêmica: um genocídio pode ser tema de Carnaval?* Rio de Janeiro: Editora Globo, edição n.507, 4 de Fevereiro de 2008, p.8.

¹¹ Por produtores de memória social, compreendo os indivíduos e instituições sociais capazes de elaborar discursos e representações sobre experiências do passado que possam se tornar socialmente partilhados ou induzidamente esquecidas.

¹² RENAN, Ernest. O que é uma nação. In: ROUANET, Maria Helena (Org.). *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1991.p.54.

Não que o reerguimento das nações européias no pós-guerra tenha ocorrido em função de um esquecimento do holocausto. Poucos dias após a libertação de campos como os de Auschwitz e Majdanek pelos soviéticos ou de campos como Mauthausen, Buchenwald e Bergen-Belsen pelos britânicos e americanos, as notícias sobre o extermínio em massa de judeus já estampavam as páginas dos principais jornais do mundo. O jornal canadense *The Hamilton Spector*, por exemplo, destacava em sua edição de 25 de agosto de 1945 que “o exército estima que nem um décimo dos 6.000.000 dos judeus europeus do pré-guerra tenha sobrevivido ao mais selvagem e completo programa de extermínio desde Herodes¹³”. No entanto, apesar do amplo conhecimento dos fatos, o holocausto estava longe de ocupar um lugar central no imaginário de boa parte das pessoas. Diferente do que ocorre hoje, a opinião pública ocidental nos anos quarenta e cinquenta compreendia o genocídio de seis milhões de judeus como parte de um genocídio maior, que tirou a vida de cinquenta ou sessenta milhões de pessoas. A própria palavra holocausto não era usada com a conotação atual. As pessoas se referiam aos mortos em campos de concentração através de palavras como “barbárie” ou “tragédia”. Em alguns casos, inclusive, a “solução final¹⁴” dos nazistas para a questão judaica foi interpretada como uma memória que poderia dificultar a construção de um novo mundo.

Segundo o historiador inglês Tony Judt, a própria situação dos judeus europeus após a guerra mostrava como o ambiente não era propício para este tipo de lembranças. Na Alemanha, na França, na Polônia ou na Rússia, onde quer que fosse, não havia um sentimento disseminado de complacência em relação aos judeus, como hoje. Para muitas pessoas, os judeus não eram vítimas especiais. Às vezes, eram vistos até mesmo como pivôs de uma guerra que levava o mundo à quase completa destruição. Judt relata um caso que se passou na quarta região administrativa francesa em 19 de abril de 1945 e que logo se tornaria costumeiro em várias cidades européias. Centenas de pessoas protestaram quando um judeu deportado, de volta à cidade, tentou recuperar a posse de seu apartamento. Diante da possibilidade de uma confusão ainda maior, o judeu acabou

¹³ NAZI Effort Wiped Out All But Tenth of Jews. *The Hamilton Spector*. 25 de ago 1945. Ontário, Canadá. Disponível em www.warmuseum.ca. Acesso em 21 de setembro de 2009. “The army estimates that not a tenth of all the 6,000,000 Jews of pre-war Europe survived the most savagely complete program of extirpation since Herod”. (tradução nossa)

¹⁴ Solução Final é o termo usado pelos nazistas para se referir ao extermínio dos judeus europeus. Sobre o assunto, consultar: ROSEMAN, Mark. *Os Nazistas e a Solução Final – A conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

desistindo, mas não sem antes escutar gritos de “La France aux français!¹⁵”. O mesmo Judt lembra ainda como três anos depois, em 11 de janeiro de 1948, um editorial do famoso jornal francês Le Monde, intitulado “Os Sobreviventes dos Campos de Extermínio”, falou sobre a situação dos deportados e sobreviventes da guerra sem ao menos mencionar a palavra “judeu¹⁶”.

Na Europa Oriental, a situação dos judeus parecia ainda mais grave. Para Tony Judt, nas décadas de quarenta e cinquenta estava fora de cogitação admitir o sofrimento dos judeus e muito menos pensar em qualquer tipo de ação indenizatória. Naqueles tempos, o mais importante para as comunidades judaicas era garantir a própria sobrevivência. Na Polônia, muitos judeus foram perseguidos e mortos sob a acusação de colaboracionismo com as forças de ocupação soviéticas. Em abril de 1946, o número de judeus mortos nesse país devido a represálias da população local chegava ao impressionante número de 1.200. Outros cem mil fugiram da Polônia nos dois anos subsequentes ao final da guerra. Na Hungria e Eslováquia, ocorriam julgamentos em escala menor, mas sempre com a mesma finalidade: punir os responsáveis pelos anos de guerra¹⁷.

O cenário europeu ainda pouco favorável aos judeus que sobreviveram ao holocausto fez com que muitos preferissem emigrar, especialmente para os Estados Unidos, que abriu suas fronteiras a partir de 1950, e também para o recém-criado Estado de Israel. Para os que optaram por reconstruir suas vidas na Europa, a saída foi evitar comentários sobre os tempos de guerra ou até mesmo escamotear a identidade judaica¹⁸. A discrição era fruto de um antissemitismo ainda fortemente arraigado na vida pública européia e também de um sentimento de culpa que muitos judeus sobreviventes tinham que enfrentar. Como se sabe, a administração nazista impôs às comunidades judaicas uma boa parte da gestão administrativa nos guetos e também nos campos de concentração. Os judeus deveriam determinar quem comia e quem passava fome, quem era escolhido para o trabalho e quem seguia para a deportação, escolhiam, finalmente, quem morria e quem era poupado. Para muitos dos que se salvaram, esse passado gerou um forte ressentimento e vergonha. Segundo Jean-Michel Lecomte, “para os sobreviventes judeus, as vítimas reais eram aqueles que tinham sido gaseados e

¹⁵ “A França aos franceses!”

¹⁶ JUDT, Tony. *Pós-Guerra – Uma História da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2007. p.792.

¹⁷ *Idem, ibidem*.

¹⁸ *Idem, ibidem*.

queimados, aqueles que tinham passado pelos ‘buracos negros’ de Auschwitz-Birkenau, Treblinka e dos outros campos¹⁹”. Mas havia exceções, claro. Primo Levi, sobrevivente do campo de Auschwitz era uma delas. Desde a libertação pelos russos, em 1945, o químico italiano sentia um forte ímpeto de contar suas experiências e, assim, fazer do outro também um participante. Mas quando Levi encaminhou “É Isto um homem?”, seu principal livro sobre o holocausto, à respeitada editora italiana Einaudi, o manuscrito foi prontamente recusado. A história de um judeu tinha menos apelo do que a história edificante de um membro da resistência. A saída foi publicar cerca de 2.500 exemplares por uma editora menor, muitos dos quais encalharam em um depósito de Florença antes de serem completamente destruídos na grande enchente que abateu a cidade vinte anos mais tarde²⁰.

Em retrospecto, o que mais impressiona é o caráter universal do esquecimento. O Holocausto dos judeus foi apagado da mente não apenas em locais onde havia bons motivos para não se pensar nele – como na Áustria, digamos (cuja população correspondia a apenas um décimo do total da Alemanha antes da guerra, mas que proveu um em cada dois guardas lotados em campos de concentração), ou na Polônia; mas também na Itália – onde a maior parte da nação não tinha motivos para se envergonhar do Holocausto – ou na Grã-Bretanha, onde os anos de guerra eram vistos com orgulho e até com certa nostalgia. [...] Os relatos de guerra que os holandeses e poloneses construíram para si mesmos haveriam de sustentar a auto-imagem nacional durante décadas – os holandeses, particularmente, enfatizando a imagem de nação que havia resistido, ao mesmo tempo em que tentavam esquecer que 23 mil holandeses tinham se apresentado como voluntários para as Waffen-SS: o maior contingente da Europa Ocidental. Até a Noruega teve que engolir a lembrança de que, antes ou depois de abril de 1940, mais de um em cada cinco oficiais do país haviam aderido, voluntariamente, à Nasjonal Samling (Força Nacional) neonazista de Vidkun Quisling. Mas, enquanto libertação, resistência e deportações – e até derrotas heróicas, como Dunquerque ou o Levante de Varsóvia, em 1944 – podiam ser utilizadas na construção de mitos nacionais, no Holocausto nada havia de útil²¹.

¹⁹ LECOMTE, *op.cit.*, p.205.

²⁰ JUDT, *op.cit.*, p.793.

²¹ *Idem*, p.794.

Se o silêncio sobre os judeus era mais ou menos comum em toda a Europa, os demais grupos perseguidos e assassinados pelo Terceiro Reich ocupavam posição ainda mais baixa na lista de vítimas. Por um bom tempo após a guerra, os tribunais alemães negaram aos cerca de 200 mil ciganos²² mortos em campos de concentração o estatuto de vítimas. As autoridades justificavam alegando que os ciganos haviam sido perseguidos por seu comportamento associal e não por questões raciais. Mas essa visão era exatamente a mesma que fizera o governo nazista a perseguir as comunidades ciganas. Apenas quase vinte anos depois, em 1963, o Supremo Tribunal Federal da Alemanha decidiu reconhecer que os ciganos tinham sido vítimas da perseguição nazista desde 1938. Com o grupo dos homossexuais, que nos campos de concentração usavam um triângulo cor-de-rosa na roupa, se deu algo semelhante. Após o fim da guerra, houve uma recusa por parte de vários países em reconhê-los como vítimas do genocídio nazista. Em países como a França, as leis de criminalização do homossexualismo criadas em 1942 transformaram-se no artigo 331º do Código Penal após 1945. Durante o regime do general De Gaulle (1958-1969), a lei classificava-os como “calamidade social”, sendo a relação homossexual entre adultos passível inclusive de sentença penal. Só em 1982 essas medidas foram abolidas. Mas em outros países, a mudança ainda demorou mais. Na Áustria, por exemplo, os homossexuais só foram oficialmente reconhecidos como vítimas em 1994²³.

Existem diversas razões que explicam o silêncio e o apaziguamento da memória do holocausto nas primeiras décadas após o fim da guerra. Discutiremos aqui três delas. A **primeira** esbarra no constrangimento que acompanhou a reintegração dos judeus ao restante da sociedade. Estar de volta para casa significava voltar a conviver com pessoas que acompanharam e até mesmo participaram do drama da deportação para os campos de concentração: vizinhos, simples conhecidos, colegas de trabalho, professores, alunos, enfim, pessoas que estão no cotidiano de qualquer pessoa. Mas ao invés de um acerto de contas com o passado, o desejo de uma rápida volta aos padrões normais de sociabilidade acabou gerando um acordo tácito de silêncio entre ambas as partes. Essa realidade foi muito bem expressa no cinema, com o filme alemão “Uma Cidade Sem Passado” (Das Schreckliche Mädchen, 1990). O filme, dirigido por Michael Verhoeven, é uma comédia muito espirituosa que conta a saga de Sonja, uma estudante alemã que se inscreve em um concurso de redação chamado “Minha cidade durante o Terceiro

²² LECOMTE, *op.cit.*, p.201.

²³ *Idem*, p.75-79.

Reich”. Porém não são todos que querem colaborar. Sonja encontra grande dificuldade para ter acesso aos arquivos e às memórias dos habitantes da cidade. Falar sobre a época do nazismo havia se tornado em um verdadeiro tabu. Já a **segunda** razão, diz respeito à lógica da Guerra Fria. Nos primeiros anos após a guerra, a retórica ocidente-oriental preponderou na agenda internacional. Para os americanos, insistir no debate público com uma questão tão delicada quanto o holocausto poderia gerar um desconforto entre os alemães e fazer com que os comunistas expandissem sua zona de influência. Já para os soviéticos, o discurso de vitimização judaica era absolutamente desnecessário. Importavam muito mais as lembranças de bravura e heroísmo do exército russo na derrota do Reich do que a lembrança de um grupo específico.

Por fim, a **terceira** razão. A reintegração de antigos membros do Partido Nazista à sociedade fez com que o holocausto e outros crimes cometidos durante a guerra fossem extremamente desagradáveis e, por isso, silenciados. Na época, aproximadamente 30% dos 12 milhões membros do partido, além de outros milhões a ele associados, foram submetidos a um processo de desnazificação. Eram tantas pessoas, espalhadas por tantos setores da sociedade alemã, que logo o Conselho de Controle Aliado reconheceu que a exclusão social dos ex-nazistas poderia representar uma ameaça para a instalação da democracia no país ou até mesmo uma onda hostil e vingativa no pós-guerra²⁴. O mesmo valia para os antigos colaboracionistas, espalhados pela Alemanha e por toda a Europa. Neste caso, julgar era algo ainda mais difícil, já que as condições de colaboração podiam variar bastante. O caso francês é emblemático: como julgar homens e mulheres que tinham colaborado com o regime fantoche de Vichy, liderado e administrado não por alemães, mas por franceses que se entendiam como herdeiros legítimos do Estado francês que funcionava antes da guerra? Na Itália, a situação não era tão diferente: todos os funcionários públicos eram obrigados a ingressarem no Partido Fascista²⁵. Ainda hoje, passados mais de sessenta anos, esses temas continuam sendo tratados como verdadeiros tabus. Em maio de 2008, por exemplo, o atual presidente francês, Nicolas Sarkozy, afirmou que durante a ocupação

²⁴ Em outros países, foram tomadas medidas parecidas. Na França, o processo ficou conhecido como *épuration* (depuração, expurgo), envolvendo aproximadamente 350.000 pessoas, cujas vidas e carreiras. Sobre o episódio, consultar: JUDT, *op.cit.*

²⁵ *Idem*, p.58.

nazista "a França verdadeira não estava em Vichy" e sim "na voz do general De Gaulle" e no rosto dos resistentes²⁶.

O desinteresse em torno do holocausto, neste período, não deve coincidir com ausência total de narrativas sobre o tema. Ele esteve presente, por exemplo, nas telas dos cinemas em 1959, com o filme “Diário de Anne Frank”, primeira adaptação cinematográfica do livro escrito por Anne Frank, garota judia de apenas 13 que após viver num sótão com sua família, acaba presa e enviada para o campo de Bergen-Belsen pela Gestapo. No entanto, apesar do forte apelo, o filme estava longe de elaborar um conhecimento organizado sobre o assassinato de judeus durante o governo nazista. Além disso, o filme foi um episódio isolado e já bem próximo de um momento de transformação dessa memória, como veremos. No geral, a discussão do holocausto nas décadas de quarenta e cinquenta estava ainda muito distante da atual realidade.

Durante aproximadamente uma década e meia depois do final da Segunda Guerra Mundial quase não havia interesse popular no tema, muito pouco era publicado em inglês e o próprio processo de destruição via-se confinado a um gueto, se é que podemos dizer assim, permanecendo fora da história geral ou mesmo da história da era de Hitler²⁷.

A memória do holocausto nesses primeiros anos do pós-guerra poderia ser classificada como uma *memória subterrânea*, conceito criado pelo sociólogo francês Michael Pollak para se referir às memórias que pertencem ao *hall* das culturas minoritárias e dominadas, memórias que encontram obstáculos à sua elaboração e que, por tal motivo, são represadas em segmentos informais da sociedade. De acordo com Pollak, elas podem ser encontradas na estrutura mental do indivíduo, nas histórias familiares ou nas conversas informais, embora dificilmente ultrapassem esses limites²⁸. Com a memória do holocausto, ocorreu algo nesse sentido. As lembranças dos campos, das câmaras de gás e da violência institucionalizada pelos nazistas eram discutidas no

²⁶ SARKOZY: “França verdadeira não estava em Vichy e sim na Resistência”. G1, 8 de maio 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL462586-5602,00-SARKOZY+FRANCA+VERDADEIRA+NAO+ESTAVA+EM+VICHY+E+SIM+NA+RESISTENCIA.html>. Acesso em 20 de setembro de 2009.

²⁷ MARRUS, *op.cit.* p.368.

²⁸ Cf. POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

âmbito da família e até mesmo no seio de instituições e comunidades judaicas. No entanto, dificilmente encontram espaço significativo na esfera pública.

Pollak lembra, porém, que as memórias subterrâneas permanecem zelosamente guardadas nessas estruturas de comunicação informais, resistentes à opressão simbólica e até mesmo física. Estão em permanente deslocamento, à espera de contextos políticos favoráveis para serem reveladas com toda a sua força. “Essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão ao silêncio e de maneira quase imperceptível afloram, sobretudo, em momento de crise, em sobressaltos bruscos e exarcebados.

Enquanto, isso, no campo psicanalítico, passados mais de sessenta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, essas memórias estão aptas a desempenhar outros papéis. Pode-se pensar essas memórias a partir do conceito de "lembranças encobridoras", por exemplo, criado por Freud para explicar o mecanismo cognitivo involuntário no qual o sujeito utiliza-se de determinadas memórias para encobrir ou bloquear outras, associadas a situações que geraram traumas, desprazeres, angústias ou medo. Nas palavras do próprio Freud, "Trata-se de um caso de deslocamento para alguma coisa associada por continuidade ou examinando-se o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (quer seja no espaço ou no tempo) ²⁹". Atualmente, para alguns intelectuais, como Andreas Huyssen, a memória do holocausto tem sido hoje discutida em diversos países Europeus tendo, dentre vários objetivos, aquele de silenciar as memórias do passado colonial.

1.2. Os Anos de Lembrança

O cenário de indiferença que marcou a memória do holocausto começa a mudar com uma série de acontecimentos sociais, políticos e culturais ocorridos ao longo da década de 1960. E a primeira mudança substancial ocorre no âmbito semântico. O Yad Vashem, museu israelense criado em 1953 com o objetivo de estudar a perseguição, o preconceito e os crimes cometidos contra judeus, adota a palavra inglesa “holocaust” em todas as suas publicações e conferências para se referir ao assassinato em massa de judeus pelos nazistas. Mas com uma importante inovação: a palavra passa a ser escrita com a letra maiúscula, o que segundo a antropóloga Kátia Lerner, representa uma “estratégia de distinção deste evento frente aos demais, não apenas na história do povo

²⁹ FREUD, Sigmund. *Lembranças encobridoras*. Rio de Janeiro: Imago, 1999. p.291.

judeu como também na história mundial³⁰”. A estratégia faz sentido. Afinal de contas, para boa parte dos judeus, o assassinato em massa durante o Terceiro Reich representava um acontecimento sem precedentes na história, de forma que seria preciso uma palavra exclusiva para se referir a ele.

O esforço de nomeação foi bem sucedido no geral. Atualmente, em praticamente todos os contextos, quando se evoca a palavra *Holocausto*, é acionada uma série de imagens que nos remetem imediatamente ao extermínio nazista dos judeus. Mas seria errado pensar que existe unanimidade em torno de seu uso. Embora todos os especialistas pareçam concordar em relação a sua origem religiosa – holocausto deriva da raiz *holokauston*, oriunda de uma tradução grega feita no século III a.C. do Velho Testamento, significando “sacrifício consumido em chamas oferecido ao Deus³¹” –, a sua disseminação nos séculos posteriores divide a opinião dos acadêmicos. O historiador francês Michel Marrus, por exemplo, faz parte do grupo que acredita na conservação do sentido original da palavra. Para ele, mesmo hoje em dia, quando ela é empregada para se referir o genocídio nazista, seu significado retoma a idéia de um acontecimento de forte teor religioso e “talvez, igualmente, a um acontecimento cujos mistérios não devam ser compreendidos³²”. Posição semelhante possui o ex-professor de História Judaica Moderna da Universidade de Tel Aviv, Uriel Tal, para quem a palavra holocausto seria a tradução direta do termo *Olah* (*Ola Kalil La-Shem* – I Samuel VII: 9 – “Oferenda totalmente consumida em chamas sacrificada ao Senhor³³”).

Do outro lado, estão historiadores como Jon Petrie, autor de um importante artigo intitulado “The Secular Word ‘Holocausto’: Scholarly Sacralization Twentieth Century Meanings”. O próprio título já deixa clara a sua tese. O autor reconhece a origem da palavra holocausto, mas afirma que o seu sentido religioso não sobreviveu em nossos dias. Para ele, a disseminação do termo nos últimos séculos teve um caráter eminentemente secular. Ao realizar uma pesquisa sobre os títulos de artigos da *American Historical Review*, publicados entre 1895 e 1944, Petrie descobriu que o termo holocausto já era amplamente empregado nesse período sem qualquer vestígio de conotação religiosa, sendo usado para se referir a catástrofes, massacres ou guerras em geral, de um modo muito parecido como o que usamos atualmente. São alguns

³⁰ LERNER, Kátia. *Coleções e Sistemas Classificatórios: Refletindo sobre a Categoria “Holocausto”* In: *Morpheus* – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 2, n.03, 2003.

³¹ *Idem, ibidem.*

³² MARRUS, *op.cit.*, p.28.

³³ LERNER, *op.cit.*

exemplos levantados pela pesquisa de Petrie: **The Young Turks and the Truth about the Holocaust at Adna** (1913 – Massacre dos Armênios em 1909); **The Holocaust and other Poems** (1914 – Referência ao terremoto e incêndio que atingiu a cidade de São Francisco) e **The Holocaust: Italy's Struggle with the Hapsburg** (1919 – Opressão da Itália no final no século XIX)³⁴.

Uma segunda grande mudança na abordagem do holocausto ocorre em 1961. Neste ano, a publicação da obra “The Destruction of the European Jews”³⁵, do historiador austríaco naturalizado americano, Raul Hilberg, marca o início da absorção do holocausto pelos estudos históricos. Não que a tarefa de Hilberg tenha sido fácil. Ainda durante a definição de sua tese, na Universidade de Columbia, seu orientador o havia desencorajado a escrever sobre o tema: *It's your funeral*³⁶. “Na comunidade judaica, o tópico era quase um tabu também”, disse Hilberg em entrevista à Agência Reuters. “Fui adiante com o meu trabalho a partir do final de 1948, quase, eu diria, como um protesto contra o silêncio³⁷”. Mas no fim, o historiador acabou tendo êxito. Uma pequena editora de Chicago publicou o trabalho, após a recusa de cinco editoras. Obra monumental, com cerca de 1200 páginas distribuídas em três volumes, “The Destruction of the European Jews” (ainda não publicado em língua portuguesa), tornou-se uma obra de referência na historiografia, ainda hoje reconhecida por diversos especialistas como a maior contribuição aos estudos do holocausto.

No mesmo ano da publicação do livro de Hilberg, a memória do holocausto ganhava fôlego com a realização do julgamento de Adolf Eichmann. Foragido desde o fim da guerra, Eichmann, fora um dos principais articuladores da Solução Final. Levava uma vida tranqüila na Argentina, com esposa e filhos, desde meados da década de 1950. Após anos de investigações, o serviço secreto israelense, o Mossad, o localizou em um subúrbio de Buenos Aires. Eichmann foi preso e levado à força para Israel, onde seria julgado em Jerusalém por crimes contra a humanidade. O julgamento ocorreu em 1962 sob a atenção do mundo e destacou-se por um intenso jogo de retórica entre réu e juiz.

³⁴ Cf. PETRIE, Jon. *The Secular Word “HOLOCAUST”*: Scholarly Sacralization, Twentieth Century Meanings. Texto retirado da internet, mas originalmente publicado sob o título “The secular word HOLOCAUST: scholarly myths, history, and 20th century meanings”, in: Journal of Genocide Research, Volume 2, Number 1 / March 1, 2000.

³⁵ HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Chicago: Quadrangle Books, 1961.

³⁶ FINKELSTEIN, Norman G. *A Indústria do Holocausto – Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.24.

³⁷ MORRE Raul Hilberg, 'pai' dos historiadores do Holocausto. Estadão Online. Disponível em: http://www.estadao.com.br/internacional/not_int30946,0.htm Acesso em 20 set 2009.

Eichmann declarava aos seus interlocutores que não passava de um obediente militar a quem não era permitido a desobediência. A defesa não convenceu os juízes e mesmo contra a opinião de alguns setores da intelectualidade judaica, Eichmann foi condenado à morte e executado em 1962. As conseqüências do caso, entretanto, estavam longe do fim. A cientista política e filósofa Hannah Arendt havia acompanhado todo o julgamento para a revista *The New Yorker* e publicaria em maio de 1963 aquele que é considerado um de seus livros mais polêmicos, “Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal”, no qual reflete sobre a capacidade dos nazistas em banalizar a violência e ressalta a responsabilidade dos envolvidos no extermínio, inclusive a responsabilidade dos integrantes dos chamados “Comitês Judaicos” (*judenrate*), entidade judaica dos guetos encarregada de estabelecer a interlocução com os nazistas e para os quais Arendt destinou duras críticas de colaboracionismo³⁸.

O julgamento de Eichmann em Jerusalém remexeu antigas memórias e deflagrou outros julgamentos de ex-nazistas e envolvidos com o nazismo. Entre dezembro de 1963 e agosto de 1965, em Frankfurt, foram realizados dezenas de julgamentos dos guardas das SS em Auschwitz. Esses julgamentos contaram pela primeira vez com a participação de diversos judeus sobreviventes de campos de concentração e ocorreram até mesmo contra a Lei de Caducidade, cujo limite de vinte anos em caso de assassinato havia sido estendido na República Federal Alemã.

Ainda dentro da década de sessenta, o silêncio em torno do holocausto foi definitivamente rompido com a insurgência de outros acontecimentos políticos bem conhecidos da época. Em 1967, a Guerra dos Seis Dias, entre Israel e parte do mundo árabe, trouxe novas discussões e pontos de vista sobre o holocausto e suas implicações para a política territorial israelense. Nem mesmo as famosas passeatas estudantis de maio de 68 escaparam da sombra dessa memória. Na Alemanha, foi o momento de os jovens protestarem não só contra a Guerra do Vietnã ou a pobreza do Terceiro Mundo, mas também por causas mais particulares, como a relutância que a sociedade alemã tivera até ali em confrontar-se com o passado nacional-socialista ou de sua tendência em dividir o fardo de culpa por Auschwitz com as novas gerações. Conforme explica o escritor alemão Bernhard Schlink em um de seus romances, para aqueles estudantes, “o

³⁸ Cf. ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – Um Relato sobre a Banalidade do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

conceito de culpa coletiva era uma realidade vivida, não importava o que nele houvesse de verdade ou não, moral ou juridicamente³⁹”.

1.3. Aceleração nos Discursos de Memória

A partir da década de setenta, há um aumento substancial no surgimento de novos discursos de memória do holocausto. Nos meios de comunicação, estas memórias ganham grande destaque com os trágicos acontecimentos das olimpíadas de Munique. Em cinco de setembro de 1972, o mundo acompanhava a competição olímpica quando os quadros de medalha deram lugar à captura e conseqüente assassinato de 11 membros da delegação israelense por terroristas do grupo radical palestino Setembro Negro. Tudo isso aconteceu sob o olhar atento das câmeras de TV de todo o mundo, ao vivo. A mídia, que antes e durante as olimpíadas já havia dado amplo destaque às homenagens e visitas de autoridades a campos de concentração e túmulos de heróis antinazistas, agora discutia o derramamento de sangue judeu em solo alemão sob a luz de antigas lembranças dos tempos de nazismo. O assunto emergiu com toda a força em jornais e revistas, estabelecendo um diálogo entre passado e presente.

Também merecem destaques as experiências no cinema e no audiovisual de uma forma geral. Entre 16 e 19 de abril de 1978, nos Estados Unidos, vai ao ar a série “Holocausto: a saga da Família Weiss”, exibida pela NBC, com cerca de 120 milhões de espectadores em todo o país. Alguns meses depois, em janeiro de 1979, a mesma série seria transmitida para mais de 20 milhões de pessoas em toda a Alemanha Ocidental. O programa contava a tragédia e os triunfos da família Weiss, de Berlim, e entrecruza o seu destino enquanto judeus europeus com a história de uma família alemã, os Dorfs, cujos membros incluem um oficial nazista de alta patente.

Se em termos de conteúdo e forma, a série foi execrada por vários cineastas europeus, que a acusavam de transformar o holocausto em um enredo simples de telenovela, em termos práticos ela teve o mérito de consolidar o tema como uma das grandes questões públicas em boa parte dos países em que fora exibida. Para Andreas Huyssen, a série acelerou os discursos de memória sobre o holocausto e uma série de eventos relacionados à história do Terceiro Reich⁴⁰. Tony Judt vai ainda mais longe.

³⁹ SCHLINK, Bernhard. *O Leitor*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p.185.

⁴⁰ HUYSSSEN, op.cit.,p.11.

Para ele, o impacto da série culminou cinco meses após a sua exibição com a suspensão da Lei da Caducidade em caso de assassinato pelo *Bundestag* alemão e também nas políticas educacionais de memória da Alemanha. “Enquanto em 1968 apenas 471 escolas visitaram Dachau, no final dos anos 70 o número anual de visitas excedia 5 mil⁴¹”.



IMAG. 1. Capa do DVD da serie Holocaust: Maryll Streep e James Woods. **IMAG. 2.** A repercussão do filme na Alemanha foi tanta, que o filme ganhou a capa da principal revista alemã, Der Spiegel.

O papel dos meios de comunicação na reelaboração da memória do holocausto coincide com profundas transformações na historiografia sobre o tema. Se nos primeiros anos do pós-guerra havia predominado nas pesquisas e publicações acadêmicas uma visão intencionalista do tema, ou seja, que compreendia o assassinato em massa como consequência do antissemitismo e de uma intenção assassina sempre existente na mente de Hitler, a partir da década de 1970, os funcionalistas passam a grupo hegemônico nas interpretações do holocausto. Críticos ferozes da perspectiva intencionalista, suas análises também levavam em conta o perfil obsessivo de Hitler e do antissemitismo da época, mas o foco passa a estar no processo, nas contingências históricas e nos

⁴¹ JUDT, op.cit.,p.797.

mecanismos internos do Terceiro Reich. Retratavam o estado hitlerista como sendo uma “confusão de grupos lutando pelo poder, burocratas rivais, personalidades poderosas e interesses diametralmente opostos, engajados em lutas intermináveis uns contra os outros⁴²”. Martin Broszat, Michel Marrus, Hans Mommsen, Ian Kershaw e Christopher Browning são expoentes desta perspectiva.

Isso não significa que toda a historiografia do holocausto tenha se desenvolvido sob o signo do intencionalismo ou do funcionalismo. Houve espaço para interpretações marxistas - que defendiam que Solução Final fora uma estratégia dos nazistas ocuparem postos políticos e econômicos que pertenciam aos judeus – e também para análises que envolviam fatores que escapavam ao terreno tradicional da história, como a psicanálise. Para Saul Friedländer, por exemplo, o conhecimento factual da Solução Final é insuficiente para explicar o holocausto. A hipótese do autor é que a perseguição e o extermínio dos judeus pelos nazistas provêm, antes de tudo, de uma psicopatologia coletiva, de maneira similar ao que ocorre com um indivíduo afetado por uma grave neurose⁴³.

A consolidação dessa historiografia também se devia a outros dois grandes importantes debates acadêmicos. Um deles diz respeito à singularidade do holocausto. Para alguns historiadores e filósofos, nunca na história humana o extermínio de todo um grupo humano fora planejado e racionalizado com tanto afincamento e dedicação burocrática de um Estado moderno. Isso fazia do holocausto um acontecimento diferente de qualquer outro genocídio e, por isso, único. Já o segundo, diz respeito à germanidade ou modernidade do holocausto. Sob a liderança dos historiadores Ulrich Wehler e Jürgen Kocka, a chamada “Escola de Bielefeld” desenvolveu uma série de trabalhos que consideravam o Terceiro Reich como um desvio da Alemanha dos padrões ocidentais de desenvolvimento democrático. O grupo criticava a tradição autoritária da Alemanha, o nacionalismo excessivo e a falta de moderação da *Weltpolitik*, sob o período de Guilherme II, como explicação para a ascensão do nazismo⁴⁴. Tais idéias foram profundamente questionadas no final de década de 1980. O surgimento do livro “Modernidade e o Holocausto”, do sociólogo Zygmunt Bauman, da Universidade de Leeds e de Varsóvia, é um símbolo dessa recusa epistemológica. Para Bauman, o

⁴² MARRUS, *op.cit.*, p.93.

⁴³ Cf. FRIEDLÄNDER, Saul. *Por que El Holocausto – Las Causas históricas y psicologias Del extermínio de los judios em la Alemania nazi*. Barcelona: Gedisa, 1971.

⁴⁴ STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler – Origens, interpretações, legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p.351-352.

holocausto não pode ser tomado como um produto simples da realidade alemã. O holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso atual estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, sendo assim, um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura⁴⁵. Qualquer tentativa de germanizá-lo seria o mesmo que absolver todos os demais envolvidos e produzir um conforto moral da auto-absolvição.

Tudo aconteceu “lá” – em outra época, em outro país. Quanto mais culpados forem “eles”, mais seguros estaremos “nós” e menos teremos que fazer para defender essa segurança. Uma vez que a atribuição de culpa for considerada equivalente à identificação das causas, a inocência e sanidade do modo de vida de que tanto nos orgulhamos não precisam ser colocadas em dúvida⁴⁶.

O espaço que a memória do holocausto conquista na esfera pública ocidental ao longo dos anos setenta precisa ser compreendido ainda sob o signo de sua *americanização*. Atualmente, nos Estados Unidos, dezesseis estados possuem museus sobre o holocausto, além de ser um tema extremamente discutido nas escolas. Em outros países, como Alemanha ou Israel, é razoável que esta memória seja mais emblemática. Mas por que ela se tornou tão importante para um país no qual os sobreviventes ou os descendentes do holocausto não chegam a 1% da população? E por que isso teve que esperar até a década de setenta para acontecer?

Essas perguntas resultaram na publicação do livro “The Holocaust in American Life”, do historiador Peter Novick, ainda sem tradução para a língua portuguesa. No livro, Novick rejeita explicações tradicionais, como aquela que aposta na tese de trauma coletivo. Para ele, esta transformação está associada a uma mudança cultural no seio da sociedade americana. A partir da década de 1970, ocorre, segundo o historiador, o declínio de um “etos integracionista” nos Estados Unidos, que até então focava aquilo que os americanos tinham em comum, e a sua substituição por um “etos particularista”, que enfatiza aquilo que os diferencia. “Os líderes da América Judaica, que certa vez tinham procurado demonstrar que os judeus eram apenas como todo mundo, nem mais, nem menos, agora tinham que demonstrar, tanto para judeus e não-judeus, o que a

⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. p.12.

⁴⁶ *Idem*, p.14.

respeito dos judeus os faziam diferentes⁴⁷”. Na busca por uma resposta, o holocausto passa a ser apresentado como símbolo de uma identidade coletiva, o denominador comum para o estabelecimento de uma diferenciação. Mais do que isso até, a centralidade do holocausto na identidade judaica combate uma religiosidade em declínio no século XX, bem como uma crescente assimilação cultural mediante os casamentos mistos nos Estados Unidos. O holocausto tornou-se o símbolo da sobrevivência do judaísmo no país.

Mas isso - lembra Novick - não explica como o holocausto tornou-se central na cultura de milhões de americanos não-judeus. As razões para tal fenômeno, diz o historiador, podem variar: para os religiosos, o destino das nações depende sempre do destino dos judeus; para a direita, trata-se de um elemento importante na luta contra o comunismo internacional; para a esquerda, o abandono dos judeus europeus durante a guerra mostra as falhas morais do sistema; e para os liberais, o holocausto oferece lições para os males das restrições na imigração e para a homofobia. Novick diz que não crê muito em nenhuma dessas em particular. E no momento de apontar uma razão contundente, não sem alguma ironia, Novick, ele mesmo um judeu, afirma: “Nós não somos apenas as ‘pessoas dos livros’, mas as pessoas dos filmes de Hollywood e das minisséries de televisão, dos artigos das revistas e das colunas dos jornais, das revistas em quadrinhos e dos simpósios acadêmicos⁴⁸”.

1.4. A Memória do Holocausto Hoje

Os acontecimentos políticos e culturais dos anos sessenta e setenta mudaram profundamente o panorama da memória do holocausto. O drama dos judeus e das outras minorias perseguidas e assassinadas pelos nazistas passou a fazer parte das discussões políticas na vida pública dos principais países ocidentais. As pessoas começaram a se interessar bastante pelo relato dos sobreviventes, por histórias universais de luta contra o preconceito, histórias como a da jovem Anne Frank ou da família Weiss. No entanto, apesar de todas essas referências, a penetração dessa discussão ficava restrita

⁴⁷ NOVICK, Peter. *The Holocaust in American Life*. Boston and New York: Mariner Books, 2000, p.6-7. “The leaders of America Jewry, who once upon a time had sought to demonstrate that Jews were ‘just like everybody else, except more so’, now had to establish, for both Jews and Gentiles, what there was about Jew that made them different” (tradução nossa)

⁴⁸ NOVICK, *op.cit.*,p.12.” We are not Just ‘the people of book’, but the people of the Holywood film and the television miniseries, of the magazine article and the newspaper column, of the comic book and the academic symposium” (tradução nossa)

basicamente ao mundo capitalista. Para as dezenas de países que faziam parte do bloco socialista, a cortina de ferro fora implacável não só com o trânsito de pessoas e idéias, mas também com as memórias que circulavam no espaço público. Ao contrário do que ocorrera com os judeus do lado ocidental, os que viviam sob o comunismo não receberam indenizações, não ganharam museus ou memoriais. Não foram sequer diferenciados das demais vítimas do nazismo. Na Polônia, por exemplo, ninguém negava o drama dos prisioneiros dos campos de concentração, mas a relação que os poloneses tinham com os lugares de memória era diferenciada. “Embora 93% do milhão e meio de pessoas mortas em Auschwitz fossem judeus, o museu ali estabelecido sob o regime comunista do pós-guerra listava as vítimas apenas por nacionalidade: poloneses, húngaros, alemães, etc⁴⁹.”

Tudo isso mudou na década de oitenta. Com uma economia em frangalhos e reformas estruturais tardiamente implementadas, o regime comunista soviético entrou em colapso em todo o mundo, culminando com a queda do Muro de Berlim, em novembro 1989, e com o fim da União Soviética, em dezembro de 1991. Conseqüentemente, o fim da repressão, do autoritarismo e, sobretudo, da censura, fez com que as memórias coletivas sufocadas pudessem ser pela primeira vez expressas publicamente. Não surpreende que os alemães gostem de se referir ao episódio da queda do muro como “Die Wende”, que em português significa “a virada”. O acerto de contas com o passado transformou-se em uma das principais características do fenômeno da memória nos dias de hoje.

Os sinais desse passado estão em quase todos os lugares. Estão nos pedidos de desculpas retroativos feitos por líderes políticos, na multiplicação de museus do holocausto e nas festas de comemoração. No calendário, o holocausto possui duas datas comemorativas. Uma delas é chamada de *Yom Ha-Shoah* (Dia do Holocausto, em português), celebrado no 27º dia do mês do Nissan, de acordo com o calendário judaico (em meados de abril, no calendário cristão). Trata-se de um dia de luto em Israel. Os estabelecimentos fecham e os meios de comunicação exibem uma programação especial. O momento mais marcante do dia é uma sirene que toca às 10h e pode ser ouvida em Israel inteira. As pessoas param num respeitoso minuto de silêncio onde quer que estejam. Nem mesmo o trânsito escapa. Os motoristas deixam os carros e esperam nas ruas, imóveis, o fim da homenagem aos judeus mortos. É como se o país congelasse

⁴⁹ JUDT, *op.cit.*, p.807.

por um minuto. Já a segunda data é o 27 de janeiro e foi instituída pela Organização das Nações Unidas em 2005. Segundo a ONU, neste dia deve ser comemorado “O Dia Internacional de Recordação das Vítimas do Holocausto” ou “Dia Mundial do Holocausto”. A data já era comemorada na Itália, Alemanha e Grã-Bretanha, por ser o dia em que os soviéticos libertaram os presos do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, em 1945. A comemoração foi proposta por Israel e co-patrocinada pela maioria dos Estados membros, estabelecendo que é dever destes desenvolver programas educativos que instruirão as futuras gerações sobre os horrores do genocídio, e condenar todas as manifestações de intolerância religiosa, incitação, ou violência contra as pessoas ou comunidades baseadas em sua origem ou crença étnica⁵⁰.

Mas o mais imponente (e talvez o mais importante) desses sinais é o Memorial para os Judeus Assassinados na Europa, inaugurado em maio de 2005, em Berlim, durante as comemorações dos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial.

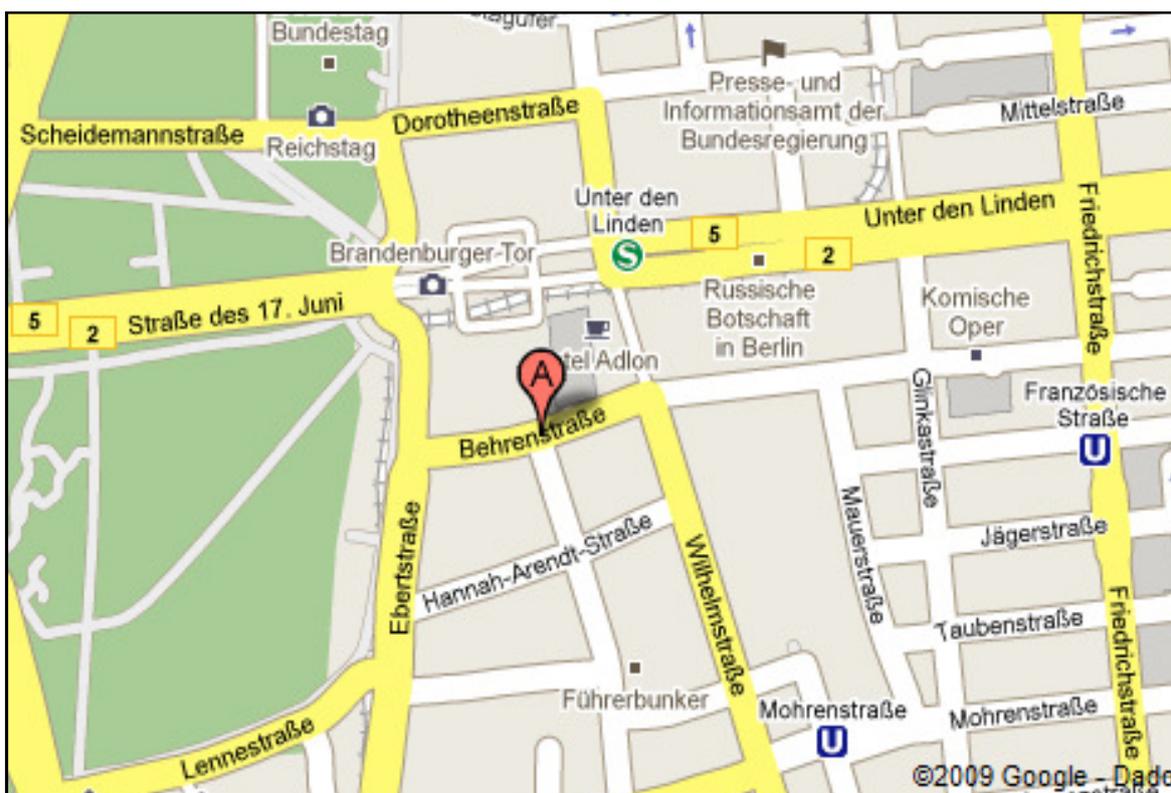


IMAG.3

IMAG. 3. A primeira imagem mostra uma tomada aérea da área que ocupa o Memorial para os Judeus Assassinados na Europa. O memorial ocupa um quarteirão inteiro de Berlim. São noventa mil metros quadrados ao todo. Para Peter Eisenman, "a simplicidade é talvez o que provoca.

⁵⁰ A comemoração foi instituída pela resolução aprovada pela Assembléia Geral da ONU em 21 de novembro de 2005. Resolução 217 (RES/60/7). Pode se acessada em www.onu.org.

Segundo a publicação oficial do memorial, a construção honra a memória das vítimas e alerta as futuras gerações para a importância dos direitos humanos e das leis⁵¹. Concebido pelo arquiteto Peter Eisenman, o monumento reproduz no coração da capital alemã a estética de um cemitério israelita. São 2.711 lápides de concreto cinza espalhadas por um quarteirão inteiro no endereço mais nobre da cidade, a poucos metros do Portão de Brandemburgo e da sede do Parlamento Nacional (Reichstag). Na parte subterrânea do monumento, há diversas salas que expõe a história de perseguição aos judeus com tudo aquilo que há de mais moderno em termos de tecnologia. O monumento se soma a outras menções ao passado nazista, como as ruas que antigamente ficavam próximas do local onde ficava a chancelaria do Führer e que hoje recebem nomes judeus como “Jerusalemstrasse” ou “Hannah-Arendt-Strasse”. Em sua inauguração, Eisenman explicou a sensação que sua obra provocava nas pessoas: "O campo parece racional, alinhado", disse Eisenman em uma entrevista⁵²."



IMAG.4

IMAG. 4. O Memorial localizado pelo Google Maps. Nas proximidades, a Hannah-Arendt-Straße, o Reichstag e o portão de Brandemburgo e o Bundestag. Também próximo, o local do antigo bunker de Hitler. Um local altamente simbólico

⁵¹ Cf. FOUNDATION for the memorial to the murdered jews of Europe. *Materials The Memorial To The Murdered Jews of Europe*. Berlim: Nicolai, 2006.

⁵² ARROJADO e polêmico, memorial judaico é inaugurado em Berlim. *Uol Notícias*. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2005/05/04/ult26u18884.jhtm>. Acesso em 20 de set 2009.

No cinema, na literatura, no teatro ou nas artes plásticas, as atuais representações imagéticas sobre o holocausto provocam uma grande discussão entre o permitido e o não-permitido, entre o moralmente concebível e o moralmente ofensivo. Há pouco mais de dez anos, uma dessas representações gerou uma enorme polêmica. Zbigniew Libera, um dos mais conhecidos artistas visuais contemporâneo da Polônia, ganhou a atenção da mídia de todo o mundo ao expor na Bienal de Veneza, em 1997, um trabalho no qual ele reconstruía um campo de concentração, com guardas vestidos de preto, prisioneiros de aparência esquelética e até mesmo cercas, usando apenas peças fabricadas sob encomenda pela famosa marca de brinquedos LEGO. A empresa alegou desconhecer o objetivo final de Libera. Mas a polêmica estava lançada. O curador do pavilhão polonês em Veneza, o escultor Jan Stanislaw Wojciechowski, afirmou na época que aqueles trabalhos eram explosivos e que ameaçavam a frivolidade de um dos momentos mais tenebrosos da civilização européia⁵³. Cinco anos depois, em 2002, os brinquedos de Libera provocaram novo debate internacional quando se tornaram parte de uma exibição: *Mirroring Evil*, no Museu Judaico de Nova Iorque.

Susan Sontag possui um ensaio no qual lança importantes reflexões para quem se debrança sobre o problema das representações imagéticas sobre dor⁵⁴. Ela cita o exemplo das fotografias de advertências atrás dos maços de cigarro no Canadá que, tal como no Brasil, mostram imagens como um pulmão canceroso ou de uma pessoa com membros amputados. Segundo cálculos das autoridades canadenses de saúde, um maço com uma foto dessas seria, provavelmente, sessenta vezes mais eficaz para estimular os fumantes a abandonar o fumo. Mas Sontag problematiza: supondo que isso seja verdade, por quanto tempo o será? Terá o choque um prazo de validade ou ele pode continuar existindo, como é o caso da crucificação entre os crentes, que mesmo repetida à exaustão por séculos e séculos não foi banalizada e continua chocando? Da mesma forma, podemos transpor a questão: as imagens de dor do holocausto continuam chocando ou já foram banalizadas depois de tanta exibição?

⁵³ Apud FEINSTEIN, Stephen C. Zbigniew Libera's Lego Concentration Camp: Iconoclasm in Conceptual Art About the Shoah. In: *Other Voices - The (e) Journal of Cultural Criticism*. Other Voices, v.2, n.1. Fev. 2000. Disponível em <http://www.othervoices.org/2.1/feinstein/auschwitz.html>. Acesso em 29 out 2009.

⁵⁴ Cf. SONTAG, Susan. *Diante da Dor dos Outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

De uma forma ou de outra, obras como a de Libera possuem alguns méritos. O primeiro é utilizar uma lógica absurda para abordar um tema delicado como genocídio. A possibilidade de se imaginar crianças brincando de tortura ou genocídio é tão chocante, que este esforço de abstração pode despertar o observador para as formas bem reais de violências a que fomos submetidos no passado e para outras que nos espreitam no presente. A própria experiência do brinquedo nos leva a pensar: imaginar que seres humanos conduziram outros seres humanos para câmaras de gás como se fossem chuveiros é menos absurdo do que imaginar crianças brincando de genocídio? Por fim, as novas linguagens artísticas, quase todas apostando na força de suas propostas ousadas, alimentam a esfera pública com importantes questões morais a respeito da memória. Pessoas que nunca tinham pensado de maneira mais aprofundada em questões como violência, representação e preconceito, são convidadas a darem suas opiniões. São questões bastante pertinentes para um tempo no qual, conforme Sontag aponta corretamente, “lembrar, cada vez mais, não é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem”⁵⁵”



IMAG.5



IMAG.6



IMAG.7



IMAG.8

Imagens 5/6/7/8. Expoente da "pop-art", Libera trabalhou com a LEGO da Dinamarca para produzir sete caixas aparentemente normais do brinquedo, LEGO Systems. Na caixa, que acabou sendo não-comercializada, havia a inscrição: This work of Zbigniew Libera has been sponsored by LEGO. Na época, a empresa alegou desconhecer os fins que teriam as peças encomendadas pelo artista.

Atualmente, são tantas as imagens do holocausto na mídia e nos vários espaços culturais e artísticos, que podemos nos perguntar até que ponto a sua memória deixou de ser uma memória subterrânea, voltando à concepção de Pollak, para se transformar em uma *memória mainstream*, entendendo esta como uma memória presente em diversos espaços discursivos, ocupando lugar de destaque nos imaginários, nas rodas públicas de discussão, nas formas artísticas de pensar o mundo e nas mais diversas formas de produção de sentidos sobre passado. A multiplicação dessa memória é tão intensa, que Andreas Huyssen aponta uma universalização do discurso do holocausto, a ponto de este tema ter perdido atualmente sua qualidade de evento histórico específico e passado a funcionar como uma metáfora pra outras históricas e memórias⁵⁶.

1.5. A Memória do Holocausto no Brasil

Nas últimas duas décadas, pelos menos, tem sido possível testemunhar, no Brasil, de forma semelhante ao que ocorre na Europa, um número expressivo de referências ao holocausto nos mais diversos canais culturais, políticos e institucionais, muitos dos quais com papel de destaque na formação da esfera pública brasileira. Atualmente, as memórias do holocausto são acionadas com frequência cada vez maior pelos produtores de memória. No campo artístico-cultural, além da exposição citada no início deste texto, intitulada “Holocausto Nunca mais”, a Biblioteca Central do Gragoatá, na cidade de Niterói, apresentou em setembro de 2004, a mostra “Triângulos Roxos – As vítimas Esquecidas do Holocausto”, cujo objetivo era esclarecer e resgatar a memória dos Testemunhas de Jeová mortos nos campos de concentração. Nas artes, o assunto está também cada vez mais presente. Além de aparecer em filmes nacionais e estrangeiros em cartaz, foi tema, inclusive, no teatro. Em 2008, foi montado no Rio de Janeiro "Anne Frank - O Musical", no Centro Cultural Banco do Brasil, obra inspirada nos diários da jovem Anne Frank, morta pelos nazistas, no campo de Bergen-Belsen.

O holocausto parece ter se tornado elemento de peso, sobretudo, na construção de identidades de judeus brasileiros, como se pode perceber em publicações de instituições judaicas e mesmo nas ações que algumas destas instituições promovem todos os anos, como é o caso das chamadas “Marchas da Vida”, na qual jovens judeus, em sua maioria, viajam para a Europa para perfazer o caminho entre Auschwitz e

⁵⁶ HUYSSSEN, *op.cit.*, p.13.

Birkenau, na mesma trilha das chamadas “marchas da morte”, realizadas pelos prisioneiros judeus no fim da guerra. Até mesmo no âmbito governamental, o holocausto assume o papel de memória importante, tendo sido anualmente lembrado pelos senadores e deputados em Brasília, pelo menos desde os anos 1990, por ocasião dos aniversários do fim da guerra e dos campos de concentração.

No âmbito da historiografia brasileira, as pesquisas sobre o tema ainda são tímidas. Mas há indícios de que algo parece estar mudando. O Departamento de História da Universidade de São Paulo é um exemplo disso. Um grupo de historiadores da USP, tendo a frente à historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, vem desenvolvendo desde os anos 1980 vários trabalhos que buscam compreender a imigração judaica para o Brasil durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Este grupo acadêmico trabalha com interpretações que enfatizam o antissemitismo e colocam o preconceito e a perseguição como a marca dominante da vida dos imigrantes daquele período, o que quase sempre gera grandes discussões. Em 2009, este trabalho resultou no lançamento do Arqushoah, um enorme arquivo digital, em quatro línguas, na internet, destinado a preservar e disponibilizar a história e a memória dos sobreviventes de campos de concentração e refugiados do nazi-fascismo radicados no Brasil.⁵⁷ Além do trabalho desenvolvido em São Paulo, historiadores do Rio de Janeiro também vêm se interessando por esta temática, como demonstra, nos últimos anos, a publicação de obras importantes que tangenciam o tema do holocausto, como é o caso de “Quixote das Trevas – o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo”, de Fábio Koifman (2002) e da tese de doutoramento de Kátia Lerner, “Holocausto, Memória e Identidade Social: A experiência da Fundação Shoah” (2004), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Enquanto isso, nos meios de comunicação, em especial na imprensa, o holocausto também tem ocupado um grande espaço em diversas publicações. Desde o seu surgimento, em 1987, a revista Superinteressante, por exemplo, dedicou quatro capas ao nazismo e à Segunda Guerra Mundial, além de uma edição especial de 20 anos, que trazia uma suástica feita de arame farpado em fundo vermelho. O título e o subtítulo diziam: "Auschwitz - Por Dentro da Fábrica de Matar. Um novo olhar sobre o campo nazista revela a terrível inteligência por trás da indústria mais eficiente da

⁵⁷ ARQUSHOAH. Disponível em <http://www.arqshoah.com.br/>. Acesso em 17 de set.2009.

história: a do extermínio⁵⁸.” Nas bancas, poucas pautas foram e são tão bem sucedidas na conquista de capas de revista. Hitler e o holocausto já foram destaque de diversas publicações destinadas à história (Revista de História, História Viva, Aventuras na História, Grandes Líderes da História, Leituras da História), bem como de revistas de atualidades, como Istoé, Veja e Época, as três maiores do gênero no Brasil.

Dentre as representações da memória do holocausto, aquela construída pela imprensa deve ser aqui destacada por alguns motivos. Primeiro devido ao seu caráter subjetivo de representação está implícito. O discurso jornalístico, podendo ser caracterizado por um discurso *sobre* (conforme veremos no ponto 3.2.2), distancia-se do objeto do qual fala, produzindo assim um efeito de “objetividade”, efeito bem diferente daquele encontrado em pesquisas acadêmicas e formas de expressão artístico-cultural, na qual a presença do autor é mais explícita. Em segundo lugar, o texto jornalístico vem se tornando um bem cultural - e produtor de memória – cada vez mais presente em diversos espaços sociais. Antes confinados ao papel, a imprensa é, hoje, sobretudo, digital e interligada. É o caso dos webjornais, que podem ser lidos cada vez mais por um público maior: nas telas dos computadores, nos celulares e em diversos outros dispositivos tecnológicos portáteis.

Tendo em vista esse caráter diferenciado da mídia, devemos nos perguntar: qual o impacto dessa discursivização do holocausto na maneira como apreendemos esse acontecimento e na maneira como atribuímos função a esta memória? Que efeitos de sentidos e formações discursivas a imprensa brasileira pode estar construindo em relação ao holocausto? Enfim, de que forma e porque o jornalismo tem se ocupado cada vez mais de eventos do passado?

1.6. Holocausto na Folha Online

Visando responder essas perguntas e compreender melhor a significativa presença do holocausto nos meios de produção de memória, daqui em diante este trabalho irá focar o âmbito da imprensa, mais especificamente a Folha Online. Na ocasião das comemorações dos sessenta anos do fim da guerra mundial, em 2005, a versão online do maior jornal brasileiro em circulação dedicou amplo espaço para notícias que abordavam a memória dos judeus e outros grupos exterminados ao longo

⁵⁸ Trata-se da edição 241 da revista (de 2007).

do Terceiro Reich. Naquele ano, a palavra “holocausto” apareceu pelo menos uma vez em 139 textos, divididos entre notícias, artigos, entrevistas ou reportagens. Andreas Huyssen diz que “o passado não está simplesmente ali na memória, mas tem de ser articulado para se transformar em memória. A fissura que se opera entre experienciar um acontecimento e lembrá-lo como representação é inevitável⁵⁹.” Nesse sentido, a análise do material da Folha Online permitirá problematizar o lugar da imprensa nesta articulação, sobretudo, uma imprensa em um ambiente online, novo, cativante e com potencialidades que já demonstram estar transformando nossas concepções de tempo e memória.

Antes de iniciar na análise do discurso gerado pela Folha, porém, é preciso compreender por que o discurso jornalístico possui tanto interesse em temas que se circunscrevem no passado, como o holocausto, e porque esse discurso se encontra autorizado para produzir, atualmente, efeitos de sentido a respeito de eventos que fogem ao seu tempo por excelência, o presente. No decorrer dos próximos capítulos, procuro mostrar que a fala sobre o passado deve ser compreendida não apenas com uma questão para historiadores, mas também para os pesquisadores preocupados com a linguagem e suas implicações reais em nossas vidas.

⁵⁹ HUYSSSEN, 1996, p.14.

Capítulo 2:

O Lugar do Passado no Jornalismo

Hoje em dia, mais do que em qualquer outro período de nossos tempos, os conceitos de história e de jornalismo mantêm uma total afinidade. Convivem tão intimamente que tentar separá-los resultará em grave erro de avaliação histórica ou em imperdoável falha de compreensão do fenômeno jornalístico.

Roberto Marinho

As palavras são de Roberto Marinho, antigo dono das Organizações Globo de Comunicação. Mas bem que poderiam ter sido pronunciadas por outras figuras, tais como Rupert Murdoch, dono da cadeia Fox e do *The Wall Street Journal*, Octavio Frias, dono do Grupo Folha ou ainda por Victor Civita, a quem pertence o Grupo Abril. Pois, no último século, os meios de comunicação conseguiram consolidar uma relação tão íntima com o poder que poucos acontecimentos históricos, tal como alerta Marinho, poderiam ser compreendidos sem levar em conta a força do universo midiático. História e jornalismo parecem, de fato, conviver de forma inseparável. Especialmente hoje, quando os mais recentes recursos tecnológicos parecem inaugurar uma nova forma de experimentar e registrar a passagem do tempo, estando passado, presente e futuro em constante reposicionamento. Para o historiador francês François Hartog – conforme veremos adiante – estaríamos vivendo um novo “regime de historicidade⁶⁰”.

Neste capítulo, vamos buscar na origem da aproximação entre jornalismo e história – localizada didática e decisivamente no final dos anos sessenta – os elementos que nos possibilitam compreender os usos do passado (e, em último caso, da memória) nos dias de hoje, sobretudo, nos e pelos meios de comunicação. Para tanto, vamos pensar o discurso jornalístico a partir de duas categorias discursivas: a primeira categoria vamos chamar de “historicização” (estratégia que inscreve os acontecimentos do presente, tão logo acontecem, no campo semântico do passado), ao passo que a segunda chamemos de “presentificação” (estratégia que inscreve no presente acontecimentos ocorridos no passado). É dentro desta última categoria que situamos os discursos da Folha Online que vamos analisar no terceiro e último capítulo da dissertação.

⁶⁰ HARTOG, François. *Tempos do Mundo, História, Escrita da História*. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (Org.) *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. P.16.

2.1. Passado para Dar e Vender

A multiplicação dos discursos sobre o holocausto no mundo ocidental faz parte de um contexto de memória bastante amplo, que Andreas Huyssen classifica pertinentemente como um verdadeiro fenômeno social, político e cultural de nosso tempo⁶¹. O intelectual alemão reconhece que a universalização da memória dos campos de concentração, das câmaras de gás e dos sobreviventes teve um papel de relevo nesse contexto, ao impulsionar uma série de outros discursos de memória, mas assinala que também devem ser consideradas outras tramas secundárias⁶²: os centenários disso e daquilo, o resgate de festas tradicionais, as ondas retrô, o boom biográfico nas livrarias, a proliferação de museus e memoriais, a patrimonização dos conjuntos arquitetônicos ou o encantamento com a fotografia digital (presente em praticamente todos os aparelhos celulares). Os sinais estão em todos os lugares.

Neste sentido, nem mesmo os sentimentos parecem escapar totalmente desta forma de viver o mundo. Pode-se dizer que nossa estrutura emocional encontra-se mais sensível às narrativas do passado, de modo que somos capazes de nos emocionarmos com acontecimentos que nunca vivemos, com pessoas que nunca chegamos a conhecer, com lugares os quais nunca visitamos. O que acontece hoje com a imagem de Che Guevara é um exemplo desta solidarização com o passado. Morto há mais de quarenta anos, sua imagem continua sendo um símbolo político onipresente para jovens de todas as partes do mundo. Está estampada em camisetas, selos, bandeiras, chaveiros, canecas, broches e todo tipo de bugigangas. Sua história inspirou filmes de grande apelo como “Diários de Motocicleta” (2004), com direção de Walter Salles, e, mais recentemente, as duas produções do diretor Steven Soderberg, “Che 1” (2008) e “Che 2” (2009). Guevara tornou-se um caso crônico daquilo que Michael Pollak chama de personagem vivido por tabela, ou seja, um indivíduo que não pertenceu ao espaço-tempo da pessoa, mas do qual ela se sente como contemporânea⁶³. É o mesmo caso de personalidades como o General De Gaulle, na França, ou, no Brasil, com a memória de figuras históricas como Machado de Assis ou Noel Rosa.

Outra característica importante da memória na contemporaneidade é a sua capacidade de fazer movimentar uma vigorosa economia. Para entender o cerne desta

⁶¹ HUYSSSEN, *op.cit.*, p.9.

⁶² *Idem*, p.14.

⁶³ Cf. POLLAK, *op.cit.*

questão, nada melhor que um exemplo da literatura. Em um dos livros de ficção mais importantes e bem escritos do século XX, “O Homem do Castelo Alto” (1962), o americano Philip K. Dick desenvolve uma trama que se passa em um cenário sombrio: a Segunda Guerra Mundial foi vencida pelo Eixo, sendo a Guerra Fria travada entre Japão e Alemanha. O continente africano fora praticamente aniquilado e os negros sobreviventes, escravizados. Deste cenário de história alternativa, um personagem merece ser aqui destacado. Trata-se de Robert Childan, proprietário do “Artesanato Artístico Americano”, uma loja que vende antiguidades americanas para colecionadores, especialmente japoneses. As peças de Childan são extremamente valiosas, pois além de raras, representam o auge da cultura pop americana, elementos que fazem parte de um passado perdido, diferente e, por isso, saudosista. Mas a vida de Childan cai em desgraça quando ele descobre que suas mercadorias são objetos falsificados por uma empresa chamada Wyndham-Matson Inc. A partir daí, Childan percebe o quanto o seu encantamento pela historicidade havia lhe deixado cego para as suas reais origens de seus objetos. Para ele e para os seus clientes, o que mais importava era a sensação que uma vitrola realmente havia feito parte da decoração de uma casa nos anos vinte ou de que um exemplar da National Geographic era lido por pessoas em antigos consultórios dentários. A verdade sobre o falseamento da historicidade poderia pôr tudo a perder⁶⁴.

O sentimento de historicidade que fascinava os consumidores de artefatos da loja de Childan é muito parecido com o sentimento de historicidade que faz da memória, hoje, um poderoso bem de consumo. A comercialização do passado está em muitos lugares. Está, por exemplo, nas diversas feiras de antiguidades que acontecem aqui e acolá. Nessas feiras, são vendidas muito mais do que meras peças para se decorar a casa ou o próprio corpo. É vendido o conceito de historicidade e de autenticidade que há por trás desses objetos. Um armário não é só um armário, mas um modelo original que fez parte de alguma casa dos anos trinta. Um colar não é apenas um apetrecho de moda, mais um item que foi usado por outra pessoa há mais de cinquenta anos. Até mesmo lojas que produzem artigos novos, roupas, carros ou itens de casa, investem no design retrô de seus produtos, bem ao estilo da Wyndham-Matson Inc., com a diferença que os consumidores sabem muito bem o que está diante deles. Para o filósofo francês Gilles Lipovetsky, “as obras do passado não são mais contempladas em recolhimento e

⁶⁴Cf. DICK, Philip K. *O Homem do Castelo Alto*. São Paulo: Editora Aleph, 2006.

silêncio, e sim ‘devoradas’ em alguns segundos, funcionando como objeto de animação de massa, espetáculo atraente, maneira de diversificar o lazer e ‘matar’ o tempo⁶⁵”.



IMAG. 9. Na loja virtual da *fnac*, é possível encontrar um Micro System com tecnologia moderna, mas que reproduz o visual de uma antiga vitrola. O aparelho faz parte da sugestiva linha *Nostalgia*, especializada em artigos de som com aparência retrô.

É claro que todo esse fascínio com a memória não passou impune. Desde os anos oitenta, pelo menos, historiadores e todo tipo de intelectuais vêm elaborando críticas sobre o uso do passado no presente. A mais importante dessas correntes críticas da memória vem da França. Entre 1983 e 1993, o historiador Pierre Nora lançou uma importante obra, composta por sete livros e que fez enorme sucesso na Europa. Ela tinha o nome de “Les Lieux de Mémoire” (Os Lugares de Memória) e trazia artigos de importantes historiadores franceses, encarregados de problematizar os diversos lugares associados a memórias coletivas do passado francês, fossem eles físicos ou simbólicos. A obra consagrou o conceito de Nora, “lugares de memória”, empregado para se referir aos dispositivos artificiais que construímos para ancorar memórias que não podem mais ser acionadas espontaneamente. “Os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. [...] São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade

⁶⁵ LIPOVETSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004. p.88.

que dessacraliza, ilusões de eternidade⁶⁶.” Nora estava assim convencido de que as memórias que antigamente podiam ser encontradas em nossos hábitos, gestos, marcas, tradições e ofícios, deixaram de ser espontâneas, responsáveis por unir o passado ao presente, e transformaram-se em verdadeiras necessidades.

O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade como operação que, de um golpe a suprime⁶⁷.

Apesar do diagnóstico negativo feito por Nora, a memória continua cumprindo suas funções na sociedade. O ato de lembrar organiza nossas vidas, assegura a constituição dos laços sociais e afetivos, fornece substratos necessários para as políticas de identidades, coletivas e individuais. Tanto que, até hoje, não se conhece nenhuma comunidade humana na qual o passado seja prescindível. Por outro lado, isso não quer dizer que o “retorno do passado” seja um instrumento de pacificação dos espíritos. Onde quer que apareça, o passado é sempre conflitivo. E as tensões existem basicamente por dois motivos. **Primeiro**, porque como apontou Maurice Halbwachs, existem tantas memórias quanto grupos sociais⁶⁸. Essas memórias podem corroborar uma à outra, mas também concorrer entre si. Em **segundo lugar**, falar de memória é falar também de luta contra o esquecimento. É o caso das Mães da Praça de Maio, na Argentina, ou de entidades como o grupo Tortura Nunca Mais, nos dias de hoje, ambos engajados para que os crimes cometidos pelas ditaduras militares de seus países não sejam esquecidas ao lado de suas vítimas. Nossa sociedade de arqueólogos, sempre disposta a desenterrar lembranças, também é uma sociedade que sepulta muitas coisas.

Para algumas pessoas, foi o turbilhão de acontecimentos do século XX que pesou na decisão de rever cada vez mais nossos laços com o passado. No entanto, parece difícil crer que a intimidade dos contemporâneos com a memória se deva exclusivamente à intensidade dos fatos vividos nas últimas décadas. Parece muito mais adequado pensar o fenômeno da memória como o resultado de nossas preocupações no presente. Como se sabe, o passado é algo totalmente abstrato, intangível e irrecuperável,

⁶⁶ Cf. NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993

⁶⁷ *Idem*, p.19.

⁶⁸ Cf. HALBWACHS, *op. cit.*

de forma que o que sabemos dele coincide com as perguntas que nós, em diferentes tempos, fazemos sobre ele. Em outras palavras, o presente é o ponto de partida de todo passado.

2.2. O Passado é Manchete

O florescimento de uma sensibilidade social diante do passado estabeleceu uma relação de cumplicidade tão forte com os meios de comunicação, que poderíamos nos perguntar se as atuais demandas sociais por memória são necessidades produzidas pela mídia ou exploradas e alimentadas por esta.

A observação do fenômeno da memória no discurso jornalístico, que será o foco a partir de agora, sugere que estejam ocorrendo as duas coisas, simultaneamente. Por um lado, é preciso levar em conta que a dimensão temporal dos meios de comunicação está intrinsecamente ligada ao *regime de historicidade* que vivemos hoje⁶⁹. Quando a imprensa explora o passado, seja nas retrospectivas, nas comemorações, nos textos que apontam as semelhanças entre presente e passado ou nos balanços históricos, o que está sendo expresso é a própria noção de temporalidade do mundo do qual ela faz parte. Não se pode simplesmente escapar desta dimensão ontológica. Afinal de contas, o jornalista, o editor, o diretor, o anunciante e o dono do jornal são seres humanos submetidos a elementos de sua própria época. Por outro lado, o discurso de memória da imprensa não é ingênuo. Ele também joga com essa temporalidade. Assim como a história não corresponde a todo o passado, a memória materializada nas páginas dos jornais também não. São passados criteriosamente selecionados, recortados por um viés político, cultural e, sobretudo, ideológico. Uma reportagem sobre o passado nazista em um jornal polonês ou alemão nunca pode ser lida como uma mera contingência, tal como uma notícia sobre tortura militar não pode ser encarada como uma pauta ocasional de um jornal brasileiro ou chileno. O uso do passado no jornalismo é altamente político.

No Brasil, a presença do passado nas manchetes da imprensa não é algo exatamente novo. Desde o século XIX, pelo menos, é possível observar uma série de edições comemorativas ou de menção a eventos do passado. Na ocasião do centenário da independência brasileira, por exemplo, o Jornal do Brasil dedicou uma página inteira,

⁶⁹ BARBOSA, Marialva. Meios de Comunicação e Usos do Passado: Temporalidade, Rastros e Vestígios e Interfaces Entre Comunicação e História. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. *Comunicação e História*. Rio de Janeiro: Globo Universidade e Mauad, 2008. p.85.

totalmente ilustrada, com desenhos e fotos, na qual apareciam todos os chefes e Estado brasileiros, de D.Pedro I até Epitácio Pessoa⁷⁰.

No entanto, é preciso reconhecer que essa presença tornou-se muito mais recorrente nas últimas duas décadas e que os passados imaginados pela imprensa ontem não são os mesmos passados imaginados pela imprensa de hoje.

No ano de 2008, apenas para citar um ano rico em efemérides, três datas foram lembradas à exaustão pela mídia brasileira: o centenário de Machado de Assis, os quarenta anos de maio de 1968 e, sobretudo, o bicentenário da transmigração da Família Real. Mas poderíamos elencar também, em outros anos, eventos de igual força: os trinta anos da morte de Che Guevara (1997), os quarenta anos do Golpe Militar Brasileiro (2004) ou os sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial (2005). Em cada um desses aniversários e comemorações, a imprensa dedicou reportagens, suplementos especiais, linhas do tempo, além de recursos que culminaram na organização de conferências, simpósios e publicações de livros.

Por um ângulo, a presença do passado na imprensa pode ser vista como algo positivo. Denota um presente que valoriza seu passado ao inscrevê-lo no espaço público. No entanto, também existe um lado negativo. Essas referências ao passado podem assumir uma importância gigantesca em um país como o Brasil, onde a educação formal ainda é um bem de difícil acesso para boa parte da população. Para muitos brasileiros, mesmo os escolarizados, mas que desde a escola não têm mais contato com a história, a imprensa pode ser o principal meio de interlocução com o passado e de sua representação. O risco de trivialização, da caricatura ou mesmo do unidimensionalismo do passado é enorme, mas não porque se trata de jornalistas escrevendo história, e sim porque o jornalismo na maioria das vezes passa a ser a fonte primordial (quando não a única), desse imaginário. Quando o confronto das fontes deixa de existir é como se o confronto da própria história também o deixasse, dando lugar, então, para uma versão monumentalizada do acontecimento.

A tendência do discurso jornalístico para transformar o passado em objeto do noticiário exige a discussão de dois pontos importantes e interdependentes. O **primeiro** diz respeito ao conceito de notícia. No senso comum e mesmo para os jornalistas, a matéria prima por excelência do jornalismo é o presente, o aqui e agora do cotidiano,

⁷⁰ *Idem, ibidem.*

das ruas, aquilo que os americanos nomeiam como *news of the day* ou *news story*. Segundo Muniz Sodré, notícia é, nesse sentido, o "relato jornalístico de acontecimentos tidos como relevantes para a compreensão do cotidiano - é propriamente uma forma narrativa, ou seja, um modo específico de contar uma história⁷¹." Para Sodré, isso significa dizer que a notícia converte-se numa tecnologia, não apenas cognitiva, mas produtora do real. Ela organiza os fatos do mundo em uma narrativa que transforma o acontecimento em notícia e, em seguida, em acontecimento para os leitores. "O real assim produzido aspira a uma visibilidade plena, em consonância com as tecnologias, sugerindo a identificação absoluta entre ver e crer⁷²". Assim, uma vez incorporado ao circuito jornalístico, o passado também pode ser organizado da mesma forma como ocorre com o presente, nos jornais. O passado torna-se manchete.

Isso nos leva ao **segundo ponto**. Se até então o jornalismo organizava a realidade do mundo, estabelecendo uma continuidade de eventos, uma sensação de simultaneidade, amplamente compartilhada pelas massas, responsável por formar aquilo que Benedict Anderson chamou de "comunidades imaginadas⁷³", incorporar o passado como parte de uma realidade a ser organizada, como ocorre hoje, pode fazer dele também o responsável por uma concepção de história e da ligação desta com o presente. Ou seja, o jornalista hoje não só produz sentido sobre o passado como também estabelece relações de intertemporalidades. Segundo a historiadora Marialva Barbosa, "os jornalistas fazem a memória, na medida em que é papel da mídia reter assuntos que, guardando identificação com o leitor, precisam ser permanentemente atualizados. Ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, produzem, a partir de critérios altamente subjetivos, uma espécie de classificação do mundo para o leitor⁷⁴".

2.3. A História de uma Aproximação

De acordo com Jean-Pierre Rioux, o cruzamento do jornalismo com a história que vemos hoje não seria possível sem que tivesse ocorrido, paralelamente, um encontro "entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca de

⁷¹ SODRÉ, Muniz. *Reinventando a Cultura – a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996. p.132-35.

⁷² *Idem, ibidem*.

⁷³ Cf. ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁷⁴ Cf. BARBOSA, Marialva. *Jornalistas, senhoras da memória?* Trabalho apresentado ao XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-RS – 30 de agosto a 3 de setembro de 2004.

legitimidade histórica⁷⁵”. Por algum tempo, entretanto, essa relação foi vista como perturbadora ou ilegítima, já que as duas profissões cresceram separadamente, há pouco mais de um século e, pouco a pouco, tenham delimitado seus respectivos campos com uma mútua indiferença. O papel do jornalista seria registrar a torrente ininterrupta dos acontecimentos, apressado pela hora do fechamento da edição e pressionado por um volume de trabalho que pouco tempo lhe deixa para realizar grandes reflexões. O jornal é escrito para o esquecimento. O ofício do historiador, ao contrário, seria escrever para salvaguardar a memória, realizando a crítica das fontes e inserindo os acontecimentos em uma cadeia de significações que sobrevivem ao esmorecimento do tempo⁷⁶.

A solidez dessas duas realidades, aparentemente tão opostas, foi modificada a partir dos anos 1960, sobretudo, com o papel decisivo dos meios de comunicação na cobertura dos eventos de maio de 1968. Naquele ano, os telex de todas as redações não paravam de registrar milhares de acontecimentos dramáticos e que, embora fossem acontecimentos ainda mal-enquadrados, estavam mudando o mundo e o próprio ritmo da história. Partiu, então, dos jornalistas, a exigência de serem mais do que meros relatores da atualidade. Os repórteres e editores queriam agora produzir materiais mais elaborados, exercer um olhar mais crítico sobre essa “história imediata”, conceito lançado seis anos antes por Jean Lacouture em seu “A História Imediata” e comemorado pelos leitores da Editions du Seuil⁷⁷.

Historiadores de ofício também tiveram que mudar sua postura diante do tempo presente. Desejavam não discutir apenas sobre as tradições da Grécia Clássica ou sobre os monges beneditinos da Idade Média, mas também aquele novo tipo de história, mais urgente, mais intensa, mais efêmera e que invadia não só as salas das universidades, mas também as ruas e as suas casas.

Pouco a pouco, a desconfiança do início transformou-se em uma troca proveitosa para ambos. Emissoras de rádio, jornais e canais de TV passaram a requisitar a presença de historiadores em seus noticiários. Queriam suas opiniões sobre o pacote econômico do governo, sobre um protesto de imigrantes ou sobre as transformações culturais do mundo juvenil. Da mesma forma, os jornalistas sentiam-se à vontade para deixar, de vez em quando, a correria da redação e se dedicar ao estudo de arquivo do

⁷⁵ RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.) *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p.119.

⁷⁶ *Idem, ibidem*.

⁷⁷ *Idem*, p.122.

próprio jornal. Descobriram fundos excepcionais, particulares ou não, e que lhes permitiram reforçar as estantes das livrarias com biografias de personagens históricos ou com livros-reportagem cujo teor histórico se destacava o suficiente para ocupar o topo das listas dos mais vendidos.

Se a aproximação entre jornalismo e história não chega a confundir as fronteiras entre um e outro, é o suficiente para produzir conseqüências bastante significativas. O uso de jornais em pesquisas históricas, por exemplo, aumentou bastante nos últimos anos. Segundo cálculos de Ana Paula Goulart Ribeiro, um levantamento nos anais do XXIV Encontro da Anpuh (Associação Nacional de História), o maior e mais importante seminário da área de história no Brasil, mostrou que quase 70% dos trabalhos que abordavam o século XX usavam meios de comunicação, principalmente a imprensa, como fonte primária⁷⁸. Destaque para o trabalho de historiadores na área de imprensa, como é o caso das historiadoras Isabel Lustosa, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, e de Marieta de Moraes Ferreira, do Centro de Pesquisa em História Contemporânea (CPDOC). O próprio historiador francês Georges Duby, uma das maiores referências ainda hoje no campo medieval, ficou marcado, em seus últimos anos de vida, por sua presença sistemática nos meios de comunicação. Duby participou de várias séries na TV francesa sobre história medieval, como a famosa série filmográfica “No Tempo das Catedrais”. Para o francês, as lentes das câmeras eram fundamentais para destacar detalhes de gravuras e vitrais nas igrejas francesas que, por um longo tempo, permaneceram ocultos aos historiadores e contempladores das artes⁷⁹.

Ao mesmo tempo, os jornalistas também se fizeram presentes em programas midiáticos sobre história. Se Georges Duby tinha na França sua própria série de TV, no Brasil, jornalistas como Eduardo Bueno também tiveram experiência em levar a história para as redações e estúdios. Em parceria com Pedro Bial, outro jornalista, Bueno produziu recentemente um quadro para o programa Fantástico, chamado “É muita história”, no qual episódios famosos da História do Brasil são encenados com muito senso de humor. O passado cruza tanto o caminho dos jornalistas hoje, que o jornal OGLOBO criou, há cerca de dois anos, uma espécie de selo semanal (todo sábado) chamado “História”, no qual traz reportagens sobre os mais diversos temas históricos:

⁷⁸ RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. História da Comunicação no Brasil: um Campo em Construção. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael; *Comunicação e História – interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Globouniversidade e Mauad X, 2008. p.14.

⁷⁹ VIANNA, Alexander Martins. *Cinema e História: Entre Pesquisa e Ensino*. Revista Digital Art, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2004.

nazistas que aguardam julgamentos, novas evidências dos descobridores do Brasil, a verdadeira identidade de Cristovam Colombo, entre outros.

denuncie | faça conosco | newsletter

O Boticário
Acredite na beleza

30/Sep

últimas edições

set 2009

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

programa na TV

Primeira Página

Últimas Edições

Quadros

Menina Fantástica

Veja tudo sobre
Michael Jackson

/ quadros do fantástico / É muita História

O escritor Eduardo Bueno e Pedro Bial revelam com muito bom humor, e verdade, os bastidores dos principais fatos ocorridos no Brasil.

A pré-história do Brasil

Foi um dinamarquês que descobriu o Brasil! Isso mesmo: o nome dele era Peter Lund. Ele descobriu o Brasil pré-histórico, nas cavernas de Minas Gerais.

Uma fuga desabalada de um rei

Dom João VI foi o único rei do continente europeu a sobreviver a um tsunami chamado Napoleão Bonaparte. Como ele conseguiu? Fugindo para o Brasil.

as mais lidas

- 1 "Menina": resultado revela miscigenação em Brasília
- 2 Conheça o apartamento onde morreu Isabela Nardoni
- 3 Edgar Müller faz arte em 3D nas ruas da Alemanha
- 4 Ronaldo enfrenta investigação de paternidade
- 5 Conheça o treinamento dos atiradores de elite da polícia

VOCÊ MANDA

ENPLACOU!

Internautas sugerem reportagens para o site do Fantástico

» Mande sua sugestão

IMAG.10

IMAG. 10. No site do “Fantástico”, os quadros da série “É muita História” que foram exibidos na TV podem ser vistos na íntegra. Na imagem acima, Eduardo Bueno aparece fantasiado.

Entre os jornalistas, chega a existir um sentimento de que se escreve a história enquanto ela acontece. Em entrevista recente, Geneton Moraes Neto, editor-chefe do programa Fantástico, comentou sobre suas experiências como repórter na cobertura do fim da União Soviética, no início da década de noventa. Neto disse: "Eu acredito que era fascinante para um repórter cobrir como acabou essa utopia. A União Soviética se desintegrou e a Rússia foi para as urnas. Eu tive ali uma chance rara de ver a História acontecer⁸⁰". Sentimento parecido teve o repórter Silvio Boccanera em passagem feita para o Jornal Nacional, da Rede Globo, na ocasião da queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. Na ocasião, Boccanera falou de cima do muro de Berlim, ao lado de centenas de pessoas: "Poucas vezes é possível testemunhar um acontecimento e ter certeza que a história com H maiúsculo está sendo escrita diante de seus próprios olhos.

⁸⁰A transcrição desta entrevista pode ser lida em: <http://videochat.globo.com/GVC/arquivo/0,,GO5820-3362,00.html> (2004). Acesso em 30 de set 2009.

Este é certamente um desses momentos. Em ritmo de batucada, de alegria, na beira do muro de Berlim, as pessoas estão aqui comemorando a queda do Muro de Berlim⁸¹”

Na primeira década do século XXI, contudo, ainda são freqüentes os episódios de tensões entre historiadores e jornalistas. De um lado, há os historiadores que acusam os jornalistas de trivializarem a história, tornando-a parte de sua programação espetacularizada:

É lamentável o desserviço prestado pelo novo quadro do Fantástico “estrelado” por Eduardo Bueno em relação à História do Brasil. Com a participação de Pedro Bial, o primeiro episódio, ao apelar para o anedótico e para o pitoresco, em nada contribui para o estudo e o ensino da História. Em se tratando de um episódio decisivo da história brasileira, optou por uma versão, que a rigor, além de superficial, pela maneira apresentada, desperdiça uma oportunidade preciosa de realizar um verdadeiro debate, com uma discussão séria e responsável sobre aquele evento. De fato a história é feita de versões, mas todo historiador sério tem no seu horizonte a verdade, Bial, jornalista deveria saber disto, pois no jornalismo, como na história há um compromisso, um imperativo categórico que envolve pesquisa, reflexão e exposição de um relato marcados pela responsabilidade. Nem vem ao caso analisar como, de maneira caricata, em Um quinto dos infernos, o mesmo contexto histórico havia sido retratado, afinal, a minissérie era obra de ficção. Mas, no quadro em questão, a maneira superficial e estereotipada serviram de mote para embasar uma suposta nova versão, que no fundo nem é tão nova assim e cujo resultado é lamentável para a história e para o bom jornalismo. Seria essa a melhor maneira de apresentar aos brasileiros, sobretudo aos mais jovens estudantes, o episódio da independência? Bueno, como historiador deveria sofrer várias admoestações: anacronismo, superficialidade, opção pelo anedótico e pitoresco, equívocos de contextualização, uso inadequado de conceitos, para citar apenas alguns. O longo tempo dedicado ao quadro poderia ser melhor utilizado para discutir as memórias construídas sobre o episódio citado e para apontar que existem diferentes versões (já que Bueno optou pela memória republicana sobre a independência, a rigor, ao texto de Tarquínio de Souza) sobre o fato⁸².

Do outro lado, por sua vez, estão jornalistas que acusam os historiadores de serem elitistas, de escreverem de forma obscura e apenas para os seus pares, deixando de lado milhões de leitores. Em entrevista recente, o jornalista Laurentino Gomes, famoso no Brasil e em Portugal, pelo sucesso de seu livro "1808", responde a uma pergunta sobre a relação tensa entre historiadores e jornalistas:

⁸¹ Esta passagem pode ser vista no youtube, no seguinte endereço: [youtube.com/watch?v=hNh_4SoTYhs](https://www.youtube.com/watch?v=hNh_4SoTYhs). Acesso em 30 de set 2009.

⁸² BENTIVOGLIO, Julio. A Independência Retratada Por Eduardo Bueno No Fantástico. In: <http://www.soprando.net/> (Blog) 13 de setembro de 2007. Acesso em 23 de out de 2009.

Repórteres e editores escrevem a história a sangue quente, relatando fatos no instante em que eles acontecem e entrevistando, ao vivo, personagens que no futuro serão objetos de estudo dos historiadores acadêmicos. Mas acho que os jornalistas podem dar uma contribuição importante no estudo e no ensino de História porque dominam uma linguagem mais acessível ao leitor comum. Infelizmente, boa parte dos livros de história são repletos de jargões acadêmicos e escritos numa linguagem que os estudantes e leitores mais leigos simplesmente não entendem. É uma pena. Num país como o Brasil, com índice de escolaridade muito aquém do desejável e um alto número de analfabetos funcionais, nós – escritores, professores, jornalistas, historiadores e outros intelectuais – temos obrigação de sermos acessíveis na linguagem. Felizmente, agora estão surgindo obras com linguagem mais acessível a leitores comuns⁸³.

2.4. Regimes de Historicidade

A guinada subjetiva do jornalismo em direção ao passado poderia sugerir uma sociedade em vias de anacronismo. No entanto, o fenômeno da memória tem mais a ver com o presente do que propriamente com o passado. A começar pela própria condição de existência da memória: não lembramos em nenhum outro tempo a não ser no presente. Ele é o tempo próprio da recordação (e também do esquecimento). Por isso, a historiadora argentina Beatriz Sarlo tem razão ao afirmar que “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente⁸⁴”.

Mas se a questão do tempo pode ser a pista para melhor entender a hiperinflação de memória nas sociedades ocidentais, não se trata de uma pista fácil. Desde a antiguidade, o homem elaborou esquemas, estratégias, invenções e linguagens que lhe possibilitaram resolver o problema da determinação do tempo. Criou mecanismos que lhe permitiram planejar sua vida e suas ações, desenvolveu dispositivos temporais até mesmo para determinar a natureza e o seu lugar nela. É o caso dos calendários e dos relógios, que mudaram radicalmente a percepção que os homens tinham do mundo. Com a chegada da modernidade, o tempo passou por uma enorme revolução. À medida que a industrialização, a urbanização e a mecanização da vida como um todo se tornou

⁸³Esta entrevista pode ser lida no seguinte endereço: http://www.t-bone.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=203&Itemid=1 bone.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=203&Itemid=1. Acesso em 20 de out. 2009.

⁸⁴ SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. Belo Horizonte: Companhia das Letras e Editora UFMG, 2005, p. 9.

mais complexa, mais os dispositivos artificiais de coerção do tempo se tornaram necessários e presentes no dia-a-dia. Hoje, os símbolos socialmente produzidos em torno do tempo são tão incorporados ao cotidiano, que quase nos esquecemos de sua artificialidade. “Quando não me perguntam sobre o tempo, sei o que ele é. Quando me perguntam, não sei”, diz um ancião cheio de sabedoria citado por Norbert Elias em seu tratado sobre o assunto⁸⁵.

Entender o tempo como uma regulação antes de tudo social, e não somente física, é o mesmo que reconhecer que o tempo impõe uma autodisciplina ao indivíduo. Desta forma, qual é a autodisciplina que nos espreita hoje? No que a nossa relação com o tempo, hoje, difere da relação que nossos antepassados tiveram com o tempo? Como a nossa sociedade vivencia a relação entre presente, passado e futuro?

Ao se deparar com a reflexão sobre os tempos do mundo ocidental, François Hartog sugere o uso do conceito de *regime de historicidade* como instrumento de comparação. Segundo o historiador francês, regime de historicidade diz respeito aos diferentes modos de articulação das categorias do passado, do presente e do futuro⁸⁶. São identificados dois grandes regimes: o *antigo regime* e o *regime moderno*, além de um terceiro, ainda não muito bem acabado, mas o qual Hartog caracteriza como um produto da globalização e do qual logo vamos nos aprofundar.

O **antigo regime** de historicidade possui uma longa duração, estendendo-se da antiguidade ao entardecer do século XVIII. Nele, a ênfase está no passado, mas em um passado que nunca é verdadeiramente ultrapassado. Eventos antigos, como a Batalha de Alexandre, por exemplo, são modelos atemporais e que não esmorecem na imaginação dos contemporâneos: são assimilados como uma força que atua no presente, misturando-se com o próprio viver de cada um. Esse regime de historicidade corresponde ao modelo da *historia magistra vitae* [história mestra da vida]⁸⁷. Em outras palavras, a história é uma escola, uma fonte inesgotável de experiências alheias e das quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico claro: usar os exemplos do passado para repetir sucessos e evitar erros. Cícero, o primeiro a empregar o uso da expressão *historia magistra vitae*, no contexto dos modelos helenísticos nos quais os oradores emprestam um sentido de imortalidade à história, é um dos mais entusiasmados pela

⁸⁵ ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.7.

⁸⁶ HARTOG, *op.cit*, p.16.

⁸⁷ *Idem, ibidem*.

ilustração da história. Para ele, é por meio das *leis sagradas da história* que os homens conhecem o seu presente e são capazes de iluminar o futuro. *Plena exemplorum est historia* [a história é cheia de exemplos] ⁸⁸.

Para o historiador alemão Reinhart Koselleck, esta noção de história é muito diferente daquela que temos hoje. Quando falamos em *Historia Magistra Vitae* não existe elaboração científica ou regras de métodos consagrados. Na língua alemã, essa diferença estava clara logo na semântica. História era concebida no plural [*Historie*], para designar as diversas narrativas do passado. A *Historie* referia-se ao próprio acontecimento e não ao conjunto de eventos passados⁸⁹. A fim de ilustrar a autoridade que o passado [a *Historie*] exercia sobre o presente, Koselleck retoma um episódio ocorrido no ano de 1811, narrado por Friedrich Von Raumer, quando este era secretário de Karl Hardenberg, Chanceler de Estado entre 1810 e 1822, no estado prussiano:

Durante uma reunião em Charlottenburg. Oelssen [chefe de departamento no Ministério das Finanças] defendia vivamente a impressão de grande quantidade de papel-moeda para pagar dívidas. Uma vez esgotados os argumentos contrários, eu (conhecendo meu homem) disse com demasiada ousadia: “Mas senhor Conselheiro Privado, o senhor certamente se lembra que já Tucídides falava mal que sucedeu quando, em Atenas, decidiu-se imprimir papel-moeda em grande quantidade.” “Essa é uma experiência de grande importância”, ele retrucou em tom conciliar, deixando-se assim convencer, para manter a aparência de erudição⁹⁰.

O que Koselleck deseja mostrar com essa passagem é o efeito que a história enquanto mestra da vida tinha na maneira de agir daqueles homens, mesmo que, como no caso acima transcrito, essa experiência do passado não passasse de uma mentira espirituosa de nosso personagem. Raumer sabia muito bem que não havia nem sombra de papel moeda na economia grega, mas usou deste truque retórico porque sabia que era forte o suficiente para fazer com que o Conselheiro Privado revisse a sua posição diante da crise econômica. Como explica Koselleck, “o conselheiro apega-se a essa fórmula, e não a um argumento objetivo⁹¹”.

⁸⁸ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contratempo e Editora PUC-RJ, 2006. pp.43-44.

⁸⁹ *Idem, ibidem*.

⁹⁰ *Idem*, p.41.

⁹¹ *Idem, ibidem*.

A partir do final do século XVIII, o modelo da *historia magistra vitae* que caracterizou todo o antigo regime de historicidade enfrenta um momento de crise e de conseqüente substituição por aquilo que Hartog nomeia de **regime moderno** de historicidade⁹². Conforme explica o historiador, a passagem de um regime a outro está relacionada a um processo de temporalização da história, sendo a Revolução Francesa o marco simbólico desta passagem.

O motivo da datação é simples: os eventos dramáticos que tiveram lugar na França do final dos setecentos não encontravam nenhuma sabedoria do passado que pudesse ajudar em sua inteligibilidade. A singularidade da Revolução Francesa ultrapassava tanto a experiência dos antigos, que era impossível resgatar qualquer modelo explicativo. Essa censura da experiência foi expressa por Tocqueville, alguns anos depois, quando refletindo sobre os acontecimentos pós-revolução: “eu percorro os séculos até a mais remota Antiguidade; não percebo nada que pareça ao que há sob meus olhos. Se o passado não ilumina o futuro, o espírito marcha nas trevas⁹³”.

Para Koselleck, a irrupção do regime moderno de historicidade também deve ser visto a partir da relação entre linguagem e mundo⁹⁴. Os eventos históricos da Revolução Francesa coincidem mais ou menos com uma mudança conceitual e semântica da palavra *história*. Se antes, a língua alemã entendia por história um conjunto de acontecimentos que persistiam no presente, significando a reatualização constante da tradição [*Historie*], a partir do século XIX toma força uma nova significação da história. O termo passa a ser sistematicamente designado como *Geschichte*⁹⁵. A história é, nessa concepção, um modo confluyente de ver o passado, um devir de eventos unificados que constituem a marcha da humanidade, ao mesmo tempo em que representa também o seu relato. A história é um movimento que se situa no tempo, que estabelece uma hierarquia rígida entre passado, presente e futuro. É uma onda, um ator, uma força que conduz os homens e não mais uma experiência da qual estes se apropriam para construir seus caminhos. A história confunde-se, enfim, com idéias como progresso, evolução, superação do passado. É como se estabelecesse uma linha divisória entre os antigos e os modernos, com uma forte tendência a favorecer as experiências inéditas destes últimos. É essa sensação de se viver um processo inexorável do tempo que torna possível frases

⁹² HARTOG, *op.cit.*, p.16.

⁹³ KOSELLECK, *op.cit.* p.47.

⁹⁴ *Idem*, p.48-50.

⁹⁵ *Idem*, p.48-54.

como a de Fidel Castro em sua autodefesa perante o Tribunal de Urgência de Santiago de Cuba, no anos de 1953 (“Condenei-me, não importa, a história me absolverá”) ou de Getúlio Vargas, em sua carta testamento, datada de 1954 (“Saio da vida para entrar na história”). São frases que outros personagens históricos, como Felipe II, rei da Espanha no século XVI, ou o próprio Cícero, na antiguidade, nunca poderiam dizer.

No regime moderno de historicidade é o futuro que lança a luz no presente e não mais o passado. Essa nova concepção torna válida e compreensível a realização da Revolução Francesa ao mesmo tempo em que esta legitima o novo sentido da palavra história [*Geschichte*].

O regime moderno de historicidade conquista os imaginários do século XIX e também do século XX, sendo a essência teleológica de seu pensamento o elemento basilar dos modos esquemáticos de compreensão do mundo. Tanto para o liberalismo quanto para o comunismo, quem explicava e animava as lutas no presente eram os projetos de futuro que cada ideologia sustentava e não nenhuma profecia vinda do passado. “O tempo é percebido como aceleração, o exemplar deu lugar ao único. O acontecimento é aquilo que não se repete. Entramos, assim, no regime *futurista*.⁹⁶”

“Mas, apenas um século depois” – pondera François Hartog – “essas filosofias da história se desagregaram ao se chocarem com o desmentido trazido pela história real⁹⁷”. Primeiro foram as terríveis experiências que tiveram vez nas trincheiras e frentes de batalha da Primeira Guerra Mundial. Tão terríveis, que Walter Benjamin chegou a dizer que a arte de narrar estaria em vias de extinção. “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiências comunicáveis⁹⁸”. Entretanto, não só a arte de narrar sobreviveu, como também o próprio regime moderno de historicidade, apesar dos fortes questionamentos. Ele foi novamente testado ao fim da Segunda Guerra Mundial, especialmente com a realidade dos campos de concentração. Atravessou a Guerra-Fria, momento que atingiu, pelo menos do ponto de vista prático-político, o seu auge, para, em seguida, conhecer nos últimos anos do século XX o principal golpe contra sua existência. Hartog destaca a importância simbólica que a queda do Muro de Berlim, no ano de 1989, teve para o descrédito deste regime, ao representar o fim das grandes

⁹⁶ HARTOG, op.cit., p.16.

⁹⁷ *Idem*, p.17.

⁹⁸ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Rio de Janeiro: Editora brasiliense, 1986. p.198.

promessas teleológicas⁹⁹. De acordo com Hartog, não tendo mais o futuro no horizonte, o ocidente passou a reorganizar suas experiências a partir de um presente cada vez mais imediato.

As experiências políticas que marcaram o início de um novo regime de historicidade, extremamente presentista, ocorrem no mesmo momento histórico em que se desenvolvem profunda e rapidamente os meios de transporte e, sobretudo, os meios de comunicação de massas: a popularização dos computadores pessoais, a emergência da internet, da telefonia móvel, o sucesso das redes sociais online e a velocidade cada vez maior na circulação e partilha da informação, que modificou não só a aparência das cidades, mas também os processos técnicos de produção e a maneira como os seres humanos se relacionam uns com os outros. “Somos a primeira civilização mundial¹⁰⁰”, alerta Hartog.

Enfim, autoridade e presente, sob a forma de uma interrogação. À autoridade do passado ou do futuro, viria substituir-se aquela do presente? Esse presente, da globalização, reconhece-se, entre outros, no “tempo real”, a potência da emoção do direto ou a tirania do imediato. Em suma, um presente presentista, sobre o qual a noção de regime de historicidade poderia lançar alguma luz¹⁰¹.

Neste momento, é preciso sublinhar uma contradição aparente: quando falamos de um regime presentista de historicidade, que privilegia o “aqui-e-agora”, que valoriza e até mesmo estimula o consumo imediato das coisas, estamos falando do mesmo tempo no qual se observa o fenômeno social, cultural e político da memória. Estamos falando ainda da mesma sociedade que produz e consome uma variedade de discursos sobre o holocausto. Esta contradição parece ser típica do discurso jornalístico, que ao apresentar o passado com a mesma urgência do presente, acaba por inseri-lo na mesma lógica de velocidade, imediatismo e consumo do noticiário comum. Desta forma, o encontro desses dois tempos produziu suas próprias tensões. É o caso da efemeridade das memórias ou da suscetibilidade ao esquecimento, fenômenos que podem ser encontrados nas atuais sociedades midiáticas.

⁹⁹ HARTOG, *op.cit.*, p.21-24.

¹⁰⁰ *Idem*, p.20

¹⁰¹ *Idem*, p.24.

2.5. Historicização e Presentificação

É preciso discernir os diferentes usos do passado nos discursos jornalísticos. Neste trabalho, vou operar com duas categorias anteriormente já exploradas em pesquisas anteriores¹⁰²: *historicização* e *presentificação*.

A **primeira categoria** refere-se ao investimento feito por jornais, revistas e agências de notícias, online ou não, em reportagens, notícias ou artigos, para inscrever fatos do presente na temporalidade do passado. A historicização é um fenômeno antes de tudo semântico de valoração dos acontecimentos. Consiste em qualificar como “históricos” diversos tipos de eventos do cotidiano: o contrato milionário de um jogador de futebol, a assinatura de um acordo político ou até mesmo eventos ligados ao mundo natural, como uma temporada de tornados ou de altas temperaturas. Esses eventos também são encaixados em subdivisões da adjetivação histórica: “entrou para a história”, “faz história”, “ficou para a história”, “maior da história”, “menor da história”, “dentro da história”.

A historicização do presente pode ser observada praticamente todos os dias na imprensa. Abaixo, segue uma seleção de manchetes retiradas do jornal O GLOBO, provenientes de diferentes editorias, entre setembro de 2005 a janeiro de 2006, durante realização de trabalho de pesquisa recente sobre a relação entre o discurso jornalístico e a sua referenciação ao passado¹⁰³.

IMAG.11

Real forte, exportação histórica

Vendas ao exterior até novembro ultrapassam US\$ 100 bi, apesar do câmbio desfavorável

IMAG.12

Japoneses e a Vale, parceria histórica

Ex-ministro, que conta 177 viagens ao Japão, inseriu empresa no exterior

IMAG.13

Fúria histórica de superfuracões, diz OMM

Especialista britânico critica governo americano por refutar elo entre mudanças climáticas e ação humana

¹⁰² Sobre estas categorias, consultar: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *A percepção do tempo através do jornalismo contemporâneo. A valorização do presente e a demanda de memória no jornal O Globo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Comunicação, 2006. (Monografia)

¹⁰³ CARVALHO, *op.cit.*

IMAG.14

Passo histórico rumo à UE
Turquia abre negociação para integrar bloco após resistência austríaca ser vencida

IMAG.15

O menor IGP-M da História
Índice de inflação que corrige tarifa de energia ficou em apenas 1,21% no ano

IMAG.16

Seis pontos para entrar na história
Fernando Alonso precisa de um terceiro lugar em Interlagos para ser o campeão da F-1

IMAG.17

Uma temporada teatral para ficar na História
No primeiro mês do ano, mais de um espetáculo inédito por dia foi estreado, entre 94 encenados até agora

Figs.11/12/13/14/15/16/17. Amostra de recortes do Jornal OGOBO, referentes ao período que vai de setembro de 2005 a janeiro de 2006. Na ordem, as datas: 15/11/2005; 11/12/2005; 24/09/2005; 04/10/2005; 30/12/2005; 25/09/2005; 29/01/2006.

O mesmo fenômeno se repete em jornais e agência de notícias de outros países. Abaixo, seguem manchetes de quatro jornais de diferentes nacionalidades sobre uma mesma notícia (um acordo político importante entre Turquia e Armênia, em outubro de 2009):

IMAG.18

Turkey, Armenia sign historic accord
Peace pact strikes chord in Ottawa
BY ROBERT SIBLEY, THE OTTAWA CITIZEN | OCTOBER 9, 2009

IMAG.19

BILATERALIDAD | La firma del tratado Turquía-Armenia, con retraso
Un acuerdo histórico con suspense

IMAG.20

Diplomatie internationale
L'accord historique entre la Turquie et l'Arménie finalement signé
Rédaction - 11/10/2009 | eitb.com |

IMAG.21

11-10-2009
TURCHIA-ARMENIA: SULLO STORICO ACCORDO LE OMBRE DEL PASSATO

IMAGENS18/19/20/21. Notícias, respectivamente, dos seguintes jornais online: Ottawa Citizen (Canadá - 09/10/2009); El Mundo (Espanha - 10/10/2009); Eltb.com (França - 10/09); Agenzia di Stampa Asca (Itália - 10/10/2009).

Quando deslocamos um objeto de seu meio original e o inserimos em outra ordem, estamos realizando uma suspensão do tempo e um deslocamento de sentidos. É exatamente isso o que um museu faz ao trazer objetos do passado para o presente. “Ele aprisiona o objeto em sua temporalidade e nos devolve a possibilidade de convivemos com um tempo que já não existe¹⁰⁴”. No caso do fenômeno da historicização aqui estudado, ocorre algo muito semelhante. O objeto (a notícia) é revestido com outra temporalidade (passado) que não a sua própria (presente). A comparação não é perfeita, mas é dela que se impõe outra pergunta bastante importante: a finalidade desta suspensão e aprisionamento temporal, tal como acontece no museu, também é possibilitar a convivência com um tempo que já não existe?

No âmbito deste trabalho, a resposta é sim. Os casos de historicização no discurso jornalístico podem ser entendidos como uma face da tendência preservacionista das sociedades ocidentais contemporâneas. As transformações políticas no final dos anos oitenta, bem como o avanço das novas mídias eletrônicas, responsáveis por um mundo de aceleração dos acontecimentos, de hiperinflação de fatos, informações e notícias teriam produzido uma necessidade igualmente forte de proteger aquilo que se encontra ameaçado pelo tempo. Como diz o bordão da rede brasileira de televisão e rádio Band News, “em vinte minutos, tudo pode mudar”.

(...) a história se acelera. Apenas temos o tempo de envelhecer um pouco e nosso passado já vira história, nossa história individual pertence à história. As pessoas de minha idade conheceram, na infância e na adolescência, a espécie de nostalgia silenciosa dos ex-combatentes de 14-18: ela parecia dizer-nos que eles haviam vivido a história (e que história!), e que nós nunca compreenderíamos realmente o que isso queria dizer. Hoje, os anos recentes, os 60, os 70, e logo mais os 80, retornam à história tão depressa quanto sobrevieram dela. Estamos com a história em nossos calcanhares.¹⁰⁵

As estratégias discursivas do jornalismo podem ser vistas ainda como relacionadas a uma tendência preservacionista que extrapola o universo da imprensa. O historiador Manoel Luís Salgado Guimarães sublinha que dados recentes da UNESCO,

¹⁰⁴ DOSCTORS, Márcio. Apresentação. In: DOCTORS, Márcio (Org.) *Tempo dos Tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p.8.

¹⁰⁵ AUGÉ, Marc. *Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2005. p.29.

para o ano de 2007, “indicam um claro esforço no sentido de assegurar um número cada vez mais significativo de bens tombados e inscritos como Patrimônio da Humanidade¹⁰⁶”. Segundo levantamento de Guimarães, dos atuais 185 Estados signatários da Convenção do Patrimônio Cultural, 141 deles possuem 878 bens tombados (entre bens naturais, culturais e mistos), considerados de valor excepcionais. Dois anos antes, em julho de 2005, durante a 29ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial em Durban, na África do Sul, eram 812 os bens preservados em 137 países. Para o historiador, esse crescimento em apenas dois anos, reflete uma percepção global de aceleração do tempo e uma necessidade de criar formas de proteger os bens considerados importantes para humanidade do desaparecimento. “Os investimentos patrimoniais forneceriam assim o contraponto a esse movimento devastador próprio à temporalidade contemporânea, garantindo uma segurança para as sociedades atemorizadas pela velocidade das transformações que colocariam em risco o sentido de continuidade e estabilidade¹⁰⁷”.

Face dessa mesma tendência, a historicização, ao transpor as notícias do presente para o passado (tomado como sinônimo de história no discurso jornalístico), chama a atenção por dois motivos. Primeiro, porque tal como a onda de patrimonização, ela pode ser compreendida como uma tentativa de garantir, por meio da linguagem, articular a sobrevivência de seu objeto (presente), mesmo que para isso seja preciso inscrevê-lo no domínio semântico do passado. Fato que sugere, inclusive, que o passado tem sido visto pelos jornalistas, como o lugar da preservação, do imaculado, do protegido do esquecimento. Em segundo lugar, a historicização, no papel de dizer o que é e o que não é histórico, o que deve e o que não deve ser lembrado, reforça a condição de produtor de memória do jornalista, quase como interlocutor com os historiadores do futuro.

Já a **segunda categoria** a qual vou me referir neste trabalho, dou o nome de *presentificação*. Ela funciona no sentido inverso ao da historicização, pois circunscreve os acontecimentos do passado no presente. São as retrospectivas, as comemorações, os balanços históricos e os textos que apontam semelhanças entre passado e presente.

O fenômeno da presentificação talvez seja a materialização mais próxima da tendência jornalística, iniciada nos anos sessenta, e cujo objetivo era dar mais consistência ao relato do jornal. Com a presentificação, o jornalista opta por utilizar o

¹⁰⁶ GUIMARÃES, *op.cit.*, p.23.

¹⁰⁷ *Idem*, p.26.

passado como um recurso para dar profundidade e elaboração a seu texto. E, com isso, estabelece vínculos, recupera causalidades e produz zonas de aproximação entre passado e presente.

Nos últimos vinte anos, a presentificação tem sido cada vez mais utilizada como recurso jornalístico na produção de conteúdo. A revista *Veja* é um grande exemplo. Em maio de 1985, na ocasião dos quarenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, a revista dedicou três páginas ao assunto. (Antes disso, a revista, lançada em 1968, não tinha produzido nada especial na comemoração dos trinta anos do fim da guerra). Em maio de 1995, o número de páginas aumentou para oito e, em 2005, na ocasião dos sessenta anos, *Veja* destinou quinze páginas às comemorações. Na mais recente dessas reportagens especiais, o texto foca nas relações de causalidade:

O legado da II Guerra também é humanitário. Criou a consciência de que os países ricos têm obrigações para com os pobres. Os horrores do genocídio dos judeus promovido pelos nazistas tiraram qualquer legitimidade das teses e políticas racistas. A II Guerra Mundial, apesar das incertezas e selvagerias inerentes à condição humana, propiciou o parto de um mundo melhor¹⁰⁸.

Uma das principais características do gênero narrativo é a sua capacidade de imprimir novos sentidos ao acontecimento narrado e, assim, de também atualizá-lo. Com o fenômeno da presentificação ocorre o mesmo, mas com a diferença que esse processo, no discurso jornalístico, se dá quase sempre de maneira consciente e levando em consideração uma dimensão utilitarista. Trazer o passado para o universo da notícia pode ter diversas finalidades: pode servir como um exemplo moral para o presente (de repúdio ou adesão), pode funcionar como elemento comparativo (algo melhor ou pior, menor ou maior, mais ou menos grave), forjar um reincidência ou constituir um objeto de crítica do enunciador. Em toda situação, porém, o passado é utilizado como um argumento para uma determinada tese.

O uso da presentificação é muito comum nos jornais brasileiros. No caso da Segunda Guerra Mundial e do holocausto, temas em evidência nas notícias da *Folha* que em breve vamos analisar, há diversos usos dessa memória como instrumento de

¹⁰⁸ VEJA (Revista). *O Legado da II Guerra*. São Paulo: Editora Abril, edição de 4 de maio de 2005, p.133.

comparação com o que ocorre no presente, em especial com comparações entre o holocausto e outros casos de genocídio. Vejamos abaixo uma notícia que ilustra esta comparação, publicada na Folha Online no dia 27 de janeiro de 2005, data exata da comemoração dos sessenta anos da libertação do campo de Auschwitz, na Polônia.

Governo divulga nota pelos 60 anos de libertação de Auschwitz

27/01/2005 - 19h15

O Ministério das Relações Exteriores divulgou nesta quinta-feira nota em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressa os sentimentos do povo brasileiro e 'deplora a barbárie que vitimou milhões de judeus' durante a Segunda Guerra Mundial. A nota é uma espécie de homenagem aos 60 anos da libertação dos judeus que viviam no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia.

De acordo com a mensagem, o presidente 'associa-se às manifestações internacionais de solidariedade às vítimas do Holocausto e reitera a rejeição pelo Brasil da intolerância sob todas as formas. Ao manter viva a memória dos sacrificados e da tragédia que se abateu sobre a humanidade, o governo brasileiro continuará a envidar esforços para que atos semelhantes jamais se repitam'.

A nota lembra a participação brasileira na luta contra o totalitarismo na Europa e o apoio ativo do país à construção da ONU (Organização das Nações Unidas). 'Hoje, cabe reforçar a ONU para garantir que seus princípios e objetivos sejam alcançados, de modo a prevenir a ocorrência de conflitos armados, assegurar a prevalência da solução pacífica de controvérsias e fomentar o desenvolvimento econômico com justiça social', afirma a nota.

Ainda segundo a nota, Holocausto fez com que a humanidade examinasse seus valores e reconhecesse a importância da defesa dos direitos humanos no cenário internacional e no plano doméstico. A mensagem brasileira conclui que 'o contínuo aprimoramento dos instrumentos de proteção dos direitos humanos é fundamental para assegurar o fim das tiranias, da intolerância, do racismo, da xenofobia e de todas as formas de discriminação contra seres humanos'.

Na notícia acima, transcrita na íntegra, o texto gira em torno da relação entre o holocausto e a “intolerância sob todas as formas”, evocando os direitos humanos como um produto direto do genocídio judeu. Nesse exemplo, a memória é tomada como um lembrete, como uma referência moral para a fiscalização da xenofobia, da violência e discriminação contra os povos humanos. Em certo momento, a recordação é a chave para o impedimento de novas ondas de ódio: “Ao manter viva a memória dos sacrificados e da tragédia que se abateu sobre a humanidade, o governo brasileiro continuará a envidar esforços para que atos semelhantes jamais se repitam”. (Essa função pedagógica será melhor examinada no próximo capítulo) No trecho, também é importante ressaltar o entrelaçamento entre o contexto no qual a memória do holocausto é retomada: a nota brasileira destaca a importância do Brasil na construção da Organização das Nações Unidas no momento histórico que o país começa a pleitear uma vaga de membro permanente no Conselho de Segurança da ONU.

A presentificação também está presente em outros jornais, em outras mídias e relacionada a outros eventos. Vejamos outro exemplo de uso do passado pelo discurso jornalístico. No dia 23 de setembro de 2006, na Hungria, a oposição aproveitou as comemorações dos cinquenta anos da “Levante Húngaro” (1956) e saiu às ruas para protestar contra o governo do país. O jornal O GLOBO do dia seguinte abordou o acontecimento como se os protestos fossem uma reedição do fato histórico comemorado, a começar pelo sugestivo título da matéria: “Hungria reprisa rebelião”. O título, além de classificar os protestos como “rebeliões”, invocando a natureza dos acontecimentos de 1956, ainda afirma ter se tratado realmente de uma “reprise”, ou seja, de uma reedição do outro acontecimento, tornando possível, inclusive, um paralelo entre o atual governo e a ocupação soviética do tempo da guerra fria. Além disso, a matéria do jornal carioca, para reforçar a sua tese de “reprise”, utilizou um Box histórico-didático intitulado “A revolta de 1956” e também uma foto bastante emblemática. Ela mostrava manifestantes em cima de um carro, que evocava a imagem de outra foto, que se tornou símbolo dos acontecimentos de 1956, de manifestantes em cima de um tanque.

Em comum com a estratégia discursiva de historicização, a presentificação tem o fato de também ser uma maneira de preservação do tempo, já que ao inserir o passado na trama do presente, ela preza por sua atualidade. Esse uso, não obstante, não é fortuito. Como dissemos, a presença do passado no discurso da imprensa é quase

sempre uma estratégia muito bem pensada. Segundo a historiadora da mídia, Ana Paula Goulart Ribeiro, esse papel formalizador da memória, sobretudo a oficial, não passa despercebido pelos produtores das notícias. “O lançamento pelo jornal OGLOBO do slogan publicitário “O jornal é a história de seu tempo” é um exemplo claro disso¹⁰⁹”. Para Goulart, se os fatos históricos sempre resultaram dos investimentos semiológicos realizados pela ciência histórica, nas sociedades contemporâneas isso mudou”. Hoje são os meios de comunicação, com suas operações lingüísticas, sobretudo nos discursos jornalísticos, que ocupam essa tarefa. “A História passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa, que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos. O que passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, como sem importância.¹¹⁰”.

O fenômeno da presentificação jornalística mostra também que ao contrário do que se pode imaginar, a experiência presentista da contemporaneidade não significa necessariamente uma negação da história ou de sua falência enquanto lugar de conhecimento, mas sim a sua nova determinação. Na presentificação, há exaltação de um “saber histórico” (vulgar e não acadêmico) que organiza o passado de forma que ele sirva a fornecer inteligibilidade do mundo no presente.

2.5.1. Presentificação, Holocausto e Folha Online

Devemos situar o discurso jornalístico da Folha Online sobre o holocausto dentro da categoria da presentificação. No próximo capítulo, vamos aprofundar nosso conhecimento desta categoria ao estudar o caso do holocausto. Ao mesmo tempo, vamos evidenciar os efeitos de sentido, as formações discursivas e os interdiscursos que a Folha vem produzindo a respeito desta memória, tendo sempre em mente que a representação do passado, na mídia, é em si outro acontecimento. É justamente esta representação que possibilita a inauguração de novas leituras de um mesmo passado. Pois como bem disse Andreas Huyssen, “o passado não está simplesmente ali na memória, mas tem de ser articulado para se transformar em memória. A fissura que se

¹⁰⁹RIBERIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In. HERSCHMANN, Michael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003. p.120.

¹¹⁰ *Idem*, p.115.

opera entre experienciar um acontecimento e lembrá-lo como representação é inevitável¹¹¹”.

¹¹¹ HUYSEN, 1997, p.120.

Capítulo 3:

O Holocausto na Folha Online

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balance, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.

“Grandes Sertões: Veredas”, Guimarães Rosa

Usando a imagem sugerida por Guimarães Rosa, a memória do holocausto foi uma memória que se remexeu bastante, que fez muito balance nas últimas décadas, entre horas de pessoas e miúdos recruzados. No primeiro capítulo dessa dissertação, vimos como de acontecimento silenciado nos primeiros anos do pós-guerra, o holocausto transformou-se hoje em uma das memórias mais acionadas pelos principais produtores de memória social que figuram no espaço público. Já neste terceiro e último capítulo, o estudo de caso da Folha Online vai nos ajudar a compreender *como* esta memória é acionada, hoje, na imprensa, aprofundando o conhecimento acerca da estratégia discursiva que no segundo capítulo chamamos de presentificação.

O universo inicial do corpus de análise consiste em 139 textos publicados pela Folha em 2005, ano em que se comemoraram os sessenta anos do Fim da Segunda Guerra Mundial e do fim dos campos e concentração. São notícias, reportagens, artigos ou entrevistas que direta ou indiretamente estão associados a um contexto comemorativo e que devem ser analisadas dentro das possibilidades oferecidas pelo ambiente online em que foram produzidas. Para tanto, vamos proceder a investigação segundo os conceitos e pressupostos teóricos pertencentes à tradição francesa da análise de discurso. Devido ao grande tamanho do universo de textos, a análise será realizada em dois momentos. Em um primeiro momento, vamos fazer uma análise dos aspectos gerais do discurso da Folha: o sujeito enunciador, o contexto histórico de produção, os hipertextos do webjornalismo e as definições do holocausto. Por fim, no último momento da análise, vamos trabalhar com três grupos de enunciados, agrupados tematicamente: “outros holocaustos”, “lugares de memória” e “negacionismo”. Para cada grupo de enunciados, vamos identificar e discutir os principais efeitos discursivos e formações discursivas sobre o holocausto, bem como a funções atribuída a esta memória. No total, serão analisados mais de quarenta seqüências discursivas.

3.1. O Grupo Folha: da Folha da Noite à Folha Online

Podemos dizer que uma análise de discurso começa já no momento de delimitação do corpus de análise: a escolha do tema, a definição do período histórico e a natureza das fontes. Um determinado veículo de imprensa, por exemplo, não pode ser tomado como outro qualquer. Cada veículo possui especificidades e idiossincrasias que o qualificam diferentemente de outro. Por isso, antes de começarmos a falar sobre enunciados, discursos ou efeitos de sentidos, nosso itinerário neste capítulo começa com uma pequena introdução da história institucional do Grupo Folha, dentro do qual se insere, desde 1996, a Folha Online, nosso objeto de investigação daqui em diante.

3.1.1. Nasce o Grupo Folha

A história do Grupo Folha começa em 19 de fevereiro de 1921, quando dois ex-jornalistas do O Estado de S.Paulo, Olival Costa e Pedro Cunha, fundam o jornal Folha da Noite. O empreendimento era bastante discreto. Funcionava em uma pequena sala de um prédio na Rua São Bento, na cidade de São Paulo, e sua impressão era feita nas oficinas do O Estado de S.Paulo. Quatro anos depois, em 1925, A Folha da Noite cresce economicamente e passa a ter máquinas próprias, além de uma nova sede, na qual funcionam a redação e os escritórios do jornal. A mudança fez tão bem ao negócio, que em julho daquele ano é lançada a Folha da Manhã, edição matutina da Folha da Noite¹¹².

Entre a década de 1930 e 1960, o jornal experimenta um momento de consolidação empresarial ao mesmo tempo em que ocorrem grandes transformações políticas no país. Dentro da conjuntura econômica dos anos trinta, a Folha da Manhã e a Folha da Noite são vendidas para Octaviano Alves Lima, cafeeiro paulista com fortes interesses na valorização e defesa da lavoura. Nas mãos de Lima, a tiragem diária dos dois jornais sobe de 15 mil para 80 mil exemplares. Quinze anos depois, em 1945, quando chega ao fim o regime autoritário de Getúlio Vargas, o momento também é de renovação editorial nas redações das Folhas. Sob o controle acionário de José Nabantino Ramos, os dois jornais adotam um modelo americano de jornalismo: textos objetivos, imparciais e concisos.

¹¹² Naquela época, era comum os jornais dividirem-se entre vespertinos e matutinos, o que durou, na imprensa brasileira, até a década de sessenta.

No final da década de 1940, o Grupo cresce ainda mais. Primeiro com a compra da Rádio Excelsior S.A, considerado um marco em sua expansão. Em seguida, com o lançamento, em 1949, de mais um jornal: A Folha da Tarde. No início da década de 1950, todos esses veículos passariam a funcionar no prédio da Alameda Barão de Limeira, reunindo, em único lugar, administração, redação, publicidade e oficinas de composição e impressão.

Em 1º de janeiro de 1960, um divisor de águas: os três títulos da empresa se fundem e surge a Folha de S.Paulo. (A razão social da empresa, porém, continua sendo até hoje "Folha da Manhã S/A"). O próprio Nabantino, na primeira edição da Folha de S.Paulo, explica o motivo da unificação dos jornais em um único título:

Os três nomes tiveram justificativa enquanto designavam órgãos de estrutura diferente. Mas o tempo encarregou-se de mostrar que jornais editados todo dia por uma mesma empresa teriam de aproximar-se, naturalmente, de um padrão comum que, em nosso caso, se veio concretizado em um mesmo noticiário geral básico. (...) E assim continuarão sendo, respectivamente, primeira, segunda e terceira edição da Folha de S. Paulo¹¹³.

A idéia de Nabantino, entretanto, não parece ter vingado como ele esperava. Conforme conta Hélio Freitas, em sua dissertação sobre o Grupo Folha:

Alguns meses mais tarde, Nabantino voltou atrás e modificou novamente a estrutura dos jornais. Em vez de três edições diárias, haveriam duas edições, uma matutina e outra vespertina. As seqüências de mudanças nas edições dos jornais reflete o desequilíbrio financeiro das empresas. Enquanto no início da gestão de Nabantino as empresas davam sinais de crescimento rápido, nos últimos anos os campos de atuação estão resumidos a um jornal e uma gráfica, que apresentam gradativas quedas nas receitas. A situação persiste até a compra das Folhas por Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, em 13 de agosto deste 1962¹¹⁴.

Com Frias à frente da empresa, o Grupo Folha começa a ganhar destaque na vida política e econômica do país. Ao longo da década de 1960, a empresa cresce tanto no

¹¹³ RAMOS, José Nabantino. *Um só nome para os nossos jornais*. Folha de S. Paulo, 1º de janeiro de 1960.

¹¹⁴ FREITAS, Hélio. *Nem tudo é notícia: o Grupo Folha na Internet*. 1998. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Dissertação (mestrado).

plano financeiro, ao comprar outros jornais paulistas da época, quanto no plano industrial, ao realizar transformações tecnológicas em seu parque gráfico que trinta anos mais tarde fariam da Folha o jornal de maior circulação no Brasil. Nessa década, tem lugar uma das questões mais controversas na história da Folha: o seu apoio inicial ao regime militar inaugurado em abril de 1964. Em alguns momentos, o jornal chegou a ter carros queimados por organizações brasileiras de esquerda, que acusavam a empresa de usar seus veículos como transporte de presos políticos do regime golpista. Recentemente, na Folha de S.Paulo, a memória da ditadura militar voltou a ser tema de polêmicas. Em 17 fevereiro de 2009, o editorial do jornal, ao comentar a situação política da América Latina, classificou a ditadura militar brasileira como “ditabranda” em comparação a outras ditaduras militares do continente. A expressão provocou reações em toda a imprensa e intelectualidade, mobilizando uma série de protestos populares em frente à redação da Folha.

Se nas décadas de 1950 e 1960 o Grupo Folha foi apenas um mero coadjuvante no cenário de transformações da imprensa brasileira, implementadas por jornais cariocas, como o Jornal do Brasil e o Última Hora, na década de 1980, a Folha recupera o tempo perdido. A empresa investe pesado na informática, criando o Banco de Dados de São Paulo Ltda (que incorpora os arquivos de foto, texto e a biblioteca Folha), o Data Folha, (instituto de opinião pública e mercado) e montando a primeira redação informatizada da América do Sul. Ao mesmo tempo, no plano editorial, a Folha tenta mudar sua imagem política pública direcionando todas as suas forças para o apoio ao movimento popular das Diretas Já.

Na década de 1990, a Folha consolida-se como o jornal de maior circulação no Brasil. Hoje, o Grupo Folha é um conglomerado de empresas de mídia, incluindo jornais, editoras, gráficas e acesso à internet. Segundo os dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), o veículo mais importante do Grupo, a Folha de S.Paulo, possui (ano base 2008) uma tiragem de 311.287 exemplares, contra 303.087 do Super Notícia (Belo Horizonte) e 282.382 do Extra (Rio de Janeiro). No entanto, uma das maiores inovações do Grupo Folha nas últimas duas décadas foi a sua chegada ao mundo da internet, com o lançamento da Folha Online.

3.1.2. A Folha Online

Em meados da década de 1990, a migração bem sucedida de jornais ingleses para a web levou os principais veículos da imprensa brasileira a considerarem a mídia online como uma estratégia natural de crescimento. Na época, os números da internet no Brasil ainda eram extremamente tímidos se comparados com os índices mundiais. Dos 36 milhões de usuários de internet espalhados pelo mundo em 1996, apenas 200.000 eram brasileiros¹¹⁵. No entanto, nesse mesmo momento, a criação do Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI) e o início das operações do serviço da Embratel na rede projetavam com um crescimento rápido do setor. Foi o sinal verde para os meios de comunicação brasileiros investirem no online.

O primeiro veículo de imprensa a figurar na internet brasileira foi o Jornal do Brasil, em fevereiro de 1995, seguido, meses depois, pela revista Isto É. Já o Grupo Folha faz suas primeiras experiências na web em julho de 1995, quando uma equipe de profissionais da Agência Folha, em colaboração com a redação do jornal Folha de S.Paulo, colocou no ar notícias da edição impressa em um site denominado Folha Web.

No ano seguinte, em abril de 1996, a empresa de Octávio Frias anuncia o lançamento do portal de notícias Universo Online, substituto da Folha Web. É o primeiro serviço online de grande porte no país, permitindo a ligação com o Banco de Dados para pesquisa, por busca de palavras ou de textos integrais publicados pela Folha nos últimos três anos. Em setembro daquele ano, o Universo Online seria fundido com o Brasil Online, do Grupo Abril, na primeira associação que envolve dois dos mais importantes grupos de comunicação do país. Simultaneamente, em meio a estas transformações, nasce a Folha Online, que se auto-intitula o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa.

De acordo com a pesquisadora Luciana Mielniczuk, a história do webjornalismo pode ser dividida em três momentos. O primeiro é chamado de transpositivo. Os jornais na internet são transposições fiéis de suas versões impressas. O segundo momento, metáfora, representa uma fase de transição, na qual o modelo online ainda está muito atrelado ao impresso, mas já apresenta sinais de originalidade. Por último, o terceiro e atual momento, corresponde aos sites jornalísticos atuais, independentes da versão de

¹¹⁵ Os dados sobre usuários de internet no mundo podem ser encontrados sempre atualizados no endereço eletrônico <http://www.internetworldstats.com/stats2.htm>, ao passo que os dados sobre os usuários brasileiros da internet podem ser encontrados, igualmente, atualizados no site <http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo9.htm>. Acesso de ambos em 24 de out de 2009.

papel, possuem conteúdo, linguagem, ferramentas e equipes profissionais próprias para o ambiente de web¹¹⁶. Atualmente, a Folha Online, bem como boa parte dos jornais brasileiros na internet, encontram-se consolidados nesse terceiro momento.

O webjornal do Grupo Folha possui hoje uma equipe de reportagem própria, tendo por objetivo a criação, produção e desenvolvimento de conteúdo jornalístico online, além de serviços com destaques para áreas de interatividade. No plano visual e editorial, a Folha Online e a Folha de S.Paulo guardam semelhanças significativas. Ambas as redações usam o mesmo manual de redação (com algumas diferenças em termos de texto para web), cobrem pautas parecidas e possuem basicamente as mesmas editorias. A arquitetura da informação no online também segue o esquema vertical de notícias do jornal impresso: de cima para baixo, as notícias mais importantes do dia. Há ainda boxes coloridos, publicidade e “fios” invisíveis cuja função é separar as informações. Já no tocante às diferenças, podemos destacar a maior interatividade, hipertextualidade e multimídia da Folha Online em relação a sua versão em papel. Além disso, é preciso ponderar outros aspectos importantes do webjornal: instantaneidade de acesso, facilidade na reprodutibilidade do texto (dentro e fora da web), tamanho do público leitor¹¹⁷ (falantes de língua portuguesa) e velocidade na atualização de conteúdo.

Segundo Marcos Palácios, quando falamos de webjornalismo, não devemos nos esquecer ainda de outro elemento de destaque: a memória¹¹⁸. Por contar com um espaço virtual quase ilimitado, os jornais online podem arquivar suas edições anteriores, formando verdadeiros bancos de dados do veículo, acessíveis por anos para o leitor. Deste ponto de vista, o consumo dos jornais impressos é muito mais efêmero e em “tempo real” do que o consumo dos jornais online, cujo tempo de vida da notícia é

¹¹⁶ Cf. MIELNICZUK, Luciana. *Características e Implicações do Jornalismo na WEB*. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001. In: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf

¹¹⁷ De acordo com dados de 2008 do *World Internet Usage and Population*, quase um bilhão e meio de pessoas hoje possuem acesso à internet, o que corresponde a 21,9% da população global¹¹⁷. Desse número, 45 milhões são internautas brasileiros (23% da população), quase 10 milhões a mais do que em 2007. Segundo, porque, no âmbito da leitura de jornais online, uma pesquisa feita pela empresa de pesquisa *Nielson/Netrating* para a *Newspaper Association of America* (NAA), verificou que a audiência online de jornais está crescendo duas vezes mais do que a audiência geral da internet. Sobre esses dados, conferir: <http://jornalistasdawe.com.br/index.php?pag=displayConteudo&idConteudo=2137>. Acesso em 8 de Nov de 2008.

¹¹⁸ PALACIOS, Marcos. *Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate*. In: JORNADAS DE JORNALISMO ONLINE, 1., 2002, Covilhã. Anais.Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf.

maior para o leitor do dia a dia. No caso da *Folha Online*, esse banco de dados se estende de 2000 até a presente data.



IMAG.22



IMAG.23

IMAG. 22 e 23. Acima, à esquerda, a versão online da Folha no dia 14 de janeiro de 2009; à direita, a versão impressa do mesmo dia (várias capas em um mesmo dia)

3.2. O Discurso da Folha Online sobre o Holocausto: Aspectos Gerais

Ao longo de uma trajetória na web que já ultrapassa os treze anos, a Folha Online compartilha com os seus congêneres impressos o mesmo interesse por fatos do passado que vimos no capítulo anterior. Entre 2000 e 2009 (período do arquivo disponível da Folha Online), o jornal deu amplo destaque para diversos episódios de comemoração, aniversários, balanços históricos e outros casos típicos de presentificação jornalística.

Na tabela abaixo, segue o levantamento de todas as comemorações e aniversários considerados pela própria Folha Online como reportagens especiais. Essas reportagens estão atualmente disponíveis no site do jornal, separadas por ano. Alguns anos se destacam pelo número excessivo de efemérides, como é o caso de 2008, responsável por vinte episódios de comemoração.

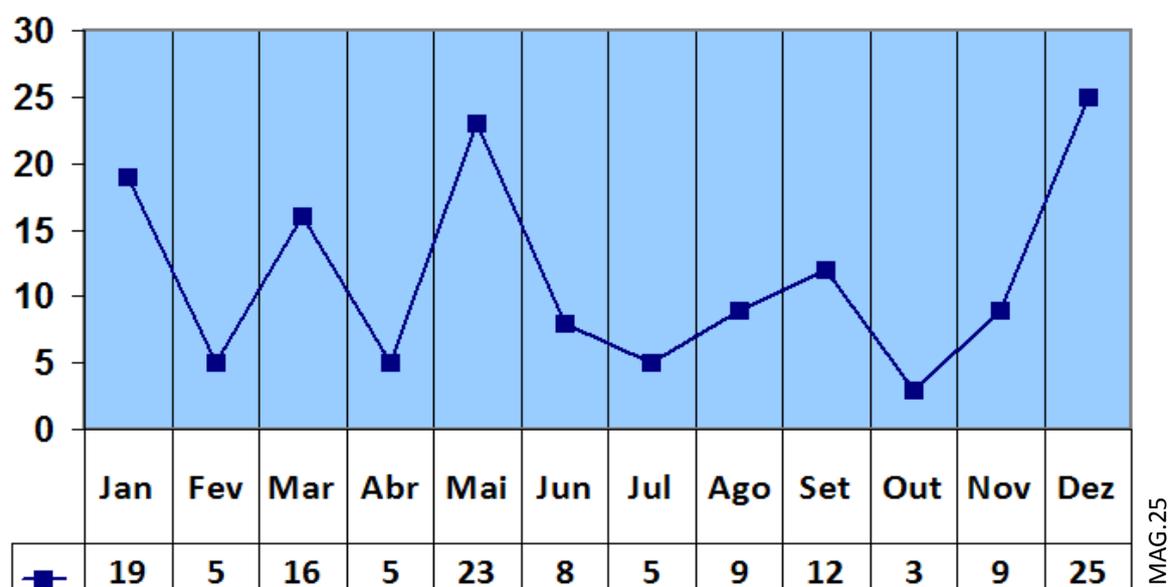
ANO	COMEMORAÇÃO	ENDEREÇO ELETRÔNICO
2000	100 anos da morte de Eça de Queiroz	http://tinyurl.com/ygnxkry
	10 anos do massacre do Carandiru	http://tinyurl.com/ygxqhfd
2001	30 anos da morte de Salvador Allende	http://tinyurl.com/yggj5s3
2002	80 anos da Semana de Arte Moderna de 1922	http://tinyurl.com/yf8h744
2003	50 anos da Petrobrás	http://tinyurl.com/yj8sulbu
2004	450 anos da cidade de São Paulo	http://tinyurl.com/yfakgvr
	10 anos da morte de Ayrton Senna	http://tinyurl.com/yh56tq4
2005	15 anos da reunificação alemã	http://tinyurl.com/yhxxfsr
	100 anos da teoria da relatividade de Einstein	http://tinyurl.com/yfws9t6
	10 anos da internet comercial no Brasil	http://tinyurl.com/yg2grh9
2006	20 anos do acidente de Tchernobil	http://tinyurl.com/yz5rja8
	250 anos do nascimento de Mozart	http://tinyurl.com/yfqjaf2
	115 anos da Avenida Paulista	http://tinyurl.com/yfr86kb
2007	40 anos da morte de Che Guevara	http://tinyurl.com/yfr86kb
	10 anos da morte da Princesa Diana	http://tinyurl.com/ykw9hds
2008	100 anos da Imigração Japonesa para o Brasil	http://tinyurl.com/yqy69o
	60 anos da Declaração dos Direitos Humanos	http://tinyurl.com/yj9u82j
	80 anos de Che Guevara	http://tinyurl.com/yzocsod
	60 anos do Estado de Israel	http://tinyurl.com/yhkfmgt
	90 anos do Fim da Primeira Guerra Mundial	http://tinyurl.com/yfpxqc9
	40 anos do Maio de 1968	http://tinyurl.com/ykzkkub
	20 anos da atual Constituição brasileira	http://tinyurl.com/ykzdb6j
	50 anos da Bossa Nova	http://tinyurl.com/yk2ljts
	100 anos do nascimento de Guimarães Rosa	http://tinyurl.com/yghvwsr

	50 anos do caderno Folha Ilustrada	http://tinyurl.com/55kooy
	100 anos da morte de Machado de Assis	http://tinyurl.com/yzvwwg2
	10 anos do Viagra	http://tinyurl.com/ykptejc
	76 anos do Voto Feminino	http://tinyurl.com/ykpes4s
	80 anos do Macunaíma	http://tinyurl.com/yja2e73
	40 anos do Ato Institucional n.5	http://tinyurl.com/yfqhvak
	200 anos da chegada da Família Real ao Brasil	http://tinyurl.com/yf27z49
	20 anos do primeiro título de Ayrton Senna	http://tinyurl.com/yf4x2hh
	50 anos da copa de 1958	http://tinyurl.com/yhalpp
	75 anos do Mercado Municipal de São Paulo	http://tinyurl.com/ykrpkbg
	40 anos do Mouse	http://tinyurl.com/6gd4eh
2009	25 anos do MST	http://tinyurl.com/y18yoje
	30 anos da Lei da Anistia	http://tinyurl.com/yln2phv
	200 anos do nascimento de Charles Darwin	http://tinyurl.com/rdubfx
	100 anos da morte de Euclides da Cunha	http://tinyurl.com/oe5vrz
	25 anos das Eleições Diretas	http://tinyurl.com/yj72get
	40 anos do Homem na Lua	http://tinyurl.com/y179729
	80 anos da Crise de 1929	http://tinyurl.com/y1x257k

Os discursos de presentificação na Folha Online, no entanto, não se restringem aos casos especiais inventariados nesta tabela. De 2000 a 2009 a Folha também deu amplo destaque para outras memórias. É o caso da memória do holocausto.

Em todo o ano de 2005, ano em que o mundo comemorou os sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o fim dos campos de concentração, o termo holocausto foi acionado pelo menos uma vez em 139 textos da Folha, divididos entre reportagens, notícias, entrevistas e artigos, assinados ou não, produzidos pelo próprio jornal, parceiros e agências de notícias.

As referências à memória do holocausto não surgiram na Folha Online naquele ano. Em anos anteriores elas sempre existiram, mas em número menor e em ritmo irregular de um ano para o outro. Antes de 2005, o termo holocausto foi em utilizado quantitativamente da seguinte forma: 2000 (75) ¹¹⁹; 2001 (118); 2002 (77); 2003 (79); 2004 (82). Em 2005, esses números aumentam consideravelmente. Há um crescimento de quase 88% no acionamento dessa memória. A partir de então, as referências à memória do holocausto na Folha Online praticamente não deixam mais a casa da centena e crescem praticamente ano a ano: 2006 (159); 2007 (127); 2008 (167); 2009 (222) ¹²⁰. Mais diante voltaremos a explorar esse crescimento pós-2005. Abaixo, o gráfico mostra a distribuição por mês dos textos que abordam o H/holocausto no ano de 2005:



Todas essas notícias encontram-se disponíveis ainda hoje no site da Folha Online. Deste universo, 132 são notícias, 4 são artigos e 3 são entrevistas. Foram usadas ao todo 18 fotos em 13 textos, sendo que cinco textos utilizam duas fotos. Das fontes usadas na produção dessas notícias, a distribuição encontra-se da seguinte forma: Folha Online com Agências Internacionais (17), Folha Online (23), EFE (13), Deutsche Welle (26), France Presse (13), BBC Brasil (26), EFE com Folha Online (2), Ansa (1), Folha de S.Paulo (7), Ansa com Folha Online (2) France Presse com Folha Online (1),

¹¹⁹ No arquivo online da Folha, os registros do ano 2000 só existem a partir do mês de junho.

¹²⁰ Número contabilizado até 31 de outubro de 2009.

Agência Folha (3), Folha Online com Reuters (1), Reuters (1), Associated Presse (1) e Folha Online e Agência Brasil (1) ¹²¹.

Tendo em vista o tamanho do corpus de análise (139 textos), de agora em diante, o trabalho de análise deste discurso vai se dividir em dois momentos. Em um **primeiro momento**, já iniciado, vamos continuar abordando as características gerais de todo o corpus de análise. Em um **segundo momento**, as notícias que formam esse corpus serão divididas em três grupos temáticos de textos, que vamos chamar aqui de “casos especiais”. Para cada um desses casos, vamos escolher e analisar enunciados significativos, de modo a mostrar a sua representatividade nos sentidos que a Folha atribui ao holocausto e à sua memória.

3.2.1. O Discurso Jornalístico

Segundo a chamada “escola francesa” de análise do discurso, inaugurada por Michel Pêcheux na década de 1960, discurso deve ser entendido como a palavra em movimento; uma prática de linguagem; o meio concreto no qual a língua faz sentido ¹²². Nesta perspectiva, a língua não é vista como um instrumento dado e transparente, ou tampouco um sistema abstrato, mas como uma prática social que se realiza no mundo, com diferentes maneiras de significar, projetando sentidos que organizam e direcionam a vida dos homens. Essa língua também não é fechada em si, como em alguns campos da lingüística, mas está em permanente contato com a sua exterioridade, com os processos sociais e históricos. E como define Eni Orlandi, a análise de discurso não tenta descobrir um sentido oculto no texto e se diferencia de outras análises (como a de conteúdo) por substituir a pergunta “*o que este texto significa*” por “*como este texto significa*” ¹²³? (grifo meu)

Por um bom tempo, o discurso jornalístico teve seu poder simbólico subestimados pelos principais analistas da linguagem e também por historiadores, que não consideravam o jornal um documento digno de pesquisa histórica. O cenário

¹²¹ A pluralidade de diversas fontes de informação no discurso da Folha não inviabiliza o estudo do “discurso da Folha”, uma vez que a incorporação de “outras vozes” é uma das características do discurso da imprensa. Qualquer editoria da Folha Online, como acontece em editorias de qualquer grande jornal do mundo, online ou impresso, recebe centenas de notícias por dia, oriundas de diferentes órgãos noticiosos, empregando linguagens e abordagens diferentes. Antes de ser publicada, esse material passa por uma rigorosa seleção. Em suma, tudo o que a Folha publica faz parte do espectro de seu discurso. Ela é o sujeito enunciatador.

¹²² Cf. ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

¹²³ *Idem*.

começa a mudar quando os meios de comunicação de massa, com destaque para o rádio, passam a ser usados pelos principais regimes totalitários do século passado para produzir identidades, conquistar adesão e estimular, na população, a formação de estereótipos de cunho nacionalistas. A partir desses acontecimentos, floresceu, no curso de algumas décadas, uma vasta gama de paradigmas críticos da comunicação, que iam do viés negativo da “indústria cultural” de Theodor Adorno e Max Horkheimer, para quem os *mass media* representavam a uniformização dos gostos e o rebaixamento da cultura, aos trabalhos dos chamados “estudos culturais”, que concebiam a mídia não apenas um instrumento de controle ou repressão, mas também de resistência, diálogo e subversão da ordem dominante.¹²⁴

Nos dias de hoje, a própria imprensa tem reconhecido que suas posições não são neutras, imparciais e objetivas, desvinculadas dos acontecimentos do mundo. Em menor ou maior grau, os próprios indivíduos em geral sabem da existência de um entrelaçamento entre eventos políticos e a notícia: os jornais, as revistas, a televisão, a internet, enfim, todos os meios noticiosos lançam direções de sentido ao relatar, omitir ou valorizar fatos ao invés de outros, empregar uma palavra ao invés de outra, dar voz a um sujeito e não a outro. Não pode a imprensa referir-se ao mundo (o que é feito por meio da linguagem) sem fazer disso um ato de significação. Quando produz seu discurso, a imprensa faz muito mais do que descrever ou narrar um acontecimento; ela inaugura em si outro acontecimento, marcadamente político, ideologizado e de fundamental importância para a compreensão do objeto ou fenômeno discursivizado.

Os jornais lidam com o relato de eventos inesperados, possíveis e/ou previsíveis. Em seu funcionamento, o discurso jornalístico insere o inesperado (aquilo para o quê não há memória) ou possível/previsível (ie, fatos para os quais se pode dizer algo porque guardam semelhanças com algo ocorrido anteriormente) em uma ordem, ou seja, organizando filiações de sentidos possíveis para o acontecimento não apenas em termos de uma memória, mas também no que diz respeito aos desdobramentos futuros. Para tanto, os jornais nomeiam, produzem explicações, enfim, “digerem” para os leitores aquilo sobre o que se fala. Esse processo de encadeamento cria a ilusão de uma relação significativa entre causa e conseqüências para os fatos ocorridos.

¹²⁴ Sobre as teorias que produziram leitura sobre o campo da comunicação, conferir: MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Encontra-se nesse funcionamento jornalístico um dos aspectos de convencimento que envolve os leitores¹²⁵.

3.2.2. O Discurso Jornalístico *Sobre*: definindo o H/holocausto

Em sua tese de doutorado, "O Comunismo Imaginário - Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)", Bethania Sampaio Corrêa Mariani realiza uma análise do funcionamento do discurso jornalístico-político que, no Rio de Janeiro, foi se constituindo sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB) desde março de 1922, data de sua fundação, até 1989, ano da primeira eleição direta para presidente da República após o fim da ditadura militar (1964-1985). O estudo de Mariani permitiu verificar, dentre outros aspectos, que o discurso jornalístico-político, caracterizado pela pesquisadora como um "discurso sobre", teve grande interferência na constituição de uma memória discursiva sobre o comunismo e os comunistas, ao classificar estas duas categorias de acordo com o imaginário ocidental padrão, ou seja, atendendo à disjunção Bem/Mal construída em torno da moralidade cristã, separando em dois campos antagônicos os sentidos possíveis e permitidos pelo discurso institucional da imprensa¹²⁶.

Segundo Mariani, a modalidade de discurso *sobre* possui o efeito imediato de tornar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, explica a pesquisadora, "o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se 'envolveu' com a questão¹²⁷". Ao procurar o distanciamento do objeto, o discurso jornalístico *sobre* também produz efeito de autoridade e institui sentidos, além de caracterizar-se como um discurso intermediário, "pois ao *falarem sobre um discurso de* ('discurso-origem'), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja¹²⁸."

É por aí nossa compreensão do discurso jornalístico ter como característica atuar na institucionalização social de sentidos. E com isso estamos afirmando, em decorrência, que o discurso jornalístico

¹²⁵ MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O Comunismo Imaginário - Práticas discursiva da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem, 1996. p.65. Tese (Doutorado)

¹²⁶ *Idem.*

¹²⁷ *Idem.*

¹²⁸ *Idem.*, p.64.

contribuiu na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado, bem como na construção da memória do futuro¹²⁹.

Mariani reconhece ainda que o discurso jornalístico *sobre* assemelha-se ao discurso pedagógico, uma vez que, “para transmitir informações sobre acontecimentos, eles aparecem permeados por esquemas, desenhos (...), além de definições, explicações, estatísticas, questionamentos e citações de autoridade, enfocando, assim, um acontecimento singular a partir de generalizações feitas a partir de um campo de saberes já estabelecidos¹³⁰”. De acordo com a autora, o didatismo jornalístico produz uma fratura do acontecimento, mas uma fratura que está longe de ser evidente, podendo ainda criar o mito da informatividade dos fatos, ou seja, a idéia de que o jornal, ao apresentar os fatos na forma de uma descrição, apenas informa e não interpreta o acontecimento do qual fala¹³¹. Isso mascararia o sentido de construção dos arranjos textuais e ideológicos do discurso jornalístico.

Na Folha Online, a composição dos enunciados também está atrelada a uma enunciação didática dos acontecimentos discursivizados, a começar pela própria definição ortográfica da palavra holocausto. Não existe no manual de redação do jornal nenhuma recomendação sobre a grafia correta do termo, se ele deve ser escrito com capitular ou não¹³². Apesar disso, dentro do corpus analisado, há coerência na maneira de escrevê-lo. Em 139 textos jornalísticos da Folha, a palavra foi utilizada 276 vezes, sendo que deste universo, 241 vezes com letra maiúscula e apenas 35 na forma minúscula.

No primeiro capítulo, vimos como a maneira de designar o genocídio de judeus nasceu de um esforço de nomeação lento e bastante polêmico, com destaque para a atuação do Yad Vashem, sobretudo nos anos cinquenta, quando o museu israelense instituiu que a palavra “Holocaust” fosse empregada na tradução inglesa de seus textos em hebreu, indicando um evento singular na história judaica e humana¹³³. Na Folha Online, a presença das duas formas da palavra é bastante significativa. Primeiro, porque indica que a tensão em torno da nomeação do acontecimento não terminou. Em segundo lugar, porque o uso hegemônico da forma capitular produz um efeito de sentido que

¹²⁹ *Idem, ibidem.*

¹³⁰ *Idem, p.65.*

¹³¹ *Idem.*

¹³² Cf. FOLHA DE S.PAULO. *Manual de Redação*. São Paulo: PubliFolha, 2001.

¹³³ PETRIE, *op.cit.*, p.39.

reforça a idéia do “Holocausto” como um evento judaico e diferente de qualquer outro genocídio, entendendo por efeito de sentido o valor possível que se podem revestir os enunciados noticiosos, em função dos contextos em que eles se inscrevem¹³⁴. Além disso, a presença dessas duas formas ortográficas no discurso da Folha mostra que as tensões produzidas em enunciados de outros campos do saber – como a historiografia – estão presentes em outros espaços discursivos.

Para Michel Foucault, a articulação entre diferentes enunciados constitui verdadeiros "jogos de relação", ou seja, "relações exteriores que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou quais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los etc.¹³⁵". Assim, a enunciação jornalística se relaciona com outras enunciações sobre o holocausto, alterando-as, repetindo-as, interpretando-as ou omitindo-as. No caso específico da Folha, esta relação recupera uma estratégia discursiva pré-existente em outras instâncias, como a historiografia. "O jornalismo, cuja narrativa é tecida por diversos discursos-origem, é constituído por enunciados ligados a outros tantos conjuntos de formulações, a outros tantos enunciados, que são atualizados¹³⁶".

No entanto, se a definição didática do holocausto pela Folha Online começa na ortografia, é preciso dizer que não se encerra nesta. Os enunciados do jornal também exercem seu poder de nomeação ao apresentar uma definição de fatos, datas e sujeitos envolvidos na descrição deste acontecimento. Vejamos, por exemplo, as seqüências discursivas transcritas abaixo. Elas pertencem a diversos momentos do ano em análise e representam uma forma diferente de o discurso da Folha definir o holocausto.

DEFINIÇÃO DE HOLOCAUSTO

1. O Ministério das Relações Exteriores divulgou nesta quinta-feira nota em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressa os sentimentos do povo brasileiro e 'deplora a **barbárie que vitimou milhões de judeus**' durante a Segunda

¹³⁴ CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. apud MOURA, Maria Betânia do Socorro. *Memória discursiva em Foucault e acontecimento jornalístico*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v.1, p.1-12, 2008.

¹³⁵ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p.52.

¹³⁶ MARIANI, *op.cit.*, p.4.

Guerra Mundial. (*Governo divulga nota pelos 60 anos de libertação de Auschwitz, 27/01/2005, 19h57*)¹³⁷

2. Seis décadas depois da libertação do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, líderes mundiais voltaram a lembrar nesta semana as **atrocidades cometidas pela Alemanha nazista de Adolf Hitler**. (*Mundo promete, mais uma vez, o fim dos genocídios, 28/01/2005, 20h44*)

3. Segundo o prefeito de Londres, é preciso distinguir entre críticas à política israelense e anti-semitismo, porque o governo de Israel tenta confundir as duas coisas. "Há 20 anos o governo israelense tenta apresentar como anti-semita todo aquele que critique a política de Israel, mas a verdade é outra: os mesmos valores humanos universais que reconhecem o Holocausto como **o maior crime racista do século 20** e exigem a condenação dos líderes dos sucessivos governos israelenses". (*Prefeito de Londres chama Ariel Sharon de "criminoso de guerra", 04/03/2005, 06h38*)

4. Dois dos agredidos estariam usando quipá (solidéu). Eles comemoravam os 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o do Holocausto (**extermínio de judeus nos campos de concentração nazistas**). (*Detidos no RS acusados de agredir judeus, 14/05/2005, 14/05/2005, 18h24*)

5. Abbas rebateu dizendo que apenas citou estudos que reviam o número de judeus mortos, mas que não tinha intenção de contestar os dados históricos. "O Holocausto foi **um terrível, um imperdoável crime contra a nação judaica, um crime contra a humanidade que não pode ser aceito**", afirmou em entrevista ao jornal israelense "Haaretz". (*Líder palestino estudou direito e tem fama de moderado, 12/08/2005, 13h25*)

6. No próximo dia 10 de maio, a Alemanha inaugurará em Berlim (capital) o Memorial do Holocausto, um símbolo sem precedentes, já que até hoje nenhum país assumiu com tal intensidade **um genocídio**, neste caso **o mais contundente da história, em pleno centro de sua capital**. (*Alemanha Inaugura Memorial do Holocausto na próxima terça-feira, 03/05/2005, 12h52*)

¹³⁷ Todas as notícias usadas neste trabalho estão disponíveis, na íntegra, no anexo. Consultar pg.138.

7. Javier Solana, representante da União Européia para política externa, homenageou nesta terça-feira Simon Wiesenthal, conhecido como o "caçador de nazistas", que morreu em Viena, aos 96 anos. "Hoje choramos a perda de um homem especial e de um grande europeu, que foi ao mesmo tempo vítima e testemunha do Holocausto, e sua resposta a **um crime de proporções sem precedentes** não foi a de buscar vingança, mas justiça", declarou. (*Solana lamenta morte de Wiesenthal, o "caçador de nazistas", 20/09/2005, 10h14*)
8. No discurso desta quinta-feira, Bento 16 citou ainda a "trágica experiência do Shoah"--utilizando a palavra hebraica que designa o Holocausto-- **ação genocida nazista que matou mais de 6 milhões de judeus**. (*Papa reassume compromisso de "bom relacionamento" com judeus, 27/10/2005, 19h44*)
9. A ONU (Organização das Nações Unidas) declarou nesta terça-feira 27 de janeiro o "Dia Mundial das Vítimas do Holocausto"-- **massacre que matou 6 milhões de judeus durante a 2ª Guerra Mundial**. (*ONU declara 27 de janeiro o "Dia Mundial das Vítimas do Holocausto", 01/11/2005, 27/10/2005*)

Dos enunciados transcritos anteriormente, é possível observar a existência de uma multiplicidade de sujeitos e, conseqüentemente, de vozes que povoam esses enunciados. Se em (2), (4), (6), (8) E (9) temos a voz dos jornalistas, em (1) temos o presidente da República falando em nome do Estado, em (3) o jornal reproduz o prefeito de Londres, em (5) temos a voz indireta de Mahmoud Abbas, representante político palestino e, por fim, em (7) temos Javier Solana, representante da União Européia. Isso se repete em vários outros textos do corpus em análise. Trata-se, no fundo, de uma característica do discurso jornalístico: seu discurso comporta múltiplas vozes, um mosaico de referências que compõem a sua unidade discursiva, às vezes tendo como função ilustrar o que é dito, às vezes emprestando autoridade e legitimidade. No jornalismo, o elemento textual é sempre formado por esses outros sujeitos e também por outras enunciações: releases, entrevistas, testemunhos, notícias de outros veículos, de agências noticiosas, enfim, outros produtos discursivos que quando publicados por um jornal se tornam parte de seu discurso, mesmo que isso venha a diferir de sua linha editorial.

No caso do holocausto, essa multiplicidade ganha ainda mais peso, pois não existe propriamente dito um discurso “do holocausto”, ao contrário do que ocorre em outros estudos, como no de Mariani, onde é possível falar de um discurso *do* Partido Comunista Brasileiro. Com o holocausto, o discurso é sempre um discurso *sobre*, seja no jornalismo, no relato de memória dos sobreviventes, na voz dos perpetradores, etc. Por isso, são enunciados que se destacam ainda mais em sua função didática.

Tomados em conjunto, os enunciados têm a capacidade de formar aquilo que na análise de discurso chamamos de formações discursivas, definida por Pêcheux como "aquilo que pode e deve ser dito, articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um programa etc, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura dada¹³⁸". Na sequência anterior de enunciados, podemos identificar, por exemplo, uma formação discursiva que reforça o ineditismo do holocausto, a sua pretensa singularidade histórica, formação esta que vem se somar ao efeito de sentido de mesma qualidade produzido pela ortografia dominante do holocausto, conforme vimos há pouco. Essa formação discursiva fica clara nos enunciados (6), no qual se utiliza o artifício do superlativo para dizer que o holocausto foi o genocídio mais contundente da história e (7), quando o holocausto é caracterizado como um evento sem precedentes na história humana. O enunciado (3), por seu turno, destaca a dimensão do holocausto, mas trata-se de um enunciado mais contido que os enunciados (6) e (7), pois limita o holocausto duplamente: ele é circunscrito dentro do hall dos crimes racistas e dentro do século XX.

Dentre os aspectos gerais do discurso da Folha sobre o holocausto, podemos destacar ainda o papel central da relação entre os judeus e o holocausto. Em raras ocasiões são discutidas as demais vítimas dos nazistas, o que, mais uma vez, singulariza o holocausto, mas desta vez no sentido de que se fala de um crime cujas vítimas são primordialmente judias, sendo outros grupos como os ciganos, os homossexuais ou as Testemunhas de Jeová vítimas do Nazismo, mas não do holocausto.

A definição do acontecimento como um evento judaico pode ser vista no enunciado (1), "barbárie que vitimou milhões de judeus", no enunciado (4), "extermínio de judeus nos campos de concentração nazista", (8), "ação genocida que matou mais de 6 milhões de judeus", e (9), "massacre que matou 6 milhões de judeus durante a 2°

¹³⁸ HAROCHE, Caludine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne; langue, langage, discours. In: Langages, 1971, 6(73): 93-106 In: *Betani*, op.cit., p.31.

Guerra Mundial”, de forma explícita, figurando em dois desses enunciados, (8) e (9), o quantitativo de judeus mortos (6 milhões). Esse efeito de sentido é praticamente hegemônico, colidindo apenas com delimitação do holocausto: se no enunciado (4) o extermínio de judeus é inscrito como um extermínio ocorrido em "campos de concentração nazistas", no enunciado (9), o episódio ocorreu "durante a Segunda Guerra Mundial". A imprecisão, no entanto, não perturba o elemento principal sugerido pelos enunciados, que é a associação exclusiva (e excludente) com os judeus.

3.2.3. Contexto Histórico de Produção do Discurso

No campo de estudos da análise de discurso, qualquer enunciado ou efeito de sentido dever ser pensado dentro do contexto sócio-histórico no qual é produzido. “Os analistas de discurso argumentam que todo discurso é circunstancial¹³⁹”. No caso deste trabalho, estamos falando de um contexto de comemorações pelos sessenta anos do fim da Segunda Guerra e, conseqüentemente, do fim dos campos de concentração.

No plano internacional, retomando o que vimos no capítulo 2, a data foi marcada por diversas comemorações em todo o mundo. Em Berlim, capital da Alemanha, foi inaugurado um enorme memorial a céu aberto, intitulado de Memorial aos Judeus Assassinados da Europa. Trata-se do primeiro do gênero construído na Alemanha, com um custo de mais de 27 milhões de euros. Ainda na Alemanha, o então presidente do país, Horst Köhler, discursou durante a principal cerimônia pelas seis décadas do fim da guerra dizendo: "Nós temos a responsabilidade de manter viva a memória do sofrimento e da violência que partiu da Alemanha nazista e de garantir que isso nunca se repita. Não há um ponto final¹⁴⁰". Enquanto isso, em Israel, diversas cerimônias também marcaram a ocasião, com destaque para o evento de ampliação do Museu do Holocausto israelense, o Yad Vashem, que contou com autoridades políticas de vários países. No Brasil, as comemorações também tiveram repercussão. O presidente Lula expressou sentimentos de repulsa ao genocídio nazista em nota oficial divulgada para a imprensa. E no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o violoncelista Antônio Menezes fez uma apresentação especial para os 60 anos das Organizações das Nações Unidas. Com a Petrobrás Sinfônica, o artista tocou uma música que há 30 anos não era executada no

¹³⁹ GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKEL, George. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis*, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 249.

¹⁴⁰ Disponível em http://www.dw-world.de/popups/popup_printcontent/0,,1577458,00.html, 8 de maio 2005. Aceso em 26 de out 2009.

Rio. *Schelomo*, de Ernest Bloch, inspirada nos textos do Rei Salomão, é uma peça que celebra o fim do Holocausto.

Como toda forma de memória, as comemorações cumprem um papel social de relevo dentro das comunidades humanas. Elas produzem vínculos, elaboram identidades e fabricam sentimentos de pertença. Segundo a antropóloga Regina Abreu, as práticas comemorativas não são fenômenos sociais recentes. O ato de comemorar ou celebrar o passado é uma prática moderna surgida em um momento de fragmentação da memória coletiva. Para Abreu, o homem da modernidade é aquele que enfrenta o rompimento de antigas tradições, especialmente as tradições ligadas à memória. Nesse sentido, a “comemoração” surge como uma reação diante do medo da amnésia e cumpre uma dupla função na sociedade: mostrar a perenidade do morto e atualizar a relação simbólica entre vivos e mortos¹⁴¹. Já para Paul Ricoeur, a comemoração se distingue de outros tipos de memória, como a rememoração, por ser um trabalho de construção de uma memória coletiva¹⁴².

No discurso da Folha Online, um aspecto chama a atenção: a presença da memória do holocausto diferencia-se do padrão tradicional de comemoração do jornal. Embora o acontecimento tenha sido freqüentemente citado pelo discurso da Folha, esta não lhe concedeu nenhum especial de comemoração em 2005, ao contrário do que ocorreu com outros episódios, como os quinze anos da reunificação alemã, os cem anos da teoria da relatividade de Einstein e os dez anos da internet comercial no Brasil. (ver tabela página 79)

Mas isso, entretanto, não faz com que o holocausto esteja situado fora do escopo das comemorações do fim da guerra. No corpus de análise, há amplo destaque para os 60 anos do acontecimento. A diferença é que estas referências estão no interior do próprio texto. No caso das co-relações diretas entre holocausto e comemoração, elas são encontradas principalmente no mês de janeiro, mês em que as tropas do exército soviético libertaram o maior campo de concentração (Auschwitz), e também ao longo de outros meses, embora em menor freqüência. A seguir, seguem dez seqüências discursivas que demonstram a associação direta entre holocausto e episódios que envolvem a comemoração desta memória.

¹⁴¹ ABREU, Regina. *Entre a Nação e a Alma: quando os mortos são comemorados*. In: Estudos Históricos 14. Rio de Janeiro, 1994.

¹⁴² Cf. RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

HOLOCAUSTO E COMEMORAÇÃO

10. Pela primeira vez em sua história, as Nações Unidas **rememoram** a libertação dos campos de morte nazistas, na presença de sobreviventes do Holocausto e com **participação dos ministros da Alemanha e de Israel**. (*ONU rememora libertação dos campos de concentração, 24/01/2005 – 14h02*)
11. O Ministério das Relações Exteriores divulgou nesta quinta-feira nota em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressa os sentimentos do povo brasileiro e 'deplora a barbárie que vitimou milhões de judeus' durante a Segunda Guerra Mundial. A nota é uma espécie de **homenagem aos 60 anos da libertação dos judeus que viviam no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia**. (*Governo divulga nota pelos 60 anos de libertação de Auschwitz - 27/01/2005 - 19h57*)
12. Seis décadas depois da libertação do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, líderes mundiais voltaram a lembrar nesta semana as atrocidades cometidas pela Alemanha nazista de Adolf Hitler. (...) O chanceler alemão, Gerhard Schröder, disse que a atual geração, apesar de não ter culpa pelo Holocausto, tem **a responsabilidade de preservar a sua memória para evitar que o mundo nunca mais sofra algo parecido**. (*Mundo promete, mais uma vez, o fim dos genocídios, 28/01/2005 - 20h44*)
13. A ausência de **manifestações a respeito dos 60 anos da libertação de Auschwitz** no 5º Fórum Social Mundial provocou a irritação de entidades judaicas, que viram na omissão características de preconceito e uma contradição em relação ao significado de justiça e direitos humanos globalizados. (*Ausência de Auschwitz é criticada - 28/01/2005 - 09h25*)
14. **Depois de 60 anos desde que os últimos prisioneiros foram libertados de Auschwitz, campo de concentração na Polônia, o Holocausto continua sendo um assunto que causa mal-estar a alemães e judeus** e, uma declaração do diretor do Museu Judaico em Berlim, Michael Blumenthal, acirrou ainda mais a questão. (*Para professor alemão, Holocausto ficará na memória por séculos - 05/03/2005 - 08h00*)

- 15. No aniversário de 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) na Europa**, o governo alemão --que tem feito uma autocrítica-- aborda seu passado com sensibilidade, mas sem esconder o sofrimento de seu povo. *(Alemanha inaugura Memorial do Holocausto na próxima terça-feira - 03/05/2005 - 12h52)*
- 16. A Alemanha inaugura nesta terça-feira, 60 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Memorial do Holocausto:** 2.711 blocos de cimento cinza que constituem um símbolo sem precedentes, por ser o primeiro monumento alemão a **recordar** o pior dos crimes dos nazistas. *(Alemanha inaugura Memorial do Holocausto em Berlim - 10/05/2005 - 04h57)*
- 17. A polícia gaúcha prendeu anteontem três rapazes suspeitos de integrar um grupo neonazista. Eles são acusados de agredir jovens de ascendência judaica. (...)** Dois dos agredidos estariam usando quipá (solidéu). **Eles comemoravam os 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o do Holocausto** (extermínio de judeus nos campos de concentração nazistas). Um está internado; os demais foram liberados. *(Detidos no RS acusados de agredir judeus - 14/05/2005 - 18h24)*
- 18. Laureano Toscani, 20, foi preso pela polícia na tarde de quarta-feira (25), em Porto Alegre, depois de se entregar. Ele é suspeito de pertencer a um grupo de skinheads que, segundo a polícia, esfaqueou três rapazes judeus, no início do mês, na capital gaúcha. Outros três suspeitos já estavam presos preventivamente.(...)** Dois dos judeus agredidos estariam usando solidéus no momento das agressões. **Eles comemoravam os 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o do Holocausto** --extermínio de judeus em campos de concentração nazistas. Eles foram atendidos no hospital de Ponto Socorro de Porto Alegre e passam bem.*(Polícia prende 4º suposto skinhead acusado de ter esfaqueado judeus - 26/05/2005 - 00h16)*
- 19. O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, lamentou hoje a morte em Viena de Simon Wiesenthal, sobrevivente do Holocausto e fundador de um centro de combate ao anti-semitismo. (...)** A

memória de Wiesenthal também foi invocada pelo ministro de Assuntos Exteriores de Israel, Silvan Shalom, que **aproveitou sua intervenção na Assembléia Geral da ONU para pedir que a organização aprove uma resolução para comemorar o fim do Holocausto.** (*Annan lamenta morte de Wiesenthal em sessão na ONU - 20/09/2005 - 22h17*)

Embora Paul Ricoeur tenha diferenciado comemoração de rememoração, nos enunciados anteriores esses conceitos são cruzados e tomados como sinônimos, tanto no sentido de um trabalho coletivo e institucional – enunciados (10) e (19) - quanto no sentido de um trabalho individual – enunciados (17) e (19). Somam-se ainda a esses dois termos, as expressões “homenagem” (11) e “recordar” (16). Já no que diz respeito aos significados da memória para aqueles que a “rememoram” ou “comemoram”, existe espaço para um sentimento de tensão e constrangimento. Isso fica claramente sublinhado no enunciado (14), com o uso de afirmações de que a memória do holocausto “causa mal-estar entre alemães e judeus” e também no enunciado (15) quando o próprio governo alemão admite o “sofrimento do povo”, declaração relacionada diretamente ao enunciado (12), no qual o chanceler alemão, Gerhard Schröder, exalta a responsabilidade da “atual geração”, como se fosse uma responsabilidade retroativa. Nesse sentido, pode-se inferir que o ato de lembrar é não só um trabalho fundamentalmente coletivo, compartilhado, mas também uma espécie de dever, de débito para judeus e, sobretudo, alemães, não importando a geração.

Ainda sobre esse último aspecto, é importante afirmar que os enunciados fixam a memória do holocausto como uma questão de exclusivo interesse para alemães e judeus. É natural que essa associação se sobressaia, uma vez que os judeus foram as principais vítimas dos nazistas e que o nazismo tenha sido um fenômeno político eminentemente germânico. No entanto, a relação que se estabelece torna esta relação exclusiva (e excludente). Durante todo o ano de 2005, em apenas uma ocasião outros grupos sociais foram nomeados pela Folha Online. Ainda assim esses outros grupos não são classificados como vítimas do holocausto, mas grupos “combatidos” pelos nazistas. O enunciado adiante ilustra essa afirmativa.

20. Os nazistas não só combatiam os judeus, como também perseguiram os homossexuais, os paraplégicos, os ciganos, os artistas considerados

degenerados, entre outros." Também haverá uma preocupação especial para discutir a criança e suas relações com a educação e a cidadania. (*USP prepara museu sobre a tolerância, 23/08/2005, 09h42*)

Pra alguns especialistas, a associação exclusiva do holocausto com alemães e judeus pode ser extremamente problemática do ponto de vista da compreensão da questão. É esta a posição do historiador brasileiro Luís Edmundo Moraes. Ao comentar sobre a situação do holocausto na esfera pública brasileira, Moraes toma um exemplo de seu cotidiano como pesquisador para materializar sua opinião:

Me defronto regular e cotidianamente com a surpresa de me chamar Souza Moraes e haver tomado o nazismo e o holocausto como objeto de estudos e de pesquisa. E isso esconde uma compreensão muito disseminada no mundo ocidental no pós-guerra e que vem à tona com força em alguns momentos específicos: a de que o holocausto é um problema exclusivo de judeus e de que o nazismo é um problema dos alemães¹⁴³.

Desde os estudos realizados pelo historiador Raul Hilberg, sabemos que o holocausto não foi simplesmente a obra de um grupo de políticos desvairados ou sádicos¹⁴⁴. O holocausto mobilizou médicos, engenheiros, juristas, o sistema educacional e cultural, profissionais altamente qualificados que atrás de suas funções, em repartições públicas, em escritórios, assinando papéis e carimbando documentos, puderam fazer funcionar uma máquina de morte que assassinou crianças, homens e mulheres. O holocausto, como aponta Hilberg e outros especialistas, como o sociólogo Zygmunt Bauman¹⁴⁵, foi levado a cabo principalmente por burocratas de classe média educados nas melhores escolas e universidades da Europa, empenhados em aplicar seus conhecimentos de planejamento estratégico, administração, gerência de recursos e contabilidade em prol de um plano calculista de genocídio. “Nesse sentido, não foi ódio, mas competência, que fez com que a máquina de morte fosse colocada em movimento”. É com base nessa perspectiva que Moraes afirma não ser possível compreender reduzir o holocausto a um problema dos judeus e o nazismo a uma questão de alemães. O

¹⁴³ MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Lembrar o Holocausto Hoje*. Revista de Estudos Judaicos. n.01, 2009. p.18.

¹⁴⁴ Cf. HILBERG, *op.cit.*

¹⁴⁵ Cf. BAUMAN, *op.cit.*

holocausto foi produzido dentro de uma sociedade moderna, industrial e racional. É uma questão para toda a humanidade.

3.2.4. Interdiscurso, Hipertexto e Memória Discursiva

Conforme pontuam Evelyn Orrico e Carmen Oliveira, as novas tecnologias tiveram um papel de relevo no reordenamento nas dimensões de espaço e tempo das sociedades contemporâneas, acarretando em situações que ainda precisam ser melhores compreendidas, sobretudo, por quem lida com o campo da linguagem¹⁴⁶. Para as pesquisadoras, “ao se considerarem as atuais possibilidades tecnológicas, sobretudo as dirigidas para tratamento de texto integral, deve-se pensar em linguagem, já que por ela perpassam os procedimentos de construção e recuperação da informação¹⁴⁷”.

No âmbito do webjornalismo, essas mudanças vêm mostrando que a linguagem tecnológica pode ter um efeito dramático sobre a maneira como um acontecimento ou fenômeno é interpretado. Rosalind Gill afirma que é possível descrever até o mais simples dos fenômenos em uma multiplicidade de maneiras, dependendo da orientação da orientação do locutor ou escritor¹⁴⁸. No caso da Folha Online, a construção e recuperação dos acontecimentos dependem, sobretudo, do leitor.

E não é difícil de explicar esse fenômeno. Um dos recursos tecnológicos que mais se destacam na Folha Online é o seu banco de dados. Do ano 2000 até a presente data, a Folha disponibiliza para seus leitores um acervo completo de todas as notícias publicadas na internet, na íntegra. Sobre este aspecto, devem ser feitas duas ponderações. **Primeiro**, a maior perenidade dessas notícias em relação aos jornais impressos. Enquanto que, na versão de papel do jornal, as notícias quase sempre se perdem no final do dia em que são publicadas, no meio online elas ganham uma sobrevida muito maior.

Essas notícias podem ser encontradas de duas maneiras: a) através do próprio sistema de busca da Folha (imagem abaixo), que permite efetuar uma busca detalhada,

¹⁴⁶ORRICO, Evelyn Goyannes Dill Orrico; OLIVEIRA, Carmem Irene. A Linguagem na Construção do Sentido: discurso e organização do conhecimento. In: ORRICO, Evelyn Goyannes Orrico; GÓMEZ, Maria Nélide González. (Orgs.). *Políticas de Memória e Informação – reflexos na organização do conhecimento*. Editora da UFRN (EDUFRN), 2006. p. 143.

¹⁴⁷ *Idem, ibidem*.

¹⁴⁸ Cf., GILL, *op.cit.*

controlando editoriais, palavras-chave e datas ou b) através de pesquisas por assunto feitas em buscadores universais como o Yahoo! ou o Google.

A **segunda** ponderação é do ponto de vista deste trabalho, a mais importante, por ser aquela que possui o maior impacto potencial na maneira de compreensão do acontecimento. As notícias que constituem a memória do banco de dados da Folha Online são relacionadas entre elas e também com novas notícias, como uma espécie de sugestão de leitura continuada (ou complementar) para o leitor. Toda notícia publicada na Folha Online possui, ao final do texto, um hiperlink¹⁴⁹ que a relaciona com outras sobre o mesmo assunto. No caso das notícias sobre o holocausto, o hiperlink diz: “Leia o que já foi publicado sobre o Holocausto”. No campo da linguagem, este recurso pode ser entendido de três maneiras: *hipertexto*, *interdiscurso* e *memória discursiva*.

Podemos entender por hipertexto a conexão não-linear entre dois ou mais textos que compartilham de um mesmo tema e que é estabelecida com alguma autonomia pelo próprio leitor. Conforme observa Johndan Johnson-Eilola, “escritores e leitores de hipertexto dependem de um esquema organizacional baseado no computador que lhes permita moverem-se, rápida e facilmente, de uma seção de texto (...) para outras seções relacionadas ao texto¹⁵⁰.”

Não se trata, porém, de um conceito fundamentalmente novo no jornalismo ou específico do meio online. O conceito foi criado nos anos sessenta por Ted Nelson, estudioso da área computacional, para explicar um sistema não linear de organização da informação. Nelson estava se referindo a uma escrita não seqüencial, focando nos processos de navegação e nos percursos de descoberta da informação realizados pelo utilizador¹⁵¹. Nas décadas seguintes, o conceito evoluiu. Deixou de ser usado apenas na área tecnológica e passou a ser utilizado na área das ciências humanas como um importante recurso de leitura e escrita. Um Box explicativo no jornal pode ser

¹⁴⁹ Hiperlinks consistem em links que vão de uma página da Web ou arquivo para outro (a). Quando um visitante do site clica no hiperlink, o destino é aberto, executado ou mostrado em um navegador da Web, dependendo do tipo de destino. Com freqüência, o destino é outra página da Web, mas pode também ser uma figura, um arquivo multimídia, um documento do Microsoft Office, um endereço de email ou um programa. Por exemplo, um hiperlink para uma página exibe essa página no navegador da Web e um hiperlink para um arquivo MID abre o arquivo em um mídia player.

¹⁵⁰ JOHNSON-EILOLA, Johndan. *Reading and Writing in Hypertext: Vertigo and Euphoria*. In: SELFE, Cynthia L. & Susan HILLIGOSS. (eds). 1994, pp. 195-219, 1994. p147.

¹⁵¹ Cf. DIAS, Paulo. *Hipertexto, hipermídia e media do conhecimento: representações distribuída e aprendizagens fixáveis e colaborativas na Web*. Revista Portuguesa de Educação, 2000, 13(1) pp.141-167. Universidade de Moinho.

considerado um hipertexto; um quadro no livro didático pode ser um hipertexto; até mesmo uma propaganda na televisão pode ser assim explicada.

Apesar de seu não ineditismo, o hipertexto se desenvolveu muito na internet, haja vista a facilidade existente para a criação de links virtuais que levem o leitor de um espaço para outro. Na Folha Online, bem como em qualquer outra ferramenta que utiliza hiperlinks, os hipertextos permitem uma leitura não-linear do jornal e possibilitam que cada leitor possa fazer um caminho diferente em sua busca sobre um determinado assunto. Em cada itinerário, dependendo do texto que venha a ser lido, é construída uma nova forma de organizar e de significar o acontecimento.

Na avaliação de Jo Bardoel e Mark Deuze, a hipertextualidade no jornalismo online significa a possibilidade de oferecer informação sobre a informação, ofertar mais leituras ao público leitor do que tradicionalmente é ofertado por um jornal convencional. Isso é alcançado através do acesso a documentos, textos e arquivos. "Com o crescimento explosivo de informação em escala mundial, a necessidade de oferecer informação sobre informação se tornou em um suplemento a lista de habilidades e tarefa do jornalista¹⁵²”.

Na perspectiva da análise do discurso, os hiperlinks que vemos na Folha Online desempenham uma função de estabelecer interdiscursos e, conseqüentemente, memórias discursivas. Vejamos como.

De acordo com Eni Orlandi, a memória tem características próprias quando pensada em relação ao discurso¹⁵³. Nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso, sendo este definido como tudo aquilo que já foi dito, em outro espaço, sobre o assunto, de forma independente ou não. A memória que se articula a partir dos interdiscursos chamamos de memória discursiva. No caso que analisamos, é tudo aquilo que se sabe sobre o holocausto, genocídios e antissemitismo, todas as explicações sobre nazismo, judeus, o Terceiro Reich e a Segunda Guerra Mundial. Esses saberes não se perdem para sempre e ajudam o leitor na construção de sentido naquilo que ele lê sobre o tema. Os filmes que as pessoas já viram sobre o holocausto, os livros e revistas que já leram sobre o assunto, o contato com um sobrevivente de campo de concentração ou até mesmo experiências passadas de ditadura, tortura e governos autoritários podem ser

¹⁵² BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark, (2001). *Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism*. In: *Australian Journalism Review* 23 (2), pp.99-100.

¹⁵³ Cf. ORLANDI, *op.cit.*

memórias presentificadas pelos enunciados da Folha sobre o holocausto. Segundo Orlandi, “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada¹⁵⁴”.

Quando olhamos para um painel publicitário ou para uma faixa de protesto na rua, sabemos que os enunciados desses discursos podem ser significados das mais diversas formas pelos leitores, dependendo dos interdiscursos estabelecidos. Mas pouco ou quase nada podemos afirmar sobre o conjunto de memórias discursivas acionadas nesse processo. No caso da Folha Online, os hiperlinks nos permitem conhecer, pelo menos, uma parte dessa memória discursiva: trata-se da memória do próprio jornal sobre o holocausto, outros “já-ditos” da Folha sobre o assunto. Cada notícia publicada sobre o holocausto leva a outra e a outra e a outra, e assim por diante, formando uma rede de conexões que fortalece a função jornalística na organização do passado, ao mesmo tempo em que nunca se perde totalmente o que já foi enunciado sobre o acontecimento, embora isso raramente signifique uma trama coesa e coerente. “Tal dispersão, no jornalismo, acontece porque ao se constituírem pela prática da interdiscursividade, entendida como memória, as matérias do jornal se configuram como dispersão de discursos diversos, de fragmentos interdiscursivos demarcadores das posições do enunciador jornalístico¹⁵⁵”.

Segundo Maria Betânia do Socorro Moura, existe uma ligação entre acontecimento jornalístico e a memória discursiva, o que só pode ser explicado por meio da noção de interdiscursos, de hipertextos que estabeleçam uma determinada ordem dentro de um emaranhado de discursos situados dentro de um mesmo contexto sócio-histórico. Uma operação que não só lida com lembranças, mas também com o estabelecimento de silêncios e esquecimentos¹⁵⁶.

O acontecimento jornalístico emerge em uma cadeia narrativa, marcada fortemente pelos acontecimentos discursivos antecedentes em relação aos quais se situa, no campo da memória, e com os quais se relaciona, de forma a reordená-los e a redistribuí-los por meio de relações outras. O acontecimento no jornal define, naquilo que o antecede, sua própria filiação discursiva, relata o que escolhe como necessário, excluindo o que não se ajusta a ele. Além disso, confere ao passado *status* de

¹⁵⁴ *Idem*, p.30.

¹⁵⁵ MOURA, *op.cit.*, p.11.

¹⁵⁶ *Idem, ibidem*.

veracidade, como algo que ocorreu “de fato”, tomando como matéria a transformar, ou, mesmo, como objeto de que se pode falar¹⁵⁷.

Assim, devemos entender que o discurso da Folha sobre o holocausto pode ultrapassar o contexto dos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, tanto retrospectivamente, quanto do ponto de vista daquilo que ainda está por vir, de notícias que graças à tecnologia dos hiperlinks podem recuperar e mesmo transformar o já-dito da Folha sobre o holocausto.

3.3. O Discurso da Folha Online sobre o Holocausto: Casos especiais

Como já havia sido programado, o segundo momento desse capítulo consiste na análise específica de determinados tipos de enunciados, que nomeamos aqui como casos especiais. Esses casos representam um recorte mais específico do universo dos 139 textos que acionaram a memória do holocausto em 2005. Com isso, esperamos melhor sistematizar a pesquisa e aprofundar a compreensão de enunciados cujos efeitos de sentido se destacam no conjunto de enunciados que formam o corpus analisado.

De modo simplificado, podemos dividir os 139 textos da Folha Online em dois grandes grupos: o grupo dos textos nos quais o holocausto é o tema principal e o grupo dos textos nos quais o holocausto é o tema secundário (ou acessório). Em ambos, há uma enorme diversidade de acontecimentos jornalísticos. No primeiro, podemos encontrar notícias como a inauguração de memoriais e museus sobre o holocausto, comemorações do fim dos campos de concentração na Europa ou até mesmo as declarações negacionistas do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, dentre outras. Já no segundo grupo, temos um universo ainda mais plural, podendo ir de notícias que abordam o tema da própria Segunda Guerra Mundial até notícias que abordam a situação político-militar no Oriente Médio, passando por outras que falam do lançamento de filmes ou de pessoas que sobreviveram ao holocausto. (todas as notícias trabalhadas nesse capítulo encontram-se reproduzidas, na íntegra, no final da dissertação).

Nossa investigação leva em consideração esta macro-divisão (bastante didática e um tanto subjetiva), mas não parte dela para realizar a análise. Iremos trabalhar com

¹⁵⁷ *Idem*, p.2.

grupos de notícias que ora tratam o holocausto como elemento secundário, ora como elemento principal de sua pauta. Pois não é esta posição necessariamente que define a produção de efeitos de sentidos sobre esta memória, mas sim os elementos discursivos que envolvem o tema em cada texto.

Trabalharemos com três grupos de textos que formam casos especiais de análises, cuja descrição e justificativa seguem organizados na tabela abaixo:

CASO	DESCRIÇÃO	JUSTIFICATIVA
Outros holocaustos	Textos que usam o termo holocausto, mas para se referir a outros acontecimentos que não o genocídio nazista.	Embora isso ocorra em poucos casos, o uso da palavra holocausto nesses termos indica que não há total exclusividade do termo.
Lugares de Memória	Textos que destacam a inauguração ou comemoração de lugares de memória do holocausto, como memoriais, museus, datas comemorativas etc.	A cobertura desse tipo de evento ocupa grande espaço no discurso da Folha, além de ser o que mais está relacionado ao contexto histórico de produção do discurso.
Negacionismo	Textos que repercutiram a negação do holocausto, defendida publicamente pelo presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad.	Tema responsável pela maioria das notícias sobre o holocausto em 2005, superando os discursos que abordam as comemorações, o que sugere que há uma grande preocupação com o esquecimento.

IMAG.26

3.3.1. Outros holocaustos

Os estudiosos da linguagem do século passado sepultaram de vez qualquer idéia de que nossa relação com a língua é desprovida de relações de poder. Para Mikhail

Bakhtin, por exemplo, “não se pode realmente ter a experiência do dado puro¹⁵⁸”. Já para as várias vertentes da análise do discurso, a linguagem é antes de tudo a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social¹⁵⁹. Outros filósofos foram ainda mais longe na teorização. Roland Barthes afirmou: “a língua, como desempenho de toda a linguagem, não é reacionária, nem progressista; ela é simplesmente fascista, pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer¹⁶⁰”.

De fato, o uso da língua pelos seus falantes pressupõe um acordo tácito a respeito de sua função mediadora: função que delimita, politiza e categoriza o mundo, de forma que vemos este mundo sempre através de uma lente. O esforço de nomeação dos genocídios nazistas em torno da palavra “holocausto”, ocorrido mais ou menos no início da década de sessenta - conforme vimos no capítulo 1 - é um exemplo de como a língua pode ser importante na delimitação e compreensão de um fenômeno social.

No entanto, apesar da hegemonia do termo nos meios de produção de memória e mesmo na esfera pública, ainda há espaços discursivos nos quais a expressão holocausto não possui qualquer relação com as mortes de judeus. A Folha Online, mesmo no contexto de comemorações do fim da guerra, em 2005, mostra que a imprensa é um desses espaços. Assim, na categoria “outros holocaustos”, reunimos textos nos quais o termo “holocausto” é usado para se referir a diversos acontecimentos. Estamos falando de um grupo proporcionalmente muito pequeno dentro do universo analisado. São apenas quatro notícias, o equivalente a aproximadamente 2,9% do corpus.

A primeira notícia desse grupo fala sobre a cidade de São João Marcos (sul fluminense, a 150 km do Rio de Janeiro), que após ser destruída nos anos 1940 para dar lugar à expansão de uma represa, vai renascer como parque turístico. Em dado momento do texto, a Folha Online destaca a fala da Secretária de Turismo da cidade de Rio Claro, distrito da antiga cidade antes de ela ser extinta:

21. "O que aconteceu em São João Marcos foi *um holocausto*", disse a secretária de Turismo de Rio Claro, Elvira Brum. A **destruição** da cidade começou em 1940 e teve **efeito traumático** para os moradores --na época, a cidade tinha

¹⁵⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993. p. 32.

¹⁵⁹ ORLANDI, *op.cit.*, p.15.

¹⁶⁰ BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980. p.14.

4.600 habitantes. As casas foram dinamitadas ou demolidas. (*Cidade apagada pela Light ressurge no RJ, 21/03/2005, 10h02*)

Já a segunda e terceira notícias associam o holocausto a catástrofes nucleares. A segunda fala sobre a situação de tensão no mundo do período da guerra fria; a terceira sobre o risco de armas nucleares na contemporaneidade, sobretudo sob o alcance do então último governo Bush.

22. Quando foi posto em prática, em 1970, o Tratado de Não-Proliferação de Armas (TNP) representou um marco para um planeta vivendo sob o **medo de um holocausto nuclear**. (*Análise: Um velho tratado para um mundo novo?, 02/05/2005 - 19h31*)

23. Das 8 mil ogivas ativas ou operacionais, 2 mil podem ser lançadas com um aviso de 15 minutos. O presidente americano precisa de autorização do Congresso para declarar **guerra**, mas pode **provocar um holocausto nuclear** após deliberar por alguns minutos com seus assessores. (*McNamara adverte para um cenário de apocalipse nuclear, 13/05/2005 - 14h00*)

Finalmente, a quarta e última notícia, refere-se a um protesto contra o uso de animais vivos como cobaias de experimentos científicos no Brasil. O protesto foi organizado por diversas organizações não-governamentais de defesa dos animais. Uma das ONGs responsáveis pelo protesto traz em seu nome a palavra "Holocausto".

24. Entre as ONGs responsáveis pelo protesto estão o Instituto Nina Rosa, a Associação Protetora de Animais São Francisco de Assis (Apasfa), Associação Saint Germain, Solidariedade à Vida Animal (Sava), Vira-Lata É 10, Gato Verde e os grupos Pelo Fim do Holocausto Animal e Tribunal Animal. (*Protesto pede fim do uso de animais vivos como cobaias 02/07/2005 - 22h46*)

Apesar de representar um grupo pequeno de notícias, estas ocorrências são extremamente importantes do ponto de vista discursivo. Primeiro, porque elas mostram que há brechas nas categorizações da língua, mesmo no caso de acontecimentos que, como o holocausto, tiveram seus sentidos fortemente institucionalizados historicamente. Em segundo lugar, esses exemplos mostram que há uma memória discursiva sobre o holocausto, do tempo do pré-guerra, que continua viva e tornando possível utilizar este termo para se referir a diversos acontecimentos.

No enunciado (21), podemos notar que o termo "holocausto" empregado pela secretária de turismo da cidade de Rio Claro é transcrito sem aspas. No discurso jornalístico, as aspas são um artifício de linguagem utilizado pelo jornalista para destacar uma idéia ou construção que pertence ao sujeito cuja fala ele reproduz. As aspas também são usadas no jornalismo para demarcar um erro, uma classificação ou posição de um terceiro, geralmente no sentido de dizer que o jornalista não necessariamente concorda com o que foi dito. Assim, como o termo holocausto não vem entre aspas (a não ser as aspas que indicam a fala da secretária) é possível afirmar que o termo, usado neste contexto, não suscitou estranheza para o jornalista responsável pela redação da notícia.

Por último, é preciso observar que a relação de proximidade que a palavra holocausto (enunciada pela secretária de turismo) estabelece com outras (enunciadas pelo jornalista), de alto teor dramático, como "destruição" ou "efeito traumático", vocábulos geralmente usados para descrever o holocausto praticado pelos nazistas. A idéia de que haja um alinhamento com a idéia do holocausto nazista justifica-se também pela presença do artigo indefinido "um" em "O que aconteceu em São João Marcos foi um holocausto" (21), que no contexto da frase trata o holocausto como uma categoria, um adjetivo, um tipo de fenômeno já conhecido e que se pode ser usado para qualificar negatividade um evento.

Enquanto isso, nas duas outras notícias subseqüentes, enunciados (22) e (23), também encontramos uma aproximação discursiva entre o "holocausto nazista" e o supracitado "holocausto nuclear", através do emprego de palavras que remetem ao universo bélico, tais como "arma" (23) e "guerra" (24). A diferença entre esses dois casos e o anterior é a função semântica (ou o sentido) do artigo "um" na frase, que, nesse caso, não está em posição de qualificar o acontecimento discursivizado, o que fica a cargo da palavra "nuclear". Mesmo assim, esses três enunciados, ao mesmo em tempo

que guardam semelhanças com o holocausto dos judeus, também estabelecem um distanciamento em relação a ele, haja vista a grafia da palavra holocausto em letras minúsculas. Por fim, o enunciado (24) segue essas mesmas tendências, sendo o temor “Holocausto” referente a um contexto de extermínio, mas não humano, mas sim de animais. Na notícia, o uso da palavra em capital é apenas uma contingência gramatical, já eu se fala de uma organização (nome próprio).

Portanto, por mais que a linguagem seja uma forma de exercer poder, este poder acaba sendo relativizado e até mesmo burlado enquanto elemento discursivo, afinal o discurso é a língua em movimento. Idéias, conceitos, memórias, por mais que sejam institucionalizadas, deliberadamente ou não, nunca se tornam uma estrutura pré-existente na língua, mas um acontecimento que comporta continuidades e resíduos de memórias de outros já-ditos. Nesse sentido, José Luiz Fiorin ressalta os múltiplos sentidos da linguagem e sublinha que a dimensão política plural na construção da linguagem é fundamental também para a construção da consciência das pessoas:

A consciência constrói-se na comunicação social, ou seja, na sociedade, na História. Por isso, os conteúdos que a formam e a manifestam são semióticos. A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o outro, o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser. Por isso, a consciência vai alterando-se¹⁶¹.

3.3.2. Lugares de Memória

O empreendimento acadêmico de historiadores franceses em meados da década de oitenta, tendo à frente o nome de Pierre Nora, permitiu uma importante oxigenação dos estudos da memória, campo até então bastante limitado à tradição sociológica inaugurada por Maurice Halbwachs na primeira metade do século passado.

A reterritorialização promovida por Nora consistiu, dentre outros aspectos, em compreender a memória como o resultado de uma dessacralização do mundo, da

¹⁶¹ FIORIN, José Luiz. *Língua, discurso e política*. Alea, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2009.

tradição, dos hábitos sociais, da intimidade que outrora tínhamos com o passado, tudo isso em detrimento de uma vigilância comemorativa que corresponde à desregulamentação de uma memória espontânea e integrada à vida dos homens. Segundo Nora, o que chamamos hoje de memória não passa da ruptura de um equilíbrio, da acumulação de restos do passado em lugares onde essa memória se cristaliza e se refugia. Esses lugares de memória nada mais são do que ancoradouros artificiais criados para estabelecer uma relação com um passado que já não temos; ausência esta que nos leva a forjar dispositivos, físicos ou simbólicos, para arquivar cada vez mais memória, uma memória, no entanto, esfacelada e desconectada de si mesma¹⁶².

Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. (...) Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (...) Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los¹⁶³.

Em 2005, conforme temos visto neste trabalho, os lugares de memória de Nora foram exaustivamente celebrados nas comemorações dos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial e do fim dos campos de concentração. Essa celebração foi bem coberta pela Folha Online, que deu amplo espaço em seu noticiário para a inauguração de museus, memoriais, discursos públicos, manifestações oficiais e todo tipo de lugar de memória do holocausto. Por isso, nesta categoria de análise, vamos discutir as notícias que se referem a esses lugares de memória, seja como tema principal ou assessorio do discurso.

Os textos jornalísticos que vamos analisar estão distribuídos primordialmente em dois momentos do ano: o primeiro momento é o mês de janeiro, quando se comemorou os sessenta anos do fim dos campos de Auschwitz (27 de janeiro de 1945), o maior campo de concentração nazista, localizado na Polônia e responsável pela morte de

¹⁶² Cf. NORÁ, *op.cit.*

¹⁶³ *Idem*, p.13.

aproximadamente um milhão de pessoas. (a queda de Auschwitz cumpre o papel de símbolo do fim dos campos de concentração nazistas). Já o segundo momento corresponde ao período que vai de março a maio, quando se lembrou os sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial (8 de maio de 1945) e foram inaugurados dois grandes lugares de memória: o novo Museu do Holocausto de Israel, em Jerusalém, e o Memorial para os Judeus Assassinados na Europa, em Berlim, Alemanha.

Começamos a análise de grupo de textos com as comemorações do fim dos campos de Auschwitz. Auschwitz era composto por três grandes campos: Auschwitz I (campo principal), Auschwitz II (também conhecido como Auschwitz-Birkenau) e Auschwitz III (também conhecido como Buna-Monowitz). Auschwitz II ou Auschwitz-Birkenau foi de longe o mais sangrento dos campos, contando em princípios de 1943 com quatro câmaras de gás e vários crematórios, enquanto que os demais campos eram voltados mais para o trabalho forçado e produção de suplementos industriais de guerra. Em 27 de janeiro de 1945, as tropas soviéticas que avançavam sobre a Polônia em direção a Berlim encontraram os campos de Auschwitz e libertaram os 7000 presos ainda vivos¹⁶⁴. Na Folha Online, a ação das tropas soviéticas em Auschwitz é lembrada em quase todos os episódios de comemoração noticiados. Mas isso pode ser feito de seis maneiras diferentes, como vemos adiante:

25. A 27 de janeiro de 1945, tropas soviéticas **tomaram** o campo de concentração de Auschwitz, símbolo do extermínio dos judeus pelos nazistas, libertando os prisioneiros que lá se encontravam. Sessenta anos depois, a Organização das Nações Unidas comemora nesta segunda-feira (24/01) em Nova York, pela primeira vez em sua história, o acontecimento que deu início à derrocada final da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. (ONU comemora libertação dos campos de concentração, 24/01/2005, 14h02)

26. Sessenta anos após a **libertação** do maior campo de extermínio nazista, localizado na Polônia, Auschwitz continua sendo o maior sinal de advertência contra anti-semitismo e genocídio. Políticos e sobreviventes apelam. (*Europa celebra memória de Auschwitz, 27/01/2005, 15h00*)

¹⁶⁴ VÁRIOS. *Crónica del Holocausto*. Madrid: LIBSA, 2004. p. 591.

27. O campo de concentração de Auschwitz foi **invadido** pelos soviéticos no dia 27 de janeiro de 1945. Chegaram a ser libertados 7.000 sobreviventes, mas ficou conhecida a crueldade do nazismo. (*Ausência de Auschwitz é criticada*, 28/01/2005, 9h25)
28. Cerca de 2 mil sobreviventes se reuniram nesta quinta-feira em Auschwitz, na Polônia, para marcar os 60 anos da **liberação** do campo de concentração nazista. Líderes de mais de 38 países, entre eles o vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney, e o presidente da Rússia, Vladimir Putin, também estão reunidos para lembrar a **chegada** das tropas soviéticas ao campo, em 1945. (*Cerimônia lembra 60 anos do fim de Auschwitz*, 28/01/2005, 13h21)
29. Quando o Exército da União Soviética estava prestes a **entrar** em Auschwitz, os 50 mil prisioneiros remanescentes foram levados para territórios ainda controlados pelos nazistas, no que ficou conhecido como "a marcha da morte". (*Casal conta como se conheceu entre horrores de Auschwitz*, 26/01/2005, 11h00)

Em cada enunciado acima transcrito é usada uma expressão lingüística diferente para nomear o mesmo acontecimento, produzindo, nesse sentido, sentidos também diferentes, em situação de concorrência. Esse processo de designação em conflito poderia ser atribuído ao produtor original da informação. Mas não é o que parece acontecer. Em (25) e (26) temos a Deutsche Welle, de origem alemã; em (27) temos a Agência Folha; em (28) e (29) temos a BBC Brasil. Ou seja, uma mesma produtora de notícias emprega expressões diferentes e até mesmo antagônicas.

O termo libertação e liberação, (26) e (28) respectivamente, são os mais adotados no discurso da Folha Online, aparecendo de forma mais recorrente que os demais, o que demonstra certa coerência discursiva. (Liberação é empregada 2 vezes e libertação é empregada 14 vezes. Todas as outras denominações apenas uma vez). São termos que discursivamente se equivalem. Libertar ou liberar têm o efeito de reforçar o caráter prisional do campo de concentração, de cativo, de que existe algo para ser libertado (no caso, pessoas), o que favorece a imagem dos soviéticos. Os soldados que libertam presos de guerra estão mais próximos do heroísmo, pois a libertação é um ato de salvamento. Liberação ou libertação pressupõem uma ação extremamente ativa, que

sugere conflito e batalha. Não fortuitamente, esses dois termos são utilizados também em outras ocasiões da Segunda Guerra Mundial, para se referir ao episódio que as forças aliadas vencem o fascismo italiano.

Já os termos "tomaram" e "invadido", (25) e (27) respectivamente, seguem uma linha parecida que os dois termos anteriores. A diferença é que estes termos trazem consigo um efeito de violência bem mais forte. Uma invasão ou uma tomada - termos que pertencem ao vocabulário militar ("tomada de posição", "invasão das linhas inimigas") - sugerem mais fortemente a idéia de um combate, da realização de uma luta. Por isso, também há, nesses casos, um enaltecimento da figura do exército vermelho.

Enquanto a palavra "entrar", presente no enunciado (29), tem o sentido que mais destoa dos outros quatro termos anteriores. "Entrar" remete a uma ação pacífica, sem luta, sem heroísmo, sem violência. O verbo apaga o efeito de combate e, em certa medida, também apaga o sentido de que há prisioneiros. Entra-se em casa, no supermercado, em um espaço abandonado, enfim, em diversos tipos de lugares, mas nenhum associado, a priori, a ambientes prisionais (pelo menos nenhum que haja resistência). Por um lado, se há esse efeito de apagamento, por outro, na comparação com o que aconteceu em 27 de janeiro, há certa relevância no uso do termo, pois quando as tropas soviéticas chegaram a Auschwitz, os alemães já haviam batido em retirada, de forma que não foram travados combates.

Por fim, o mesmo que dissemos para "entrar" pode ser dito também para "chegada", (28), termo pacífico, que não denota ação ou objetivo, pressupõe até mesmo algo já esperado. O mais curioso no uso desse termo é que ele aparece na mesma notícia em que também é usado o termo "liberação", o que provoca uma colisão de sentidos dentro de um mesmo texto, provocando deslizamentos em uma rede de sentidos em construção.

3.3.2.1. Lembrar Para Não Repetir ou a Memória Preventiva

Nos enunciados noticiosos que aqui reunimos no grupo "lugares de memória", podemos encontrar ainda uma formação discursiva bastante recorrente no discurso da Folha Online. Essa formação discursiva caracteriza-se por assinalar que a memória do holocausto é antes de tudo um instrumento contra a repetição de novos genocídios, o que, por sua vez, implicaria um dever para com ela. Em matéria publicada em 24 de

janeiro, por exemplo, a Folha deu destaque para uma advertência do então secretário geral da ONU, Koffi Anan, ao se referir sobre o genocídio de judeus: "Não se trata de algo que possamos atribuir a um passado distante e esquecer. Cada geração precisa estar atenta, para que algo semelhante nunca volte a acontecer."

A idéia de uma “memória preventiva” é bastante aceita no senso comum – não só em relação ao holocausto, mas para qualquer outro acontecimento –, como também na própria historiografia. Conforme vimos no capítulo 2, principalmente com François Hartog, a história, durante um bom tempo, foi compreendida como uma mestra da vida, responsável por fornecer a orientação para aqueles que estivessem aptos a lembrar e a compreender suas lições. Segundo essa perspectiva, “a história seria um cadinho contendo múltiplas experiências alheias, das quais nos apropriamos com um objetivo pedagógico; ou nas palavras de um dos antigos, a história deixa-nos livres para repetir os sucessos do passado, em vez de incorrer, no presente, nos erros antigos¹⁶⁵”.

No discurso da Folha, o efeito de sentido “lembrar para não repetir” é retomado em vários momentos do ano e na voz de diversos sujeitos, diversas autoridades políticas do cenário internacional, constituindo aquilo que podemos chamar de um verdadeiro *lugar comum discursivo* no discurso da Folha sobre o holocausto. O sentido dessa máxima nos textos no contexto das comemorações é muito claro: quanto mais nos lembramos da tragédia do holocausto, mas estaremos contribuindo para evitar que esse acontecimento ocorra novamente. Abaixo, selecionamos seis seqüências discursivas diferentes e que produzem esse efeito de sentido. As quatro primeiras foram tiradas do contexto das comemorações da libertação do campo de Auschwitz (janeiro) e no contexto de inauguração de museus e memoriais, em Israel e Alemanha (março e maio).

30. A lembrança do que ocorreu precisa ser mantida viva, já que "o mal que destruiu seis milhões e judeus e outras vítimas nesses campos continua nos ameaçando hoje", advertiu Annan. "Não se trata de algo que possamos atribuir a um passado distante e esquecer. Cada geração precisa estar atenta, **para que algo semelhante nunca volte a acontecer.**" (*ONU rememora libertação dos campos de concentração, 24/01/2005*)

¹⁶⁵ KOSELLECK, 2006, p.42.

31. O presidente alemão Horst Köhler apelou pelo combate internacional ao anti-semitismo e ao genocídio, durante sua visita ao campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia, libertado há exatamente seis décadas. Após percorrer Auschwitz em companhia de sobreviventes do Holocausto, **ele insistiu na obrigação dos políticos em impedir que algo semelhante volte a acontecer.** Köhler denominou Auschwitz o "maior cemitério para judeus, poloneses e ciganos". O presidente alemão também **advertiu da importância de manter viva a memória histórica entre as gerações futuras.** (*Europa celebra memória de Auschwitz, 27/01/2005, 15h00*)
32. De acordo com a mensagem, o presidente 'associa-se às manifestações internacionais de solidariedade às vítimas do Holocausto e reitera a rejeição pelo Brasil da intolerância sob todas as formas. **Ao manter viva a memória dos sacrificados e da tragédia que se abateu sobre a humanidade, o governo brasileiro continuará a envidar esforços para que atos semelhantes jamais se repitam'.** (*Governo divulga nota pelos 60 anos de libertação de Auschwitz, 27/01/2005, 19h57*)
33. Seis décadas depois da libertação do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, líderes mundiais voltaram a lembrar nesta semana as atrocidades cometidas pela Alemanha nazista de Adolf Hitler. (...) O chanceler alemão, Gerhard Schröder, disse que a atual geração, apesar de não ter culpa pelo Holocausto, tem a **responsabilidade de preservar a sua memória para evitar que o mundo nunca mais sofra algo parecido.** (*Mundo promete, mais uma vez, o fim dos genocídios, 28/01/2005, 20h44*)
34. Com a presença de mais de 40 líderes internacionais, o Museu do Holocausto de Jerusalém está sendo inaugurado nesta terça-feira em meio a uma polêmica que reflete as divisões ideológicas em Israel.(...) No material de promoção do museu, o ministério das Relações Exteriores de Israel defende a posição de que "a criação do Estado de Israel e o sionismo são a única resposta para o Holocausto". (...) Ele também disse que o museu quer trazer uma mensagem humanista, **"para que a humanidade se lembre do passado e também**

garanta o futuro". (*Polêmica marca inauguração do Museu do Holocausto de Jerusalém, 15/03/2005, 15h29*)

35. **"Nós temos a responsabilidade de manter viva a memória do sofrimento e da violência que partiu da Alemanha nazista e de garantir que isso nunca se repita.** Não há um ponto final", disse o presidente alemão Horst Köhler, em discurso no Parlamento, neste domingo (08/05), durante a principal cerimônia na Alemanha pelo 60º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial. (*Memória da guerra não tem ponto final, diz Köhler, 08/05/2005*)

Se ampliarmos o olhar para o todo o corpus, esse mesmo efeito de sentido também pode ser encontrado em outras notícias, que não estão necessariamente relacionadas a episódios de comemoração. Mas como pertencem a essa mesma filiação de sentidos, devemos considerá-la também neste momento da análise. São os seguintes casos a seguir:

36. Entre as múltiplas reações à morte de Wiesenthal, que ao longo de sua vida acumulou inúmeras condecorações, está a do chanceler federal austríaco, Wolfgang Schüssel, segundo o qual **"o importante para ele foi estar sempre alerta e, com sua vigilância, evitar que pudesse repetir-se a mais terrível época da História".** (*Morre Simon Wiesenthal, que perseguiu mais de mil nazistas, 20/09/2005 - 09h47*)
37. Depois da execução de Eichmann em Israel, em 31 de maio de 1962, Wiesenthal transfere para Viena o centro, que também se propõe a combater o anti-semitismo e todas as formas de preconceitos e revisionismo. **"Os assassinos da memória preparam as condições para os assassinatos de amanhã",** explicava. (*Wiesenthal dedicou sua vida às vítimas do Holocausto, 20/09/2005*)
38. **"Ao disseminar cerca de 52.000 vozes que nunca mais serão silenciadas e que protegeremos (...) impediremos que um genocídio semelhante volte a ocorrer",** disse o cineasta nesta quinta-feira, em cerimônia na Universidade do Sul da Califórnia, que sediará a Fundação Shoah, criada por ele em 1994.

(Spielberg quer usar depoimentos do Holocausto para evitar genocídios, 21/10/2005 - 03h34)

39. A ONU (Organização das Nações Unidas) declarou nesta terça-feira 27 de janeiro o "Dia Mundial das Vítimas do Holocausto"-- massacre que matou 6 milhões de judeus durante a 2ª Guerra Mundial.(...) O documento também pede ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que estabeleça um programa intitulado "O Holocausto e as Nações Unidas", que permita **mobilizar a sociedade civil para lembrar o que foi essa tragédia, para evitar que a mesma se repita.** (...) **"Nós não podemos continuar repetindo 'Nunca mais' – depois de Cambódia, Ruanda e Srebrenica"**, afirmou Elliasson, depois que a resolução foi aprovada. *(ONU declara 27 de janeiro o "Dia Mundial das Vítimas do Holocausto", 01/11/2005)*

O apelo deste lugar comum discursivo¹⁶⁶ consiste não apenas em sua repetição sistemática, mas também nos discursos de origem dos quais ele deriva: Koffi Annan, representando a ONU, o presidente e o chanceler da Alemanha, o governo brasileiro, ministros de Estado e até mesmo Steven Spielberg, personalidade do meio cultural conhecida internacionalmente. A função dessas autoridades no discurso jornalístico tem o efeito de produzir um efeito de verdade, na medida em que há transferência de legitimidade desses personagens para o jornal.

Nas seqüências transcritos acima, a memória assume uma função pedagógica e preventiva, como se fosse um manual de como se comportar. É o que podemos ver nos enunciados (34) e (35), que relacionam a memória à garantia de um futuro sem holocaustos. Nesses enunciados, a garantia do futuro está relacionada a uma dupla confiança: confiança nas lições do passado (dimensão daquilo que pode ser apreendido e aprendido) e em nossa capacidade social para lembrar. Esta última confiança, estão conjugadas no plural, sugerindo que se trata de um trabalho coletivo de lembrança e não apenas um esforço individual: o desafio é posto em sua dimensão universalista. Universalismo este que parece ser um paradoxo: se antes, em outros enunciados, o holocausto aparecia como um problema exclusivo de judeus e alemães, agora, por outro

¹⁶⁶ Em certas notícias, o sentido de uma memória preventiva é bastante explícito. É o caso da notícia na qual se insere o enunciado (30). Um de seus subtítulos é "A memória como prevenção".

lado, a repetição do holocausto só pode ser evitada com a determinação de todos em manter viva a memória.

O sucesso desta reminiscência de “história mestra da vida”, que ora aparece também como “memória mestra da vida”, não se deve somente ao contexto de comemorações e aniversários, mas a uma experiência própria do próprio holocausto. Desde o final dos anos oitenta, com maior força, o contingente de sobreviventes dos campos de concentração encolheu significativamente, devido simplesmente à idade avançada dessas pessoas, muitos das quais nunca se foram sem deixarem nenhum registro escrito ou oral de suas experiências. Essa redução dos testemunhos diretos ocorreu ao mesmo tempo em que o holocausto passou a ser alvo de críticas pretensamente historiográficas que o questionavam sob diversos ângulos. Autores revisionistas ou negacionistas passaram a colocar em dúvida o número de mortos nos campos e até mesmo a existência das câmaras de gás. A resposta dos sobreviventes veio com o esforço de valorização dessa “memória viva”, por meio da gravação, da narração e de outras formas de eternização da experiência. É claro que os testemunhos sozinhos não foram capazes de responder à altura dos discursos de esquecimento. Por isso, a memória do holocausto também passou a recorrer à história como forma de permanência e de verdade. Nos últimos vinte anos, pelo menos, cresceram as obras historiográficas dedicadas ao estudo do holocausto, fazendo com que o isolamento de Raul Hilberg, visto no primeiro capítulo, torna-se um capítulo distante de nosso tempo.

Apesar das diferenças epistemológicas e metodológicas entre história e memória, no discurso de prevenção ambos os relatos sobre o passado são colocados na posição de um “dever de lembrança”, uma luta contra a repetição do erro. No caso da Folha Online, essa insistência ocorre não somente em notícias, mas também em outros gêneros jornalísticos, como as entrevistas. A idéia de um protetorado da lembrança ocupa até mesmo um lugar de destaque na pauta do jornalista entrevistados. Em cinco de março de 2005, o jornal publicou uma série de três entrevistas cujo objetivo era discutir a memória do holocausto e, principalmente, a relação atual entre judeus e alemães. A Folha conversou com três pessoas de diferentes posições ideológicas e sociais. O primeiro entrevistado foi Benjamin Ortmeier, professor (não-judeu) da Universidade Johann Wolfgang Goethe, para quem esta relação ainda é desigual. O segundo entrevistado foi Andreas Nachama, rabino alemão que avalia positivamente as relações entre alemães e judeus. Por fim, o terceiro entrevistado foi o presidente da

Confederação Israelita do Brasil (Conib), Berel Aizenstein, que também crê que o holocausto é uma página virada entre judeus e alemães. Para os três entrevistados, a Folha Online manteve uma pergunta para todos: “em sua opinião, o senhor acha que o Holocausto foi suficientemente lembrado? A resposta dos três segue reproduzida abaixo:

40. Ortmeier – Em uma palavra, **não**. Creio que é imprescindível saber muito sobre o nazi-fascismo, suas origens, seu desenvolvimento e seus resultados. *(Para professor alemão, Holocausto ficará na memória por séculos, 05/03/2005 – 08h00)*

41. Nachama – O Holocausto **jamais** poderá ser suficientemente relembrado. Mas há memoriais em todos os Estados da confederação e em Berlim – todos os governos alemães investem bastante em educação sobre o Holocausto. *(Para rabino, Alemanha compreendeu a lição do Holocausto, 05/03/2005 – 08h03)*

42. Aizeinstein – **Nunca**. Jamais poderemos apagar e esquecer o Holocausto. Não apenas porque somos judeus, mas porque nenhum povo do mundo merece passar por algo assim. E para que não se esqueça a lição é importante que não se deixe de registrar todos os anos este evento. *(Para rabino, Alemanha compreendeu a lição do Holocausto, 05/03/2005 – 08h03)*

“Não” (40), “Jamais” (41) e “Nunca” (41). Ao reunir três negativas oriundas dos três entrevistados, a Folha reforça decisivamente a idéia de uma memória permanentemente incompleta, impossível e insatisfeita, atrelada a uma função: impedir novos “holocaustos”. Por outro lado, apesar da intensidade com que é construído essa máxima, ela também está relacionada a outro sentido, porém mais oculto. A aposta na memória como redenção também pode ser compreendida como o medo diante do esquecimento. É o que vamos discutir agora.

3.3.3. Negacionismo

Em seu livro “Lete – Arte e crítica do esquecimento”, o professor de literatura Harald Weinrich chama a atenção dos seus leitores para o caráter inacabado do quadro do esquecimento quando ignoramos as maneiras sutis com que este esquecimento pode refletir na linguagem. Weinrich explica que o esquecimento é quase sempre uma função modalizada do discurso. Isso aconteceria pela aplicação dos verbos modais: *(não) poder, (não) querer, (não) dever, (não) permitir*, sempre diante do infinitivo *esquecer*. Para o autor, como conseqüência, cresce o número de expressões quase-modais, como *ter de, precisar, é preciso, é necessário* ou *se permite*, que colaboram sempre para a flexibilização psíquica do esquecimento. “Podemos imaginar todas essas modalidades como ‘caminhos’ lingüísticos do esquecimento, como as formas negadas como ‘marcha ré¹⁶⁷’”.

Ora, é exatamente esse tipo de modalização do discurso que testemunhamos no discurso da Folha, conforme os exemplos na cobertura do jornal sobre os lugares de memória. Quando dizemos “não se esqueça do holocausto”, estamos dizendo “pense no holocausto”. Quando afirmamos que “é preciso lembrar o holocausto”, estamos querendo dizer também que “é proibido esquecer”. Em última análise, isso mostra que por trás da valorização da memória na qualidade de preventivo existe um enorme temor diante da possibilidade do esquecimento. Aliás, podemos afirmar que poucas sociedades humanas foram tão preocupadas em evitar e combater o esquecimento como a nossa. Isso, segundo Weinrich, apresenta-se, no mínimo, como algo curioso, haja vista o caráter ambivalente do esquecimento: necessitamos combatê-lo e, ao mesmo tempo, contar com ele¹⁶⁸.

Se as notícias sobre os lugares de memória sobre o holocausto podem ser tomadas como a “via positiva da memória”, ou seja, a recordação social da lembrança, por outro lado, temos também um grupo de notícias que representam a “via negativa do esquecimento”, ou seja, a interdição e reprovação total a qualquer forma de negação da memória. Em nosso caso, essas notícias estão concentradas no mês de dezembro, na forma de repercussão dos discursos de negação do holocausto feitos pelo presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad.

¹⁶⁷ WINRICH, Harald. *LETE – Arte e Crítica do Esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 19.

¹⁶⁸ *Idem, ibidem*.

Tudo começou no dia 8 de dezembro de 2005, quando Ahmadinejad, em entrevista dada na Arábia Saudita, afirmou que, se Alemanha e a Áustria se sentissem responsáveis pelo holocausto, que ambos abrissem espaço na Europa para o estabelecimento de Israel. Na mesma entrevista, Ahmadinejad colocou em dúvida a existência do holocausto: “Alguns países europeus insistem em dizer que Hitler matou milhões de judeus inocentes em fornalhas a ponto de, se alguém provar o contrário, condenarem essa pessoa a enviarem à cadeia”. (*Israel deve mudar para a Europa, diz presidente do Irã, 08/12/2005 - 16h34*)

Ahmadinejad sempre foi uma figura polêmica, dentro e fora do mundo muçulmano. Doutor em engenharia pela Universidade de Ciência e Tecnologia do Irã, Ahmadinejad desde cedo se mostrou interessado por política. Foi um dos jovens militantes da oposição ao Xá, antes da Revolução Iraniana, e durante a Guerra Irã-Iraque (1980-1988) serviu no corpo de engenharia militar, além de trabalhar com serviços de espionagem. Em 2005, chegou ao ápice de sua carreira política, sendo eleito o primeiro presidente não clérigo do Irã em 24 anos. É considerado por muitos como ultraconservador, profundamente religioso, nacionalista e populista. Recentemente, Ahmadinejad envolveu-se em escândalos de fraudes nas eleições de 2009, da qual saiu vitorioso.

Quando Ahmadinejad, durante a entrevista na Arábia Saudita, critica a posição de se enviar negadores do holocausto à prisão, o presidente iraniano refere-se às leis de alguns países europeus de proibir legalmente a negação do holocausto. Naquele mesmo ano de 2005, a própria Folha Online já havia explorado o assunto em duas ocasiões. Primeiro, em uma matéria de 26 de janeiro de 2005, intitulada "Negar o Holocausto é crime na Alemanha", publicada um dia antes das comemorações dos sessenta anos de Auschwitz. Na segunda ocasião, uma notícia publicada em 17 de novembro mostra a aplicação da lei contra a negação do holocausto, mas dessa vez, em outro país, a Áustria. Naquele dia, a Folha dava a notícia de que o historiador revisionista britânico David Irving fora condenado à prisão pelo tribunal austríaco por seus livros que negam o holocausto. (*Áustria prende historiador que 'nega' holocausto (17/11/2005 - 20h37)*)

A crítica de Ahmadinejad, portanto, insere-se dentro de uma retórica bastante usada por extremistas islâmicos e autores que se auto-intitulam revisionistas, que se utilizam da negação do holocausto como uma estratégia política para rebater o apoio

dos Estados Unidos e Europa a favor do Estado de Israel. Suas declarações tiveram forte impacto no noticiário da Folha no último mês de 2005.

Na tabela abaixo, podemos ver a proporção que o caso tomou.

Título da Notícia	Data da Publicação
Israel deve mudar para a Europa, diz presidente do Irã	08/12/2005 – 16h34
Líder do Irã diz que Israel deveria se “transferido” para a Europa	08/12/2005 – 17h57
Presidente do Irã pede “transferência” de Israel para a Europa	08/12/2005 – 20h15
Áustria rejeita declarações de presidente iraniano sobre Israel	08/12/2005 – 22h17
Indignação européia às declarações do presidente iraniano	09/12/2005 – 09h46
Conselho de Segurança condena declarações de presidente do Irã	09/12/2005 – 19h50
O segundo Holocausto (Coluna de João Pereira Coutinho – Pensata)	12/12/2005
Presidente do Irã diz que Holocausto é um “mito”	14/12/2005 – 09h01
Presidente do Irã chama holocausto de “mito”	14/12/2005 – 09h09
França considera declaração do presidente do Irã “inaceitável”	14/12/2005 – 12h06
Confederação Israelita do Brasil rejeita afirmações de líder do Irã	14/12/2005 – 16h02

IMAG.27

A Europa e as declarações do presidente iraniano	14/12/2005 – 16h59
EUA e UE rejeitam comentários de líder iraniano sobre o Holocausto	14/12/2005 – 19h46
Presidente do Irã deve “se acalmar no Alasca”, diz Shimon Peres	14/12/2005 – 20h50
Fifa descarta exclusão do Irã da Copa-2006	15/12/2005 – 18h08
Bundestag e UE condenam antissemitismo do presidente iraniano	16/12/2005 – 13h29
Grupo judaico quer proibir entrada de líder do Irã na UE	23/12/2005 – 08h02
Onde negar o Holocausto é crime	23/12/2005 – 10h18
Governo russo propõe usina de enriquecimento urânio ao Irã	24/12/2005 – 21h19
Irã rejeita proposta de Moscou para enriquecimento de urânio	25/12/2005 – 07h19
Dicionário 2005 (Coluna de João Pereira Coutinho – Pensata)	26/12/2005

A repercussão das palavras de Ahmadinejad na Folha Online mostram a proporção que o próprio tema do negacionismo - como é conhecida hoje a negação do holocausto - tomou nos meios de comunicação, na comunidade política e também nos meios de comunicação. Destaque para as notícias que se concentram no dia 14 de dezembro, quando diversas autoridades manifestaram-se sobre as palavras do presidente iraniano, criando uma cadeia de sentidos que atualmente só é possível dentro do

ambiente do webjornal - que permite um bombardeamento de notícias sobre um mesmo assunto dentro da edição do mesmo dia.

A negação pública dos crimes nazistas tem a sua origem ainda nos anos 1950 e 1960, especialmente com os trabalhos do historiador Paul Rassinier, que questionavam o número de judeus mortos em campos de concentração. Mais tarde esses estudos ficaram conhecidos como "revisão", já que se propunham a revisar a história. O nome foi bastante bem-vindo pelos que duvidavam do holocausto - geralmente pessoas ligadas a partidos políticos de extrema direita - pois o termo "revisão" traz consigo a idéia de que a história pode e deve ser revisada, reescrita a todo momento, algo completamente aceito pelos historiadores. Dessa forma, sob o rótulo de "revisores", esses autores publicavam obras pseudo-científicas como legítimas. No início não havia a negação do holocausto, mas dúvidas em relação ao número de pessoas assassinadas, as técnicas usadas no extermínio, a existência das câmaras de gás, os locais dos campos da morte, os documentos e testemunhos dos sobreviventes. Décadas mais tarde, os assassinatos em massa passaram a ser negados de maneira sistemática. Atualmente, a situação de tensão entre Israel e parte do mundo islâmico fortaleceu a posição dos revisores e dos negacionistas.

Por muito tempo, os autores que negam ou questionam o genocídio nazista não foram incomodados por historiadores ou autoridades políticas, mas tendo em vista o seu crescimento político no cenário internacional, o silêncio sobre as tentativas de negação finalmente acabou. Uma das primeiras ações contra o "revisão" foi o livro "Assassinos da Memória", ainda nos anos oitenta, do historiador francês Pierre Vidal-Naquet. No livro, o historiador explica a sua obra:

Quero deixar claro de uma vez por todas que não estou respondendo aos acusadores e que não mantereí qualquer diálogo com eles em qualquer plano. Um diálogo entre dois homens, mesmo adversários, supõe um terreno comum, um respeito comum, no caso, pela verdade. Com os 'revisores', esse campo não existe. Seria possível um astrofísico dialogar com um "pesquisador" que afirma ser a Lua feita de queijo Roquefort? Esses personagens situam-se nesse nível. (...) Estabeleci uma regra pra mim: podemos e devemos discutir sobre os revisores; podemos analisar seus textos como fazemos a anatomia de uma mentira; podemos e devemos analisar seu lugar específico na configuração das ideologias, questionar-nos sobre porquê e como apareceram, mas não discutir com os 'revisores'. Pouco me importa os 'revisores' serem da variedade neonazista ou de extrema-esquerda, pertencerem, no plano psicológico, à variedade perversa, paranóica, ou simplesmente à

variedade imbecil, não tenho o que lhes responder e não responderei. Esse é o preço da coerência intelectual¹⁶⁹.

As declarações de Ahmadinejad repercutidas pela Folha Online situam-se dentro deste contexto de memória. No discurso do jornal é possível perceber que a resposta dada ao presidente do Irã foi bastante rápida e representou um esforço de mobilização planetário. O efeito de sentido desse tipo de mobilização é que a comunidade internacional rechaçou prontamente as declarações do presidente iraniano.

43. Annan, da mesma forma que o Conselho, lembrou ao Irã que, há exatamente um mês, a Assembléia Geral aprovou uma resolução que “nega qualquer rejeição do Holocausto como acontecimento histórico, nem completamente nem parcialmente”. (*Conselho de Segurança condena declarações de presidente do Irã, 09/12/2005, 19h50*)

44. “O presidente do Congresso Judaico Latino-Americano (CJL) e da Confederação Israelita do Brasil (Conib), em nome de toda a comunidade judaica latino-americana e brasileira, expressa o mais enérgico repúdio às declarações que agridem o Estado de Israel e a memória dos 6 milhões de judeus assassinados na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.” (*Confederação Israelita do Brasil rejeita afirmações de líder do Irã, 14/12/2005, 16h02*).

45. O Bundestag (câmara baixa do Parlamento Alemão) aprovou uma resolução, nesta sexta-feira (16/12), condenando as declarações de Mahmoud Ahmadinejad e defendendo o direito à existência do Estado de Israel. “O governo alemão deve opor-se a qualquer política que ponha em questão esse direito e negue o Holocausto”, diz o documento. (*Bundestag e UE condenam antissemitismo do presidente iraniano, 16/12/2005, 13h29*)

46. Em reação, o governo alemão exigiu satisfações do embaixador do Irã e aprovou na sexta-feira última (16/12) resolução condenando as afirmações de

¹⁶⁹ VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os Assassinos da Memória - O Revisionismo na História*. Rio de Janeiro: Papirus, 1987. p.11

Ahmadinejad. Segundo esta, a proibição de negar os fatos históricos do Holocausto não representa apenas a posição de todos os políticos, como é ponto pacífico para a sociedade alemã. (*Onde negar o Holocausto é crime, 23/12/2005, 10h18*)

As declarações de Mahmoud Ahmadinejad são, de fato, moral, histórica e eticamente condenáveis, o que justifica a grande repercussão. Até porque o episódio demonstra que as correntes revisionistas e negacionistas estão chegando ao nível dos estadistas, o que sugere ganho de poder para essa pseudo corrente historiográfica. Mas o que estamos chamando a atenção nesta análise é o espaço que esta declaração teve no discurso jornalístico, fato que demonstra a enorme sensibilidade do jornalismo diante de acontecimentos que lidam com a memória, neste caso, com o seu reverso, o esquecimento. E mais ainda: que este grupo de notícias está discursivamente associado ao grupo de notícias que enfatizam a função da memória. Em certa medida, são efeitos de sentido que se completam. Se o principal efeito de sentido da Folha é não esquecer (do contrário a pena é a repetição), a negação do holocausto deve ser prontamente rechaçada. De acordo com os preceitos da análise do discurso, mais um sinal de que os interdiscursos possuem um grande poder de produzir sentidos sobre um acontecimento.

3.4. Repensando as bases de conhecimento do passado

Reconhecer a importância da análise das práticas discursivas de um jornal online dentro do âmbito dos estudos do holocausto significa reconhecer também o papel de destaque da linguagem na caracterização do conhecimento e da necessidade da interdisciplinaridade como pressuposto teórico. Mais do que isso até, significa que a compreensão do holocausto e de todo episódio localizado no passado não provém somente de um único lugar do saber, mas da conjunção, do intercâmbio, do diálogo de diversas formas de escrita do passado.

Segundo Bakhtin, qualquer esfera da atividade humana está relacionada com a utilização da língua, de forma que há tantos modos de utilização de uma língua quantas esferas de atividade. Esse uso manifesta-se, segundo o intelectual russo, através da formulação de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, por indivíduos que fazem parte de uma determinada esfera. Ao conjunto dos enunciados relativamente

estáveis produzidos em cada esfera da atividade humana, Bakhtin deu o nome de gênero do discurso¹⁷⁰.

Esses gêneros do discurso, porém, não estão isolados. Eles dialogam, filiam-se, reconstroem-se a partir de outros gêneros do discurso e de enunciados produzidos em outras esferas sociais: a história, a memória, a sociologia, a religião, a filosofia, enfim, diversos campos do conhecimento, científico ou não.

Esse fato possui implicações óbvias para se repensar as nossas bases do conhecimento sobre o passado. Um jornalista, por exemplo, só pode produzir uma matéria sobre o holocausto tendo como referência outros enunciados sobre o tema, grande parte desses enunciados localizados fora do universo jornalístico e institucional de seu local de trabalho. Da mesma forma, um sobrevivente do holocausto, no caso de discursos da memória, ou de um historiador, no caso da construção “científica” do saber, também opera seus discursos a partir de outros enunciados socialmente produzidos em seu tempo, como o jornal. Em outras palavras, os discursos estão em permanente contato, criando sentidos que ultrapassam os limites de cada área ou campo. Por isso, o estudo das práticas discursivas da Folha Online no tocante ao holocausto é importante do ponto de vista da compressão do fenômeno. Sobre esse processo dialógico, explica Lúcia Maria Alves,

O sujeito enuncia a partir das formações imaginárias de seu grupo social, afetado pelos muitos discursos que o constituem e que se constroem no interior de formações discursivas em constante processo de estabilização e desestabilização, pois são permanentemente invadidas por sentidos oriundos de outras formações discursivas “sob a forma de pré-construídos e saberes partilhados socialmente, cuja historicidade se apaga para o sujeito¹⁷¹”.

Logo, se a linguagem pode corroborar para uma determinada visão do passado – e isso por si só já é um acontecimento – todos os que se interessam pelo estudo do passado e, mais especificamente pelo estudo da memória, devem prestar atenção ao discurso, à maneira pela qual um objeto histórico é produzido discursivamente e à própria narrativa que constroem ou reproduzem¹⁷². Pois como certa vez disse Bakhtin,

¹⁷⁰ BAKHTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (passim)

¹⁷¹ FERREIRA., *op.cit.*, p.59.

¹⁷² JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2004. p.11.

"a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua"¹⁷³

¹⁷³ BAKHTIN, *op.cit.*, p.282.

Considerações Finais

Na introdução de seu livro “Apologia da História”, o historiador francês Marc Bloch, pai fundador da tradição dos Annales, afirmou que não poderia imaginar, para um escritor, “elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares¹⁷⁴”. Tendo completado o exercício de escrita desta dissertação, espero ter chegado perto deste elogio ao qual se refere Bloch. Durante todo o desenvolvimento deste texto tive em mente a preocupação em torná-lo correto e agradável tanto para o olhar do especialista (respeitando as regras, os métodos e compromisso com a produção do conhecimento) quanto para o leigo.

Realizar o fim dessa caminhada citando Marc Bloch é do ponto de vista desta dissertação bastante significativo. Primeiro porque se trata de um autor com grande influência em minha maneira de pensar criticamente o passado. Em segundo lugar, porque foi “Apologia da História” o último livro de Bloch (judeu) em vida, antes de ser fuzilado pela fúria nazista em 16 de junho de 1944 próximo a cidade de Lyon, na França. Os rabiscos que Marc Bloch anotou em algumas tiras de papel também são histórias de resistência, de esperança, do testemunho de quem viveu de perto o limite da humanidade. Esses rabiscos (que falam sobre o passado, sobre a memória dos homens) somam-se aos testemunhos, às histórias e narrativas diversas e elaboradas pelos que sobreviveram ao holocausto, conforme mencionamos na apresentação deste trabalho. Escrever sobre o holocausto, sobre sua memória, sobre seus dramas não é uma tarefa fácil, mas é tarefa que vem sendo feito com esmero por vários estudiosos. Nesse sentido, espero que entre as primeiras linhas da apresentação e as últimas destas considerações finais, eu possa ter contribuído um pouco para o campo que hoje se convencionou chamar de estudos sobre o holocausto.

Dos três capítulos que compõem a dissertação, o primeiro foi aquele que conduziu os demais. Inicialmente, eu havia pensado em um capítulo que introduzisse o leitor a história do holocausto. Pouco tempo depois, puder perceber que incorrer neste caminho seria um equívoco, haja vista o enorme número de publicações sobre o tema. E, além disso, nunca se pode fazer uma introdução tão breve a um assunto tão complexo e ramificado quanto o holocausto. Por isso, após a qualificação, refiz o primeiro capítulo. Ao invés de história do holocausto, escrevi um capítulo no qual discuto a

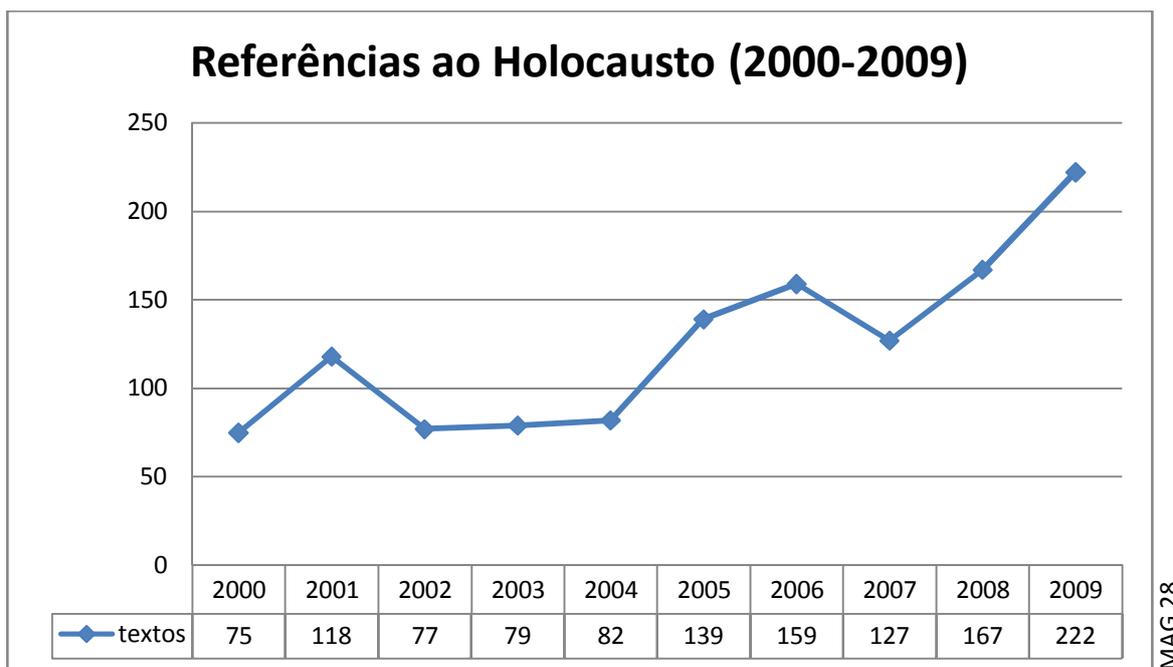
¹⁷⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da História – ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p.41.

memória e a história do holocausto no pós-guerra, algo que faz muito mais sentido para o tom de minha análise do discurso, já vez que os discursos da Folha Online sobre o holocausto inserem-se no contexto de transformações (e reviravoltas) que o tema sofreu nos últimos sessenta anos. A partir da consolidação do primeiro capítulo, os outros dois, subseqüentes, fluíram sem grandes obstáculos.

Dentre os resultados encontrados na análise, destaca-se a sensibilidade da Folha Online para episódios de comemorações de todo tipo, especialmente aniversários de datas históricas. No caso do holocausto, essa comemoração não teve um lugar de destaque, como outras do gênero, no mesmo ano, conforme vimos no terceiro capítulo. No entanto, essa diferenciação pode estar intimamente associada a um efeito de sentido produzido pelo próprio discurso da Folha Online, que sugere que o holocausto é uma questão que pertence, antes de tudo, a alemães e judeus. Em outras palavras, a idéia de que “este acontecimento não me diz tanto respeito” pode ter pesado na decisão de Folha em não elaborar reportagens especiais sobre os sessenta anos da libertação dos campos de concentração. Esse efeito de sentido foi explorado no ponto 3.2.2.

Por outro lado, vimos que isso em nenhum momento bloqueou a “sensibilidade” da Folha para esse contexto de comemoração. As pautas ligadas aos sessenta anos estiveram presentes em todo o ano de 2005, divididas em 139 textos jornalísticos que empregaram pelo menos uma vez a palavra holocausto.

No campo da análise de discurso costuma-se dizer que um determinado enunciado não começa no momento de sua elaboração ou muito menos termina no final desta. No caso dos enunciados da Folha isso é verificável. Antes de 2005, as referências ao termo holocausto dificilmente ultrapassavam a casa da centena e sempre mantinham um ritmo irregular. Mas em 2005, essas referências tiveram um crescimento significativo. De 82 referências em 2004, elas saltaram para incríveis 139 em 2005, um aumento de 88%. O gráfico a seguir ajuda a visualizar esse crescimento nos anos últimos dez anos:



Com exceção de 2007, quando as referências ao holocausto tiveram uma queda de 20% em relação ao ano anterior, nos últimos quatro anos houve crescimento e regularização no acionamento da memória do holocausto, o que pode estar associado, em menor ou maior grau, aos episódios de comemoração que tiveram lugar em 2005. Tamanho crescimento em tão pouco tempo parece sugerir que os efeitos de sentido em torno da memória, em 2005, surtiram efeito dentro do próprio discurso da Folha Online. Conforme discutimos no terceiro capítulo, uma das formações discursivas mais recorrentes no corpus analisados é aquele que aposta na memória como prevenção. Podemos aqui classificar essa formação como a mais importante do discurso da Folha, pois os seus enunciados estabelecem uma função para a memória do holocausto. Dão-lhe uma utilidade prática: servir como dispositivo que impede a repetição. Utilidade que pode ainda ser aplicada ainda para se pensar outras memórias, que não a do holocausto. Esse efeito de sentido, que em grande parte dos enunciados é visto como uma obrigação pertencente a novas e velhas gerações. Essa relação, porém, não ocorre apenas no Brasil, mas ao que tudo indica trata-se de um paradigma da memória no imprensa do mundo ocidental.

Em artigo recente, a pesquisadora Luciana Heymann, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV), citando uma pesquisa realizada em dois grandes jornais franceses, expoentes do pensamento da esquerda e da direita francesas, respectivamente *Libération* e *Le Figaro*, entre setembro

de 1999 e setembro de 2001, mostrou que a expressão *dever de memória* é um lugar comum nos noticiários desses dois veículos¹⁷⁵. No primeiro jornal, a expressão apareceu em 180 artigos, no segundo, em 209. Mas a pesquisa não se deteve apenas aos dados quantitativos. Heymann sublinha ainda que embora a expressão *dever de memória* tenha surgido em um contexto específico, o da rememoração do genocídio dos judeus europeus durante o Terceiro Reich, a sua enunciação vem se afastando dessa referência original. A pesquisa francesa mostrou que apenas 26 artigos entre os 180 publicados no *Libération* tratam da memória do holocausto ou, de maneira mais ampla, da memória da Segunda Guerra Mundial. Em outras palavras, o sentido jornalístico de que a memória é uma espécie de dever (no caso da Folha Online, um imperativo contra a repetição) acaba se desprendendo de seu contexto original, “contaminando” outras memórias. Seria essa uma possível consequência da memória do holocausto no futuro?

Segundo Heymann, mencionar a expressão *dever de memória*, nos dias de hoje, em países como a França é remeter “à idéia de que cada grupo social, em outro tempo vítima, e hoje herdeiro da dor, pode reivindicar a celebração de seus mártires e heróis, bem como o reconhecimento pelo dano sofrido e uma forma de reparação¹⁷⁶”. Tratando-se do caso brasileiro, mais especificamente do discurso da Folha Online, o *dever de memória* parece estar mais associado a uma espécie de obrigação compartilhada, um imperativo que nos obriga a lembrar para evitar a repetição, conforme mostram os enunciados analisados no capítulo 3 deste trabalho. A pergunta que, então, se coloca é: lembrar garante a não repetição?

Se levarmos em conta que a história ou a memória não são um manual de bom comportamento ou equação matemática retroativa que aplicamos ao futuro, a resposta é não. Esta negativa pode ser ilustrada com o ótimo artigo do psicanalista inglês Adam Philips, intitulado “A Memória Forçada”, (ironicamente) publicado no caderno Mais! da Folha de S.Paulo, em 20 de novembro de 2005. Nesse artigo, Philips discute o temor e o lamento quase supersticioso que o esquecimento vem causando hoje, tanto na vida pessoal das pessoas quanto também nos espaços da vida política, ao mesmo tempo em que se acredita nos poderes salvadores de uma memória redime e assegura o futuro. Segundo Philips, “Até mesmo aqueles que acreditam que já não podemos ser salvos presumem que a memória pode nos ajudar, que a lembrança é nosso último vestígio do

¹⁷⁵ Cf. HEYMANN, Luciana. O “*devoir de mémoire*” na França Contemporânea: entre memória, história. Legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

¹⁷⁶ *Idem.*

mito da redenção¹⁷⁷”. Para o autor, existe hoje um mito redentor da memória que diz que aquilo que deve ser lembrado - desde que lembrado da maneira correta - pode beneficiar nosso bem-estar no presente e no futuro. Mas Philips descortina: "Afirmar que aqueles que esquecem o passado provavelmente estão condenados a repeti-lo não equivale a dizer que aqueles que o recordam não o farão¹⁷⁸".

Assim, devemos estar atentos para a construção de formações discursivas – como a da Folha – que investem no trabalho de memória como uma garantia de que os erros do passado não serão reeditados. Como sublinha também o historiador Manoel Salgado, o crescimento vertiginoso no trabalho social da memória que temos observado em nosso tempo não corresponde necessariamente a uma relação mais crítica em relação ao passado¹⁷⁹. Este trabalho, podemos acrescentar, não garante nem mesmo maior liberdade para falar sobre o passado. Especialmente, porque os discursos de memória também são discursos de esquecimento. No primeiro capítulo, vimos que o conceito de “memória subterrânea” pode ser associado ao holocausto, nos primeiros anos do pós-guerra: memórias parcialmente encobertas, zelosamente guardadas em redes informais e que aguardavam um contexto favorável para irromper o silêncio feito em torno dela. De outro ponto de vista, vimos também as “memórias encobridoras” de Freud: memórias acionadas pelo indivíduo ou pelo grupo com a função de silenciar outras.

Na atualidade, portanto, falar mais sobre o holocausto não significa dizer que conhecemos melhor esse acontecimento ou que lidamos melhor com ele. Nesse sentido, dois casos mostram que nem sempre o “dever de memória” funciona como esperávamos. O primeiro vem da Alemanha. Ele diz respeito ao livro *Opa war kein Nazi* (“Vovó não era nazista”, Ed.Ficher, - ainda sem tradução para o português). Publicado em 2002 a partir de uma pesquisa organizada pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Hanover, o livro gerou polêmica na Alemanha ao examinar recordações familiares sobre o período do Terceiro Reich. A obra trazia entrevistas com três gerações de famílias alemãs e expunha uma discrepância paradoxal entre essas lembranças e o atual trabalho coletivo de memória e história: se por um lado é possível testemunhar um *boom* de memória sobre o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, com filmes, programas de TV, romances, museus, monumentos e até mesmo jogos de

¹⁷⁷ PHILIPS, Adam. *A Memória Forçada*. Mais. Folha de S. Paulo, 20 de novembro de 2005. p.10

¹⁷⁸ *Idem*.

¹⁷⁹ GUIMARÃES, *op.cit.*, 38.

vídeo-game¹⁸⁰, por outro, o assassinato de milhões de pessoas em campos de extermínio e a associação, direta ou indireta, de alemães com o Nacional Socialismo, parece uma realidade distante nas memórias familiares. Segundo os entrevistados do livro, 17% da população adulta na época da guerra sempre se pronunciou contra as injustiças cometidas; apenas 1% dos alemães compactou com as injustiças cometidas durante o período hitlerista e não mais que 3% da população realmente era antisemita¹⁸¹. Em outras palavras, nazistas eram os outros.

Já o segundo caso situa-se no contexto brasileiro. Entre 22 e 25 de março de 2001, o IBOPE de São Paulo realizou uma pesquisa encomendada pelo American Jewish Committee, intitulada “O Conhecimento e a Memória do Holocausto no Brasil – Uma Pesquisa de Opinião”. Uma das conclusões da entrevista foi de que falta aos brasileiros um conhecimento real sobre o holocausto. Do total de entrevistados, que representam uma amostra representativa da população brasileira, 32% dos brasileiros não têm qualquer conhecimento sobre o extermínio de judeus pelos nazistas. O resultado se dá, vale lembrar, em uma sociedade na qual o holocausto, conforme vimos, tem sido acionado de maneira regular pelos principais produtores de memória social. Assim, é preciso ser bastante crítico em relação aos sentidos que estamos atribuindo à memória do holocausto, bem como qualquer outra memória. A memória, por si só, não nos salvará ou assegurará a paz do futuro. O que não significa dizer que a recordação não é importante. Ela é fundamental e até mesmo inevitável. Mas que mais importante do que essa recordação é a nossa capacidade de entender o passado lembrado.

O Futuro da Pesquisa

Em todas as etapas dessa dissertação, o trabalho com a vertente francesa da análise do discurso mostrou-se extremamente pertinente para ser dar conta da pergunta que motivou a investigação: *como* a Folha lembrou o holocausto na ocasião de seus sessenta anos. Pouco a pouco, descobrimos que não há uma única voz nessa lembrança,

¹⁸⁰ Um dos mais famosos é o chamado "Call Of Duty". O jogador assume o lugar de um soldado da "U.S 101st Airborne Division" (a mesma divisão da série da HBO “Bando of Brothers”) que deve realizar diversas missões no teatro de guerra do pacífico e da Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. O jogo impressiona não só pela qualidade gráfica e pela jogabilidade, mas principalmente pelo realismo de um roteiro que combina cenas de ficção e vídeos reais.

¹⁸¹HAROLD Welzer, MOLLER, Sabine, TSCHGGNALL, Karoline. *Opa war kein Nazi: Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2002.

mas várias, como é típico do discurso jornalístico. Através do exercício da análise, identificamos que a comemoração do holocausto encaixa-se em uma categoria diferente de outras comemorações do jornal, que a sua rede hipertextual permite uma maior sobrevivência para os já-ditos do jornal, incluindo nesses já-ditos, aquele que aposta na memória como prevenção.

Outra conclusão importante deste trabalho remete ao aspecto teórico-metodológico do que se abordou o discurso do webjornalismo. Poucos trabalhos na análise do discurso se debruçaram até hoje sobre o meio online, apesar do rápido crescimento desta modalidade de jornalismo. Apesar da falta de referências, recorremos a analogias da análise de discurso em veículos de imprensa tradicionais para realizar a leitura de ferramentas e funcionalidades dos webjornais. A estratégia se revelou extremamente bem sucedida, mostrando que o referencial teórico da análise do discurso é apropriado mesmo diante das novas tecnologias midiáticas. Esse êxito sustenta-se com a discussão referente aos hiperlinks, interdiscursos e memórias discursivas, que vimos transformar o papel da memória do holocausto no discurso da Folha de uma maneira particular. Junto com o efeito de sentido “lembrar para não repetir”, esta pode ser considerada uma das grandes contribuições dessa dissertação.

Por outro lado, o processo de pesquisa também suscitou novas dúvidas, novos questionamentos, que por não estarem dentro do escopo deste trabalho, não puderam ser respondidas. É dado aceito que a memória do holocausto tem sido cada vez mais acionada pelos produtores de memória social no Brasil, como deixa claro o estudo da Folha Online. No entanto, desde quando existe este interesse pelo assunto e por que? É possível falar em uma relação entre esta memória e outras memórias traumáticas, ligadas ao contexto sócio-histórico brasileiro? Em países como a Argentina, o tema do holocausto é frequentemente lembrado ao lado da memória da ditadura militar. Essa ponte pode ser identificada também no Brasil?

Tenho em vista estas questões – que no fundo nunca se encerram e são elas mesmo o combustível do pesquisador – espero poder dar seqüência a este trabalho no âmbito do doutorado, provavelmente retornando para o campo da história já que, a meu ver, oferece importantes subsídios para determinar as respostas dessas questões, além de ser a área na qual pretendo especializar-me ainda mais, mas sem deixar de lado o espírito empreendedor da interdisciplinaridade. Talvez seja esse espírito de diálogo, de conversa, de troca e de partilha com as outras ciências humanas e sociais o que me

permita alcançar, de fato, a façanha de Marc Bloch, de conseguir falar aos doutos e aos escolares no mesmo tom.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. **Entre a Nação e a Alma: quando os mortos são comemorados**. In: Estudos Históricos 14. Rio de Janeiro, 1994.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDRT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém – Um Relato sobre a Banalidade do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARQUSHOAH. Disponível em <http://www.arqshoah.com.br/>. Acesso em 17 de set.2009.

ARROJADO e polêmico, memorial judaico é inaugurado em Berlim. Uol Notícias. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2005/05/04/ult26u18884.jhtm>. Acesso em 20 de set 2009.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. **Toward a Philosophy of the Act**. Austin: University of Texas Press, 1993.

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, senhores da memória?** Trabalho apresentado ao XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-RS – 30 de agosto a 3 de setembro de 2004.

_____. Meios de Comunicação e Usos do Passado: Temporalidade, Rastros e Vestígios e Interfaces Entre Comunicação e História. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. **Comunicação e História**. Rio de Janeiro: Globo Universidade e Mauad, 2008.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark, (2001). **Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism**. In: Australian Journalism Review 23 (2), pp.99-100.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. Rio de Janeiro: Editora brasiliense, 1986.

BENTIVOGLIO, Julio. A Independência Retratarada Por Eduardo Bueno No Fantástico. In: <http://www.soprando.net/> (Blog) 13 de setembro de 2007. Acesso em 23 de out de 2009.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **A percepção do tempo através do jornalismo contemporâneo. A valorização do presente e a demanda de memória no jornal O Globo.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Comunicação, 2006. (Monografia)

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. apud MOURA, Maria Betânia do Socorro. **Memória discursiva em Foucault e acontecimento jornalístico.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v.1, p.1-12, 2008.

DIAS, Paulo. **Hipertexto, hipermídia e media do conhecimento: representações distribuída e aprendizagens fixáveis e colaborativas na Web.** Revista Portuguesa de Educação, 2000, 13(1) pp.141-167. Universidade de Moinho.

DICK, Philip K. **O Homem do Castelo Alto.** São Paulo: Editora Aleph, 2006.

DOSCTORS, Márcio. Apresentação. In: DOCTORS, Márcio (Org.) **Tempo dos Tempos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ÉPOCA (Revista). **Samba e Holocausto – O desfile da Viradouro gerou uma polêmica: um genocídio pode ser tema de Carnaval?** Rio de Janeiro: Editora Globo, edição n.507, 4 de Fevereiro de 2008.

FERREIRA, Lúcia Maria Alves. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa. In: RIBEIRO, Ana Paula e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. (Org.) **Mídia e Memória – A Produção de Sentidos nos Meios de Comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FINKELSTEIN, Norman G. **A Indústria do Holocausto – Reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus.** Rio de Janeiro: Record, 2001

FIORIN, José Luiz. **Língua, discurso e política.** Alea, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2009.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual de Redação.** São Paulo: PubliFolha, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUNDATION for the memorial to the murdered jews of Europe. **Materials The Memorial To The Murdered Jews of Europe.** Berlim: Nicolai, 2006.

FREITAS, Hélio. **Nem tudo é notícia: o Grupo Folha na Internet.** 1998. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Dissertação (Mestrado).

FREUD, Sigmund. **Lembranças encobridoras.** Rio de Janeiro: Imago, 1999

FRIEDLÄNDER, Saul. Por que El Holocausto – **Las Causas históricas y psicológicas Del exterminio de los judios em la Alemania nazi.** Barcelona: Gedisa, 1971.

GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

HAROCHE, Caludine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. **La sémantique et la coupe saussurienne; langue, langage, discours**. In: Langages, 1971, 6(73): 93-106 In: MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O Comunismo Imaginário - Práticas discursiva da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem, 1996. p.65. Tese (Doutorado)

HAROLD Welzer; MOLLER, Sabine; TSCHGGNALL, Karoline. **Opa war kein Nazi: Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2002.

HARTOG, François. Tempos do Mundo, História, Escrita da História. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (Org.) **Estudos sobre a Escrita da História**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

HEYMANN, Luciana. O “devoir de mémoire” na França Contemporânea: entre memória, história. Legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

HILBERG, Raul. **The Destruction of the European Jews**. Chicago: Quadrangle Books, 1961.

HUYSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

_____ **Seduzidos pela Memória - Arquitetura, Monumento, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

JOHNSON-EILOLA, Johndan. **Reading and Writing in Hypertext: Vertigo and Euphoria**. In: SELFE, Cynthia L. & Susan HILLIGOSS. (eds). 1994, pp. 195-219, 1994. p147.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra – Uma História da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise**. Rio de Janeiro: Ed.UERj e Contraponto, 1999.

_____ **Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contratempo e Editora PUC-RJ, 2006.

LECOMTE, Jean-Michel. **Ensinar o Holocausto no século XXI**. Lisboa: Ed. Occidentalis, 2007.

LERNER, Kátia. **Coleções e Sistemas Classificatórios: Refletindo sobre a Categoria “Holocausto”** In: Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas – Ano 2, n.03, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O Comunismo Imaginário - Práticas discursiva da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem, 1996. p.65. Tese (Doutorado)

MARRUS, Michael R. **A Assustadora História do Holocausto**. Rio de Janeiro: Prestígio editorial, 2003.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e Implicações do Jornalismo na WEB**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001. In: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf

MORAES, Luís Edmundo de Souza. **Lembrar o Holocausto Hoje**. Revista de Estudos Judaicos. n.01, 2009.

MORRE Raul Hilberg, 'pai' dos historiadores do Holocausto. Estadão Online. Disponível em: http://www.estadao.com.br/internacional/not_int30946,0.htm Acesso em 20 set 2009.

NAZI Effort Wiped Out All But Tenth of Jews. The Hamilton Spector. 25 de ago 1945. Ontario, Canadá. Disponível em www.warmuseum.ca. Acesso em 21 de setembro de 2009.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993

NOVICK, Peter. **The Holocaust in American Life**. Boston and New York: Mariner Books, 2000.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORRICO, Evelyn Goyannes Dill Orrico; OLIVEIRA, Carmem Irene. A Linguagem na Construção do Sentido: discurso e organização do conhecimento. In: ORRICO; Evelyn Goyannes Dill; GÓMEZ, Maria Nélide González. (Orgs.). **Políticas de Memória e Informação – reflexos na organização do conhecimento**. Editora da UFRN (EDUFRN), 2006.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate**. In: Jornadas de Jornalismo Online, 1., 2002, Covilhã. Anais.Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf.

PETRIE, Jon. **The Secular Word “HOLOCAUST”: Scholarly Sacralization, Twentieth Century Meanings**. Texto retirado da internet, mas originalmente publicado sob o título “The secular word HOLOCAUST: scholarly myths, history, and 20th century meanings”, in: Journal of Genocide Research, Volume 2, Number 1 / March 1, 2000.

PHILIPS, Adam. **A Memória Forçada**. Caderno Mais! Folha de S.Paulo, 20 de novembro de 2005. P10.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

RAMOS, José Nabantino. Um só nome para os nossos jornais. Folha de S. Paulo, 1º de janeiro de 1960.

RENAN, Ernest. O que é uma nação. In: ROUANET, Maria Helena (Org.). **Nacionalidade em questão**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1991.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. História da Comunicação no Brasil: um Campo em Construção. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael; **Comunicação e História – interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Globouniversidade e Mauad X, 2008.

RIBERIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In. HERSCHMANN, Michael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (Orgs.) **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

ROSEMAN, Mark. **Os Nazistas e a Solução Final – A conspiração de Wannsee: do assassinato em massa ao genocídio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SARKOZY: “França verdadeira não estava em Vichy e sim na Resistência”. G1, 8 de maio 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL462586-5602,00->

SARKOZY+FRANCA+VERDADEIRA+NAO+ESTAVA+EM+VICHY+E+SIM+NA+RESISTENCIA.html.Acesso em 20 de setembro de 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva**. Belo Horizonte: Companhia das Letras e Editora UFMG, 2005.

SCHLINK, Bernhard. **O Leitor**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura – a comunicação e seus produtos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler – Origens, interpretações, legados**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

VÁRIOS. **Crônica del Holocausto**. Madrid: LIBSA, 2004.

VEJA (Revista). O Legado da II Guerra. São Paulo: Editora Abril, edição de 4 de maio de 2005, p.133.

VIANNA, Alexander Martins. **Cinema e História: Entre Pesquisa e Ensino**. Revista Digital Art, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2004.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os Assassinos da Memória - O Revisionismo na História**. Rio de Janeiro: Papyrus, 1987.

WINRICH, Harald. **LETE – Arte e Crítica do Esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ANEXO 1 – LISTA DE TEXTOS JORNALÍSTICOS TRABALHADOS NA DISSERTAÇÃO

NOTICIA	DATA DE PUBLICAÇÃO	NOTICIA	PAGINA
ONU rememora libertação dos campos de concentração	24/01/2005 – 14h02	1	143
Casal conta como se conheceu entre horrores de Auschwitz	26/01/2005 11h00	2	145
Europa celebra memória de Auschwitz	27/01/2005 – 15h00	3	146
Governo divulga nota pelos 60 anos de libertação de Auschwitz	27/01/2005 – 19h57	4	148
Ausência de Auschwitz é criticada	28/01/2005 – 09h25	5	149
Cerimônia lembra 60 anos do fim de Auschwitz	28/01/2005 – 13h21	6	150
Mundo promete, mais uma vez, o fim dos genocídios	28/01/2005 – 20h44	7	151
Prefeito de Londres chama Ariel Sharon de "criminoso de guerra"	04/03/2005 – 06h38	8	153
Para professor alemão, Holocausto ficará na memória por séculos	05/03/2005 – 08h00	9	154
Pra rabino, Alemanha compreendeu a lição do Holocausto	05/03/2005 – 08h03	10	156
Presidente de entidade judaica vê boa relação com alemães	04/03/2005 – 08h04	11	157
Emenda da lei restringe direito de reunião	11/03/2005 – 13h34	12	159
Polêmica marca inauguração do Museu do Holocausto de Jerusalém	15/03/2005 – 15h29	13	161
Cidade apagada pela Light ressurge no RJ	21/03/2005 – 10h02	14	163

Análise: Um velho tratado para um mundo novo?	02/05/2005 – 19h31	15	165
Alemanha Inaugura Memorial do Holocausto na próxima terça-feira	03/05/2005 – 12h52	16	167
Memória da guerra não tem ponto final, diz Köhler	08/05/2005 15h18	17	169
Alemanha inaugura Memorial do Holocausto em Berlim	10/05/2005 – 04h57	18	171
McNamara adverte para um cenário de apocalipse nuclear	13/05/2005 – 14h00	19	172
Detidos no RS acusados de agredir judeus	17/05/2005 – 18h24	20	173
Polícia prende 4º suposto skinhead acusado de ter esfaqueado judeus	26/05/2005 – 00h16	21	174
Protesto pede fim do uso de animais vivos como cobaias	02/07/2005 – 22h46	22	175
Líder palestino estudou direito e tem fama de moderado	12/08/2005 – 13h25	23	176
USP prepara museu sobre a tolerância	23/08/2005 – 09h42	24	178
Morre Simon Wiesenthal, que perseguiu mais de mil nazistas	20/09/2005 – 09h47	25	180
Solana lamenta morte de Wiesenthal, o "caçador de nazistas"	20/09/2005 – 10h14	26	182
Wiesenthal dedicou sua vida às vítimas do Holocausto	20/09/2005 – 12h59	27	183
Amman lamenta morte de Wiesenthal em sessão na ONU	20/09/2005 – 22h17	28	185
Spiegel quer usar depoimentos do Holocausto para evitar genocídios	21/10/2005 – 03h34	29	186
Papa reassume compromisso de "bom relacionamento" com judeus	27/10/2005 – 19h44	30	187
ONU declara 27 de janeiro o "Dia Mundial das Vítimas do Holocausto"	01/11/2005 – 17h57	31	100

Israel deve mudar para a Europa, diz presidente do Irã	08/12/2005 – 16h34	32	189
Líder do Irã diz que Israel deveria ser "transferido" para a Europa*	08/12/2005 – 17h57	33	190
Presidente do Irã pede "transferência" de Israel para a Europa	00/12/2005 – 20h15	34	191
Austria rejeita declarações do presidente iraniano sobre Israel	08/12/2005 22h17	35	193
Conselho de Segurança condena declarações de presidente do Irã	09/12/2005 – 19h50	36	194
Indignação europeia às declarações do presidente iraniano	09/12/2005 – 09h46	37	195
O segundo Holocausto (Coluna de João Pereira Coutinho – "Pensata")	12/12/2005	38	196
Presidente do Irã diz que Holocausto é um "mito"	14/12/2005 – 09h01	39	198
Presidente do Irã chama holocausto de "mito"	14/12/2005 – 09h09	40	199
França considera declaração do presidente do Irã "inaceitável"	14/12/2005 – 12h06	41	200
Confederação Israelita do Brasil rejeita afirmações de líder do Irã	14/12/2005 – 16h02	42	201
A Europa e as declarações do presidente iraniano	14/12/2005 – 16h59	43	202
EUA e EU rejeitam comentários de líder iraniano sobre o Holocausto	14/12/2005 – 19h16	44	204
Presidente do Irã deve "se acalmar no Alasca", diz Shimon Peres	14/12/2005 – 20h50	45	205
Fifa descarta exclusão do Irã da Copa-2006	15/12/2005 – 13h29	46	206
Bundestag e UE condenam antisemitismo do presidente iraniano	16/12/2005 - 13h29	47	207
Grupo judaico quer proibir entrada de líder do Irã na EU	23/12/2005 – 08h02	48	209

Onde negar o Holocausto é crime	23/12/2005 – 10h18	49	210
Governo russo propõe usina de enriquecimento de urânio no Irã	24/12/2005 – 21h19	50	212
Irã rejeita proposta de Moscou para enriquecimento de urânio	25/12/2005 07h19	51	213
Dicionário 2005 (Coluna de João Pereira Coutinho – “Pensata”)	26/12/2005	52	214

ONU rememora libertação dos campos de concentração

Data: 24/01/2005 – 14h02

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

Pela primeira vez em sua história, as Nações Unidas rememoram a libertação dos campos de morte nazistas, na presença de sobreviventes do Holocausto e com participação dos ministros da Alemanha e de Israel.

A 27 de janeiro de 1945, tropas soviéticas tomaram o campo de concentração de Auschwitz, símbolo do extermínio dos judeus pelos nazistas, libertando os prisioneiros que lá se encontravam. Sessenta anos depois, a Organização das Nações Unidas rememora nesta segunda-feira (24/01) em Nova York, pela primeira vez em sua história, o acontecimento que deu início à derrocada final da Alemanha na Segunda Guerra Mundial.

A moção para realização de sessão especial na Assembléia Geral, iniciada pelo embaixador dos Estados Unidos, John Danforth, foi aprovada por quase 140 dos 191 membros da instituição. Qualquer tentativa de rememorar na sede da comunidade mundial o extermínio de mais de seis milhões de pessoas durante o Holocausto fracassara até agora em razão da resistência dos países árabes.

Em discurso perante a Assembléia Geral das Nações Unidas, na cerimônia de rememoração dos 60 anos de libertação do campo de concentração de Auschwitz, o ministro alemão das Relações Exteriores, Joschka Fischer, disse que a história impõe à Alemanha o dever de "combater toda forma de anti-semitismo, mas também de racismo, xenofobia e intolerância". Os crimes bárbaros cometidos pelos nazistas "serão sempre parte da história do meu país", acrescentou. "A nova Alemanha, a Alemanha democrática aprendeu a lição."

Caráter histórico

Na sessão especial realizada nesta segunda-feira (24/01) em Nova York, a Organização das Nações Unidas rememorou pela primeira vez em sua história o acontecimento que deu início à derrocada final da Alemanha na Segunda Guerra Mundial.

O embaixador de Israel na ONU, Dan Gillerman, vê no evento um sinal de abertura de um novo capítulo na história da instituição. "Isto é muito, muito importante e talvez conduza a uma nova e mais estreita relação entre Israel e as Nações Unidas". O ministro israelense do Exterior, Silvan Shalom, louvou a cerimônia como "acontecimento histórico de âmbito mundial".

Memória é prevenção

"A fundação das Nações Unidas foi uma resposta direta ao holocausto", lembra o secretário-geral, Kofi Annan. "Nossa Carta foi elaborada numa época em que o mundo tomava conhecimento dos horrores praticados nos campos da morte."

A lembrança do que ocorreu precisa ser mantida viva, já que "o mal que destruiu seis milhões e judeus e outras vítimas nesses campos continua nos ameaçando hoje", advertiu Annan. "Não se trata de algo que possamos atribuir a um passado distante e esquecer. Cada geração precisa estar atenta, para que algo semelhante nunca volte a acontecer."

A cerimônia em Nova York – três dias antes das comemorações oficiais na Polônia, na quinta-feira (27/01) – teve como um dos principais oradores o Nobel da Paz Eli Wiesel, sobrevivente do Holocausto.

O presidente russo, Vladimir Putin, declarou que Auschwitz continua despertando horror e revolta, mesmo 60 anos após a libertação do campo de extermínio por soldados do Exército soviético. "É inimaginável que seres humanos

passado distante e esquecer. Cada geração precisa estar atenta, para que algo semelhante nunca volte a acontecer."

A cerimônia em Nova York – três dias antes das comemorações oficiais na Polônia, na quinta-feira (27/01) – teve como um dos principais oradores o Nobel da Paz Eli Wiesel, sobrevivente do Holocausto.

O presidente russo, Vladimir Putin, declarou que Auschwitz continua despertando horror e revolta, mesmo 60 anos após a libertação do campo de extermínio por soldados do Exército soviético. "É inimaginável que seres humanos sejam capazes de atrocidades como aquelas, mas podemos ver muito bem os trilhos por onde passaram os trens abarrotados de vítimas e as câmaras de gás planejada nos mínimos detalhes", declarou Putin na cerimônia realizada em Auschwitz.

"O acontecimento mais terrível da história da humanidade"

A rainha Elizabeth II recebeu cerca de 300 sobreviventes do Holocausto e veteranos de guerra britânicos. Em Londres, o premiê Tony Blair ressaltou a importância de manter viva a lembrança do que denominou "provavelmente o acontecimento mais terrível da história da humanidade".

O premiê húngaro, Ferenc Gyurcsany, qualificou a atitude do governo da Hungria durante a Segunda Guerra como "um pecado". Por ocasião de uma cerimônia realizada em Budapeste em memória de 350 mil judeus húngaros assassinados em Auschwitz, ele declarou que "a Hungria teve governos que não cumpriram seus deveres e cometeram grandes erros e pecados". As deportações de judeus húngaros começaram no segundo trimestre de 1944; em menos de dois meses, 437 mil já tinham sido evacuados, sobretudo rumo a campos de extermínio como Auschwitz e Birkenau.

"Áustria não deveria assumir responsabilidade"

Na Áustria, um incidente político perturbou a celebração da memória das vítimas do Holocausto. O deputado europeu Andreas Mølzer, do partido nacionalista de extrema-direita FPÖ (Partido Liberal da Áustria), discordou que a Áustria deva assumir a responsabilidade que teve pelos crimes de Auschwitz.

Para ele, os responsáveis teriam sido os austríacos daquela época, mas "a atual República da Áustria não deveria assumir responsabilidade nenhuma". Anteriormente, Mølzer havia boicotado a votação de uma resolução do Parlamento Europeu sobre Auschwitz.

"O que teria sido de milhões de crianças judias?"

Sobreviventes de Auschwitz fizeram um apelo por vigilância contra anti-semitismo e racismo. Simone Veil (77), ex-presidente do Parlamento Europeu, chamou a atenção de políticos de mais de 40 países para o indesculpável fato de ter havido outros genocídios após Auschwitz.

Veil, deportada para Auschwitz com 17 anos, evocou a memória de 1,1 a 1,5 milhões de vítimas do nazismo assassinadas naquele campo de concentração, em grande maioria judeus de toda a Europa. "O que teria sido de milhões de crianças judias assassinadas nos guetos ou campos de extermínio?", perguntou-se Veil, cujo número de prisioneira em Auschwitz era 78651.

Casal conta como se conheceu entre horrores de Auschwitz

Data: 26/01/2005 –11h00

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: Elliott Gotkine

O campo de concentração nazista de Auschwitz, na Polônia, é um símbolo dos horrores da Segunda Guerra Mundial, mas, para pelo menos um casal, ele é também o lugar onde começou uma longa história de amor.

David e Petra Szumiraj se conheceram quando eram prisioneiros no notório centro de extermínio, apaixonaram-se apesar de não poder conversar um com o outro e se casaram após a guerra, apesar de terem perdido contato depois da liberação de Auschwitz.

Eles vivem juntos há 59 anos, e há 58 em Buenos Aires, na Argentina. Petra ainda não consegue falar sobre sua experiência em Auschwitz, mas o aspecto sorridente de David torna difícil adivinhar os horrores que presenciou nos anos 1940.

O número 145086 impresso em seu braço remete porém ao fato de que ele escapou de 19 processos de seleção durante sua estadia em Auschwitz. Os prisioneiros mais fortes eram selecionados para trabalhar, e os mais fracos, para as câmaras de gás.

Olhares

Ele conta que, após uma dessas seleções, foi enviado para trabalhar em uma plantação de batatas, onde lhe chamou a atenção uma jovem que trabalhava na lavagem dos legumes.

Petra lhe correspondeu, e, quando nenhum dos guardas nazistas estava prestando atenção, os dois mantinham contato por meio de olhares.

"Não podíamos conversar, então apenas nos olhávamos nos olhos", lembra o ex-prisioneiro.

David conta que os dois não tiveram nenhum outro tipo de contato até o dia em que os alemães anunciaram que homens e mulheres seriam retirados de Auschwitz separadamente.

'Quando chegamos naquela manhã, andamos os 25 metros que nos separavam no meio da plantação, e começamos a conversar", diz ele.

"Por meio dos contatos dos nossos olhos, já sabíamos que havíamos achado a pessoa amada. Então nos demos as mãos, nos abraçamos, nos beijamos pela primeira vez, e sentimos que havíamos sido feitos um para o outro."

Separação

Quando o Exército da União Soviética estava prestes a entrar em Auschwitz, os 50 mil prisioneiros remanescentes foram levados para territórios ainda controlados pelos nazistas, no que ficou conhecido como "a marcha da morte".

O trem em que David estava sendo transportado --em vagões sem telhado, sob forte neve ("O que nos ajudou, porque juntamos a neve para comer")-- acabou sendo bombardeado por aviões britânicos, e ele e outros prisioneiros se refugiaram em um bosque.

David pesava então 38 kg.

Faminto e exaurido, ele teve que se alimentar de grama para sobreviver. David diz que até hoje não consegue comer alface.

Eventualmente foi resgatado por tropas americanas, e a partir daí começou a trabalhar com o Exército americano como tradutor.

Reencontro

Por muito tempo, David não conseguiu saber nada sobre o paradeiro de Petra e nem mesmo se ela estava viva.

Certa feita, porém, um amigo foi a um campo de refugiados em Hamburgo e voltou com notícias de sua amada.

"Ela pulou de trás de uma árvore atrás da qual havia se escondido. Nós nos olhamos e choramos. Então rimos, e foi como nos reencontramos", conta o ex-prisioneiro.

Os dois se casaram e foram viver em Paris, onde tiveram sua primeira filha, mas logo decidiram se mudar para a Argentina, onde os sobreviventes da família de David --42 parentes seus morreram no Holocausto-- haviam se estabelecido.

Para entrar na Argentina, cujas fronteiras haviam sido fechadas a imigrantes judeus pelo então presidente Juan Perón, eles tiveram de ir até o Paraguai e contratar os serviços de um contrabandista de pessoas.

Era o dia 12 de março de 1947. Desde então, a família vive em Buenos Aires.

Europa celebra memória de Auschwitz

Data: 27/01/2005 –15h00

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

Sessenta anos após a libertação do maior campo de extermínio nazista, localizado na Polônia, Auschwitz continua sendo o maior sinal de advertência contra anti-semitismo e genocídio. Políticos e sobreviventes apelam.

O presidente alemão Horst Köhler apelou pelo combate internacional ao anti-semitismo e ao genocídio, durante sua visita ao campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia, libertado há exatamente seis décadas. Após percorrer Auschwitz em companhia de sobreviventes do Holocausto, ele insistiu na obrigação dos políticos em impedir que algo semelhante volte a acontecer. Köhler denominou Auschwitz o "maior cemitério para judeus, poloneses e ciganos". O presidente alemão também advertiu da importância de manter viva a memória histórica entre as gerações futuras.

"Nunca pensei que sobreviveria a Hitler"

Em toda a Europa, celebrou-se nesta quinta-feira (27/01) a memória das vítimas do Holocausto. O ex-chanceler polonês Vladislav Bartoszewski, sobrevivente de Auschwitz, lembrou que a comunidade internacional não reagiu aos apelos do movimento clandestino lançado durante a guerra. "Quando eu estava em Auschwitz, prisioneiro número 4427, nunca pensei que sobreviveria a Hitler e à Segunda Guerra", lembrou ele.

Código penal alterado para punir neonazismo

Além disso, uma nova emenda da legislação penal permite punir participantes de manifestações que vangloriem ou tentem justificar o nazismo. Para estes casos, a pena pode ser uma multa ou até três anos de prisão. A proposta democrata-cristã de ampliar até o Portão de Brandemburgo a área de interdição dos arredores do Reichstag, sede do Parlamento alemão, não conseguiu obter maioria, como já era de se esperar.

Na terça-feira (08/03), social-democratas e verdes haviam conseguido chegar a um consenso com democratas-cristãos sobre a iniciativa comum. A coalizão de governo cedeu à exigência da oposição de conferir aos Estados, e não à União, o direito de eleger os locais a serem protegidos de manifestações populares.

A razão desta medida foi o anúncio de que o NPD pretendia fazer uma passeata pelo centro da cidade de Berlim no dia 8 de maio próximo. A maioria dos parlamentares alemães quis impedir, com isso, manifestações neonazistas em locais historicamente representativos no dia da comemoração dos 60 anos do fim da Segunda Guerra. A fim de que a lei possa entrar em vigor o mais rápido possível, ela deverá passar já na próxima semana pelo crivo do Bundesrat, a câmara alta do Legislativo alemão.

Lei não possibilita proibição de culto a Hess

O secretário estadual do Interior da Baviera, Günther Beckstein (CSU), anunciou que os Estados, integrantes do

Bundesrat, vão aprovar a lei. No entanto, ele esperava mais rigor. Assim como o ministro do Interior, Otto Schily (SPD), ele lamentou que esta lei mal permita proibir a passeata anual ao túmulo de Rudolf Hess, vice de Hitler. Os dois políticos achavam que seria mais fácil proibir isso, se a lei também enquadrasse como crime toda tentativa de minimizar a gravidade da ditadura nazista.

O ministro do Interior também defendeu a exigência dos democratas-cristãos de ampliar a área de interdição em torno do Reichstag. Mesmo que isso não tenha sido consensual, Schily elogiou a capacidade de conciliação das bancadas na questão do direito de reunião.

Os liberais foram os únicos a rejeitarem o projeto de emenda. O encarregado de política interna Max Stadler justificou a posição de seu partido, alegando que a liberdade de reunião seria de significado elementar para qualquer democracia e qualquer alteração da Lei Fundamental representaria um perigoso meio. Os liberais acreditam que o direito vigente seria suficiente para impedir uma passeata do NPD no dia 8 de maio. O presidente do Partido Liberal, Guido Westerwelle, rejeitou acusações de que os liberais não mostrem empenho suficiente na luta contra o extremismo de direita.

Governo divulga nota pelos 60 anos de libertação de Auschwitz

Data: 27/01/2005 –19h57

Editoria: Brasil

Fonte: Folha Online com Agência Brasil

Autor: não assinada

O Ministério das Relações Exteriores divulgou nesta quinta-feira nota em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressa os sentimentos do povo brasileiro e 'deplora a barbárie que vitimou milhões de judeus' durante a Segunda Guerra Mundial. A nota é uma espécie de homenagem aos 60 anos da libertação dos judeus que viviam no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia.

De acordo com a mensagem, o presidente 'associa-se às manifestações internacionais de solidariedade às vítimas do Holocausto e reitera a rejeição pelo Brasil da intolerância sob todas as formas. Ao manter viva a memória dos sacrificados e da tragédia que se abateu sobre a humanidade, o governo brasileiro continuará a envidar esforços para que atos semelhantes jamais se repitam'.

A nota lembra a participação brasileira na luta contra o totalitarismo na Europa e o apoio ativo do país à construção da ONU (Organização das Nações Unidas). 'Hoje, cabe reforçar a ONU para garantir que seus princípios e objetivos sejam alcançados, de modo a prevenir a ocorrência de conflitos armados, assegurar a prevalência da solução pacífica de controvérsias e fomentar o desenvolvimento econômico com justiça social', afirma a nota.

Ainda segundo a nota, Holocausto fez com que a humanidade examinasse seus valores e reconhecesse a importância da defesa dos direitos humanos no cenário internacional e no plano doméstico. A mensagem brasileira conclui que 'o contínuo aprimoramento dos instrumentos de proteção dos direitos humanos é fundamental para assegurar o fim das tiranias, da intolerância, do racismo, da xenofobia e de todas as formas de discriminação contra seres humanos'.

Ausência de Auschwitz é criticada

Data: 28/01/2005 –09h25

Editoria: Brasil

Fonte: Agência Folha

Autor: Léo Gerchmann

A ausência de manifestações a respeito dos 60 anos da libertação de Auschwitz no 5º Fórum Social Mundial provocou a irritação de entidades judaicas, que viram na omissão características de preconceito e uma contradição em relação ao significado de justiça e direitos humanos globalizados.

"É uma vergonha e os organizadores têm de dar uma explicação. Se não dizem nada, é porque a morte de 6 milhões de judeus não representa nada para eles. Sem dúvida, essa ignorância contraria todos os princípios defendidos pelo fórum", criticou o representante do Centro Simon Wiesenthal na América Latina, o argentino Sergio Vidder, para a **Folha**.

O campo de concentração de Auschwitz foi invadido pelos soviéticos no dia 27 de janeiro de 1945. Chegaram a ser libertados 7.000 sobreviventes, mas ficou conhecida a crueldade do nazismo.

No último fórum em Porto Alegre, há dois anos, Vidder havia criticado o tratamento dado pelo evento para a questão judaica e o que classificou como "maniqueísmo" de se preocupar só com a questão palestina sem levar em conta, segundo ele, a perseguição aos judeus e a necessidade da existência do Estado de Israel.

"Isso é decepcionante, mas não uma surpresa. Oficinas do fórum vêm como solução para o Oriente Médio o fim do Estado de Israel. Ao questionar o projeto do Estado judeu em paz com seus vizinhos, ocorre racismo."

Vidder se expressou de forma semelhante à do ministro das Relações Exteriores de Israel, Silvan Shalom, que (conforme lembrou em artigo de ontem na **Folha** a embaixadora de Israel no Brasil, Tzipora Rimon) disse no último dia 24, em sessão na ONU: "'Para 6 milhões de judeus, o Estado de Israel veio tarde demais."

Outro lado

O idealizador do fórum, Oded Grajew, se disse "indignado" com as críticas e definiu como "incompetência" o Centro Simon não ter organizado atividades. "O fórum é aberto para quem quiser organizar atividades. Foi incompetência deles", disse Grajew, judeu e que, segundo diz, teve 90% da família dos pais morta no Holocausto.

Cerimônia lembra 60 anos do fim de Auschwitz

Data: 28/01/2005 –13h21

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: não assinada

Cerca de 2 mil sobreviventes se reuniram nesta quinta-feira em Auschwitz, na Polônia, para marcar os 60 anos da liberação do campo de concentração nazista.

Líderes de 38 países, entre eles o vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney, e o presidente da Rússia, Vladimir Putin, também estão reunidos para lembrar a chegada das tropas soviéticas ao campo, em 1945.

Mais de um milhão de pessoas, a maioria judeus, foram mortas no campo.

Em temperaturas inferiores a zero, a cerimônia oficial em Auschwitz-Birkenau começou com a reprodução dos sons dos trens que traziam novos prisioneiros ao campo.

O presidente da França, Jacques Chirac, inaugurou no campo um memorial para os 80 mil franceses - a maioria judeus - que foram deportados para o campo durante a ocupação alemã na França.

Ao anoitecer, sobreviventes e veteranos do Exército Vermelho soviético vão acender juntos velas para lembrar os mortos.

Lembranças

O primeiro evento do dia foi um fórum intitulado *Deixe Meu Povo Viver*, em um velho teatro em Cracóvia, uma cidade medieval a cerca de uma hora de Auschwitz.

Lá, líderes de 43 países assistiram a filmes de prisioneiros esqueléticos ao som de uma Sinfonia de Shostakovich.

Depois cada um dos líderes subiu a um palco para pedir ao mundo que não se esqueça do que aconteceu em Auschwitz.

O novo presidente da Ucrânia, Viktor Yushchenko, lembrou como seu pai, um prisioneiro naquele campo de concentração, costumava contar-lhe histórias sobre o local.

O presidente de Israel, Moshe Katsav, disse que a história do holocausto não pode ser distorcida. Já Vladimir Putin, da Rússia, afirmou que ninguém tem o direito de ser indiferente ao anti-semitismo.

Na Alemanha, o Parlamento fez uma sessão especial com a presença de Arno Lustiger, um judeu alemão que sobreviveu ao campo.

O poeta e cantor alemão Wolf Biermann também participou, lendo poemas escritos por um homem assassinado em Auschwitz.

Para os sobreviventes, a solenidade trará lembranças dolorosas, disse o correspondente da BBC Adam Easton.

A data é particularmente importante para os 2 mil idosos sobreviventes convidados para o evento: para muitos, esta será a última grande comemoração do aniversário de sua libertação do campo.

Mundo promete, mais uma vez, o fim dos genocídios

Data: 28/01/2005 – 20h44

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: Rogério Simões

Seis décadas depois da libertação do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, líderes mundiais voltaram a lembrar nesta semana as atrocidades cometidas pela Alemanha nazista de Adolf Hitler.

Mais um de 1 milhão de pessoas, na sua maioria judeus, mas também prisioneiros soviéticos, ciganos e homossexuais, morreram em Auschwitz até que as forças da União Soviética libertassem o local, em 27 de janeiro de 1945.

A semana começou com o secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, afirmando, na segunda-feira, que o mundo deve ficar atento e combater qualquer ideologia baseada no ódio e na exclusão.

No dia seguinte, foi a vez de a Alemanha, de onde partiu a fúria nazista que deixou 6 milhões de judeus mortos, lembrar o maior crime da história da humanidade.

O chanceler alemão, Gerhard Schröder, disse que a atual geração, apesar de não ter culpa pelo Holocausto, tem a responsabilidade de preservar a sua memória para evitar que o mundo nunca mais sofra algo parecido.

Ele lembrou que o anti-semitismo ainda existe na Alemanha e que é um dever de todos os democratas combater o avanço de filosofias neo-nazistas.

A Segunda Guerra Mundial foi palco de inúmeros massacres de civis, inclusive do lado aliado, como no caso das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, no Japão.

Mas a sistemática matança perpetrada pelos nazistas em Auschwitz, como parte da deliberada política de extermínio dos judeus e outras minorias, fez do local um símbolo dos sangrentos conflitos do século 20.

Esse palco de tantas atrocidades recebeu a principal cerimônia da semana, na quinta-feira, dia da libertação do campo de trabalho e extermínio.

Sobreviventes e líderes de vários países enfrentaram o frio e a neve para lembrar a matança nazista. O presidente de Israel, Moshe Katsav, condenou tentativas de alterar informações históricas sobre o holocausto para minimizá-lo.

O presidente russo, Vladimir Putin, representando o país que libertou o campo, atacou duramente o anti-semitismo, numa semana em que o tema voltou ao cenário político da Rússia.

Dois dias antes, a embaixada israelense havia protestado formalmente contra uma carta escrita por membros do Parlamento russo pedindo o fechamento de todas as entidades judaicas no país.

Um dos convidados presentes ao evento em Auschwitz não discursou. O presidente da Alemanha, Horst Köhler, permaneceu calado durante a cerimônia, numa forma de reconhecimento da responsabilidade do seu país pelo holocausto.

Nunca mais mesmo?

Apesar dos compromissos assumidos por lideranças mundiais após a Segunda Guerra de não tolerar mais nenhum outro genocídio, a perseguição a específicos grupos étnicos voltou a ser registrada em outros conflitos.

Mais recentemente, na década de 90, a Europa presenciou práticas de limpeza étnica durante as guerras civis na ex-Iugoslávia, e 1 milhão de tutsis foram massacrados por hutus em Ruanda. Novamente, o mundo prometeu que tragédias dessas proporções nunca mais ocorreriam.

Mas, no ano passado, o conflito na província sudanesa de Darfur ressuscitou a possibilidade de extermínio de um grupo étnico.

A morte de dezenas de milhares de negros da região, por milícias árabes apoiadas pelo governo central, levou o Ocidente a ameaçar impor sanções contra o Sudão. Os Estados Unidos chegaram inclusive a classificar a ação sudanesa de "genocídio".

Mas, na prática, pouco foi feito. Nesta segunda-feira, haverá mais uma oportunidade de se discutir uma saída, com a discussão no Conselho de Segurança da ONU de um relatório encomendado pelo secretário-geral Kofi Annan sobre a crise.

Prefeito de Londres chama Ariel Sharon de "criminoso de guerra"

Data: 04/03/2005 – 06h38

Editoria: Mundo

Fonte: France Presse

Autor: não assinado

O prefeito de Londres, Ken Livingstone, chamou o primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, de "criminoso de guerra", em entrevista publicada nesta sexta-feira no jornal britânico "The Guardian".

Livingstone voltou a negar que seja anti-semita e disse que não vai se desculpar pelo que disse no mês passado, quando comparou um jornalista judeu a um guarda de campo de concentração.

22.fev.2005/AP



Ken Livingstone, prefeito da cidade de Londres

"Ariel Sharon é um criminoso de guerra que deveria estar na prisão e não no governo", afirma o prefeito de Londres, que atribui ao premiê israelense os massacres cometidos nos campos de refugiados palestinos no Líbano.

Livingstone também denuncia a "limpeza étnica" durante a expansão de Israel, com a instalação de colônias israelenses nos territórios palestinos e a recusa do direito dos palestinos de voltar à região.

"Sharon segue organizando o terror", afirma Livingstone ao lembrar a desproporção de mortos entre palestinos e israelenses na Intifada [revolta palestina contra a ocupação israelense, iniciada em 2000].

Segundo o prefeito de Londres, é preciso distinguir entre críticas à política israelense e anti-semitismo, porque o governo de Israel tenta confundir as duas coisas.

"Há 20 anos o governo israelense tenta apresentar como anti-semita todo aquele que critique a política de Israel, mas a verdade é outra: os mesmos valores humanos universais que reconhecem o Holocausto como o maior crime racista do século 20 e exigem a condenação dos líderes dos sucessivos governos israelenses".

Livingstone, um trabalhista inconformista de 59 anos, perguntou a um jornalista que o assediava em 8 de fevereiro passado se ele era um criminoso de guerra alemão. O repórter respondeu que era judeu e o prefeito emendou: "Você parece um guarda de campo de concentração, faz isso porque lhe pagam?"

O "The Evening Standard" publicou o incidente dois dias depois e várias personalidades políticas, incluindo o primeiro-ministro Tony Blair, disseram que Livingstone deveria pedir desculpas.

Livingstone é objeto de uma investigação oficial para determinar se suas palavras violaram o código de boa conduta da prefeitura de Londres.

Para professor alemão, Holocausto ficará na memória por séculos

Data: 05/03/2005 – 08h00

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: Clarice Spitz

Depois de 60 anos desde que os últimos prisioneiros foram libertados de Auschwitz, campo de concentração na Polônia, o Holocausto continua sendo um assunto que causa mal-estar a alemães e judeus e, uma declaração do diretor do Museu Judaico em Berlim, Michael Blumenthal, acirrou ainda mais a questão.

Em entrevista à agência de notícias alemã Deutsche Welle em janeiro último, Blumenthal disse que a relação entre judeus e não-judeus nunca foi de igual para igual na Alemanha. "Será que vai chegar um dia em que um não judeu alemão vai encarar um judeu alemão 100% como pessoa?", questionou.



O professor Benjamin Ortmeyer

Mas a polêmica frase tem seguidores. Para o professor alemão [não-judeu] Benjamin Ortmeyer, 52, da Universidade Johann Wolfgang Goethe, que se dedica há 28 anos a manter viva a memória do anti-semitismo, o Holocausto não pode ser esquecido pois é um "escárnio que deve durar ainda mil anos". "Estou de acordo e acho que ele foi até amável demais", disse em entrevista à **Folha Online**, por e-mail, sobre a declaração de Blumenthal.

Nesta semana, o alemão Ernst Zundel, 65, foi deportado do Canadá para a Alemanha pelo fato de ter negado a existência do Holocausto. Zundel, que é acusado de ódio racial, pode ser condenado a até cinco anos de reclusão ou multa em dinheiro na Alemanha.

Ortmeyer diz que o renascimento do nacionalismo alemão desde a unificação do país (1990) trouxe novo fôlego ao anti-semitismo e não exime a população comum alemã da responsabilidade pelos crimes nazistas.

Leia abaixo íntegra da entrevista concedida à **Folha Online**:

Folha Online - O sr. concorda com a declaração do diretor do Museu Judaico em Berlim, Michael Blumenthal, de que os alemães ainda não vêem os judeus 100% como pessoa?

Benjamin Ortmeyer - Estou de acordo e acho que ele foi até amável demais. É um grande tema e uma história muito comprida. Os chamados "grandes alemães", como por exemplo, Martinho Lutero [um dos reformadores do Protestantismo que viveu entre 1483-1546], eram instigadores fervorosos da aniquilação dos judeus. A história da maioria dos judeus na Alemanha está cheia de rapinas e homicídios. E a história não terminou, mas em Auschwitz-Birkenau, Treblinka, Belzec, Sobibor, Majdanek e Chelmo [campos de concentração nazistas] se fez um escárnio alemão sem precedentes para ao menos mil anos.

Folha Online - Guerras de ódio étnico na ex-Iugoslávia e em Ruanda [ambas na década de 90] e manifestações de neonazismo na Europa são indicativos de que a xenofobia e o anti-semitismo permanecem vivos. O sr. acha que o Holocausto foi suficientemente lembrado?

Ortmeyer - Em uma palavra, não. Creio que é imprescindível saber muito sobre o nazi-fascismo, suas origens, seu desenvolvimento e seus resultados. Mas para uma avaliação acertada de um conflito atual, qualquer que seja, é preciso estudá-lo e analisá-lo de forma detalhada e científica. Por outro lado, também é certo que o estudo e conhecimento profundo da chegada ao poder do imperialismo alemão e do nazi-fascismo, de seus crimes, sem dúvida, facilita a compreensão de mecanismos imperialistas atuais.

Folha Online - Sessenta anos após a libertação dos prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, qual seria a melhor maneira de manter viva a lembrança do anti-semitismo?





Ernst Zundel, que nega Holocausto, é levado à corte

Ortmeyer - A característica fundamental dos crimes nazistas, sem precedentes na história, foi que a Polônia tinha campos de aniquilação, fábricas de morte, nas quais foram assassinadas milhões de pessoas, desde bebês até anciãos, com métodos industriais e com organização estatal. E isto pelo simples fato de que os nazistas haviam estabelecido que os judeus e os ciganos não tinham direito a viver. Eles não foram assassinados como resultado de ações da guerra nem foram assassinados pelo trabalho. Creio que não há alternativa a não ser levar os fatos, documentos, fotos, testemunhos sobre os crimes sem concepções complicadas. A verdade crua é suficiente para que os jovens possam tirar suas próprias conclusões.

Folha Online - Existe uma mudança na forma de lembrar do Holocausto, sobretudo, para os alemães?

Ortmeyer - Acho que experimentamos uma série de mudanças e vamos experimentar outras mais no futuro. Isto tem a ver com as gerações e com as transformações políticas. De 1945 até 1965, ou seja, durante 20 anos, recordava-se dos "pobres judeus" como Anne Frank [jovem que ficou famosa por escrever um diário quando ela e seus familiares, judeus alemães, estavam escondidos no sótão de uma casa]. Mas, ao mesmo tempo, havia milhares e milhares de nazistas em organizações estatais, nas universidades e colégios. Na década de 60, começou-se a discutir muito mais os crimes nazistas. Isto se deve à rebelião de estudantes de 1968 [revolta estudantil em Paris, na França]. A partir de 1980 surgiram iniciativas locais para analisar como os nazistas prepararam e perpetraram seus crimes. Começou-se a investigar também quem se apoderou dos imóveis dos judeus deportados e assassinados. Apesar da maior responsabilidade pelos crimes cometidos durante o nazismo recair sobre "os de cima", também é certo que a maioria da população alemã concordava e até participava dos crimes.

Folha Online - E como tem sido essa transformação nos últimos anos?

Ortmeyer - Durante os últimos dez anos, depois da "reunificação alemã", houve uma onda crescente de anti-semitismo. O nacionalismo atua como força motriz do anti-semitismo que produz uma situação paradoxal: os alemães nunca perdoarão Auschwitz aos judeus. Muitos alemães se tornam agressivos diante de judeus que trazem à memória os crimes nazistas porque isto prejudica a "glória da Alemanha". Sessenta anos equivalem mais ou menos a uma geração, mas há muitos jovens na Alemanha que se dão conta que o tema Auschwitz encerra um monte de hipocrisias, mentiras e cálculos táticos.

Para rabino, Alemanha compreendeu a lição do Holocausto

Data: 05/03/2005 – 08h03

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: Clarice Spitz

O rabino Andreas Nachama, 53, que trabalha como diretor-executivo da "Topografia do Terror" --um memorial judaico localizado no local onde a Gestapo (polícia secreta do nazismo) e a SS (a tropa de elite hitlerista) tinham quartéis-generais em Berlim (capital alemã)-- avalia de forma positiva as relações entre judeus e alemães hoje na Alemanha.

O rabino considera que a mídia alemã discute de forma satisfatória as relações entre judeus e alemães e afirma que a Alemanha compreendeu a lição do Holocausto.

"A Europa sempre foi xenofóbica e conseqüentemente anti-semita. Se há uma lição de Auschwitz [campo de concentração na Polônia], então, os alemães são provavelmente os europeus que melhor a compreenderam", afirma.

Leia a seguir entrevista concedida à **Folha Online**:

Folha Online - O sr. concorda com a declaração do diretor do Museu Judaico em Berlim, Michael Blumenthal, de que os alemães ainda não vêem os judeus 100% como pessoa?

Andreas Nachama - O professor Blumenthal escreveu que os alemães nunca aceitaram os judeus na primeira metade do século 20 como cidadãos. Hoje, como dono de passaporte alemão, estou bastante consciente de que as relações alemães-judaicas são bastante discutidas na mídia.

Folha Online - É verdade que há um grande número de judeus que voltaram a morar na Alemanha hoje?

Nachama - Hoje na Alemanha vivem cerca de 120 mil judeus afiliados a comunidades judaicas. É difícil estimar quantos vivem na Alemanha sem serem afiliados --eu creio que algo em torno de 10%, ou seja, cerca de 10 mil a 12 mil pessoas. A maior parte desses é de judeus falantes de russo, que emigraram de Estados da ex-URSS nos últimos 10 a 15 anos. A maior parte deles está sem emprego e tampouco conhece a língua alemã.

Folha Online - A foto do príncipe britânico Harry vestido como um nazista, estampada na capa de tablóides ingleses, não poderia significar que a atual geração européia está se tornando indiferente aos crimes cometidos durante o Holocausto?

Nachama - A Europa sempre foi xenofóbica e conseqüentemente anti-semita. Se há uma lição de Auschwitz, então, os alemães são provavelmente os europeus que melhor a compreenderam.

Folha Online - Na opinião do sr. o Holocausto foi suficientemente lembrado?

Nachama - O Holocausto jamais poderá ser suficientemente lembrado. Mas há memoriais em todos os Estados da federação e em Berlim --todos os governos alemães investem bastante em educação sobre o Holocausto.

Folha Online - O sr. acha que os partidos de extrema direita representam um perigo às relações entre judeus e alemães?

Nachama - Sim. A extrema direita está por todo lugar. Partidos neonazistas são um perigo para a vida de judeus em todo o lugar, especialmente na Alemanha e na Áustria, e certamente na França.

Presidente de entidade judaica vê boa relação com alemães

Data: 04/03/2005 – 08h04

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: Clarice Spitz

O presidente da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Berel Aizenstein, 73, tem uma opinião muito positiva a respeito da polêmica que envolve judeus, anti-semitismo e alemães. Para ele, o Holocausto é uma página totalmente virada na relação entre os dois povos.

"Os judeus que vivem nos dias de hoje na Alemanha experimentam uma convivência semelhante àquela vista durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando os judeus preencheram as fileiras do Exército alemão e lutaram juntos pelo país", diz Aizenstein.

Para ele, o Holocausto foi um "período anômalo" e a prova do restabelecimento das relações com os alemães é o aumento do número de judeus a voltar a morar no país [112 mil vivem atualmente na Alemanha, de acordo com dados fornecidos pelo Congresso Mundial Judaico, em Nova York]. "O alemão de hoje tem um profundo arrependimento pelo que foi feito por seus antepassados e, se tivesse o poder de decidir, jamais concordaria com o Holocausto", afirma.

Leia entrevista concedida à **Folha Online**

Folha Online - O sr. concorda com a declaração do diretor do Museu Judaico em Berlim de que os judeus nunca foram vistos como iguais pelos alemães?

Berel Aizenstein - A história que eu conheço não é exatamente esta. Sei que 100 mil judeus alemães lutaram no Exército alemão durante a Primeira Guerra, o que indica, com certeza, que os judeus estavam absolutamente integrados à sociedade alemã.

Folha Online - Na opinião do sr. essa integração entre judeus e alemães voltou a ocorrer hoje?

Aizenstein - Existe uma quantidade respeitável de judeus voltando para a Alemanha. Eu estive recentemente na Alemanha e o que senti é que o alemão de hoje tem um profundo arrependimento pelo que foi feito por seus antepassados. Os alemães não partilham do que aconteceu e, se tivessem o poder de decidir, jamais concordariam com o Holocausto.

Folha Online - A que o sr. atribui esta volta de judeus para a Alemanha?

Aizenstein - Eu diria que o que ocorre hoje é o que aconteceu antes da Primeira Guerra Mundial. Acredito que o período que Hitler comandou os destinos da Alemanha foi anômalo, absolutamente fora de parâmetros, e que o povo alemão à época viveu uma ilusão, uma fantasia, que o conduziu àquela prática monstruosa. Os alemães eram e sempre foram um povo avançado na ciência, nas artes e nada justifica aquele tipo de acontecimento.

Folha Online - Na opinião do sr. o Holocausto já foi suficientemente lembrado?

Aizenstein - Nunca. Jamais poderemos apagar e esquecer o Holocausto. Não apenas porque somos judeus, mas porque nenhum povo do mundo merece passar por algo assim. E para que não se esqueça a lição é importante que não se deixe de registrar todos os anos este evento.

Folha Online - Grupos neonazistas organizaram em 13 de fevereiro em Dresden, na Alemanha, a maior passeata desde a Segunda Guerra Mundial. Eles representam algum perigo à relação entre judeus e alemães?

Aizenstein - Os grupos neonazistas que proliferam de novo tanto na Alemanha quanto na França, e até em pequeníssima escala aqui no Brasil, representados pelos skinheads, não acabam nunca, e essa é mais uma razão pela qual nós não devemos deixar de lembrar do Holocausto. Apesar de não representar um perigo para a relação entre alemães e judeus e mesmo sendo uma minoria nós não devemos desprezá-la.

Folha Online - A foto do príncipe britânico Harry vestido como um nazista, que foi estampada na capa de um tablóide inglês em janeiro, não poderia significar que a atual geração européia está se tornando indiferente aos crimes cometidos durante o Holocausto?

Aizenstein - Eu espero do fundo do coração que não. O príncipe Harry foi de uma leviandade extraordinária porque nós não podemos esquecer que a Inglaterra foi uma vítima tremenda dos bombardeios nazistas. Eu ouvi uma pessoa dizer naqueles dias: "[ex-primeiro ministro britânico Winston] Churchill devia estar se revirando em sua sepultura". Foi de uma leviandade a toda prova, mas não seria um demonstrativo de que a geração esteja se tornando indiferente.

Emenda de lei restringe direito de reunião

Data: 11/03/2005 – 13h34

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

Com apoio de parte da oposição, o governo alemão conseguiu criar a curto prazo mecanismos jurídicos para proibir uma passeata de extrema direita anunciada para os 60 anos do fim da 2ª Guerra.

O Parlamento em Berlim tornou mais rigorosos o direito de reunião e a legislação penal da Alemanha. Com apoio da bancada democrata-cristã, os parlamentares dos partidos da situação (social-democratas e verdes) conseguiram aprovar a medida que deverá impedir sobretudo o desfile do partido de extrema direita NPD (Partido Nacional Democrático da Alemanha) planejado para o dia 8 de maio próximo, data que marca os 60 anos do fim da Segunda Guerra. Os defensores da emenda saudaram sua aprovação no Parlamento como um importante incentivo a uma democracia duradoura.

A lei complementada proíbe aglomerações e passeatas "em locais de significado histórico excepcional e supra-regional em memória às vítimas de tratamento desumano por parte do violento e arbitrário domínio nazista". Manifestações poderão ser submetidas a determinadas condições caso "seja possível constatar circunstâncias concretas que indiquem que a aglomeração ou o desfile atinge a dignidade das vítimas". O Memorial do Holocausto em Berlim é mencionado explicitamente como lugar a ser protegido. Outros locais semelhantes deverão ser listados pelos Estados.

O governo americano criticou as declarações de Ahmadinejad. Um porta-voz da Casa Branca disse que elas explicam a preocupação de vários países em relação ao governo iraniano e seu potencial de desenvolver armas nucleares.

O governo de Israel também condenou as observações.

"Infelizmente, esta não é a primeira vez que o presidente iraniano exprime as idéias mais ofensivas a respeito dos judeus e de Israel. Ele não é apenas um problema para Israel, é uma preocupação para toda a comunidade internacional", disse o porta-voz do ministério do Exterior israelense, Mark Regev.

Holocausto

Em outubro, Ahmadinejad gerou escândalo ao afirmar que Israel deveria ser "eliminado do mapa".

Em suas últimas afirmações, o presidente iraniano acusou os governos europeus de dar apoio ao governo de Israel devido ao Holocausto.

"Não é verdade que os países europeus insistem que cometeram genocídio contra os judeus? Eles afirmam que (Adolph) Hitler queimou milhões de judeus em fornos (...) e os exilaram", disse Ahmadinejad em uma entrevista em Meca.

"Pelo fato de os judeus terem sido oprimidos durante a Segunda Guerra Mundial, então eles (os europeus) precisam apoiar o regime de ocupação de Israel. Não aceitamos isso", disse.

"A questão é, de onde vêm aqueles que governam como ocupantes da Palestina? Onde eles nasceram, onde seus pais viveram? Eles não têm raízes na Palestina, mas eles tomaram o destino da Palestina em suas mãos", disse Ahmadinejad.

"Um dos princípios da carta de direitos da ONU não é o direito à auto-determinação nacional? Por que eles privam os palestinos deste direito?"

Cúpula

Ahmadinejad participou em Meca da cúpula da Organização dos Países Islâmicos, na qual os líderes de mais de 50 países muçulmanos alertaram para a crise enfrentada pelo mundo islâmico por causa das ameaças de extremistas.

A organização pediu a adoção de medidas para combater o que chamou de "idéias que se desviam do padrão" e pediu mudanças nas leis nacionais para transformar em crimes o financiamento e a incitação de atos considerados "terroristas".

Os representantes presentes à cúpula também pediram mudanças nos currículos escolares para acabar com as idéias extremistas nos países muçulmanos.

A declaração final do encontro ainda defende que as fatwas, os decretos religiosos islâmicos, só sejam decretados por aqueles autorizados a fazê-lo.

Segundo um analista da BBC, há dúvidas sobre se a Organização poderá cumprir esses objetivos.

Polêmica marca inauguração do Museu do Holocausto de Jerusalém

Data: 15/03/2005 – 15h29

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: Guila Flint

Com a presença de mais de 40 líderes internacionais, o Museu do Holocausto de Jerusalém está sendo inaugurado nesta terça-feira em meio a uma polêmica que reflete as divisões ideológicas em Israel.

No material de promoção do museu, o ministério das Relações Exteriores de Israel defende a posição de que "a criação do Estado de Israel e o sionismo são a única resposta para o Holocausto".

A afirmação foi contestada pelo diretor do museu, Avner Shalev, para quem "é impossível negar a diáspora (comunidades judaicas que vivem fora de Israel)".

"A vida que os judeus criaram na diáspora também é uma resposta legítima", afirmou Shalev.

Ele também disse que o museu quer trazer uma mensagem humanista, "para que a humanidade se lembre do passado e também garanta o futuro".

De acordo com Shalev, o tema central do novo museu é o indivíduo, "as histórias particulares, individuais, representadas por centenas de obras de arte feitas por vítimas do Holocausto".

Arquitetura

O arquiteto Moshe Safdi, que projetou o novo museu, declarou que a estrutura do prédio, na forma de um cone escavado na terra, traz a mensagem da memória de um passado sombrio, mas também de uma esperança de renovação e de vitória da vida.

Segundo o arquiteto, o visitante do museu, depois de passar por vários espaços subterrâneos, onde se encontra com o passado sombrio do Holocausto, se depara com uma saída iluminada, na extremidade do cone, onde vê a paisagem de Jerusalém.

O museu é composto por galerias temáticas, como o surgimento do nazismo, a invasão da União Soviética, os campos de concentração, a resistência e a libertação.

Em cada galeria, histórias das pessoas que viveram na época são contadas por meio de seus diários, cadernos, fotos de família e até por itens pessoais que elas mesmas confeccionaram enquanto estavam nos campos de concentração.

Também são exibidos vídeos com depoimentos de sobreviventes.

Uma rua do gueto de Varsóvia foi recriada usando pedras originais, trilhos de bonde e postes ainda marcados com tiros de metralhadora da época do levante.

Vitrines mostram relógios de pulso e pulseiras. Malas de couro que carregavam os bens daqueles que foram assassinados estão em uma galeria, do lado oposto ao vagão que os levou para a morte.

Sobreviventes

A inauguração do museu também foi criticada por não contar com a participação de muitos dos sobreviventes do Holocausto.

Um dos sobreviventes, Peter Tzenor, escreveu uma carta amarga ao jornal *Haaretz*: "Durante a minha adolescência eu me perguntava por que minha falecida mãe me salvou, me escondeu, me trouxe para a Palestina, e meu pai e minha irmã foram assassinados no Holocausto Agora já sei a resposta: para ver os líderes internacionais e os burocratas israelenses na inauguração do Museu do Holocausto".

De acordo com o porta-voz do museu, os sobreviventes serão convidados em uma outra ocasião, no começo do mês de maio.

Cidade apagada pela Light ressurgue no RJ

Data: 21/03/2005 –10h02

Editoria: Cotidiano

Fonte: Folha de S.Paulo

Autor: Mario Hugo Monken

Destruída nos anos 40 do século passado para dar lugar à expansão da represa Ribeirão das Lajes, da Light, a cidade de São João Marcos, no sul fluminense, vai renascer como parque turístico.

O parque será criado a partir das ruínas da cidade, hoje abandonadas e cobertas por um imenso matagal, pela Prefeitura de Rio Claro (a 150 km do Rio) --que era distrito da antiga cidade antes de ela ser extinta. Com o seu fim, foi elevado a município.

Se não tivesse sido destruída, São João Marcos poderia ter se transformado em uma nova Paraty --cidade colonial do sul fluminense considerada Patrimônio Histórico Nacional--, na avaliação da secretária de Turismo de Rio Claro, Elvira Brum.

São João Marcos foi fundada em 1737 e teve seu auge no ciclo do café. O Ribeirão das Lajes, lago artificial mais antigo do Brasil, foi criado em 1908. Hoje fornece 11% da água consumida na cidade do Rio de Janeiro e abastece os bairros que formam o "Rio antigo", como centro, Lapa e Flamengo.

Em 1939, dois anos após completar 200 anos, São João Marcos foi tombada pelo antigo Sphan (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). As construções da cidade eram em estilo colonial, todas feitas de pedra-- desde o prédio da prefeitura até a igreja matriz.

Pouco depois, entretanto, o governo Getúlio Vargas, na época com poderes ditatoriais, decidiu destombá-la, para facilitar os planos da Light de expansão do Ribeirão das Lajes. As terras foram desapropriadas. Dois anos depois, a cidade já não existia mais.

Há quem diga que a cidade foi destruída sem necessidade, uma vez que a represa não iria inundar a cidade. Até hoje há uma controvérsia sobre se ela ficou ou não submersa pelas águas da represa.

Estudiosa da região, a historiadora Dilma de Andrade Paula, da Universidade Federal de Uberaba (MG), disse que não existe documentação que comprove que a cidade ficou submersa: "Há pessoas que dizem que ela foi inundada só uma vez. Outras dizem que não. O que sei é que ela ficou descoberta a maior parte do tempo e hoje não pode ser inundada porque o nível da represa baixou".

"O que aconteceu em São João Marcos foi um holocausto", disse a secretária de Turismo de Rio Claro, Elvira Brum. A destruição da cidade começou em 1940 e teve efeito traumático para os moradores --na época, a cidade tinha 4.600 habitantes. As casas foram dinamitadas ou demolidas.

Os moradores só podiam retirar seus pertences e receberam indenizações para deixar a cidade. Segundo Brum, o dinheiro pago pela Light não era suficiente para manter o padrão de vida. De São João Marcos, restaram as ruínas da igreja matriz e de pontes que cortavam a cidade, além de alicerces de algumas casas e parte das ruas feitas de pedra.

Memória

O projeto da prefeitura, com custo estimado em R\$ 150 mil, tem o apoio da Eletronuclear e da UFF (Universidade Federal Fluminense). Toda a área, cuja extensão é de 30 mil m², será capinada de forma a deixar as ruínas visíveis. Ruas e calçadas ganharão tratamento paisagístico e placas com seus nomes antigos.

Será construído no local um prédio que funcionará como memorial, com objetos e documentos de pessoas que viveram em São João Marcos, além de fotos da cidade antes da destruição. A intenção é inaugurá-lo em julho.

Técnicos da Casa de Cultura do município estão recuperando e digitalizando antigos documentos. Entre eles, registros de cartórios e uma carta escrita por moradores na primeira década do século 20 pedindo a presença de médicos em virtude de uma epidemia de malária.

Além de resgatar a história de São João Marcos, a prefeitura de Rio Claro decidiu criar o parque sob a alegação de que a Light abandonou o local. Segundo a secretária de Turismo, a área onde fica o parque tem sido ocupada por fazendeiros, que fazem construções irregulares e queimam a mata para a pecuária. Carcaças de carros roubados são despejadas no local. Há ainda a caça ilegal de animais como pacas e capivaras.

Brum afirmou que a falta de controle tem feito com que pessoas danifiquem o que sobrou da cidade. "O marco do bicentenário foi destruído porque a pessoa pensou que tivesse ouro dentro."

Outro lado

Para a Light, empresa que fornece energia elétrica para a cidade do Rio, a Prefeitura de Rio Claro está equivocada ao afirmar que São João Marcos nunca ficou submersa. Segundo a companhia, em 1943, o nível da água da represa de Ribeirão das Lages foi ampliado para 420 m e inundou completamente a cidade. A empresa garantiu ainda que, entre 1943 e o início dos anos 80 do século 20, por várias vezes a cota de água ficou acima dos 415 m e a cidade voltou a ficar submersa. A partir da década de 1980, não houve mais inundação.

A Prefeitura de Rio Claro sustenta que a única parte da cidade que foi inundada foi o antigo distrito de São Sebastião do Arrozal, na parte baixa.

A Light afirmou que indenizou todos os moradores na época da destruição, que mantém vigilância permanente da região e que desconhece a existência de desova de veículos.

Sobre as invasões, argumenta que arrenda suas terras e que pune aqueles que cometem irregularidades. Quanto ao parque, a disse estar ciente do projeto, mas alegou que ainda não foi consultada formalmente a respeito. A Prefeitura de Rio Claro, no entanto, informou que já foi autorizada.

Análise: Um velho tratado para um novo mundo?

Data: 02/05/2005 – 19h31

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: Jonathan Marcus

Quando foi posto em prática, em 1970, o Tratado de Não-Proliferação de Armas (TNP) representou um marco para um planeta vivendo sob o medo de um holocausto nuclear.

A intenção era prevenir que outros países se tornassem potências nucleares, além dos cinco que eram então declarados: Estados Unidos, União Soviética, China, Reino Unido e França.

Acreditava-se que, sem o acordo, existiriam entre 15 e 20 outras nações armadas com tais bombas nas próximas duas décadas.

Neste aspecto, o tratado funcionou.

Novos problemas

Hoje, entretanto, com países como Índia, Israel e Paquistão tendo desenvolvido armas nucleares e com a preocupação crescente de que a Coreia do Norte e o Irã estariam buscando essa capacidade, muitos questionam a utilidade do acordo.

Rose Gottemoeller, uma antiga funcionária do governo americano especializada em controle de armas e atualmente trabalhando para o instituto Carnegie Endowment, em Washington, acredita enfaticamente que ele ainda é útil.

Ela diz que são apenas três os países no mundo que não integram o tratado --Índia, Paquistão e Israel. Excetuando eles, o acordo é quase universal.

"É muito importante lembrar que a maioria dos países do mundo se submete ao tratado e acredita que ele é importante", diz ela.

"As fundações do TNP permanecem firmes."

Troca

As fundações podem estar firmes, mas o resto parece bastante precário.

Gary Salmore, especialista em não-proliferação do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres, diz que uma série de novos episódios mostram as fraquezas do TNP.

Ele cita o caso da Coreia do Norte, que saiu do tratado quando veio à tona que o país estaria trapaceando, além do que chama de esforços iranianos para o desenvolvimento de armas nucleares sob a aparência de um programa nuclear pacífico.

Salmore lembra também da rede do paquistanês Abdul Qadeer Khan, que realçou as deficiências para o controle de exportações de tecnologia nuclear.

Esses eventos, segundo ele, teriam levado ao surgimento de novas idéias para a reformulação do TNP.

Ele diz que a conferência da ONU (Organização das Nações Unidas) que avalia atualmente o acordo deve dar uma chance para que essas idéias diferentes sejam discutidas, embora duvide que um consenso de fato possa ser alcançado.

Isso porque os princípios fundamentais do pacto estariam mais ameaçados do que nunca.

Além dos cinco países já mencionados, todos os outros ingressaram no tratado como Estados não-nucleares.

Esses países concordaram em desistir de qualquer ambição de construir armas nucleares e, em troca, poderiam usufruir dos benefícios da tecnologia nuclear pacífica.

Diplomacia?

Esse sistema, segundo Gottemoeller, estaria cada vez mais precário.

"Existe uma relação próxima entre o uso pacífico de energia nuclear, para a obtenção de energia, por exemplo, e a criação de material para bombas nucleares", diz ela.

É crescente, afirma ela, a "preocupação com países como a Coreia do Norte, que pode flertar com as restrições do tratado para depois desistir dele".

Para ela, o tema deve dominar esta conferência.

As preocupações com o Irã são parecidas.

Pode o país adquirir capacidade nuclear com o tratado apenas para abandoná-lo e levar em frente seu programa de armas?

Atualmente o Irã está sendo pressionado por europeus a abandonar qualquer intenção de desenvolver um programa nuclear, algo que lhe é de direito segundo o TNP.

Outro aspecto da crise enfrentada pelo acordo é que as cinco nações deveriam, gradualmente, desistir de seus arsenais nucleares.

"Nenhuma nação nuclear está disposta a abrir mão de seus arsenais", diz Samore.

Todos estes países, diz ele, fora o Reino Unido, estariam buscando novas formas de uso para armas nucleares.

Os Estados Unidos estariam desenvolvendo armas nucleares capazes de penetrar em alvos subterrâneos. A China moderniza seu arsenal para torná-lo móvel, e tanto o país como a Rússia alteraram suas leis para facilitar o uso de armas nucleares.

Poucos especialistas com quem eu conversei mostraram muita esperança de que o encontro de Nova York possa produzir alternativas radicais.

Apesar dos problemas, o TNP ainda representa uma referência no mundo.

A sua aceitação quase global é sua força, mas existem dúvidas sobre se ele é suficiente para lidar com as complexidades do mundo atual.

Uma reformulação do acordo significaria, provavelmente, o fim dele como nós o conhecemos.

Muitos especialistas acreditam que um progresso real nos casos de Irã e Coreia do Norte, por exemplo, podem vir apenas de soluções diplomáticas.

Alemanha inaugura Memorial do Holocausto na próxima terça-feira

Data: 03/05/2005 – 12h52

Editoria: Mundo

Fonte: France Presse

Autor: Celine Prioux

No próximo dia 10 de maio, a Alemanha inaugurará em Berlim (capital) o Memorial do Holocausto, um símbolo sem precedentes, já que até hoje nenhum país assumiu com tal intensidade um genocídio, neste caso o mais contundente da história, em pleno centro de sua capital.

No aniversário de 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) na Europa, o governo alemão --que tem feito uma autocrítica-- aborda seu passado com sensibilidade, mas sem esconder o sofrimento de seu povo.

O chanceler social-democrata Gerhard Schröder é um símbolo eloqüente desse passado doloroso: nascido um mês antes da derrota alemã, não conheceu seu pai, morto em combate em 1944. Schröder também foi o primeiro chefe de governo alemão que aceitou participar das cerimônias comemorativas do desembarque na Normandia e estará entre as autoridades que celebrarão o fim da guerra em Moscou.

Nenhum de seus antecessores, todos que vivenciaram a guerra, havia realizado gestos semelhantes.

"O Holocausto faz parte da identidade dos alemães", afirmou o chanceler por ocasião do 60º aniversário da libertação do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Sem culpa por ter nascido muito tarde, vítima da guerra na qualidade de meio órfão, Schröder se mostra menos incomodado que seus predecessores a respeito do passado. Essa atitude responde às expectativas perceptíveis em certos segmentos da sociedade.

Regime nazista

A última geração de contemporâneos do regime nazista, de alemães que eram crianças e adolescentes durante o Terceiro Reich, ao fazer o balanço de sua vida lembra seus traumas: bombardeios, fuga do Exército Vermelho, perda da terra natal.

Estes sofrimentos voltam agora. Os fantasmas foram ressuscitados em 2001 com a publicação do romance "A Marcha do Caranguejo" ("Im Krebsgang"), do escritor alemão Günter Grass, Prêmio Nobel de Literatura.

"Voltam, pois nos anos 50, depois da criação da República Federal (Alemanha Ocidental), esse tema era um dos prediletos dos alemães, pois permitia que se vissem como as primeiras vítimas de Hitler, pagando as conseqüências sociais e econômicas de uma guerra perdida", afirma o historiador alemão Norbert Frei.

Domínio soviético

Na antiga República Democrática Alemã (RDA, Alemanha Oriental), que viveu quase meio século sob domínio soviético, os sofrimentos eram um tema tabu: o governo comunista considerava ter sido libertado pelos soviéticos, lembra o presidente da Câmara dos Deputados, o alemão do leste Wolfgang Thierse.

Os sofrimentos invocados pelos alemães da região ocidental do país, acusados pela propaganda aliada, foram sepultados nos anos 60. A geração do pós-guerra, sobretudo os jovens que se rebelaram em 1968, acusou seus pais de terem feito um balanço muito rápido de seus crimes e de terem reintegrado muitos ex-dirigentes do regime nazista.

O maior esforço em esclarecer o passado foi, provavelmente, o "processo de Auschwitz", realizado em Frankfurt, que em agosto de 1965 condenou as autoridades nazistas que haviam escapado da depuração pós-1945, disse o historiador Frei.

Quarenta anos depois do fim da guerra, em 1985, o ex-presidente alemão ocidental Richard von Weizsäcker (1984 a 1994) se atreveu a falar de "libertação" para os deputados da Bundestag.

"Esse discurso modificou consideravelmente a visão da história e da cultura alemã da recordação", reconheceu Schröder em uma recente carta enviada ao ex-presidente.

Foi um ponto de ruptura. "Depois de 1945, era impossível utilizar esse termo. Para os Aliados, não se tratava de libertar a Alemanha, e sim de libertar o mundo do agressor nazista", analisa Frei. "Para os alemães, com exceção de alguns resistentes e perseguidos, se tratava mais de uma derrota, e muitos deles a receberam com um suspiro de alívio", acrescenta.

Na antiga Alemanha Oriental, o dia 8 de maio, chamado desde o início de "Dia da Libertação", era feriado. O termo, no entanto, era rejeitado por muitos habitantes, convencidos de que a chegada dos soviéticos havia marcado o início de outra ditadura.

Memória da guerra não tem ponto final, diz Köher

Data: 08/05/2005 – 15h18

Editoria: Mundo

Fonte: France Presse

Autor: não assinada

O presidente alemão conclama compatriotas a manter viva a lembrança do sofrimento e da violência que partiu da Alemanha nazista e a lutar contra a repetição de crimes semelhantes. Passeata de neonazistas é barrada em Berlim na comemoração dos 60 anos do fim da II Guerra.

"Nós temos a responsabilidade de manter viva a memória do sofrimento e da violência que partiu da Alemanha nazista e de garantir que isso nunca se repita. Não há um ponto final", disse o presidente alemão Horst Köhler, em discurso no Parlamento, neste domingo (08/05), durante a principal cerimônia na Alemanha pelo 60º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial.

A tragédia que a Alemanha provocou ao mundo têm efeitos até hoje, acrescentou. "Nós alemães recordamos com horror e vergonha a Segunda Guerra desencadeada pela Alemanha e o Holocausto cometido pelos alemães. Rememoramos os seis milhões de judeus que foram mortos com energia diabólica", afirmou Köhler. Ele manifestou "repulsa e desprezo por aqueles que cometeram esse crime contra a humanidade e destruíram a honra de nosso país".

Köhler disse que a "a maioria dos alemães sentiu-se aliviada" com o fim da guerra. Ele lembrou os milhões de judeus, grupos ciganos sinti e roma, homossexuais e deficientes, as vítimas da fúria alemã, sobretudo, na Polônia e União Soviética, mas também os civis mortos nos bombardeios contra a Alemanha, os perseguidos e as mulheres violentadas em massa. "Estamos de luto por todas as vítimas, porque queremos ser justos com todos os povos, inclusive com o nosso próprio povo", afirmou.

Ao mesmo tempo, o presidente avaliou como "motivo para alegria e gratidão", a transformação externa e interna pela qual passou a Alemanha nos últimos 60 anos. "Essa gratidão devemos, em primeiro lugar, aos povos que derrotaram a Alemanha e a libertaram do nazismo. Eles deram uma chance ao nosso país no pós-guerra", ressaltou.

Cerimônia no Bundestag pelos 60 anos do fim da II Guerra

No mesmo tom das críticas feitas pelo presidente norte-americano George W. Bush em sua viagem aos países bálticos, Köhler lembrou que na zona de ocupação soviética o sofrimento de muitas pessoas continuou depois da Segunda Guerra. "Só numa parte da Europa foi possível construir sem obstáculos sociedades livres".

Referindo-se à revolução pacífica de 1989, o presidente disse: "Os alemães orientais escreveram um dos melhores capítulos da história alemã". Hoje – continuou Köhler – a Alemanha é uma democracia estável. "Hoje a Europa é caracterizada pela liberdade, democracia e o respeito aos direitos humanos e a Alemanha está cercada de amigos e parceiros".

Infelizmente, observou ainda, "na Alemanha também há incorrigíveis, que querem voltar ao racismo e extremismo de direita. Mas eles não têm qualquer chance contra a absoluta maioria de

alemães conscientes que mantêm nossa democracia vigilante e resistente", disse sob forte aplauso das lideranças políticas do país.

Köhler fez questão de ressaltar as relações de amizade que hoje unem a Alemanha e Israel e destacou ainda a importância da parceria transatlântica com os Estados Unidos. "Hoje a guerra na Europa se tornou impossível", disse.

Dia da libertação

As solenidades deste domingo pelos 60 anos do fim da guerra foram abertas com um culto ecumênico na igreja kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche, na avenida Kurfürstendam, no centro de Berlim. Na presença de representantes dos três poderes, o presidente da Conferência dos Bispos Alemães, cardeal Karl Lehmann, e o presidente do Conselho da Igreja Evangélica Luterana da Alemanha, Wolfgang Huber, lembraram o 8 de maio de 1945 como "dia da libertação".

"Fomos libertados para respeitar a inviolabilidade da dignidade humana e, por isso, para a dedicação aos que são desprezados e maltratados. Somente a memória nos dá a confiança de que a guerra e a violência não têm a última palavra", disse Huber.

Cardeal Lehmann: '8 de maio de 1945 foi também um reinício'

Lehmann disse em seu sermão que o 8 de maio de 1945 "não só foi o fim de um terrível regime, mas também a data de um reinício. A história, no entanto, privilegiou bem mais os alemães ocidentais, enquanto as pessoas no Leste carregaram muito mais o pesado fardo da catástrofe".

Em seguida, o chanceler federal Gerhard Schröder, e os presidentes do Bundestag (câmara baixa do Parlamento), Wolfgang Thierse, do Bundesrat (câmara alta do Legislativo), Matthias Platzeck, e o presidente do Tribunal Federal Constitucional Hans-Jürgen Papier, depositaram coroas de flores pelas vítimas da guerra e da tirania no memorial nacional Neue Wache, em Berlim.

Neonazistas desistem de passeata

Polícia e manifestantes impediram passeata de neonazistas

Cerca de 15 mil pessoas bloquearam, com o apoio da polícia, uma passeata de cerca de três mil neonazistas que estava iniciando no centro de Berlim. Os neonazistas protestavam contra o que chamam de "culto à culpa alemã" em contraposição aos pedidos de perdão que o país tem feito às vítimas da guerra desencadeada pela Alemanha.

Na noite de sábado, cerca de 25 mil pessoas, portando velas, lâmpadas e lanternas, já haviam formado uma corrente de 31 quilômetros, na capital alemã, numa vigília contra o fortalecimento da extrema direita no país.

Alemanha inaugura Memorial do Holocausto em Berlim

Data: 10/05/2005 – 04h57

Editoria: Ilustrada

Fonte: France Presse

Autor: Celine Prioux

A Alemanha inaugura nesta terça-feira, 60 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Memorial do Holocausto: 2.711 blocos de cimento cinza que constituem um símbolo sem precedentes, por ser o primeiro monumento alemão a recordar o pior dos crimes dos nazistas.

Pelo menos mil convidados procedentes de todo o mundo participarão da cerimônia de inauguração do monumento, no coração de Berlim, em meio a severas medidas de segurança.

Sobreviventes do holocausto, representantes de comunidades judaicas e diversas autoridades alemãs, incluindo o presidente Horst Kohler, o chanceler Gerhard Schroeder e o ministro das Relações Exteriores Joschka Fischer, participarão do ato de inauguração.

O monumento, criado pelo americano de origem judaica Peter Eisenman, está situado a poucos metros da antiga chancelaria de Hitler e do bunker no qual o líder nazista cometeu suicídio, no dia 30 de abril de 1945.

Com 95 centímetros de largura e 2,38 metros de comprimento, os blocos têm alturas variadas de até 4,7 metros e ficam separados por 95 centímetros, formando um grande labirinto.

Sob os blocos, há uma galeria com fotos, nomes e destino das vítimas do holocausto, mas qualquer visitante precisaria de seis anos e sete meses para ler tudo o que está lá.

McNamara adverte para um cenário de apocalipse nuclear

Data: 13/05/2005 – 14h00

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: Caio Blinder

Proliferação nuclear mete medo. Coréia do Norte, Irã e a lista vai espichando. Robert McNamara entende dessas coisas de apocalipse, agora e sempre. Foi secretário da Defesa dos EUA (1961-68) na época da Guerra do Vietnã, aquela que inspirou o wagneriano filme de Stanley Kubrick.

Os conselhos de McNamara ajudaram o presidente John Kennedy em 1962 a evitar uma catástrofe nuclear na crise dos mísseis soviéticos em Cuba.

McNamara tem preocupações presentes com o perigo nuclear. E num artigo metuculoso e apaixonado na edição corrente da publicação *Foreign Policy*, com o título sintomático *Apocalypse Logo*, ele explica quais são.

O foco dele não são os suspeitos habituais tentando forçar a entrada no clube nuclear, mas o sócio fundador.

McNamara acredita que os EUA não deveriam mais depender de armas nucleares como uma ferramenta de política externa. Ele reconhece que seu palpite pode soar simplista e provocativo, mas mesmo assim caracteriza a política nuclear americana como "imoral, ilegal, militarmente desnecessária e terrivelmente perigosa".

Risco

A base do argumento é o risco "inaceitavelmente alto" de um lançamento acidental ou inadvertido. É um cenário grave porque o governo Bush sinalizou o seu compromisso de manter o arsenal nuclear como pedra de toque do poderio militar americano, o que não contribui para conter a proliferação nuclear no planeta.

O engenheiro McNamara tem aquela fixação previsível com os números. Ele detalha no artigo que uma "típica ogiva nuclear americana tem um poder destrutivo 20 vezes maior do que o da bomba de Hiroxima".

Das 8 mil ogivas ativas ou operacionais, 2 mil podem ser lançadas com um aviso de 15 minutos. O presidente americano precisa de autorização do Congresso para declarar guerra, mas pode provocar um holocausto nuclear após deliberar por alguns minutos com seus assessores.

McNamara considera plenamente razoável o esforço do governo Bush para frear as ambições nucleares da Coréia do Norte e do Irã, mas ele lembra que, em meio à reunião em curso nas Nações Unidas com diplomatas de mais de 180 países para avaliar o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, a atenção deve ser dirigida também aos EUA.

Afinal, a "perigosa obsessão" americana para manter um vasto arsenal nuclear denota falta de interesse na sua eliminação. Mais do que isto, a disposição dos EUA para modernizar seu arsenal levanta sérias dúvidas do porquê outros países terem de controlar suas ambições nucleares.

O cenário apocalíptico ganha contornos na ausência de mudanças na política nuclear americana. Se o curso for mantido, McNamara adverte, deverá ocorrer uma "proliferação substancial" ao longo do tempo.

E ele cita países como Egito, Japão, Arábia Saudita, Síria e Taiwan. Esta disseminação irá reforçar a possibilidade de armas e material físsil caírem nas mãos de Estados delinquentes ou de terroristas.

Para impedir o cenário de "apocalipse logo", McNamara conclui que é preciso caminhar para a "eliminação ou quase eliminação de armas nucleares".

Em alguns círculos conservadores, McNamara é descartado como um pensador excêntrico ou um mero funcionário público aposentado. Mas seus argumentos cerebrais e passionais merecem ser levados em consideração, em particular a advertência de que nada é mais perigoso do que se aferrar a estratégias do passado para enfrentar os problemas do presente e do futuro.

Detidos no RS acusados de agredir judeus

Data: 14/05/2005 – 18h24

Editoria: Cotidiano

Fonte: Agência Folha

Autor: não assinada

A polícia gaúcha prendeu anteontem três rapazes suspeitos de integrar um grupo neonazista. Eles são acusados de agredir jovens de ascendência judaica.

Outros seis suspeitos de fazer parte da mesma organização de skinheads (que defende idéias neonazistas e prega o preconceito racial) estão sendo procurados.

Nas casas dos detidos, o delegado Paulo César Jardim, do Departamento da Polícia Metropolitana, disse ter encontrado cartilhas, reproduções de fotos de Adolf Hitler e uma bandeira nazista.

Duas das prisões ocorreram em Porto Alegre e uma em Caxias do Sul. O grupo é acusado de esfaquear três rapazes de origem judaica num bairro de Porto Alegre, no sábado retrasado.

Dois dos agredidos estariam usando quipá (solidéu). Eles comemoravam os 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o do Holocausto (extermínio de judeus nos campos de concentração nazistas). Um está internado; os demais foram liberados.

Segundo integrantes do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do RS, os presos têm antecedentes criminais por espancamento de outros jovens em 2003.

Com prisão preventiva decretada, eles devem responder a inquérito por tentativa de homicídio e discriminação racial. Seus nomes não foram divulgados.

Polícia prende 4º suposto skinhead acusado de ter esfaqueado

Data: 26/05/2005 – 00h16

Editoria: Cotiaidno

Fonte: Agência Folha

Autor: não assinada

Laureano Toscani, 20, foi preso pela polícia na tarde de quarta-feira (25), em Porto Alegre, depois de se entregar. Ele é suspeito de pertencer a um grupo de skinheads que, segundo a polícia, esfaqueou três rapazes judeus, no início do mês, na capital gaúcha. Outros três suspeitos já estavam presos preventivamente.

O quarteto é investigado no inquérito policial por tentativa de homicídio e discriminação racial. Os três que já haviam sido presos (seus nomes não são revelados) têm antecedentes criminais.

Dois dos judeus agredidos estariam usando solidéus no momento das agressões. Eles comemoravam os 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o do Holocausto --extermínio de judeus em campos de concentração nazistas. Eles foram atendidos no hospital de Ponto Socorro de Porto Alegre e passam bem.

O diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, Paulo César Jardim, informou que Toscani, que já estava com a prisão preventiva decretada pela Justiça, se apresentou à polícia e negou envolvimento no caso. O jovem seria encaminhado ao Presídio Central de Porto Alegre.

Nas casas dos outros três jovens que já haviam sido presos, a polícia encontrou cartilhas, reproduções de fotos de Adolf Hitler e uma bandeira nazista. No dia das prisões, o trio também negou participação nas agressões.

Protesto pede fim do uso de animais vivos como cobaias

Data: 02/07/2005 – 22h46

Editoria: Cotidiano

Fonte: Folha Online

Autor: não assinada

Uma manifestação neste domingo (3) na avenida Paulista pedirá o fim da utilização de animais vivos como cobaias em universidades e laboratórios.

Marcado para as 10h, com concentração na altura da rua Ministro Rocha Azevedo, o protesto será comandado por ONGs de defesa dos animais. Os manifestantes seguirão em caminhada até a Santa Casa de Misericórdia.

O objetivo, segundo os organizadores, é fazer com que animais não sejam mais utilizados em aulas práticas de faculdades de ciências biológicas (tanto em testes quanto em viviseções --operações feitas em seres vivos para o estudo das atividades fisiológicas) e testes patrocinados por empresas de cosméticos, medicamentos, higiene e alimentos.

Entre as ONGs responsáveis pelo protesto estão o Instituto Nina Rosa, a Associação Protetora de Animais São Francisco de Assis (Apasfa), Associação Saint Germain, Solidariedade à Vida Animal (Sava), Vira-Lata É 10, Gato Verde e os grupos Pelo Fim do Holocausto Animal e Tribunal Animal.

Líder palestino estudou direito e tem fama de moderado

Data: 12/08/2005 – 13h25

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online com Agências Internacionais

Autor: Shin Olivia Suzuki

12/08/2005 - 13h25 - MUNDO

Líder palestino estudou direito e tem fama de moderado

SHIN OLIVA SUZUKI

da **Folha Online**

O presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, carrega a marca de moderação e de pragmatismo em seu perfil político. Eleito para o cargo em janeiro deste ano, Abbas também ocupa a presidência da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), sucedendo o líder Iasser Arafat, morto no ano passado.

Também conhecido pelo apelido de Abu Mazen, que em árabe significa "o pai de Mazen" [nome de seu filho mais velho] --título muito comum entre os homens árabes--, Abbas, 70, nasceu em Safed [Galiléia], território palestino que foi administrado pelo Reino Unido.

Ele estudou Direito no Egito e obteve um doutorado em história pela Universidade Oriental de Moscou. Foi também durante seus anos acadêmicos que ocorreu uma das passagens mais polêmicas de sua carreira.

Tese controversa

Em 1982, Abbas escreveu uma tese de doutorado que defendia ligações entre nazistas e o movimento sionista [que defende o estabelecimento de um Estado judeu, Israel, na antiga Palestina]. A tese virou um livro chamado "The Other Side: the Secret Relationship Between Nazism and Zionism" ("O Outro Lado: O Relacionamento Secreto entre o Nazismo e o Sionismo").

13.fev.2005/AP



Mahmoud Abbas,
presidente da Autoridade
Nacional Palestina

No texto, Abbas afirmava que havia dúvidas quanto a existência de câmaras de gás para matar judeus e estimava as mortes do Holocausto em "menos de 1 milhão de pessoas" [é aceito que 6 milhões de judeus foram exterminados]. Quando estava a ponto de se tornar primeiro-ministro da ANP, em 2003, grupos judeus acusaram-no de defender a negação do Holocausto.

Abbas rebateu dizendo que apenas citou estudos que reviam o número de judeus mortos, mas que não tinha intenção de contestar os dados históricos

"O Holocausto foi um terrível, um imperdoável crime contra a nação judaica, um crime contra a humanidade que não pode ser aceito", afirmou em entrevista ao jornal israelense "Haaretz".

Papel fundamental na OLP

Sua carreira política começou em meados da década de 50, quando Abbas integrou um grupo de exilados palestinos no Qatar. Lá, Abbas começou a organizar a estrutura da OLP, recrutando pessoas que ocupariam cargos importantes na organização. Também ajudou a fundar com Arafat, em 1957, o Fatah, grupo político que possui o domínio da OLP.

Mais tarde esteve ao lado de Arafat em seus exílios na Jordânia, Líbano e Tunísia. A partir da década de 70, Abbas começou a articular contatos com líderes do mundo árabe e a arrecadar fundos para a causa palestina. Pesa a acusação

Mais tarde esteve ao lado de Arafat em seus exílios na Jordânia, Líbano e Tunísia. A partir da década de 70, Abbas começou a articular contatos com líderes do mundo árabe e a arrecadar fundos para a causa palestina. Pesa a acusação de que Abbas teria envolvimento financeiro no atentado terrorista à delegação israelense na Olimpíada de Munique (1972). Muitos afirmam que o palestino apenas posa de moderado.

No entanto, Abbas é apontado como o maior responsável pela concepção dos Acordos de Oslo em 1993, assinados por Arafat e pelo então premiê israelense Yitzhak Rabin [1922-1995, assassinado por um extremista judeu].

O atual presidente da ANP começou a costurar os tratados já na década de 70, com contatos estabelecidos com a esquerda e grupos pacifistas de Israel.

Figura pública

Conhecido pelo seu trabalho nos bastidores, Abbas começou a ficar mais notado publicamente quando, em 2003, Israel e Estados Unidos se recusaram a negociar com Arafat. Abbas, então, foi apontado como primeiro-ministro da ANP, mas não tinha poderes suficientes para influir nos processos decisórios.

Essa situação provocou uma série de conflitos com Arafat que, por sua vez, era acusado por Israel e EUA de tentar minar os movimentos políticos de Abbas.

Ao mesmo tempo, entrou em confronto com os radicais palestinos, notadamente os grupos Jihad Islâmico e Hamas. No início de setembro de 2003, enfrentou protestos e ameaças de morte, renunciando ao cargo de premiê logo depois.

Abbas manteve seu rompimento com Arafat até meados de 2004. Em janeiro deste ano, foi eleito presidente da ANP com ampla maioria, 62% dos votos populares. A eleição foi boicotada pelo Jihad Islâmico e pelo Hamas.

Até hoje prossegue o relacionamento tenso entre o presidente e os grupos extremistas. Com a retirada dos assentamentos judaicos em Gaza, Abbas pretende transferir seu gabinete para a região --atualmente, a Muqata [sede do governo palestino] fica em Ramallah, na Cisjordânia.

USP prepara museu sobre a intolerância

Data: 23/08/2005 – 09h42

Editoria: Ilustrada

Fonte: Folha de S.Paulo

Autor: Mario Giola

"Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade."

Para contribuir no cumprimento do artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a USP (Universidade de São Paulo) divulga amanhã o texto do edital de concurso nacional para o projeto arquitetônico do Museu da Tolerância.

Primeira instituição do gênero na América Latina, tem custo estimado de US\$ 10 milhões (em torno de R\$ 23,5 milhões) e precisa de parceiros privados para ser erguido na Cidade Universitária, próximo ao prédio da História, segundo Anita Novinsky, uma das idealizadoras da instituição. A comissão responsável pelo projeto quer inaugurá-lo no final do ano que vem.

A historiadora dirige o LEI (Laboratório de Estudos contra a Intolerância), que administrará o museu e ganhará nova sede, dividindo o edifício com um espaço para exposições. A biblioteca do LEI, o acervo do centro de estudos --10 mil microfilmes sobre a Inquisição, entre outras coisas-- e um auditório estão previstos no edital do concurso.

O Departamento de São Paulo do IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil) participa da comissão que coordena o concurso nacional. A restrição a arquitetos estrangeiros ocorre depois da polêmica escolha do franco-suíço Bernard Tschumi para a nova sede do MAC (Museu de Arte Contemporânea), vinculado à USP, em setembro de 2001, cujo projeto não saiu dos croquis. Na época, houve muitas críticas ao concurso, inclusive por parte do IAB.

Eixos temáticos

De acordo com a historiadora do LEI Zilda Iokoi, o conceito da instituição é a de um museu-escola. "Ele não se destacará por seu acervo, mas pela relação que terá com os visitantes e pela aposta na interação", afirma ela, citando equivalentes no mundo, como o museu do Centro Simon Wiesenthal, em Los Angeles (EUA), e o novo Museu da Tolerância de Jerusalém (Israel).

"O nosso foco é educacional. Queremos que alunos da rede pública e privada tenham contato com técnicas novas para museus e sejam conscientes do abuso contra os direitos humanos. Que aprendam a não tolerar o intolerável", enfatiza Novinsky.

De acordo com ela, alguns temas serão dominantes na seção permanente do museu: a Inquisição, a escravidão, o massacre de colonizadores europeus contra indígenas e o Holocausto. "O destaque para o Holocausto vem do seu ineditismo como uma política de Estado que tinha como meta o completo extermínio de um povo", avalia ela, que também quer complementar tal eixo com comentários sobre o nazi-fascismo.

"Os nazistas não só combatiam os judeus, como também perseguiram os homossexuais, os paraplégicos, os ciganos, os artistas considerados degenerados, entre outros." Também haverá uma preocupação especial para discutir a criança e suas relações com a educação e a cidadania.

A história oral deve ser destacada no museu. Depoimentos de judeus que se radicaram no Brasil, em razão da perseguição empreendida contra eles na Segunda Guerra Mundial, devem ser compilados e exibidos.

O espaço expositivo também vai abrigar mostras temporárias. "A exposição sobre Hiroshima [exibida no MAC Ibirapuera] foi uma espécie de ensaio", conta Maria Luiza Tucci Carneiro, curadora da mostra e integrante da comissão do novo museu.

Dentro desse segmento, o leque de "momentos de intolerância" aumenta, podendo incorporar material sobre o "genocídio armênio", por exemplo, empreendido pelo Império Otomano em 1915, segundo sustentam diversos historiadores e, principalmente, os armênios. Os números indicam 1,5 milhão de vítimas.

A Turquia nega tal massacre e criticou, por meio de sua embaixada no Brasil, a eventual inclusão do fato histórico no museu. "O governo turco nunca negou o fato de que acontecimentos muito infelizes ocorreram durante os anos da Primeira Guerra Mundial. (...) Mas a Turquia não aceita a definição dos acontecimentos como genocídio", informa a nota oficial, assinada pelo embaixador Ahmet Gürkan. Novinsky garante que a diretriz do museu "vai se guiar pelo pacifismo".

Além da cessão do terreno, a USP se compromete a ceder funcionários administrativos quando o prédio já estiver de pé. Uma das fachadas vai fazer fronteira com a mata dos fundos do Instituto Butantan.

Morre Simon Wiesenthal, que perseguiu mais de mil nazistas

Data: 20/09/2005 – 09h47

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: não assinada

O arquiteto austríaco Simon Wiesenthal, considerado a "consciência do Holocausto" pelo empenho de toda sua vida em perseguir os criminosos do nazismo, morreu na madrugada desta terça-feira em sua casa de Viena (Áustria), aos 96 anos de idade, após conseguir a prisão e o julgamento de mais de 1.100 assassinos nazistas.

EFE



Simon Wiesenthal, ao receber título de doutor honoris causa em Praga, em abril de 1997

Mundialmente conhecido como o "caçador de nazistas", Wiesenthal criou seu Centro de Documentação Judaica na capital austríaca em 1947, dois anos depois do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e após sobreviver a 12 campos de concentração e extermínio e ser libertado por tropas americanas em Mauthausen, na Áustria.

"Sua nomeação não foi anunciada em entrevista coletiva, não por algum presidente ou primeiro-ministro. Simplesmente assumiu esse trabalho. Foi um trabalho que ninguém quis", disse uma nota emitida pelo site do Dokumentationzentrum de Viena, embrião dos centros Wiesenthal espalhados pelo mundo.

"A missão era impressionante. O objetivo tinha poucos amigos. Os aliados já se concentravam na Guerra Fria, os sobreviventes tentavam recompor suas destroçadas vidas, e Wiesenthal estava sozinho em seu papel como perseguidor e detetive ao mesmo tempo", acrescenta a publicação oficial de sua organização.

Repercussão

Entre as múltiplas reações à morte de Wiesenthal, que ao longo de sua vida acumulou inúmeras condecorações, está a do chanceler federal austríaco, Wolfgang Schüssel, segundo o qual "o importante para ele foi estar sempre alerta e, com sua vigilância, evitar que pudesse repetir-se a mais terrível época da História".

Wiesenthal será homenageado amanhã com um funeral especial no Cemitério Central de Viena, capital da qual era cidadão honorário.

O corpo de Wiesenthal, que morreu oficialmente às 4h (23h de ontem em Brasília) de morte natural, será transferido posteriormente a Israel, onde na sexta-feira (23) será enterrado com todas as honras.

Memórias

Em suas memórias publicadas em 1988 sob o título "Justiça, não Vingança", o que seria o lema de sua vida, Wiesenthal afirmava que "quando as pessoas olharem para trás na história, devem saber que os nazistas não escaparam sem punição pelo assassinato de milhões de seres humanos.

Em abril de 2003, quando anunciou sua retirada da vida pública e o fim de sua missão, Wiesenthal declarou à imprensa que havia encontrado e sobrevivido a todos os assassinos que perseguiu.

Na ocasião, ele já considerava praticamente impossível que, por motivos de idade e saúde, os poucos criminosos de guerra nazistas que tinham conseguido escapar da Justiça pudessem chegar a ser processados.

Adolf Eichmann

Sua "presa" mais famosa foi Adolf Eichmann (1906-1962), alto oficial das temidas SS, responsável por organizar o transporte para os campos de extermínio de milhões de judeus de toda a Europa.

transporte para os campos de extermínio de milhões de judeus de toda a Europa.

Arquivo/Reuters



Adolf Eichmann, durante seu julgamento em Israel, em que foi condenado à morte

Wiesenthal não parou até encontrar uma pista na Argentina, onde Eichmann se escondeu após a guerra com o nome falso de Ricardo Clement.

Wiesenthal, então, entregou ao Mossad [serviços secretos de Israel] a localização de Eichmann, que seqüestrou o criminoso e o transferiu para o Estado de Israel, onde foi processado, condenado à morte [única condenação desse gênero no país] e executado na forca em 31 de maio de 1962.

Outros conhecidos criminosos de guerra nazistas que foram processados graças a seu trabalho foram o alemão Karl Silberbauer, responsável pela deportação da menina judia Anne Frank, e o austríaco Frank Stangl, comandante do campo de extermínio de Treblinka.

Solana lamenta morte de Wiesenthal, o “caçador de nazistas”

Data: 20/09/2005 – 10h14

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online com Ansa

Autor: não assinada

Javier Solana, representante da União Européia para política externa, homenageou nesta terça-feira Simon Wiesenthal, conhecido como o "caçador de nazistas", que morreu em Viena, aos 96 anos.

"Hoje choramos a perda de um homem especial e de um grande europeu, que foi ao mesmo tempo vítima e testemunha do Holocausto, e sua resposta a um crime de proporções sem precedentes não foi a de buscar vingança, mas justiça", declarou.

"Wiesenthal dedicou sua vida a essa causa, com uma coragem e uma determinação que nunca enfraqueceram. Seu trabalho tem sido inspiração para todos nós, que acreditamos que a paz deve ser construída com base na justiça, na tolerância e nos direitos humanos", acrescentou Solana.

Wiesenthal encerrou sua carreira em 2003, após 50 anos de buscas pelos responsáveis pelo Holocausto judeu. À época declarou: "Meu trabalho está feito. Os assassinos que busquei, encontrei. Sobrevivi a todos eles. Restam alguns, mas estão hoje muito velhos e doentes para comparecer à Justiça."

O resultado mais famoso das buscas de Wiesenthal foi o seqüestro na Argentina, julgamento e execução, em 1962, de Adolf Eichmann, do principal executor da política de extermínio de judeus.

Wiesenthal dedicou sua vida às vítimas do Holocausto

Data: 20/09/2005 – 12h59

Editoria: Mundo

Fonte: France Presse

Autor: não assinada

Simon Wiesenthal, que morreu nesta terça-feira, em Viena, aos 96 anos, perseguiu durante toda a vida os criminosos nazistas e conseguiu colocar à disposição da Justiça mais de mil pessoas, com destaque para Adolf Eichmann, executor da chamada "solução final", de Adolf Hitler, para o povo judeu.

Simon Wiesenthal, ao receber título de doutor honoris causa em Praga, em abril de 1997

Mundialmente conhecido como o "caçador de nazistas", Wiesenthal criou seu Centro de Documentação Judaica "O que fiz foi pelos os jovens e pelos que morreram porque continuei com vida, e este privilégio implica um dever", comentou certa vez o sobrevivente do campo de extermínio de Mathausen (Áustria). Com este objetivo, depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), criou um centro de informações sobre criminosos nazistas, ponto de partida da caça aos nazistas.

O rabino Marvin Hier, decano e fundador do Centro Simon Wiesenthal em Los Angeles (Califórnia, Estados Unidos), uma organização não-governamental de defesa dos direitos humanos, descreveu Wiesenthal como "a consciência do Holocausto", em um comunicado.

Arquitetura

Nascido em 31 de dezembro de 1908, em Buczacz, situado na Galícia (Província do império austro-húngaro, hoje Polônia), que abandonou aos sete anos por causa da presença dos cossacos, Wiesenthal estudou arquitetura em Lemberg (Lwow, cidade da Galícia que passou a fazer parte da antiga União Soviética, em 1945) e, depois, em Praga (República Tcheca).

A chegada das tropas hitlerianas atormentou sua vida. Preso em 1941, foi internado em cinco campos de concentração, entre eles Buchenwald e Mathausen, de onde saíria no dia 5 de maio de 1945.

Wiesenthal passou a viver em Linz (Áustria) --a apenas poucos metros da família de Eichmann.

Adolf Eichmann, durante seu julgamento em Israel, em que foi condenado à morte

Ele encontrou a pista que levaria a Eichmann depois de anos de perseguição, o que possibilitou o seqüestro do nazista em Buenos Aires, em 1960, por parte do serviço secreto de Israel.

Em 1947, funda em Linz, ao oeste de Viena, um Centro de Documentação responsável por compilar informações sobre o destino dos judeus e de seus torturadores. Em boa parte graças a seu trabalho, em 1961, Eichmann foi levado à Justiça, assim como outros 1.100 criminosos nazistas.

Depois da execução de Eichmann em Israel, em 31 de maio de 1962, Wiesenthal transfere para Viena o centro, que também se propõe a combater o anti-semitismo e todas as formas de preconceitos e revisionismo. "Os assassinos da memória preparam as condições para os assassinatos de amanhã", explicava.

Livro

Em "Justiça não é Vingança", sua autobiografia publicada em 1989, o "caçador de nazistas" se esforça para mostrar como, incansavelmente, perseguiu e desmascarou os criminosos, com suas novas identidades, em todo o mundo.

Apenas uma vez, explica no livro, teve vontade de deixar a legalidade de lado e aplicar a pena de táliao ao descobrir,

entre os documentos de um nazista, a foto de um menino judeu pendurado pelos testículos.

Porém, aquele que quis "viver pelos mortos", também viveu para os vivos, em particular aos refugiados de países do Leste Europeu.

Quase 8.000 pessoas passaram pelos centros construídos por Wiesenthal.

Premiado em várias ocasiões, Wiesenthal também tinha detratores. Alguns o acusaram de dificultar a busca e envio à Justiça de personagens como o ex-presidente austríaco e secretário-geral da ONU Kurt Waldheim.

Como justificativa, Wiesenthal argumentou que sua proposta era a de caçar os criminosos de guerra e Waldheim, criticado por seu passado no Exército hitleriano, não era um deles.

Annan lamenta morte de Wiesenthal em sessão na ONU

Data: 20/09/2005 – 22h17

Editoria: Mundo

Fonte: EFE

Autor: não assinada

O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), Kofi Annan, lamentou hoje a morte em Viena de Simon Wiesenthal, sobrevivente do Holocausto e fundador de um centro de combate ao anti-semitismo.

"Os esforços de Wiesenthal em prol da justiça para as vítimas do Holocausto enviaram uma mensagem importante ao mundo de que não deve haver impunidade para o genocídio e os crimes contra a humanidade", disse Annan num comunicado.

O diplomata acrescentou que o trabalho de Simon no Centro Wiesenthal para promover a tolerância e a luta contra o anti-semitismo ajudou muito a ONU no mesmo compromisso.

A memória de Wiesenthal também foi invocada pelo ministro de Assuntos Exteriores de Israel, Silvan Shalom, que aproveitou sua intervenção na Assembleia Geral da ONU para pedir que a organização aprove uma resolução para comemorar o fim do Holocausto.

"Particularmente hoje que o maior lutador do mundo contra o anti-semitismo morreu, lembremos que o Holocausto está desaparecendo da memória humana e está virando história", declarou.

"Se a geração de sobreviventes nos deixar, quem contará a história para nós?", questionou Shalom.

Wiesenthal, conhecido como "a consciência do Holocausto", ajudou a levar à Justiça mais de 1.100 criminosos de guerra nazistas.

Spielberg quer usar depoimentos do Holocausto para evitar genocídios

Data: 21/10/2005 – 03h34

Editoria: Ilustrada

Fonte: France Presse

Autor: não assinada

Com mais de 50 mil testemunhos digitais de vítimas do Holocausto registrados em Brasil, Argentina e Estados Unidos, entre outros países, o diretor e produtor de cinema americano Steven Spielberg, 58, espera disseminar os horrores da tragédia para impedir que um novo genocídio aconteça no mundo.

"Ao disseminar cerca de 52.000 vozes que nunca mais serão silenciadas e que protegeremos (...) impediremos que um genocídio semelhante volte a ocorrer", disse o cineasta nesta quinta-feira, em cerimônia na Universidade do Sul da Califórnia, que sediará a Fundação Shoah, criada por ele em 1994.

Depois de filmar "A lista de Schindler" (1993), Spielberg se deu conta de que as vítimas "precisavam contar sua história, não para seus filhos ou netos, mas para alguém que lhes desse confiança".

A partir de 1º de janeiro próximo, a universidade terá nos seus arquivos os depoimentos de 52.000 vítimas do Holocausto. De acordo com Spielberg, o objetivo é chegar a todas as salas de aulas do mundo para transmitir uma mensagem de tolerância.

"Queria ver uma mensagem de tolerância em cada país, em cada sala de aula no mundo todo", frisou o premiado diretor.

A fundação recolheu depoimentos de testemunhas de 57 países e 32 idiomas e está comprometida com o uso educacional destes arquivos em nível mundial. Spielberg é presidente honorário da entidade, na qual injetou US\$ 65 milhões do seu próprio bolso.

Papa reassume compromisso de “bom relacionamento” com judeus

Data: 27/10/2005 – 19h44

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online com Agências Internacionais

Autor: não assinada

O papa Bento 16 reafirmou nesta quinta-feira o compromisso do Vaticano com o "bom relacionamento" entre católicos e judeus.

A mensagem foi enviada pelo papa durante uma conferência em Roma em comemoração do 40º aniversário do documento do Segundo Conselho do Vaticano, o "Nostra Aetate" [Em nosso tempo], que revolucionou as relações entre os fiéis das duas religiões ao rejeitar o conceito de perpetuar a "culpa" dos judeus pela morte de Cristo.

"Ao lançar a base para uma relação renovada entre o povo judeu e a igreja católica, o "Nostra Aetate" ressaltou a necessidade de superação dos preconceitos e mal-entendidos, da indiferença, e da linguagem do desprezo e da hostilidade", afirmou o papa durante a conferência.

"Essa comemoração nos traz muitas razões para expressar nossa gratidão a Deus", disse ainda Bento 16.

Visita

O papa-- que visitou uma sinagoga em sua cidade natal na Alemanha, Markt am Inn, em agosto passado--elogiou aqueles que trabalharam pela reconciliação entre judeus e católicos, apesar da "história dolorosa e complexa" que une as duas religiões.

No discurso desta quinta-feira, Bento 16 citou ainda a "trágica experiência do Shoah"--utilizando a palavra hebraica que designa o Holocausto-- ação genocida nazista que matou mais de 6 milhões de judeus.

"Eu já expressei minha firme determinação de seguir os passos de meu amado predecessor, o papa João Paulo 2º. O diálogo entre cristãos e judeus deve continuar, para aprofundar os laços de amizade que foram desenvolvidos", disse Bento 16.

João Paulo 2º fez mais do que qualquer outro pontífice para melhorar as relações entre judeus e católicos. Ele foi o primeiro papa a visitar uma sinagoga e levou o Vaticano a estabelecer relações diplomáticas com Israel.

ONU declara 27 de janeiro o “Dia Mundial das Vítimas do Holocausto”

Data: 01/1/2005 – 17h57

Editoria: Mundo

Fonte: EFE

Autor: não assinada

A ONU (Organização das Nações Unidas) declarou nesta terça-feira 27 de janeiro o "Dia Mundial das Vítimas do Holocausto"-- massacre que matou 6 milhões de judeus durante a 2ª Guerra Mundial.

A decisão foi tomada mediante uma resolução apresentada por Estados Unidos e Israel e aprovada por consenso pelos 191 países-membros da Assembléia Geral. O dia escolhido lembra o 27 de janeiro de 1945, quando aconteceu a libertação do campo de concentração de Auschwitz (Polônia).

Cerca de 6 milhões de judeus morreram nos campos de concentração nazistas, da mesma forma que outras centenas de milhares de pessoas devido à sua origem étnica, crenças religiosas ou à sua orientação sexual.

O texto aprovado pede aos países-membros que realizem programas educativos para que as futuras gerações conheçam o que foi o Holocausto dos judeus e suas conseqüências.

O documento também pede ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que estabeleça um programa intitulado "O Holocausto e as Nações Unidas", que permita mobilizar a sociedade civil para lembrar o que foi essa tragédia, para evitar que a mesma se repita.

Em um comunicado, Annan expressou sua satisfação com a decisão da Assembléia Geral.

Israel deve mudar para a Europa, diz presidente do Irã

Data: 08/12/2005 – 16h34

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: não assinada

O presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, disse nesta quinta-feira que o Estado de Israel deveria ser removido do Oriente Médio e estabelecido na Europa, já que os judeus foram oprimidos na Europa.

Em uma entrevista dada durante uma visita a Meca, na Arábia Saudita, Ahmadinejad afirmou que, se a Alemanha e a Áustria se sentem responsáveis pelo Holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial, os dois países deveriam abrir espaço para o estabelecimento de Israel em seus territórios.

"Vocês os oprimiram, então, dêem uma parte da Europa para o regime sionista, para que eles possam estabelecer o governo que quiserem", disse o presidente iraniano.

A Alemanha, Áustria e outros países europeus reagiram indignados à declaração. "As observações são completamente inaceitáveis", disse a chefe do governo alemão Angela Merkel, num encontro com o presidente francês Jacques Chirac, em Berlim.

Líder do Irã diz que Israel deveria ser "transferido" para a Europa

Data: 08/12/2005 – 17h17

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: não assinado

O presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, expressou dúvidas sobre a ocorrência do Holocausto nesta quinta-feira e sugeriu que o Estado de Israel deveria ser "transferido" para a Europa.

"Alguns países europeus insistem em dizer que Hitler matou milhões de judeus inocentes em fornalhas a ponto de, se alguém provar o contrário, condenarem essa pessoa e a enviarem à cadeia", afirmou Ahmadinejad.

"Embora nós não aceitemos esta versão, caso ela seja verdade, nossa questão para os europeus é: o assassinato de judeus inocentes por Hitler é motivo para apoiar os invasores de Jerusalém?", questionou ainda o presidente iraniano.

Ahmadinejad disse ainda que "se os europeus são honestos a respeito de abrir mão de algumas Províncias na Europa -- como na Alemanha, na Áustria e em outros países-- os sionistas poderiam estabelecer seu Estado na Europa". "Vocês doam parte da Europa e nós apoiamos".

As declarações-- divulgadas pela agência oficial de notícias IRNA-- foram dadas durante uma coletiva de imprensa na Arábia Saudita. Em outubro último, Ahmadinejad afirmou que Israel deveria ser "riscado do mapa", declaração que foi duramente criticada pela comunidade internacional.

Segundo historiadores, seis milhões de judeus morreram durante o Holocausto.

Críticas

As declarações de Ahmadinejad causaram indignação em Israel e em Washington.

Raanan Gissin, porta-voz do premiê israelense, Ariel Sharon, afirmou em Tel Aviv que Ahmadinejad estava se referindo "ao consenso que existe em alguns setores do mundo árabe (...) de que os judeus não têm o direito de estabelecer um Estado democrático em sua terra ancestral."

"Só para lembrar a Ahmadinejad, nós estamos aqui muito antes dos ancestrais dele", afirmou Gissin. "Temos o direito de estar aqui, na terra onde viveram nossos antecessores. Graças a Deus, temos a capacidade de impedir que tal idéia se torne realidade."

O porta-voz da Casa Branca, Scott McClellan, afirmou que "as declarações aumentam a preocupação dos EUA em relação ao regime iraniano e mostram por que é tão importante impedir que tal regime desenvolva armas nucleares."

Presidente do Irã pede "transferência" de Israel para a Europa

Data: 08/12/2005 – 20h15

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

O presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad deu prosseguimento, nesta quinta-feira (08/12), aos seus ataques verbais a Israel. Depois de pedir a eliminação do país, no final de outubro passado, desta vez sugeriu a "transferência" de Israel para a Europa e manifestou dúvidas sobre a ocorrência do Holocausto.

Em entrevista coletiva na Arábia Saudita, Ahmadinejad afirmou que "alguns países europeus insistem em dizer que Hitler matou milhões de judeus inocentes em fornalhas a ponto de, se alguém provar o contrário, condenarem essa pessoa e a enviarem à cadeia". Ele disse que não aceita essa afirmação.

Ahadinejad declarou também que a Alemanha e a Áustria deveriam, como pagamento pela perseguição aos judeus no Terceiro Reich, ceder "uma, duas ou quantas províncias queiram, para ali abrigar o Estado judeu. Com isso, o problema seria atacado pela raiz", afirmou, referindo-se ao conflito entre israelenses e palestinos no Oriente Médio.

Durante um encontro de nações islâmicas, em Meca, na Arábia Saudita, Ahmadinejad negou o Holocausto. Outro ponto polêmico e que despertou a ira dos europeus foi a sugestão da transferência do Estado de Israel para uma região "cedida pela Alemanha e a Áustria. Com isso, o problema seria atacado pela raiz", disse, referindo-se ao conflito entre israelenses e palestinos no Oriente Médio.

"Vocês (europeus) os oprimiram, então dêem uma parte da Europa para o regime sionista, para que possam estabelecer o governo que quiserem", provocou. A polêmica começou a tomar corpo em outubro passado, quando o presidente iraniano começou os ataques verbais, pedindo a eliminação de Israel do mapa.

Resposta alemã

Merkel destacou que o governo rejeita estas observações de forma enfática e não irá, sob circunstância alguma, permitir que o direito de existência de Israel seja ameaçado. A chanceler acredita que esta posição é compartilhada pela maioria das nações.

O ministro das Relações Exteriores da Alemanha também criticou as observações feitas pelo líder iraniano. Após encontro em Bruxelas com colegas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Frank-Walter Steinmeier destacou que "a situação atual de Israel é julgada pelo governo do Irã com pouca seriedade ou muito cinismo".

Angela Merkel teve suas críticas fortalecidas por Chirac. O líder francês ressaltou que recebeu as declarações de Ahmadinejad com assombro e revolta. Também o chefe de governo da Áustria, Wolfgang Schüssel, rebateu a sugestão

de transferir Israel para a Europa. Após um encontro em Washington com o presidente George W. Bush, ele comentou: "É uma gafe monstruosa. Dessa forma o problema não será resolvido".

Negação do Holocausto

Em entrevista coletiva na Arábia Saudita, Ahmadinejad afirmou que "alguns países europeus insistem em dizer que Hitler matou milhões de judeus inocentes em fornalhas a ponto de, se alguém provar o contrário, condenarem essa pessoa e a enviarem à cadeia". Ele disse que não aceita essa afirmação.

"Mas se partirmos do ponto de que isso é verdade, então temos a seguinte pergunta para os europeus: A morte de judeus inocentes por meio de Hitler é o motivo para o apoio europeu às forças de ocupação em Jerusalém?", questionou.

Áustria rejeita declarações de presidente iraniano sobre Israel

Data: 08/12/2005 – 22h17

Editoria: Mundo

Fonte: EFE

Autor: não assinado

O chanceler federal austríaco, Wolfgang Schüssel, rejeitou nesta quinta-feira "da forma mais dura possível" as declarações do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, nas quais ele pede que a Alemanha e a Áustria cedam parte de seu território para acolher o Estado de Israel e coloca em dúvida a existência do Holocausto.

"A Europa, que admitiu ter oprimido os judeus, deve ceder uma parte de sua terra para a instauração ali de um Estado israelense", disse Ahmadinejad, em entrevista concedida à rede de televisão iraniana por satélite Alalam.

O chefe de governo austríaco, durante visita a Washington, acrescentou que as declarações são uma "saída de tom escandaloso" e "penalmente puníveis na Áustria", segundo informa a rádio pública austríaca ORF.

Segundo a ORF, a ministra das Relações Exteriores, Ursula Plassnik, deu instruções ao embaixador austríaco em Teerã para obter mais informações sobre as declarações de Ahmadinejad.

Além disso, o Embaixador iraniano em Viena será chamado ao Ministério de Relações Exteriores austríaco para dar explicações.

Conselho de Segurança condena as declarações de presidente do Irã

Data: 09/12/2005 – 19h50

Editoria: Mundo

Fonte: EFE

Autor: não assinado

O Conselho de Segurança (CS) da ONU condenou nesta sexta-feira as declarações dadas pelo presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, nas quais ele questiona o Holocausto e sugere que o Estado de Israel deveria se mudar do Oriente Médio para a Europa.

Os 15 membros do CS apoiaram as palavras de repulsa e consternação expressadas ontem pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan, pelas declarações.

Annan, da mesma forma que o Conselho, lembrou ao Irã que, há exatamente um mês, a Assembléia Geral aprovou uma resolução que "nega qualquer rejeição do Holocausto como acontecimento histórico, nem completamente nem parcialmente".

"Os membros do CS condenam os comentários feitos sobre Israel e sua recusa em reconhecer o Holocausto", disse o embaixador britânico Emyr Jones Parry, presidente rotativo desse órgão da ONU.

Na declaração, o diplomata britânico também reafirmou, em nome do CS, os direitos e obrigações que Israel tem como Estado-membro da ONU há muito tempo.

"Sob a Carta da ONU, todos os membros devem se abster de emitir ameaças ou usar a força contra a integridade territorial ou a independência política de outro Estado", acrescentou.

Annan cancelou no mês passado uma viagem que faria ao Irã para se reunir com o presidente desse país, depois da polêmica que Ahmadinejad causou ao pedir aos muçulmanos que "apagassem Israel do mapa".

Indignação europeia às declarações do presidente iraniano

Data: 09/12/2005 – 09h46

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

Governos da União Europeia receberam indignados a sugestão de transferir Israel para o continente como forma de pagamento pela perseguição aos judeus. Mahmoud Ahmadinejad questionou, ainda, a ocorrência do Holocausto.

"As sugestões do presidente do Irã são completamente inaceitáveis", disse a chanceler federal alemã, Angela Merkel, pouco antes do encontro com o presidente francês Jacques Chirac, em Berlim. Opiniões semelhantes partiram também da Áustria e de outros países do continente.

Durante um encontro de nações islâmicas, em Meca, na Arábia Saudita, Ahmadinejad negou o Holocausto. Outro ponto polêmico e que despertou a ira dos europeus foi a sugestão da transferência do Estado de Israel para uma região "cedida pela Alemanha e a Áustria. Com isso, o problema seria atacado pela raiz", disse, referindo-se ao conflito entre israelenses e palestinos no Oriente Médio.

Problema nuclear

Com toda a polêmica, a posição do Irã envolvendo a questão atômica fica mais difícil de ser discutida. Os Estados Unidos esclareceram que as declarações de Ahmadinejad explicam a preocupação de vários países em relação ao governo iraniano e seu potencial de desenvolver armas nucleares. Norte-americanos e europeus suspeitam que o Irã não quer somente desenvolver um programa atômico civil, mas sim, ambicionam a produção de armas nucleares.

Repercussão na imprensa

O jornal alemão *Bild Zeitung*, de Hamburgo, destacou que "o presidente do Irã sofre de um tremendo complexo de ódio contra os judeus e o Estado de Israel". O artigo segue perguntando que país gostaria de ter seu nome ligado ao de Ahmadinejad. "As declarações do presidente iraniano estão maduras o suficiente para serem levadas à Corte Internacional de Justiça. Ele pratica um cinismo repugnante", conclui.

"Este homem está cada vez mais fora de controle", critica o periódico de Kiel. Segundo o *Kieler Nachrichten*, o ódio contra os judeus é patológico. "A lista de conflitos dos quais o Irã tem envolvimento é longa", ressalta o texto.

"Depois de classificar Israel como um tumor, o presidente Ahmadinejad toma outro rumo e deixa de lado a opção de amputar o país do mapa", começa a matéria no jornal *La Repubblica*, de Roma, sobre a transferência da nação para a Europa. "Por outro lado, esta campanha obsessiva contra Israel poderia ser simplesmente um sinal de pura fraqueza", opina o jornal.

O segundo Holocausto

Data: 12/12/2005

Editoria: Coluna Pensata

Fonte: Folha Online

Autor: João Pereira Coutinho

O presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, voltou a aparecer em cena. Eu já tinha saudades de Mahmoud: serial killers são paixão desde a infância. Há uns meses, o nosso Mahmoud declarou que Israel deveria ser riscado do mapa. A comunidade internacional ficou "espantada" e "chocada". Agora, Mahmoud voltou ao ataque: primeiro, para levantar dúvidas sobre a existência do Holocausto; e, depois, para propor a recolocação dos judeus do Oriente Médio na Alemanha e na Áustria.

E a comunidade internacional? Precisamente: continua "espantada" e "chocada". Cuidado, gente: não é saudável tanto "espanto" e tanto "choque". E, além disso, não é necessário. As palavras de Mahmoud Ahmadinejad estão em perfeita sintonia com a retórica anti-semita que, diariamente, o mundo árabe vai produzindo para consumo interno e externo.

Não é preciso visitar um país árabe, como eu já visitei, para perceber o fato. Basta consultar um sítio na internet (MEMRI - The Middle East Media Research Institute) para ler, em inglês, o que os jornais e as televisões árabes dizem em árabe. De acordo com a sensibilidade literária local, os judeus são, normalmente, seres "vingativos", "sujos", "parasitas" e agentes de "corrupção", "contaminação" e "morte". Um exemplo? A 17 de março de 1997, na Comissão para os Direitos Humanos das Nações Unidas, Nabil Ramlawi acusou as autoridades israelitas de infectarem 300 crianças palestinas com o vírus do HIV durante os anos da primeira intifada. A comunidade internacional, presumo, estava a dormir e a roncar: o "espanto" e o "choque" ainda não tinham começado. Ou, então, achou normal acusações de genocídio.

E, de fato, normal são: com espantosa regularidade, jornais egípcios ou jordanos acusam as autoridades israelitas de produzirem doces com o objetivo de matar crianças e corromper sexualmente as mulheres. Fertilizantes usados na fruta também acabam por esterilizar os homens árabes, que comem uma laranja ou uma banana na maior das inocências másculas. E, em matéria conspirativa, o 11 de setembro forneceu amplo material. De acordo com a imprensa árabe, no dia em que as Torres foram atacadas, 4000 judeus não foram trabalhar. Gripe súbita? Preguiça matinal? Nada disso. Eles foram antecipadamente avisados pela Mossad, os serviços secretos israelitas, para que não comparecessem nas Torres. O próprio Ariel Sharon, aliás, também foi avisado para não viajar para Nova York no dia 11 de setembro. No dia 11 de setembro, os serviços secretos israelitas iriam telecomandar dois aviões (vazios) para que eles iniciassem o definitivo confronto entre o Ocidente e o mundo árabe. E etc., e etc., e etc.

Pergunta: de onde veio esta loucura? A pergunta está mal formulada. O anti-semitismo árabe não é produto de uma doença mental. É, coisa pior, uma herança, uma pesada herança, uma grotesca herança do nosso próprio anti-semitismo ocidental. Não é possível estabelecer no tempo as origens intelectuais do anti-semitismo moderno. Mas existe um documento --obviamente, forjado-- que teve um papel arrasador neste processo. Falo, como é evidente, dos "Protocolos dos Sábios do Sião", que as autoridades czaristas fabricaram na Rússia em finais do século 19 para "provar" que os judeus estavam dispostos a conquistar o mundo.

Foi um "best-seller" na época, permitiu incontáveis brutalidades no império russo e rapidamente viajou para o Ocidente --sobretudo para a Alemanha-- onde floresceu com vigor. E não apenas na Alemanha: se as boas ideias viajam com o vento, as más ideias viajam com a luz. Ainda na década de 1930, pelas mãos de Muhammad Amin al-Husseini (o mufti de Jerusalém, uma espécie de governador local), os "Protocolos" foram recebidos com entusiasmo assassino. O mufti de Jerusalém tinha ligações privilegiadas com o Terceiro Reich, sobretudo com Himmler, e fez da eliminação judaica no Oriente Médio um programa político. O ódio, que o Ocidente produziu, criava finalmente o moderno anti-semitismo árabe. Que continua vivo e bem vivo.

Hoje, quando vocês entram numa das livrarias locais, em Teerã ou no Cairo, é possível comprar os "Protocolos", levados a sério como historiografia séria. No Egito, uma novela baseada nos "Protocolos" foi adaptada à tv, com um elenco de 400 atores e orçamento digno de Hollywood: as donas de casa choraram com emoção perante a história pérfida de como os judeus pérfidos sempre desejaram subjugar o mundo. E livros como "Mein Kampf", o libelo ignaro de Hitler que é uma emanção dos "Protocolos" e que justificou as limpezas rácicas posteriores a 1933, é um sucesso de vendas mesmo em países mais ocidentalizados, como a Turquia. Escuso de dizer que vocês não encontram "A Lista

de Schindler" nas locadoras árabes. O filme de Spielberg é perigosíssimo para a cultura indígena e, precisamente por isso, banido pelas autoridades oficiais. O Holocausto, o primeiro Holocausto, nunca existiu.

Mas o segundo talvez exista. A expressão não é minha. A ideia de um "segundo Holocausto" foi sugerida por Ron Rosenbaum no "The New York Observer", em abril de 2002. Para Rosenbaum, o anti-semitismo árabe atual ganha contornos muito próximos com a Alemanha nazista na década de 1930 e, cedo ou tarde, acabará por proporcionar novos espetáculos de horror. Só que, escreve Rosenbaum, desta vez haverá uma "vantagem" para os criminosos: ao contrário do que sucedeu na Segunda Guerra Mundial, em que uma poderosa máquina administrativa e bélica teve de "concentrar" os judeus da Europa em campos para o efeito, desta vez os judeus do mundo, ou uma parte significativa deles, já se encontram "concentrados": no Estado de Israel, obviamente -- e o termo "concentrar" ganha aqui contornos sinistros.

Sinistros e reais: o Irã não descansará enquanto não tiver uma arma nuclear nas mãos. E, ao contrário do que se pensa, cometer o impensável não é uma questão cinematográfica: o desejo de exterminar Israel tem sido recorrente desde 1948, ano da fundação. Aliás, tem sido recorrente muito antes da formação do Estado judaico.

Karl Marx, plagiando Hegel, escreveu um dia que a história se repete: primeiro, como tragédia; depois, como farsa. Marx estava certo sobre o acessório, errado sobre o essencial. A história se repete, sim: primeiro, como tragédia; mas depois, como tragédia ainda maior.



João Pereira Coutinho, 31, é colunista da **Folha**. Reuniu seus artigos para o Brasil no livro "Avenida Paulista" (Ed. Quasi), publicado em Portugal, onde vive. Escreve quinzenalmente, às segundas-feiras, para a **Folha Online**.

E-mail: jpcoutinho.br@jpcoutinho.com

Presidente do Irã diz que Holocausto é um "mito"

Data: 14/12/2005 – 09h01

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: não assinado

O presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, voltou a desacreditar nesta quarta-feira a ocorrência do Holocausto -- massacre de mais de 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pelos nazistas-- dizendo que o episódio foi "um mito".

Na semana passada, a comunidade internacional criticou duramente o iraniano por ele ter sugerido que as mortes dos judeus na Segunda Guerra eram "uma lenda".

Vahid Salemi/AP



Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã

"Fabricaram uma lenda sob o nome de 'massacre dos judeus', e dão mais importância a isso do que a Deus, à religião e aos profetas" afirmou o presidente durante um discurso realizado na cidade de Zahedan nesta quarta-feira.

Ahmadinejad, um ex-membro da Guarda Revolucionária --conhecida por exercer um forte controle ideológico no Irã-- foi eleito presidente em junho passado, sob preocupações da comunidade internacional de que a sua posição de extrema-direita poderia minar as negociações da comunidade européia com o país, na tentativa de interromper o programa nuclear iraniano.

Sua hostilidade contra o Estado de Israel veio à tona em outubro passado, quando resgatou a idéia do aiatolá Khomeini, fundador da República Islâmica do Irã, e parafraseou sua descrição de Israel como "um tumor canceroso que deve ser erradicado". Suas palavras despertaram a reprovção da comunidade internacional e levaram Israel a ameaçar iniciar os trâmites para pedir a expulsão do Irã da ONU.

"Se vocês cometeram este grande crime [o Holocausto], então por que obrigam os oprimidos palestinos a pagar o preço? São vocês que devem assumir a responsabilidade", disse Ahmadinejad, em alusão ao Ocidente.

"Esta é nossa proposta: entreguem uma parte de sua própria terra na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá ou no Alasca, onde os judeus possam estabelecer seu país", insistiu. Ahmadinejad já havia feito essa mesma proposta na semana passada, durante a cúpula da Organização da Conferência Islâmica, realizada na Arábia Saudita.

Programa nuclear

"Tenham certeza de que não recuaremos quanto à defesa de nossos legítimos direitos em matéria nuclear", afirmou Ahmadinejad durante o discurso, transmitido pela rede de TV estatal para todo o país.

O diálogo entre o Irã e a União Européia (UE), empreendido pelo governo reformista precedente, rompeu-se em agosto passado, quando Ahmadinejad decidiu anular a interrupção temporária do programa de enriquecimento de urânio estipulada com os europeus e retomar a atividade na usina nuclear de Isfahan.

Ainda assim, tanto a tríade européia --formada por Alemanha, França e o Reino Unido-- como algumas instituições do regime iraniano se aproximaram para tentar recuperar a negociação. A polêmica está agora empacada na Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

Os Estados Unidos, país que acusa o Irã de ocultar um programa para a aquisição de um arsenal de armas atômicas, pressionam para que o conflito supere o campo de responsabilidade da AIEA e chegue ao Conselho de Segurança da ONU, organismo com poder para sancionar.

Presidente do Irã chama holocausto de "mito"

Data: 14/12/2005 – 09h09

Editoria: Mundo

Fonte: BBC Brasil

Autor: não assinada

O presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, disse nesta quarta-feira que o holocausto promovido pelos nazistas contra os judeus é um "mito".

"Eles inventaram um mito de que os judeus foram massacrados e colocam isso acima de Deus, religiões e profetas", disse o líder iraniano em um pronunciamento ao vivo pela televisão.

Ahmadinejad pediu que Europa, Estados Unidos ou Canadá criem um Estado de Israel em seu território, ao invés do Oriente Médio.

Israel rebateu rapidamente os comentários do presidente iraniano, que seguem a linha de declarações que ele vem fazendo nas últimas semanas.

"Nós esperamos que estes comentários extremistas do presidente iraniano façam com que a comunidade internacional abra os seus olhos e abandone qualquer ilusão sobre este regime", afirmou o porta-voz do Ministério do Exterior de Israel, Mark Regev, à agência de notícias France-Presse.

Na semana passada, Ahmadinejad disse que não acredita que seis milhões de judeus foram mortos pelos nazistas, declarações que acabaram sendo condenadas por várias nações.

A reação foi semelhante quando o presidente iraniano disse que Israel deveria ser "varrido do mapa".

França considera declaração do presidente do Irã "inaceitável"

Data: 14/12/2005 – 12h06

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online com Agências Internacionais

Autor: não assinada

O governo da França considerou como "inaceitáveis" as declarações do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, que classificou o Holocausto --extermínio de cerca de 6 milhões de judeus por nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)-- como um "mito" usado para "criar o Estado de Israel".

"Nós condenamos firmemente a declaração do presidente iraniano", afirmou o porta-voz do Ministério francês das Relações Exteriores, Jean-Baptiste Mattei. "Esses comentários são inaceitáveis".

Em um discurso para milhares de pessoas na cidade de Zahedan, sul do Irã, Ahmadinejad disse nesta quarta-feira: "Fabricaram uma lenda sob o nome de 'massacre dos judeus', e dão mais importância a isso do que a Deus, à religião e aos profetas".

A hostilidade do presidente em relação à Israel veio à tona em outubro passado, quando ele disse que o Estado era "um tumor canceroso que deve ser erradicado". Suas palavras despertaram a reprovção da comunidade internacional e levaram Israel a ameaçar iniciar os trâmites para pedir a expulsão do Irã da ONU.

Na semana passada, a comunidade internacional criticou duramente o iraniano por ele ter sugerido que as mortes dos judeus na Segunda Guerra eram "uma lenda".

O Ministério alemão das Relações Exteriores afirmou que as declarações de Ahmadinejad foram "chocantes e inaceitáveis". O comunicado do governo da Alemanha também diz que o posicionamento do iraniano deve afetar as negociações entre a União Européia (UE) e o Irã, a respeito do programa nuclear desenvolvido pelo país.

Confederação Israelita do Brasil rejeita afirmações de líder do Irã

Data: 14/12/2005 – 16h02

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: Jack Loen Terpins

A Confederação Israelita do Brasil (Conib) e o Congresso Judaico Latino-Americano (CJL) divulgaram um comunicado rejeitando as afirmações do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, que voltou nesta quarta-feira a desacreditar a ocorrência do Holocausto.

Ahmadinejad afirmou que o massacre de mais de 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pelos nazistas foi "um mito".

Na semana passada, a comunidade internacional criticou duramente o líder iraniano por ter sugerido que as mortes dos judeus na Segunda Guerra eram "uma lenda".

Leia abaixo a íntegra do comunicado divulgado pela Conib e pelo CJL:

"O presidente do Congresso Judaico Latino-Americano (CJL) e da Confederação Israelita do Brasil (Conib), em nome de toda a comunidade judaica latino-americana e brasileira, expressa o mais enérgico repúdio às declarações que agridem ao Estado de Israel e a memória dos 6 milhões de judeus assassinados na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

O Estado de Israel é um membro soberano da comunidade internacional, criado em 1948 sobre as bases de uma Resolução das Nações Unidas, cujo direito à existência não requer nenhum outro tipo de reconhecimento.

Os discursos que evocam a infeliz frase "apagá-lo do mapa", remontam as mais sinistras e inadvertidas idéias anti-semitas de Hitler e são impensáveis e inaceitáveis em um contexto civilizado.

O Congresso Judaico Latino-Americano e a Confederação Israelita do Brasil conclamam a todas as nações amantes da paz e a todos os homens e mulheres de boa vontade no mundo para que condenem categoricamente as incendiárias declarações anti-Israel e a infame pretensão em banalizar o Holocausto, recordando à verdade histórica de quando as pessoas de bem reagiram adequadamente ante a ameaça de eliminar um Estado independente.

Ao emitir esta declaração, o Congresso Judaico Latino-Americano e a Confederação Israelita do Brasil renovam seu firme compromisso com os esforços condizentes à promoção da paz e ao respeito mútuo entre os povos, religiões, grupos sociais e éticos. Esse compromisso é mais imperioso do que nunca!

Jack Leon Terpins (presidente do Congresso Judaico Latino-Americano e Confederação Israelita do Brasil)"

A Europa e as declarações do presidente iraniano

Data: 14/12/2005 – 16h59

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

'O Holocausto é um mito', 'Israel deveria se mudar para o Ocidente'. As palavras públicas do governante do Irã escandalizam o mundo. Leia citações diretas e as reações européias.

O presidente do Irã, Mahmud Ahmadinedjad, tem provocado a indignação da comunidade internacional, com suas declarações públicas anti-Israel. O governante ultraconservador, eleito em junho último, vem atraindo não só críticas internacionais, como até ameaças de sanções. A seguir, algumas citações diretas (traduzidas a partir da versão alemã da agência de notícias dpa).

26/10/2005- Numa conferência em Teerã, sob o slogan "Um mundo sem sionismo":

"O Estado de Israel foi fundado pela arrogância global [imperialismo] para construir uma cabeça de ponte no mundo islâmico, a fim de combatê-lo [...] Oxalá se realize em breve a profecia do imã [aiatolá Khomeini], de que Israel será destruída pela sabedoria contínua dos palestinos [...] É possível erradicar do mundo árabe essa mancha de vergonha [Israel]."

8/12/2005- Durante encontro de cúpula dos Estados árabes em Meca:

"Alguns Estados europeus insistem que Hitler assassinou milhões de judeus inocentes. Qualquer um que duvide, mesmo munido de provas concretas, ou é condenado, ou acaba na prisão. Nós não reconhecemos essas afirmações [o Holocausto], mas caso sejam verdadeiras, colocamos a seguinte pergunta aos europeus: o assassinato de judeus inocentes é motivo suficiente para apoiar os invasores em Jerusalém? Se as intenções dos europeus são honestas, então deveriam dar um lugar aos sionistas em alguns de seus países, como por exemplo na Alemanha ou na Áustria. Então os sionistas poderão fundar seu próprio Estado."

14/12/2005- Discurso para dezenas de milhares de iranianos, transmitido pela rede nacional, durante giro pelo sudeste do país:

"Ao invés de tematizar o problema principal [os ataques israelenses na Palestina], o Ocidente se dedica ao conto do massacre dos judeus [...] Quando no Ocidente se negam Deus, os profetas e a religião, ninguém se importa, mas quando alguém se recusa a crer nesse conto do massacre dos judeus, então a máquina de propaganda sionista toca o alarme bem alto."

As últimas reações na Europa

José Manuel Barroso, presidente da Comissão Européia: "É realmente chocante o líder de uma nação com assento nas

Nações Unidas dizer algo assim". Segundo ele, o Irã não possui o presidente que merece. Em relação ao controvertido programa nuclear iraniano, acrescentou: "Essas palavras nos lembram quão perigoso seria, se esse regime possuísse uma bomba atômica".

Para **Douglas Alexander**, presidente do Conselho da UE, as declarações merecem condenação incondicional, e "não têm lugar num discurso político civilizado".

Daniel Cohn-Bendit, chefe da bancada verde no Parlamento Europeu, sugeriu que o Irã seja excluído da Copa do Mundo 2006, a realizar-se na Alemanha. Segundo o deputado franco-alemão, trata-se de um meio adequado para isolar da comunidade internacional aquele país do Oriente Médio.

Heinz Fischer, presidente da Áustria: "É inaceitável negar a um país-membro da ONU – neste caso concreto, Israel – o direito à existência". A Áustria também rejeita "com toda a energia" a idéia de que se transfira Israel para o território de outros países.

Ministério de Exterior francês, através de porta-voz: "Condenamos com rigor essa nova declaração do presidente iraniano."

Frank-Walter Steinmeier, ministro alemão do Exterior, taxou as afirmativas de "chocantes e totalmente inaceitáveis". Ele não exclui que elas possam comprometer tanto as relações bilaterais quanto as negociações em torno do programa nuclear iraniano. O ministro prometeu que na próxima cúpula da UE, em Bruxelas, se empenhará para que o bloco emita "um sinal claro da mais radical condenação".

Paul Spiegel, presidente do Conselho Central dos Judeus: "Perdi minha irmã e muitos parentes em consequência do Holocausto. Faltam-me palavras para responder a essas afirmações insuportáveis [...] abstrusas e monstruosas."

Salim Abdullah, diretor do Instituto Central Islam-Archiv-Deutschland, considera a negação do genocídio nos campos de concentração e a recente campanha anti-Israel como "contra os valores humanos e profundamente antiislâmica".

EUA e EU rejeitam comentários de líder iraniano sobre o Holocausto

Data: 14/12/2005 – 19h46

Editoria: Mundo

Fonte: France Presse

Autor: não assinada

Os Estados Unidos e a União Européia (UE) expressaram nesta quarta-feira indignação com os comentários do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, que chamou de "mito" o Holocausto judeu e exigiu que Israel seja retirado do Oriente Médio.

O presidente iraniano gerou uma onda de críticas, depois de denunciar "o mito do massacre dos judeus" e propor a criação de um Estado israelense na Europa, Estados Unidos, Canadá ou até no Alasca, durante um discurso transmitido ao vivo pela TV estatal.

"Acho que todos os líderes da comunidade internacional reconhecem o quão vergonhosos são tais comentários", disse nesta quarta-feira o porta-voz da Casa Branca, Scott McClellan.

Para McClellan, os comentários de Ahmadinejad "demonstram por que é tão importante que a comunidade internacional continue trabalhando em conjunto para evitar que o Irã desenvolva armas nucleares".

Europa

Já a União Européia reiterou nesta quarta-feira sua condenação "inequívoca" aos ataques verbais de Ahmadinejad, feitos uma semana depois que ele mesmo colocou em dúvida a veracidade do Holocausto.

"A presidência [britânica da UE] manifestou sua condenação inequívoca contra as palavras do presidente iraniano, Ahmadinejad, sobre Israel, primeiramente dizendo que devia ser varrido do mapa e depois negando o Holocausto e pedindo que Israel seja deslocado para a Europa", disse o ministro britânico dos Assuntos Europeus, Douglas Alexander, ao Parlamento em Estrasburgo.

"Estas declarações são totalmente inaceitáveis e as condenamos sem reserva", completou Alexander.

Membros do Congresso americano também se pronunciaram sobre a polêmica. "É necessário que (...) os Estados Unidos condenem energicamente as inaceitáveis declarações do presidente Ahmadinejad", frisou o ex-candidato democrata à presidência, senador John Kerry.

"O que passa na cabeça desse homem?", perguntou o representante democrata Steny Hoyer. "Como pode ter uma visão tão falsa de um dos mais sombrios capítulos da história da humanidade?", acrescentou.

Presidente do Irã deve "se acalmar no Alasca", diz Shimon Peres

Data: 14/12/2005 – 20h50

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online com Agências Internacionais

Autor: não assinada

O vice-primeiro ministro israelense, Shimon Peres, aconselhou nesta quarta-feira o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, a ir "se acalmar no Alasca", em reação às suas novas declarações contra Israel.

Ahmadinejad "deve ir para o Alasca se acalmar um pouco", afirmou Peres ao Parlamento Europeu em Estrasburgo (leste da França). As declarações foram dadas depois que o líder do Irã qualificou o Holocausto de "mito".

"Eles [os ocidentais] inventaram este mito do massacre dos judeus e os colocam sobre Deus, sobre as religiões e os profetas", afirmou Ahmadinejad.

"Se alguém em seu país coloca Deus em dúvida, não dizem nada, mas se o mito do massacre aos judeus é criticado, os sionistas e seus governos começam a vociferar", acrescentou.

Críticas

A União Européia (UE) e os Estados Unidos condenaram energicamente as declarações dadas por Ahmadinejad nesta quarta-feira.

Na semana passada, a comunidade internacional criticou duramente o líder iraniano por ter sugerido que as mortes dos judeus na Segunda Guerra eram "uma lenda" e que o Estado de Israel deveria ser "transferido para a Europa."

Em outubro último, Ahmadinejad afirmou que Israel deveria ser "riscado do mapa", declaração que também foi duramente criticada pela comunidade internacional.

Fifa descarta exclusão do Irã na Copa-2006

Data: 15/12/2005 – 18h08

Editoria: Esportes

Fonte: Folha Online com Agências Internacionais

Autor: não assinada

A Fifa descartou que tenha a intenção de deixar o Irã de fora da Copa do Mundo-2006, como haviam exigido alguns parlamentares alemães após as declarações sobre o Holocausto que fez o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad.

Ahmadinejad chamou de "mito" o Holocausto judeu e exigiu que Israel seja retirado do Oriente Médio. "Fabricaram uma lenda sob o nome de 'massacre dos judeus', e dão mais importância a isso do que a Deus, à religião e aos profetas", tinha afirmado o presidente do Irã.

Para a Fifa, está fora de cogitação uma represália à seleção iraniana. "É preciso separar o esporte da política. As declarações em questão são de um responsável político, e a comunidade internacional é quem deve reagir", disse um porta-voz da Fifa.

"O Irã se classificou oficialmente nos campos de futebol e a federação iraniana não tem nada a ver com as declarações de seu presidente. O esporte não pode se envolver com a política", acrescentou o porta-voz da Fifa.

Bundestag e EU condenam anti-semitismo do presidente

Data: 16/12/2005 – 13h29

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

O Parlamento alemão e a União Européia condenaram com veemência as declarações do presidente iraniano Mahmud Ahmadinedjad, que classificou o Holocausto como "mito".

O Bundestag (câmara baixa do Parlamento alemão) aprovou uma resolução, nesta sexta-feira (16/12), condenando as declarações de Mahmud Ahmadinedjad e defendendo o direito à existência do Estado de Israel. "O governo alemão deve opor-se a qualquer política que ponha em questão esse direito e negue o Holocausto", diz o documento.

"Defendemos incondicionalmente a existência de Israel", disse o vice-ministro das Relações Exteriores, Gernot Erler. O governo em Berlim conclamou o Irã a aderir à proposta internacional da "coexistência de dois Estados" para solucionar o conflito no Oriente Médio. "O Irã precisa apoiar o processo de paz e deixar de ajudar grupos que propagam a violência", afirmou Erler.

União Européia preocupada

A comparação do Holocausto com um "mito", feita por Ahmadinedjad, também foi condenada pela União Européia. "Essa afirmação é completamente inaceitável e não tem lugar num debate político civilizado", diz uma nota oficial divulgada nesta sexta-feira (16/12), na reunião de cúpula da UE, em Bruxelas.

Os chefes de Estado e de governo europeus lembraram a decisão das Nações Unidas, que condena a negação do Holocausto, e reafirmaram o direito de Israel de "viver em território seguro e reconhecido, com base na solução dos dois Estados".

Os participantes da reunião de cúpula também se manifestaram "profundamente preocupados" com o programa nuclear do Irã. "Teerã não despertou confiança de que utilizará seu programa nuclear apenas para fins pacíficos. A janela do tempo para uma solução pacífica do conflito atômico não ficará aberta eternamente", advertiram.

Assassinatos no Líbano

Além disso, a UE decidiu denunciar a "campanha brutal" de assassinatos no Líbano (13 desde o início deste ano) contra cidadãos, jornalistas e dirigentes políticos.

"O Conselho Europeu condena o assassinato de Gébrane Tuéni e seus dois colaboradores [ocorrido na última segunda-feira]. Este assassinato foi o último de uma campanha brutal contra cidadãos, jornalistas e dirigentes políticos libaneses, assim como contra sua liberdade de expressão", diz o comunicado.

Os 25 países-membros da UE mostraram ainda "grande preocupação" com as conclusões do segundo relatório da ONU, elaborado pelo promotor alemão Detlev Mehlis, que confirma "os graves indícios do envolvimento dos serviços de inteligência libanês e sírio" no assassinato do ex-premiê libanês Rafic Hariri. Eles exortaram a Síria a "cooperar de forma incondicional" com o esclarecimento do assassinato de Hariri, em 14 de fevereiro de 2005.

Grupo judaico quer proibir entrada de líder do Irã na UE

Data: 23/12/2005 – 08h02

Editoria: Mundo

Fonte: France Presse

Autor: não assinada

Uma organização judaica americana solicitou nesta sexta-feira à União Européia (UE) que proíba a entrada em seu território do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, devido a suas recentes declarações contra Israel em que negava o Holocausto.

Em um anúncio de página inteira publicado pelo jornal "International Herald Tribune", a Liga Antidifamação (ADL, sigla em inglês) afirma que o presidente iraniano é "a cara pública de um regime que ameaça a todos".

"Quando fala, ele expressa a política de seu regime", acrescenta o anúncio.

A ADL recorda que Ahmadinejad pediu a "destruição do Estado de Israel, negou o Holocausto e tentou obter ilegalmente armas nucleares".

O anúncio diz ainda que "um Estado que defende esta política deve ser excluído da comunidade internacional".

Por fim, a ADL solicitou aos governos da UE "que condenem Ahmadinejad com uma ação determinada", proibindo "a entrada em seu território, isolando o regime que representa e sendo contra sua mensagem de ódio".

Onde negar o Holocausto é crime

Data: 23/12/2005 – 10h18

Editoria: Mundo

Fonte: Deutsche Welle

Autor: não assinada

Afirmativas como as do presidente do Irã não são apenas de mau gosto. Segundo as leis alemãs, desde 1993, negar ou aprovar o extermínio dos judeus pode ser punido com cinco anos de prisão. Na Áustria, com até 20 anos.

As recentes declarações do presidente do Irã, Mahmud Ahmadinedjad, sobre o Holocausto e Israel, provocaram violentos protestos em todo o mundo. O governante não apenas negou o direito de existência ao Estado de Israel, como caracterizou de um "conto do Ocidente" o extermínio de seis milhões de judeus na Alemanha, durante o Terceiro Reich.

Em reação, o governo alemão exigiu satisfações do embaixador do Irã e aprovou na sexta-feira última (16/12) resolução condenando as afirmações de Ahmadinedjad. Segundo esta, a proibição de negar os fatos históricos do Holocausto não representa apenas a posição de todos os políticos, como é ponto pacífico para a sociedade alemã.

Palavras e atos

"Totalmente inaceitável", foi a sentença unânime dos deputados do Bundestag (Parlamento alemão) sobre as palavras de Ahmadinedjad. O vice-ministro das Relações Exteriores, Gernot Erler, explicitou: "O reconhecimento incondicional do direito do Estado de Israel à existência é um dos pilares da política externa alemã".

Outros, como o deputado Florian Toncar, do Partido Liberal, expressaram-se de forma mais drástica: "Refutamos terminantemente esses ataques repetidos, direcionados, insuportáveis e, francamente, asquerosos".

Para o presidente do Conselho Central dos Judeus na Alemanha, Paul Spiegel, reações verbais, por mais rigorosas, não bastam: "É preciso que atos acompanhem as palavras. Essas declarações são as piores que já ouvi de um estadista desde Adolf Hitler!".

Conseqüências duradouras

Também o historiador Wolfgang Benz – diretor do Centro de Pesquisa sobre o Anti-semitismo, de Berlim – ficou chocado com as palavras de Ahmadinedjad. E percebe um amplo consenso na sociedade alemã a esse respeito – excetuado um grupo minúsculo de extremistas de direita e neonazistas.

O Holocausto é um fato histórico que não pode ser negado, reafirma Benz: "Todos já entenderam isso. O genocídio aconteceu e provocou as terríveis conseqüências que ainda sofremos até hoje".

Histórico da elaboração do Holocausto: 1968 e Hollywood

A assimilação do passado nazista ainda era bastante hesitante, nas primeiras décadas da República Federal da

Alemanha. Graças aos julgamentos pelos crimes da Segunda Guerra Mundial, no Tribunal de Nurembergue, a verdadeira extensão dos horrores do regime de Hitler tinham vindo à luz. Porém muitos alemães recusavam-se a falar do assunto, comenta Benz:

"As pessoas se envergonhavam, sentiam-se culpadas, e não queriam trabalhar o tema em público, nem discuti-lo. Mas não o negavam."

A primeira reviravolta decisiva na Alemanha Ocidental foram as passeatas dos estudantes, no final da década de 1960. Estes não apenas protestavam contra a guerra do Vietnã, como exigiam que seus pais se manifestassem sobre o passado nazista.

A irradiação da série norte-americana intitulada *Holocausto*, no fim da década de 70, desencadeou – inesperadamente – acalorado debate na sociedade alemã ocidental.

Tratava-se da saga de uma família judia, durante o Terceiro Reich, da qual apenas uma pessoa sobrevivia. Wolfgang Benz comenta: "Aí a coisa ficou emocional, a gente compreendeu que havia destinos humanos envolvidos e não apenas um número abstrato de seis milhões".

Prisão para quem nega o Holocausto

Em meados dos anos 80, a assim chamada "disputa dos historiadores" encheu as páginas dos cadernos de cultura, nos jornais alemães. A questão não eram mais os fatos históricos do Holocausto, mas sim sua "singularidade". Conforme o ponto de vista predominante, o Holocausto fora um crime impossível de comparar com a crueldade do regime stalinista na União Soviética.

Em 1985, o Bundestag proibiu a negação do extermínio dos judeus pelo regime nazista, sob pena de punição – o termo "a mentira de Auschwitz" se impusera no discurso público. Em 1993, a lei foi endurecida: desde então, quem publicamente aprova, nega ou mesmo minimiza o Holocausto pode incorrer em multa e detenção por até cinco anos.

Mais rigor na Áustria

O pesquisador de anti-semitismo Wolfgang Benz considera essas penas apropriadas: "Elas se aplicam ao agitador, que afirma que os judeus explorariam o povo alemão, tendo 'inventado' o Holocausto com esse fim. 'É, por falar nisso, seria preciso expulsar os estrangeiros e acabar de uma vez por todas com a discussão a respeito'. Essa pessoa tem que ser punida, porque pratica agitação popular, porque ofende a memória dos mortos, porque ofende nossos concidadãos".

Na Áustria, as leis são ainda mais rigorosas. O historiador e refutador do Holocausto David Irving, recentemente preso naquele país, está sujeito a até 20 anos de prisão.

Governo russo propõe usina de enriquecimento de urânio ao Irã

Data: 24/12/2005 – 21h19

Editoria: Mundo

Fonte: EFE

Autor: não assinada

O governo russo propôs ao Irã neste sábado a criação de uma empresa mista para construir em território russo uma usina de enriquecimento de urânio e assumir sua direção, o que permitiria solucionar o problema do programa nuclear iraniano.

O serviço de imprensa do Ministério de Assuntos Exteriores da Rússia informou que a proposta oficial foi entregue hoje pela Embaixada da Rússia em Teerã (capital do Irã).

"Esta proposta marca o apoio da Rússia à busca de soluções reciprocamente aceitáveis para o problema do programa nuclear iraniano por meios políticos e diplomáticos", diz o comunicado.

A Rússia volta assim a insistir, desta vez de modo oficial, na proposta que havia feito ao Irã antes da última rodada de negociações entre o país e França, Reino Unido e Alemanha, que concordaram no último dia 21, em realizar um novo encontro em janeiro.

na reunião, o porta-voz do Conselho Supremo da Segurança Nacional do Irã, Hussein Intizami, afirmou que a proposta iraniana de enriquecer urânio em seu território sob a supervisão internacional era "melhor" do que a apresentada pela Rússia.

As três potências européias voltaram a insistir para que o Irã abandone seu programa de enriquecimento de urânio, ao mesmo tempo que Teerã não retrocedeu em suas posições, considerando que o acesso a essas tecnologias é seu direito legítimo, sob os termos do Tratado de Não-Proliferação de armas nucleares.

A tensão aumentou após as explosivas declarações do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, sobre o Holocausto e Israel.

Em resposta, o chefe do Estado-Maior israelense, Dan Halutz, pediu ontem que a comunidade internacional continue pressionando o Irã para que desista de seu programa nuclear.

O ex-primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu não descartou o bombardeio das usinas nucleares do Irã, caso vença as eleições de 28 de março, e seja eleito chefe do governo de Israel. No início do mês, o governo iraniano anunciou a intenção de construir um novo reator nuclear no sudoeste do país.

A Rússia é um dos únicos países a apoiar o regime iraniano em seu "direito de contar com um programa nuclear pacífico para uso civil, como qualquer outro país, signatário ou não do TNP".

Seu veto pode ser fundamental para o destino do controverso programa nuclear iraniano, que, se levado ao Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas), pode agravar o "isolamento" do regime iraniano, como ocorreu com a Coreia do Norte.

O chanceler iraniano, Munacher Mottaki, afirmou que "as armas nucleares não fazem parte da doutrina militar iraniana", e acrescentou que "o desenvolvimento do setor da energia atômica é a vontade do povo".

Mottaki advertiu que, caso o assunto chegue ao Conselho de Segurança da ONU, Teerã pode até mesmo abandonar o protocolo adicional do Tratado de Não-Proliferação. Este protocolo rege as inspeções da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) nos territórios dos países signatários do tratado.

Por trás da proposta da Rússia, existe um interesse econômico concreto: assessoria técnica, provisão de equipamentos e material para a central iraniana de Busher, que está sendo construída às margens do Golfo Pérsico e que, segundo os planos, começaria a operar e a produzir energia já no próximo ano.

Irã rejeita proposta de Moscou para enriquecimento de urânio

Data: 25/12/2005 – 07h19

Editoria: Mundo

Fonte: Folha Online

Autor: não assinada

O governo iraniano anunciou neste domingo que recusa a proposta da Rússia para a criação de uma empresa mista, com o objetivo de construir em território russo uma usina de enriquecimento de urânio. Os russos assumiriam sua direção, e o problema em torno do programa nuclear iraniano poderia ser finalmente solucionado.

De acordo com o porta-voz do Ministério de Relações Exteriores do Irã, Hamid Reza Assefi, o país não recebeu nenhuma proposta concreta. "No entanto, está claro que nós somente receberemos positivamente propostas que reconheçam o direito do Irã de desenvolver o enriquecimento [de urânio] em nosso próprio território".

Segundo comunicado da diplomacia russa emitido hoje, apesar da recusa, a proposta continua em vigor. A proposta oficial foi entregue oficialmente neste sábado (24).

A tensão sobre o tema aumentou após as recentes e explosivas declarações do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, sobre o Holocausto e Israel.

Em resposta, o chefe do Estado-Maior israelense, Dan Halutz, pediu nesta semana que a comunidade internacional continue pressionando o Irã para que desista de seu programa nuclear.

O ex-primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu não descartou o bombardeio das usinas nucleares do Irã, caso vença as eleições de 28 de março, e seja eleito chefe do governo de Israel.

No início do mês, o governo iraniano anunciou a intenção de construir um novo reator nuclear no sudoeste do país.

A Rússia é um dos únicos países a apoiarem o regime iraniano em seu 'direito de contar com um programa nuclear pacífico para uso civil, como qualquer outro país, signatário ou não do TNP (Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares).

Seu veto pode ser fundamental para o destino do controvertido programa nuclear iraniano, que, se levado ao Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas), pode agravar o 'isolamento' do regime iraniano, como ocorreu com a Coreia do Norte.

O chanceler iraniano, Munacher Mottaki, afirmou que "as armas nucleares não fazem parte da doutrina militar iraniana", e acrescentou que "o desenvolvimento do setor da energia atômica é a vontade do povo".

Dicionário 2005**Data:** 26/12/2005**Editoria:** Coluna Pensata**Fonte:** Folha Online**Autor:** João Pereira Coutinho**26/12/2005 PENSATA****Dicionário 2005****A**

ARON, Raymond - Foi o ano de Raymond Aron (1905 - 1983), o intelectual francês que manteve a cabeça no lugar quando Sartre, também centenário em 2005, namorava Stálin. Comprou brigas várias, escreveu a mais demolidora crítica ao marxismo que conheço. "L'Opium des Intellectuels" (1955) é um dos grandes livros de teoria política do século 20.

Auschwitz - Auschwitz foi libertado há 60 anos. Os campos de extermínio são curiosidade turística para japonês ver: impossível caminhar pelos relvados e barracões de Auschwitz ou Birkenau e ter a sensação, remota que seja, do horror recente que a Europa produziu.

Preferível ler as grandes obras sobre a matéria, especialmente Primo Levi ou Elie Wiesel. Cracóvia, a poucos quilômetros de Auschwitz, é paragem obrigatória: o bairro judeu, pela desolação evidente, é expressão física do que ficou para trás. A fábrica de Oskar Schindler, o industrial alemão que salvou 1200 judeus do Holocausto e que Spielberg filmou em 1993, ainda hoje existe. Batam à porta. Visitas informais.

B

BELLOW, Saul - Morreu Saul Bellow, aos 89 anos, esse Hemingway espiritual que praticamente me ensinou a ler. Bellow é o típico judeu desenraizado, que fez da atenção ao detalhe a marca do gênio absoluto.

Mas não apenas a atenção ao detalhe: todos os romances de Bellow são afirmações de individualidade, por vezes desesperadas afirmações de individualidade, no meio da massa anônima que nos rodeia e oprime.

BLAIR, Tony - Foi a terceira e última eleição consecutiva de Tony Blair. A economia cresce. A oposição interna às aventuras militares de Blair também. Gordon Brown, atual ministro da Economia e Finanças, será o sucessor de Blair à frente do partido trabalhista. Mas, pergunto, será também o sucessor de Blair no governo de Downing Street? Duvidoso. Os conservadores elegeram recentemente David Cameron, 39, bonitinho e articulado, que promete um corte com a tradição "tory", ou seja, uma aproximação ao centro -- o centro que Blair e os trabalhistas também ocupam. Será a luta mortal dos próximos anos na política do velho continente.

C

CERVANTES - Nos 400 anos de "D. Quixote", li o ensaio que Martin Amis escreveu a respeito em "The War Against Cliché". Nota prévia: sempre achei que o Amis fundamental está nos ensaios, não nos romances. Serei o único? "The Rachel Papers", o primeiro romance, ainda se lê com prazer. Mas são os ensaios, como em "The Moronic Inferno", e os textos pessoais, como em "Experience", que salvam Amis da mediania. Regressando a Quixote: como é chato Cervantes, não? Li "D. Quixote" há anos, em tradução do escritor português Aquilino Ribeiro, e a história sempre me pareceu sucessão infundável de "quadros" sem desígnio ou estrutura narrativa digna de nome. Divertidos, estilisticamente apelativos, mas existe a sensação de que Cervantes podia continuar acrescentando, ou subtraindo, "quadros", o que, pessoalmente, me incomoda como leitor. O melhor de Cervantes é, claro, a relação Sancho/Quixote, a maior dupla da literatura universal porque, precisamente, a primeira de todas as duplas que vieram a seguir. Borges dizia (seria Borges?) que Sherlock Holmes e o amigo Watson, nas histórias de Conon Doyle, eram revisitação perfeita de Sancho e Quixote. Borges, como sempre, tinha inteira razão.

E

E

EVANS, Richard J. - Richard J. Evans publica "The Third Reich in Power". O livro de Evans, professor de história moderna na universidade de Cambridge, faz parte de uma trilogia que conheceu o primeiro volume há dois anos ("The Coming of the Third Reich", narrativa sobre a desagregação da Alemanha de Weimar e a ascensão do Partido Nacional Socialista, até 1933). Este "The Third Reich in Power", como o título indica, cobre o período de 1933 a 1939, ou seja, a forma metódica como Hitler foi construindo um Estado totalitário, preparando a Alemanha (e a Europa) para a guerra. O terceiro e último volume será inteiramente dedicado ao conflito e à derrocada do Reich. Aposta: um dia alguém irá falar desta trilogia de Evans como hoje falamos da Roma de Gibbon.

F

França - Oito mil carros queimados nos arredores de Paris. Explicação? A economia, para uns. O modelo de integração social, para outros. Poucos, muito poucos, sublinharam o óbvio: se as razões da violência urbana fossem a economia ou a integração, a Europa inteira estaria em chamas. O problema, desconfortável de notar, é a presença de uma comunidade imigrante, islamizada e fanática, que não está interessada em integrar-se. Curiosamente, uma das poucas pessoas que escreveu sobre a matéria sem medos nem desculpas foi Nelson Ascher, nas páginas da Folha. Ler Ascher é um exercício de sanidade.

G

Gaza - Ariel Sharon, 78, retira de Gaza. Passo histórico que, depois da morte de Arafat, pode abrir caminho para solução razoável entre israelenses e palestinos. O gesto de Sharon não se fez, claro, por motivos humanitários. É um gesto político, ou seja, demográfico: manter os territórios ocupados, em Gaza e na Margem Ocidental, pode condenar os judeus de Israel a serem uma minoria dentro do seu próprio espaço. Nenhum estadista tolera este suicídio a prazo.

GELDOF, Bob - A única forma de ajudar África passa pela liberalização do comércio internacional (pouco provável, como se viu na recente e vergonhosa reunião da Organização Mundial de Comércio em Hong Kong) e pela exigência de transparência e democratização dos regimes africanos, maioritariamente afogados em cleptocracias criminosas. Geldof não vê o filme todo e acredita, como acreditou no primeiro Live Aid, que tudo se resolve com esmolas. No primeiro Live Aid, a ajuda monetária permitiu a Mengistu, tirano etíope, a perpetuação da opressão e da guerrilha. Com o segundo Live Aid, baptizado de Live 8 por referência ao G-8 reunido em Gleneagles, Escócia, o erro é repetido e as consequências, trágicas, também. O criminoso volta sempre ao lugar do crime.

H

HOUELLEBECQ, Michel - Defendo Houellebecq desde 1994, ou seja, desde "Extension du domaine de la lutte": o tom de acídia e humor, a frase curta, o solipsismo autoparódico do narrador -- tudo isso era profundamente novo na verborrágica literatura francesa. Houellebecq continuou com "Partículas Elementares" (1998), provavelmente o seu melhor livro. "Plataforma" (2001), bom, não tem a energia selvagem dos dois anteriores. Este "La Possibilité d'une île", a publicação mais aguardada de 2005, que comentei para a Folha, é a desilusão intelectual do ano. Sorry, amantes: Houellebecq não tem rigorosamente mais nada para contar e repete personagens e situações como um velho demente e sem alma. Sim, todos os grandes autores regressam sempre aos temas do seu afeto. Mas nunca, nunca, nunca com igual desafeto.

I

IRVING, David - O historiador David Irving, 67, foi preso na Áustria, país que oferece cadeia a negacionistas do Holocausto (atenção, Mahmoud Ahmadinejad: nunca viajar para Viena). Detido pela polícia austríaca, Irving acabou por encontrar dois dos seus livros mais polémicos -- "Hitler's War" e "The Destruction of Convoy PQ-17" -- na biblioteca da prisão. Foi gargalhada pública na imprensa nacional (e internacional) e o judiciário austríaco, envergonhado, não comentou, ou comentou ao contrário: desconhecia o "conteúdo" dos livros e vai mandar retirá-los da biblioteca prisional imediatamente. Ah, o mundo é dos simples...

K

KOESTLER, Arthur - Nasceu há cem anos. Dizem que a Guerra Fria começou com Truman. Errado. Começou com a publicação de "Darkness at Noon", de Koestler.

L

LENNON, John - John Lennon foi baleado há 25 anos. Todas as cidades do mundo deveriam ter uma estátua de Lennon na praça principal. Para que os habitantes da terra pudessem praticar tiro ao alvo. Lennon é sujeito repulsivo que lançou uma moda repulsiva: a idéia da estrela pop como demiurgo da humanidade. Releio algumas das sentenças de Lennon -- proferidas na rua, na cama, no banheiro, em cima de uma árvore -- e encontro a cabeça de uma criança subletrada em funcionamento, que o mundo escutava com atenção religiosa. A canção "Imagine" é a minha idéia de inferno: chego às portas da fogueira eterna e Lennon, de guitarra em punho, com Yoko pendurada num dos braços, faz serenata só para mim.

LEWIS, Clive Staples - C.S. Lewis, scholar em Oxford e Cambridge, especialista em Literatura Medieval e Renascentista, amigo de Tolkien com quem formava parte do grupo The Inklings, intelectuais ingleses que se reuniam no pub The Eagle and Child, em Oxford (ainda hoje existe, perto do centro) escreveu "The Lion, the Witch and the Wardrobe" em 1950. O filme foi agora lançado em cinema. Não vi, não vejo: Li "The Lion" e todas as crônicas de Narnia na infância e há prazeres, óbvios, que não se repetem. Além disso, o próprio Lewis deixou indicações escritas para que a história jamais passasse a celulóide (muito menos pelos estúdios Disney). Para os interessados no autor, e na obra do autor, a melhor biografia (opinião muito pessoal) continua a ser a de A.N. Wilson. C.S. Lewis morreu discretamente a 23 de novembro de 1963.

Os jornais dedicaram espaço diminuto ao fato: a 23 de novembro morriam também John F. Kennedy, em Dallas, e Aldous Huxley, na Califórnia. Concorrência desleal

Lisboa - A cidade de Lisboa lembrou os 250 anos sobre o terremoto de 1755, acontecimento que alimentou polêmicas filosóficas e teológicas que sacudiram o século 18. O "Desastre de Lisboa", como ficou conhecido, com uma magnitude provável de 8,7 na escala de Richter, arrasou a cidade antiga (mais de 30 palácios, os seis hospitais da capital, coleções artísticas e bibliográficas de valor incalculável, milhares de casas particulares). Dos 250 mil habitantes, 10 a 15 mil pereceram com o abalo e suas consequências: múltiplos incêndios e um tsunami que terminou o serviço com ondas gigantescas. A tragédia acabaria por fortalecer a autoridade de Sebastião José de Carvalho e Melo, o afamado marquês de Pombal, e por permitir a construção da Lisboa moderna, que ainda hoje se espalha, como uma onda solarenga e pacífica, na "baixa" da capital portuguesa.

M

MERKEL, Angela - Angela Merkel, 51, foi a primeira mulher a ganhar as legislativas alemãs. Uma amiga contava-me há tempos que, na noite em que o Muro de Berlim era derrubado, Merkel acompanhou os acontecimentos pela rádio e depois foi dormir cedo, porque trabalhava no dia seguinte. É o melhor retrato de Merkel.

N

Nova Orleans - Toda a gente escreveu sobre o furacão Katrina, que matou 10 mil pessoas. Semanas depois, os números oficiais apontavam para 1300. Alguém corrigiu a informação? Eis uma das características mais notáveis do jornalismo moderno: lançar números para a estratosfera e nunca corrigir o delírio inicial. Culpados? Depende. Para os fanáticos, Deus, que castiga os homens pela violência da natureza; ou, então, Bush, que não respeita Kyoto. Ambas são atitudes irracionais que tentam negar o óbvio: a natureza é indiferente aos nossos humanos propósitos. Uma idéia incompatível com a nossa cultura pós-iluminista, em que os homens se acreditam senhores do seu destino. Duzentos e cinquenta anos depois, continuamos reféns do Grande Terremoto de Lisboa.

P

PINTER, Harold - Consumi Pinter e respeito os três primeiros anos do dramaturgo, de 1957 a 1959, sobretudo "The Birthday Party". Mas o esgotamento criativo é visível a partir da década de 60 e Pinter, que sempre se afastou da política ativa e infantil, ao gosto de Chomsky, começou a cultivar a veia. Perdeu-se um bom dramaturgo, que aliás já dava sinais de cansaço, e ganhou-se um panfletista menor. A Academia Sueca acertou no Nobel de 2005? Indiferente. A Academia Sueca não acerta desde 1976 (Bellow), com duas ou três exceções nos últimos anos. O prémio, hoje, é essencialmente político, não mais.

POWELL, Anthony - Anthony Powell nasceu há cem anos. Ninguém notou. Injusto. Powell é um dos grandes romancistas ingleses do século 20. Mais: é impossível entender a alta sociedade inglesa do período sem ler a longa sequência "A Dance to the Music of Time", embora os primeiros romances, publicados antes da Segunda Guerra

Mundial, mereçam leitura atenta (sobretudo "Afternoon Men"). Infelizmente, Powell sempre conheceu a sombra. Na sua época, perdeu nas comparações para colegas de geração, como Evelyn Waugh ou Cyril Connolly. E, aos olhos de hoje, Powell surge como um snob, uma relíquia de tempos passados. Acusação pedestre, naturalmente: não conheço um único grande escritor que não seja snob no verdadeiro sentido do termo, i.e., que não sinta o dever de encontrar na vida humana aspectos ou idiossincrasias que mereçam tratamento particular e superior.

U

União Européia - Franceses e holandeses reprovaram a constituição e praticamente enterraram o projeto europeu. Uma lição para a Europa: não se apagam séculos de identidades nacionais com documentos burocráticos e federalistas.

W

WOJTYLA, Karol - Não discuto a importância religiosa, ou teológica, de Karol Wojtyla (1920 - 2005). Como figura política, é incontornável na segunda metade do século XX: desconfio que o Muro de Berlim continuaria no sítio, ou pelo menos teria ruído mais tarde, se a acção moral de Wojtyla não tivesse sido determinante (lembrar a viagem à Polónia em 1979).

Z

Zoo - O Jardim Zoológico de Bremen, na Alemanha, viveu dias polémicos em fevereiro, ao forçar seis pinguins a copularem com parceiras fêmeas da Suécia. Antigamente, uma noite sueca era o sonho de qualquer macho, sobretudo em idade adolescente. Hoje, não: parece que os pinguins eram gays e as patrulhas ideológicas protestaram contra a intromissão na intimidade dos bichos. Desconheço o final da história.

Mas, por motivos sentimentais, gosto de pensar que os rapazes viveram felizes para sempre e, quem sabe, estiveram presentes no casamento de Sir Elton John.



João Pereira Coutinho, 31, é colunista da **Folha**. Reuniu seus artigos para o Brasil no livro "Avenida Paulista" (Ed. Quasi), publicado em Portugal, onde vive. Escreve quinzenalmente, às segundas-feiras, para a **Folha Online**.

E-mail: jpcoutinho.br@jpcoutinho.com